

EDGARD LAGE DE ANDRADE

***SERTÕES DA
NOROESTE***

★

1850-1945

L
DE A

SERT
DA
NOROESTE

850
945



100. 32
ja 1:

SERTÕES DA NOROESTE

EDGARD LAGE DE ANDRADE

**SERTÕES DA
NOROESTE**

Renato Nicolai ☆

1850 — 1945

5

P R E F Á C I O

Se as expedições exploradoras que penetraram os sertões paulistas, em fins do século passado e começos da centúria em curso, não foram as mais remotas explorações que devassaram as terras até então ignotas da província bandeirante, foram elas, sem dúvida, as que anunciaram o dealbar de uma nova expansão do povoamento bandeirante, já de muitas décadas estacionado nos espigões do Oeste, depois de se ter firmado, mais que centenário, no acidentado do primeiro planalto, nos vales da vertente marítima e nos rincões do Paraíba e do Paraitinga.

Em tempos passados os cursos fluviais da parte oriental da vertente do Prata incumbiram-se de apontar o caminho da penetração sertanista à gente do Planalto, quando as trilhas indígenas, que primeiro guiaram ao Interior as levas de preta, não mais bastaram — quer pelas diretrizes gerais que levavam, quer pela inconveniência das viagens unicamente terrestres — ao arrôjo crescente dos que expandiram as nossas fronteiras territoriais. Da época primeira da penetração, no quinhentismo e no seiscentismo, até as expedições que já de cunho técnico-científico se embrenharam pela sertania adentro, no último quartel do século XIX, tôdas elas, pouco ou quase nada contribuíram para que se povoasse a imensa região dos “terrenos pouco conhecidos” que, ainda há menos de cinquenta anos passados, saltava aos olhos nas nossas cartas geográficas. Assim foi com a expedição fluvial de 1876 que, chefiada pelo engenheiro Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, a mandado do Governo Imperial, e por iniciativa do então presidente da Província, dr. Sebastião José Pereira, explorara o Rio Piracicaba, o Tietê até a sua foz e, pelo Paraná acima, alcançara a confluência do Rio Grande. Seu principal interêsse fôra o de verificar das possibilidades do estabelecimento de uma linha de navegação fluvial que permi-

tisse o mais fácil intercâmbio comercial com Mato Grosso, Goiás e Minas, subordinado que estava este comércio a longas e penosas travessias terrestres. Dos estudos feitos pela comissão encarregada nenhuma medida prática resultou.

Já na República cogitou o Governo da abertura de caminhos terrestres que, atravessando o sertão, deveriam ligar a parte povoada do Estado à barranca oriental do Paraná, um ao Norte, outro ao Sul. Este explorou-o e abriu-o, em 1893/94, o engenheiro Olavo Hummel, entre o povoado de São Mateus, no então município de Campos Novos — pouco mais de quatro léguas a Oeste de onde é hoje Paraguaçu — pelo vale do Santo Anastácio, até a margem do Paraná. Ao Norte, foi, pelo próprio Hummel, estudado o encurtamento da ligação Jaboticabal a pôrto do Tabuado. Se uma dessas estradas, a de São Mateus, já em 1904 se encontrava completamente fechada pelo mato, em abandono, sem ter sido utilizada, o mesmo não aconteceu com a outra, que continuou franqueando as comunicações entre a região de São José do Rio Preto e as raias matogrossenses.

Ao findar do século passado, a zona povoada do Estado, estendendo-se da Capital para noroeste, ia fazer fronteira pouco além da linha Campos Novos do Paranapanema — Bauru — Bariri — Ibitinga — São José do Rio Preto — Barretos. Ali era a “costa” do sertão... Mais adiante o deserto. Raros moradores no vale de São José dos Dourados; povoadores esparsos na margem direita do Tietê até o Avandava, e nenhum à esquerda. No vale do Feio — Aguapeí espriavam os primeiros aventureiros do alto do espigão de suas cabeceiras. Completamente desertas as bacias do Peixe e do Santo Anastácio, enquanto na margem paulista do Paranapanema podiam ser encontrados alguns mais arrojados moradores pouco adiante de São Mateus. Depois era a tranqüilidade imperturbável do despovoado...

Nos primeiros anos do nosso século marcam a descoberta do sertão paulista, e o começo da sua integração na nossa vida civilizada e na nossa economia, as expedições exploradoras que fez o Governo do Estado penetrarem o desconhecido, levantando a sua extensa rede fluvial, desfazendo dúvidas geográficas, esclarecendo conceitos errôneos de situação — numa empreitada científica de vulto ainda não registrado entre nós — e a exploração e construção, simultaneamente, da estrada-de-

ferro que ligaria, em definitivo, o território paulista às áreas de Mato Grosso.

Anteriormente, em 1887, o Serviço Geográfico e Geológico da Província, criado um ano antes, incumbia Teodoro Sampaio de explorar o Paranapanema, fazer o levantamento do importante curso fluvial e estudar parte da área de sua bacia, em território paulista. Agora, em 1905, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado, em que se transformara o antigo Serviço provinciano, vai se empenhar a fundo no reconhecimento da nossa extensa rede hidrográfica. Tem início, então, a fase de exploração do extremo sertão do Estado, trabalho cuja iniciativa se deve ao grande secretário da Agricultura que foi Carlos Botelho. Nesse ano foram organizadas duas expedições, uma para explorar e levantar os rios Tietê e Paraná, outra os rios Feio e Peixe. Naquela época supunha-se que o rio Aguapeí fôsse o rio do Peixe e que o Feio desaguasse no Tietê, na altura da corredeira do Aracanguá.

A primeira expedição repartiu-se em duas turmas. A primeira, sob a chefia de Jorge Black Scorrar, percorreu todo o Tietê, partindo da barra do rio Jacaré-guaçu, e depois fez o levantamento do Salto de Urubupungá, tendo ainda remetido um grupo, sob a direção de Guilherme Wendel, Paraná acima até a confluência dos rios Parnaíba e Grande. A outra turma, sob a chefia de meu pai, Cornélio Schmidt, fez o levantamento do rio Paraná, da foz do Tietê à confluência do Paranapanema. Esta, quando de volta, depois de penosa subida e já na altura da corredeira de Guamicanga, próximo a Ibitinga, recebeu ordens de São Paulo para regressar rio abaixo, a fim de estabelecer proteção à turma do Feio, que vinha sendo atacada pelos índios. A turma do Feio, sob a chefia de Olavo Hummel, iniciara a exploração na foz do Araçá. Logo de saída teve seus trabalhos embaraçados por ataques dos índios coroados, à margem do ribeirão Corredeira, quando foi ferido o chefe da turma. Assumindo a chefia, Gentil de Moura conduziu-a pelo Feio abaixo, e depois pelo Aguapeí até o Paraná. A seguir, reforçada, a turma realizou a exploração do rio do Peixe, já em 1906.

Os grandes cursos fluviais voltaram novamente a ser explorados em 1910. Nesse ano quase todos os engenheiros da Comissão Geográfica foram destacados para a exploração e estudo da bacia do rio Grande: Guilherme Wendel e Artur Horta O'Leary descem o rio Grande desde a barra do Pardo

até a junção do Parnaíba; Alexandre M. Cococi levanta o rio Pardo; o Turvo e o São José dos Dourados são explorados sob a chefia de Mário Ayrosa, enquanto Cornélio Schmidt determina as coordenadas geográficas e Guilherme Florence e Joviano Pacheco estudam a formação geológica dessa ampla região.

Mas o reconhecimento dos nossos rios e a construção da Noroeste não se fez e nem se realizou sem muito trabalho, muita luta e muita pena. As tremendas distâncias a serem vencidas, o ignoto das paragens, as doenças e o selvagem — traiçoeiro e teimoso em não arredar pé de seus domínios, e que oferecia resistência vigorosa e tenaz aos povoadores mais remotos — trouxeram dificuldades imensas ao trabalho dos engenheiros, pondo em perigo suas vidas. Em especial na construção da estrada-de-ferro, o índio plantou-se como um obstáculo seríssimo ao prosseguimento dos trabalhos que, não fôsem os bugreiros, correriam o risco de não terem sido, tão cedo quanto o foram, levados a cabo. Foram êstes valentes matadores que — sem a malícia e a astúcia sutil daqueles, outros perfeitos dominadores do ambiente selvático, capazes de verem sem ser notados, perceber sem serem pressentidos, hoje às boas, amanhã na tocaia — asseguraram a efetivação dos planos que deveriam, levados a efeito, abrir, à ação fecunda e profícua dos agricultores que viriam depois, as vastas e férteis terras do desconhecido sertão paulista.

Tão insistentemente foram os povoadores mais audazes acometidos pelos bugres, e por êstes assassinados ou obrigados a recuar, que zonas que tinham chegado já a ser habitadas por civilizados e visto suas terras lavradas, voltarem novamente a desertar. Tal foi o que aconteceu com a margem esquerda do Tietê, da altura do Avanhandava para baixo.

Em 1904, a convite de Carlos Botelho, então, Secretário da Agricultura, foi o meu pai, Cornélio Schmidt, mostrar o sertão, do qual já era então bastante conhecedor, a Thomas Canty, norte-americano, que aqui viera à procura de terras para a localização de colonos ianques. Da grande volta que então deram os dois viajantes pelo interior do Estado, deixou Cornélio Schmidt um circunstanciado diário e cadernetas de campo, com o levantamento detalhado — a podômetro, bússola e aneróide — de todo o caminho percorrido, diário e cadernetas ainda conservados inéditos.

E' dêsse diário que referiremos alguns trechos que vêm

corroborar várias das descrições que, pela pesquisa, pela indagação e conclusões argutas, o dr. Edgard Lage de Andrade propicia aos leitores de seu interessante livro.

Saindo de Franca, atravessando Barretos e alcançando o Rio Grande na altura de Prata, os viajantes atravessam o vale do Turvo, passam para as vertentes do São José dos Dourados e vão até próximo do pôrto do Tabuado, retornando depois sobre o Avanhandava.

A 11 de agosto de 1904, chegam à povoação do salto do Avanhandava. "Achei o salto, isto é, o geral do povo, mais triste e todos sentindo a falta da Maria Alves. Por quase todos que perguntei tinham morrido. Hoje há aqui mais vadição do que antes e não compreendo porque esta gente não morre de fome". Atravessaram o rio e internaram-se pelas áreas da margem esquerda: "Andamos do outro lado, em direção a oeste, 12 léguas, mais ou menos, e 5 em direção ao sul..."

Um dos pousos foi feito nas proximidades de onde é hoje Birigüi, perto da confluência do ribeirão Água Limpa e do Cacimba, "onde tem uma tapera do João Antônio de Castilho, pai de João Castilho, último lugar habitado há 18 anos atrás" (1886). Adiante prossegue: "e chegamos na Água Limpa às 3 horas da tarde. É um pequeno ribeirão. Do outro lado tem uma tapera coberta de telhas e que ainda, pelos seus restos, indica a grandeza do seu antigo morador, o João Antônio de Castilho, velho, pai de João Castilho, que tudo abandonou na ocasião da célebre mortandade que os índios fizeram no local, em uma roçada que num mutirão faziam os moradores, nas margens do ribeirão Retiro. Custa-se chegar ao lugar da tapera, tal o gordural e o mato que a cercam. Com uma picada ali chegamos, e ainda mais, no laranjal, bem carregado de laranjas doces e limas da Pérsia, muito grandes. Tinha também uma pequena tapera entre os restos da casa de morada e o engenho, tapera menos estragada e onde ainda há três anos passados (1901) morava um bugreiro de nome Adãozinho, que aí morreu e foi enterrado aquém da água, perto do lugar onde armamos a barraca que o Joaquim Antônio nos emprestou. Sua sepultura estava cercada com madeira, que muito nos serviu para fazer a cozinha e o fogo para a noite. Na tapera e no laranjal não vi sinal algum dos índios, o que existiria se há pouco tivessem aí estado. No entanto o gavião-cancan deu muita risada, quando estávamos na

barraca, o que deixou os camaradas muito sobressaltados, acreditando serem índios que assim o faziam, segundo os contos do sertão”.

Depois, remata as impressões da jornada: “E’ curioso como a solidão e o isolamento impõem respeito aos homens. Assim, notei que desde que começamos a entrar nos lugares mais a oeste, e principalmente hoje, cessou a alegria, e cantos, e prosas altas dos camaradas. Conversam baixo e não riem mais, talvez com receio de serem ouvidos pelos índios...”

Histórias de índios, massacres de moradores e conseqüentes represálias por parte dos bugreiros, são contadas no diário da excursão sertanista. Continuando para o sul, depois de terem deixado Novo Horizonte, e atravessado novamente o Tietê, rumavam para a Fazenda da Faca. Pelo vale do rio Sucuri acima passaram “nas taperas onde morou o tal Germino, que os índios mataram com um outro Antônio Cardoso. Passamos por êsse lugar. Como as mortes foram a 200 metros da estrada puseram 2 cruces no lugar. O Carneiro (José Cândido) mandou o criminoso Antônio Pedro com 16 pessoas atrás dos índios e não os encontraram. Quando já estavam de volta, os índios voltaram e queimaram as duas casas e um paiol, e estragaram outra, o que apavorou êste povo daqui, que só fala em índios e tem muito medo”. O ambiente era êsse: morte, e destruição por cima. Inopinadamente eram os povoadores assaltados e assassinados. Nem sempre ficavam aí os danos. Os bugres iam às últimas. Assassinaavam, depredavam, incendiavam. “Há poucos dias uma turma de guaranis, que veio do Itapura, passou por aqui (19 pessoas) e foi para o Batalinha, levada por outro índio manso, chamado Antônio Roque que a veio buscar no Rio Morto. Não compreendo como êste Roque, morando no Batalinha, soube que essa turma estava no Rio Morto! Êste Roque era companheiro do Padre Marcondes (1) quando êste foi assassinado no Rio Feio e, pelo que tenho ouvido, êle não conta direito aos caboclos como foi que se deu o caso... Conta de diferentes maneiras, de modo que desconfio dêste sujeito”.

Pairava sempre uma ameaça mais ou menos séria sobre todos os habitantes do sertão. “Os índios que passaram por aqui, dizem, juraram matar o Teodoro Pintado, que mora na

(1) Trata-se do Padre Claro Monteiro, assassinado em 1900 pelos coroados no ribeirão Padre Claro, afluente do Feio.

água do Tuhuna, o que trás a mulher do Ramalho, que é vizinha, assustada. O engraçado é que, como estamos andando nas costas do sertão, isto é, no extremo limite de moradores, e tantos são os casos de índios que contam, os camaradas andam tristes e, parece, arrependidos de terem vindo. Andam jururus e não têm prosa. O Cauty resolveu carregar o espingardão dêle, que vinha no cargueiro! E como eu ando adiante, o Cauty toca o burro depressa. Está muito interessante esta parte da viagem, porque o caminho é só por matas altas, léguas e léguas. O Cauty tem gostado muito, e parece que não abusa mais da existência de índios aqui. O receio dos índios aqui é tal que não há caminhos para o lado direito, sendo completamente desconhecido o lado oeste da estrada”.

Um dia pousam os viajantes na casa de Antônio Rodriguês, na água da Boa Vista do Batalha. No seu diário anota: “Hoje o Antônio Rodriguês contou-nos ter sabido anteontem, que em São Mateus os índios, há poucos dias, mataram quatro pessoas e feriram duas: vamos ter o Cauty com o espingardão às costas e os camaradas tristes.”

Nos sertões, por aquela época, imperava, impune, o banditismo e o choque entre índios e bugreiros ainda mais acirrava os ânimos. “Logo que saímos da casa do Rodriguês passamos por três cruces, próximas a uma tapera, na beira da estrada. Eram as cruces de Joaquim Modesto, seu filho e um hóspede, mortos pelo célebre Antônio Pedro, chefe de uma escolta que por ordem do inspetor de quartelão foram prender a Joaquim Modesto. Chegando na casa, deram ordem de prisão por uma descarga que matou aos três. Interessante maneira de efetuar prisões!... Seria bom que o govêrno puzesse um paradeiro a esta obediência passiva do caboclo às ordens de prisão, emanadas de inspetores de quartelão, boçais e inconscientes. Assim também acontece com os índios, que estão sendo exterminados pelos caboclos. Cada vez torna-se mais entranhado o ódio mútuo. Nestes últimos tempos os índios têm se tornado mais audazes. No Sucuri mataram o Germino e o Cardoso, voltaram e queimaram suas casas. Logo depois, em pleno dia, vieram em número de 200, até o patrimônio da Estiva, nas cabeceiras do Dourados e, de dia, flecharam a criação. Em compensação, reuniram-se umas 20 pessoas e seguiram ao seu encalço. Assaltaram uma aldeia e, dizem, mataram dezoito índios. Quando voltavam, os índios

flecharam o Luiz Alemão, que vinha na frente, mas não o mataram”.

“Êstes índios, parece, residem no Aguapeí. Por êstes meses de sêca saem para caçar, e aproveitam para fazer estrepolias. Possuem um caminho que sai no Sucuri e nas cabeceiras do Dourados. Passamos por um picadão sujo, de cerrado e cragoatá. Eu vinha na frente, distante dos companheiros quinhentos metros, mais ou menos. De longe notei uns ramos que se moveram violentamente, e pareceu-me um veado a atravessar o caminho. Toquei o animal e, ao chegar no lugar, não vi sinal de caça, e nem rasto. Tinha um caminho bem batido e ramos quebrados. Percebi que um índio passara no momento. No mato, do lado direito, macacos assobiavam e puxavam cipó. Desconfiei, prevenindo as armas. Esperei os companheiros e juntos seguimos até a casa do Salvador. Contando o caso, disse-me êle ser, com efeito, o lugar de passagem dos índios. Como nada tinha dito ao Cauty e aos camaradas, ficaram assustados. O Cauty, que tinha pôsto o espingardão no cargueiro, pediu-o outra vez e agüentou o pêso até chegarmos ao pouso”.

Nesse dia a comitiva vai pousar na antiga fazenda da Faca, de propriedade do sr. Joaquim Toledo Piza, onde é hoje a estação de Toledo Piza. Próximo dali residia um dos mais afamados, senão o maior dos bugreiros: Luiz Alemão. No dia seguinte o diário registra: “Depois do almoço fui com o sr. João à casa do Luiz Alemão, que reside aqui há 14 anos (desde 1890, portanto). Seu pai mora também há muito tempo. Êste Luiz Wolf tem dado diversas caçadas nos índios e matado muitos. Assim é que, da última feita, na ocasião em que os índios saíram no arraial da Estiva, depois de matarem cinco índios e pegarem um, quando voltavam êle foi flechado no braço por outros índios. A flecha, com a chopa (ponta) de faca, está na fazenda de São Joaquim (Faca). E’ flecha grande, e diz o Luiz Wolf que veio com muita fôrça, atirada por índio coroadado, os quais usam arcos e flechas muito grandes. Nessa ocasião pegaram um indiozinho que era aço. O Luiz Wolf é sujeito que me parece homem sério e prático de seguir os índios. Êle mora em baixo da serra, numa vertente do rio Feio, cujas cabeceiras tomam rumo do sul daqui a 6 léguas”.

Adiante do Luiz Alemão, passado o sítio de um caboclo trabalhador chamado Alexandre, vivia o último morador,

Joaquim dos Santos. As terras ali eram feracíssimas. “Quanto à cobertura não é possível haver melhor. Dos altos avistam-se centenaes de alqueires de terra, em que o mato que se vê é jangada-brava e pau-d’alho, destacando-se, neste mar de jangada, as perobas com suas copas verde-escuro. Avista-se pelo caminho muito cedro. Por baixo do mato tem muito cambará-de-meia-léguas, jaborandi, ortigão, etc. É extraordinária a produção destas terras em cereais, pelo que contou-me o filho do Santos. E dizem todos os bugreiros, como o Luiz Alemão e outros, que ainda mais para baixo as terras são melhores. Não sei se poderá existir melhores que estas. Talvez sejam apenas de mato mais alto. Êste vale do rio Feio e do Aguapeí parece-me ser a reserva da agricultura do Estado de São Paulo. E é todo êle desconhecido e habitado, do Santos para baixo, pelos índios coroados e botocudos, que são ferozes”.

Joaquim dos Santos era um pioneiro, na legitima acepção do termo. “Joaquim dos Santos não estava em casa. Fomos recebidos por seu filho, que nos tratou muito bem. São muito trabalhadores e ativos. Vieram de Amparo, há 4 anos (1900) e o Santos entrou aqui fazendo picada, com enormes dificuldades. No entanto, como são trabalhadores, já têm engenho e casas cobertas de telhas, de uma pequena olaria que montaram. Êles farão fortuna no lugar. O sr. Joaquim Santos é muito devoto de São Benedito e já fêz uma capela onde reza o têrço todos os domingos. E vive assim muito bem, enquanto os índios não o sovarem, com o São Benedito e tudo!”

Nesse mesmo local, no ano seguinte, o engenheiro Olavo Hummel seria flechado pelos coroados.

De Bauru fico uum pequeno instantâneo no relato da viagem: “Bauru está numa lombada de um espigão comprido e é só areia. Existe uma só rua, no rumo N-S e agora está se formando um pátio perto da igreja, situada no lado Oeste. Tem uma aparência de Brotas, e a população nacional é quase tóda do Rio de Janeiro: Valença Santa Isabel e Conseratória. Parece-me muito bons”.

Depois a comitiva ruma para Campos Novos, alcança o povoado de São Mateus e vai até o ribeirão Meia Laranja, próximo à confluência dos ribeirões do Onça e Anhumas, afluentes do Paranapanema, na área hoje pertencente ao progressista municipio de Presidente Prudente.

Retornam os excursionistas para Cerqueira César, de onde embarcaram para a Capital, completando assim a viagem

em que, bordejando o sertão, vadearam rios e ribeirões, caminharão por planícies e espigões agitados, atravessaram matas frondosas e campos de macega, cruzaram cerradões e cerrados.

Os pequenos trechos do diário, que aí ficam, dão alguma notícia sobre o sertão paulista no começo do século e revelam, no testemunho da época, o que foram as dificuldades, os sofrimentos e as adversidades por que passaram os primeiros devassadores da terra desconhecida, os que ergueram, ao começo da nossa maior expansão agrícola, a bandeira do povoado e da civilização.

Dêses trabalhos, dessas lutas, dêses percalços, foi o dr. Edgard Lage de Andrade o primeiro a reunir os elementos esparsos nas publicações e nos arquivos, a entrevistar os sobreviventes daquela epopéia sertanista, investigando e pesquisando através a Noroeste, onde vive e onde, na sua profissão de médico, além de auxiliá-los seus semelhantes a se libertarem de seus males, observa e estuda, nas suas variadas formas de incidências, as doenças peculiares à região. Aquela fase épica da vida da Noroeste teve, afinal, no dr. Edgard Lage de Andrade, o cronista que já tardava aparecer, para que, colhendo dos raros contemporâneos daqueles feitos impressionantes, reunisse, para conservar e transmitir aos pósteros, as impressões, as narrativas, os fatos de que foi testemunha a geração que já vai desaparecendo...

CARLOS BORGES SCHMIDT

Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

S. Paulo, agosto de 1945.

APRECIÇÃO

E acusar-se a nossa história de insípida e fastidiosa, quando em cada rincão se encontra uma lenda, em cada povoado um poema!

Não. A nossa história é linda como a do Egito, linda como a da Grécia, linda como a de Roma, linda como a história de toda Europa.

O que é preciso é saber contá-la aos nossos jovens.

E' sob os moldes de "Os Sertões" de Euclides da Cunha, de "Retirada da Laguna" de Taunay, de "Sertões da Noroeste" de Edgard Lage de Andrade, cujos originais acabo de ler, que ela deve ser apresentada á juventude brasileira, em cuja alma canta a fantasia dolente do sonho, de mistura com a ousadia da aventura, na defesa intemerata do direito e da honra. E' entremeada das lendas, dos rasgos da gentileza hospitaleira da nossa gente ou do nosso gênio empreendedor, mas calmo e paciente, como o dêsse camponês de Baurú, rememorando em o "Sertões da Noroeste", que devemos contar os feitos dos nossos bravos, a altivês cívica das nossas mulheres, o sacrifício dos nossos soldados, a bravura dos nossos marujos, quando é preciso dar á Pátria que o amor da Pátria requer.

E' na epopéia das bandeiras primitivas, ou da expedições desbravadoras modernas, — aquelas constituídas de rústicos valentes, afeitos á luta, cheios de ousadia; estas, de homens cultos acostumados ao conforto das cidades, mas devotados ao trabalho de sua técnicas, intemeratos, ousados, também, e despresando tudo quando se trata de seguir avante, em demanda ao progresso da Pátria, — que os nossos jovens se devem abeberar de civismo, haustos de coragem e intrepidês, a fornecer-lhes elementos para a formação de sua personalidade.

E' esta a leitura de que a mocidade é ávida. Se não, observemos quais os livros e revistas de sua preferência, quais os filmes a que mais ocorre a mocidade, e encontraremos que são os "X-9", os "Detetive", os "Mistérios" e os filmes de Tarzan e dos "Mocinho", aqueles que mais correspondem ao seu prazer...

Apresentemos, pois á nossa juventude, os nossos Júlio César, os nossos Guilherme Tell os nossos Bonaparte, as nossas Joana D'Arc, ou as nossas Termópilas...

Nós os temos: Procuremo-los tôdos na história da nossa expansão territorial, ou da nossa formação política. Eles aí se encontram. Basta ir buscá-los e com êles bordar a segura das sucessões de datas, ou as sêcas narrações de batalhas insipidamente descritas.

Quantas travessias da "Ponte de Viena" e quantas batalhas de Satamina e de Micala podemos apresentar aos nossos moços... Camarão, Henrique Dias, Camisão, Antônio João, Caxias, Tamandaré, Maria Quitéria, Rosa da Fonseca, Rondon, são homens que tomo, a esmo, no meio de tantos e tantos outros, sem calcular a data de seus feitos, ou estimar o valor da sua bravura cívica; apenas para mostrar o fulgor do gênio, de bravura e patriotismo, cintilando nas páginas da nossa história. Para que a nossa mocidade os tenha gravado no coração e na memória, basta que bordemos os seus feitos com os poemas verídicos que êles encerram e que romantizarão a nossa história. Basta atender para a história desse sertanejo bondoso e destimido, primorosamente retratado neste livro de Edgard Lage de Andrade, para que se nos apresente, como um espelho, a alma do camponês brasileiro, leal, sincera, justa, hospitaleira e amiga, de seus amigos. Mas não podemos deixar de divisar também, entre esses dons afetivos de coração, a inteligência acurada e fina do sertanejo brasileiro, ante-vendo, na construção de uma estrada, o progresso da terra e procurando por meios brandos, sem ferir o amigo, desfazer a má impressão que pudera roubar ao querido rincão, as vantagens advindas da construnão da estrada naquelas paragens! Quanta astúcia fina na motivação dêsse Azarias Leite, para atrair o interêsse da comissão de engenheiros! E que excelente psicólogo se revela êsse simples campônio de Baurú, de pesadas botas e chapéu empoeirado!

Muito teríamos a dizer ainda, se fosse possível, numa simples apreciação, para abordar todos os assuntos de que trata o "Sertões da Noroeste" de Edgard Lage de Andrade, tão vários, úteis e interessantes são êles.

Como educadora, porém, limitamo-nos a apreciar o livro na maneira de apresentar aos nosso jovens a história de nossa terra, das nossas cousas e da nossa gente.

IRACEMA RÊLLO DE ARAUJO SILVA

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de formosas e lendárias regiões. Terras e terras de longo perímetro e localizações remotas, guardam reminiscências de uma era de epopéia. Aos fatos políticos de sua inclusão à existência, ou ao expansionismo econômico nacionais, se ajuntam por vezes, primores de inteligência diplomática, ou investidas audaciosas de cientistas e camponêses com demonstrações de energia, tenacidade e grandes feitos.

Não raro se resolvera sem lutas e rancores, a comunhão de algumas delas ao patrimônio territorial da nação. Habilidades, corroborando com a ciência do direito nas relações e interesses internacionais, oriundas desse desejo pacífico, de harmonia e bem viver com povos fronteiriços, tão característico e inherentes à alma brasileira e sua índole, decidiram-se num ambiente de concórdia e serenidade, duras e sérias questões de litígios regionais. Mais raramente ainda se assinalaram na história expansinística nacional e, provavelmente, após falharem reincidentes tentativas de acôrdo tranqüilo, estudos profundos da matéria, buscando decisões contrárias a princípios e ações intempestivas, ocorrências de choques afim de estabilizar pelas armas pendências, de outra forma, impossíveis. E quando chegavam as cousas a extremos tais, seria

porque o direito e a justiça cristalina e pura amparavam, à luz da razão mais clara, a causa do país.

De raro em raro na sua história de unificação explodira uma campanha militar; e muito pouco houvera intervenções de fumaça e pólvora.

Nunca se movimentaram tropas, ou se disparara um tiro em irrupções armadas de conquista. E o silêncio dessa página da existência pátria constitue, entre a gente brasileira, conceito de honra, tradição de glória de ufanía.

Noutras zonas longínquas, pacificamente já incluídas ao perímetro de Santa Cruz, quais, nem providências diplomáticas, nem campanhas militares couberam intervir para a definição de posse; as paragens, onde não flutuaram questões fronteiriças internacionais, e, somente, dependeram de reconhecimento técnico para efeito de expansionismo vital e econômico, houvera lutas entre comissões científicas e algumas tribus aborígenes inconciliáveis. E já nessas púgnas regionais em que o elemento nacional habitante, afastado dos menores centros de civilização, fôra, em diferentes épocas, o defensor das expedições e quando se tornaram conhecidas e patentes a bravura e destemeridade sertanejas.

Nos distantes rincões brasileiros estas realidades surpreendentes e extraordinárias se reproduziram largamente.

O sertanejo dessas terras é um herói. A sua existência é uma expressão de atividades ardentes, evolvida em planaltas campinas, escarpas de serras, vargedos abaixo e águas de rios. É uma existência agitada na simplicidade dos hábitos e nos arroubos das paixões.

Palpita aí a vida em toda parte. Da floresta gigante, que sussurra e recolhe o éco das cachoeiras soberanas e se abre em vales, onde correm mares interiores; da flo-

resta esplendorosa á graminia rasteira e á alga tenra: desde o animal de porte, ao verme e ao ínfimo e minúsculo ser, se agita uma vida exuberante, pelo anseio de crescer e existir.

E o homem daí também é assim. Inculto e ilusoriamente frio na sua apresentação esquelética e depressiva, transmutada misteriosamente numa força de coragem e energias vigorosas, quando, em forma dominadora, se arroja contra o perigo e desencadea o seu potencial.

Na Noroeste, cuja história se esplanava através destas minhas páginas, a sua exótica e humilde figura adquirira em tempos não mui distantes, a proeminência de um atleta selvagem, como um lutador de ombros largos e peito esguído, a vibrar a espada da vitória. Ele, ao decorrer dos temerários e antigos dias da penetração noroestina, se cobrira de heroísmo e admiração em lutas, que abriram caminhos nas florestas, ou pela inteligência e habilidades, orientando técnicos ao longo da melhor diretriz a se tomar.

E como, um dominador, em todos os transe intransponíveis no deserto se outros fossem os palmilhadores, recompoz, só o caboclo, os episódios mais dramáticos em épicos feitos, que reluzem, como deslumbramentos de epopéia, na história destes sertões. Sem a projeção da sua bravura seria pálida e inexpressiva a tradição da terra. Jamas passará a memória dos grandes anônimos da pátria, cujos descendentes retomam, cultuam e lustram a obra da antiga conquista, na região, presentemente, quase toda, civilizada.

Já em pleno fastígio de civilização, eu chego à Noroeste. Permaneço aí e a própria missão de meus deveres, facultam-me entreter rapidamente relações e convivio com a sua gente. Penetro recantos, onde ainda vivem pobrememente, em extrema canície, que adeantados anos lhes trouxeram, os velhos e tradicionais heróis da

conquista sertaneja. Alguns dêles apenas, porque muitos outros não mais existem. Rudes, quase abatidos já numa larga sucessão de idades, êles atendem à curiosidade do interlocutor e conservam lúcido espírito para historiar os próprios feitos. O visitante auscultando-os ouve os contos, fixa e retém episódios, auxilia a frase, completa num ou noutro tópico a idéia e colclue a imaginação, rememorando datas e nomes nacionalmente conhecidos, crivando-o de quando em quando, de interrogações complementares.

Por vezes, ocorre-me durante minhas digressões naturais, ouvir inesperadamente trechos esparsos de episódios da antiga vida sertaneja, ou simplesmente fatos relacionados com ela. Não raramente ligeiras e superficiais narrativas revelam nomes de pessoas ainda estranhas na terra e moradoras distantes dela, indicadas à altura de fornecer melhores informações à matéria, bem como outras passagens, no mesmo sentido e não menos interessantes.

E se encadeia de zona em zona, a captação de notícias.

A história da Noroeste, talvez, ainda, em simples fração de seu volume, se evolve em linhas de capítulos dêste livro. Não terei a pretensão de havê-la descrita tôda. Trouxe aí somente alguns episódios muito aquém dos fatos históricos primordiais, que deram à terra existência no país; os episódios simplesmente ligados à ação principal da sua inclusão à vida nacional, em matéria de economia política.

Narrativas aí se alongam à feição puramente regional, recolhidas da voz e a imaginação ainda firmes e claras de seus incursões, desde o último quartel do século passado.

E, se feita exceção das partes, onde se esplanam os levantamentos dos cursos fluviais, suas quedas, es-

tudos geográficos e geológicos, a cujo conhecimento tive de me recorrer a longos relatórios técnicos, dos quais aproveitei expressões, frases e até períodos inteiros, o resto se deve à memória sertaneja. Daí, a expressão lendária das crônicas, os episódios recolhidos desta última fonte, que surgem no livro, obedecendo à cronologia dos acontecimentos, expostos da maneira como foram relatados. Consequentemente se alguma cousa, algum incidente duvidoso, ou afirmativas irreais entraram ao longo destas páginas, eu o fizera conscientemente, por amor às lendas, ao feitio romanesco do velho sertanejo relatante e, ainda, pelo respeito às suas tradições.

Achei conveniente trazer e rememorar fatos estranhos à ação de conquista, à penetração e civilização da terra enfim, que, se bem que propriamente relação nenhuma tenham com a campanha exploradora e início da entrada, se apresentam durante a mesma com notável significação. Estão, por exemplo, dentro dêste âmbito, as ocorrências descritas no capítulo intitulado "Um Sertanejo de Baurú". Também não desdenhei passagens trágicas em que se patenteia o estágio de barbarie, a índole má de vingança e ódio, como se achavam os naturais e primitivos dominadores na terra, e quão prevenidos viviam no fundo de suas florestas, com os brancos, a ponto de lhes mover severa guerra de depredação à propriedade e, em seguida, os massacrar. Episódios semelhantes se demonstram nos capítulos "Massacre de Santa Rita" e "Mãe Velha".

Às primeiras crônicas, pretende-se atender o estado de semi-selvageria e brutalidade humana reinantes ainda no espírito de vários elementos aí moradores e de vizinhanças menos próximas e já muito antigas de uma época contemporânea aos preâmbulos da civilização sertaneja. E pesa saber-se, que se alinhavam nas suas sinistras fileiras, entre funcionários da própria em-

préza ferroviária, pessoas não menos civilizadas, como negociantes e vultos de destaque social, contrários ferozmente ao desenvolvimento político e cultural da primeira cidade noroestina. Contrariava-se por tôdos os meios o progresso de Baurú...

E servem os demais episódios não referentes ainda à grande obra civilizadora, apenas para se avaliar a ordem de impecilhos, que se iriam antepor à marcha da entrada através da terra. Uns, como outros, revivem igualmente a existência de uma mentalidade tacanha, além de uma guerra indígena de alta proporção, de doenças e outros padecimentos sem conta.

Tudo ia afinal à convergência de um ponto onde se deparava imaginariamente, uma região distante, rústica e bravia.

Saiu, pois, o livro, de depoimentos e imaginações sertanejas. Ditaram-no os próprios lutadores sobreviventes, coevos de uma geração passada, constituída de destemidos e valorosos homens: e aqui vem a história autêntica desenrolada nas florestas da terra, como testemunhos de ações, marchando as jornadas da luta e do dever. Imaginaram-no outros (simples sertanejos descendentes de uma coluna de bravos campeadores de desertos: — e é quando os episódios e lances culminantes dos entrchos rememorados, adquirem semelhança de lendas romanceadas.

Os rios, as florestas e as campinas foram rompidas e varadas. Foram ouvidos o sussurrar das frondes e o bramir das cachoeiras, juntos com a trombeta da guerra indígena, com as panteras, a onça canguçu e o leopardo mosqueado.

O livro, inteiramente, é tudo isto: — histórico, legendário, sussurrante e bravo!

E. L. DE ANDRADE.

O SERTÃO

O latifúndio brasileiro, que se estende das imediações de Baurú e foz do ribeirão Doce, no município de Iacanga, até as proximidades de porto Murinho e Corumbá, na fronteira extrema matogrossense, tomado como a figura quadrilátera de uma larga faixa territorial, se alonga num sentido de orientação noroeste, dividindo-se, conforme se observa, em duas grandes secções político e geograficamente definidas.

Abrangendo uma parte de cada um dos Estados de São Paulo e Mato Grosso, êle se divide em duas regiões distintas, separadas pelo largo canal do rio Paraná.

Assinalada no magestoso sertão paulista aí pelas alturas do curso médio do Tietê, a terra se desenvolve no extremo oeste bandeirante, ao longo dêste vale fluvial, ondeando colinas alçadas, ou se desatando por infinitas planícies abaixo. Cruzam-na em variadas direções as torrentes fluviais de uma rêde magnífica de irrigação, banhando-a, de limite a limite, através da sulina região matogrossense, até as fronteiras internacionais de Bolívia e Paraguai. E' esta a parte da Noroeste, onde dominam infinitas extensões planas, interrompida, apenas pela serra da Aquidauana.

Consoante um velho plano, antigamente preestabelecido, percorre a região uma estrada de ferro transcontinental.

E hoje, por tôdo o percurso desta linha férrea, superior a mil quilômetros de desenvolvimento, se erigem cida-

des e povoações florescentes, onde, em os mais variados ramos de atividade humana e labores profissionais, se ocupam as suas populações. A indústria e o comércio se desenvolvem aí com toda a vitalidade, toda a proficiência e técnicas modernas, não faltando, em alguns de seus centros principais, estabelecimentos de instrução e assistência social.

Um impulso rapidíssimo de surpreendente progresso penetrara a região junto com as suas composições ferroviárias e, em posterior, consequentes delas. Outrora, como as demais longínquas regiões do país, fôra, também, uma terra bravia. Reconhecem-na ainda hoje, desde aquele estado primitivo de selvageria, inúmeros dos seus quase primitivos habitantes, presentemente vivos.

Focalizemo-la, porém, auxiliado pela voz firme e a palavra honesta destes veteranos da terra. . . Velhos, encanecidos de anos, e alquebrados de lutas e esforços, mas sombanceiros de heroísmo, eles ousaram habitá-la durante o transcorrer de duas idades contrastes e extremas. A era dos úivos terríveis e a época dos silvos do progresso: — o sertão obscuríssimo das fêras e a civilização confortadora das máquinas.

Retrocedamo-nos, porém, àquele primeiro tempo do remoto passado e seccionemos a vasta região em suas duas partes já anteriormente mencionadas, tomando unicamente a secção territorial paulista, medeada pela cidade de Baurú e o grande rio Paraná, como objetivo das nossas considerações e o desenrolar de históricas e sertanejas legendas, que vão inscrever nas páginas deste livro. Aí se encontrarão o cenário dos fatos rememorados por nós, e cujos temas hão de evoluir na sequência da presente dissertação.

Até ali por volta da metade do século passado ainda se deparavam num ou noutro ponto das matas e práias fluviais daquela primeira parte noroestina do país, nítidos e

característicos vestígios fixados à terra pelas remotas "entradas sertanejas".

Os seus selvícolas quase todos, únicos habitantes humanos da terra, naquele tempo, falavam o nosso idioma e nos compreendiam. Estabelecidos aí, já num grau inicial e intermediário de semiselvagens e semicatequese, demonstravam êles, a cada passo, ligeiras transmutações de vida e hábitos originais e puramente selvagens, que não conservavam todos.

Já apresentavam essas nações selvícolas regionais pelos desertos a dentro um estágio social de semicivilização. Ao defrontar-se-lhes um agrupamento de forasteiros brancos, extranhos incursores nas suas terras, êles se acercavam curiosos e amistosamente dêsses visitantes, como se reconhecessem até, entre os mesmos, velhos amigos e bons companheiros. Então, presenteavam-se mutuamente, selvagens civilizados. E se deixavam os bugres fotografar. Os primeiros, distribuindo amabilidades e gentilezas dos últimos, lhes traziam vinhos e frutas, e caça e peixes a faltar. Assim, menos temerosos e menos retraídos durante os dias correntes da segunda "entrada sertaneja", quando, à presença dos novos incursores, os índios lhes sondavam as íntimas intenções. De paz — eram camaradas fiéis até ao sacrificio da própria vida; de hostilidade — os bugres se tornavam inimigos rancorosos e até bárbaros!

Não havia meio termo possível nisto que se chama sentimento de tolerância e instinto conciliatório entre os indígenas. Com relação aos extranhos na sua terra, fossem forasteiros em trânsito, ou fossem moradores já fixados e trabalhando nos campos daí, êles se caracterizavam por manifestações extremas. Amigos até limites de servidão, ou adversários até à morte. Tudo dependeria da apresentação, da primeira atitude dos estrangeiros recémvindos, desde os instantes iniciais de contacto e convivência com êles.

Um gesto corriqueiro de simpatia já prenunciava concórdia entre às duas raças em choque. Ao contrário disto, porém, ver-se-iam ali a eterna púgna, a eterna perseguição, o ódio, o rancor mais desabalado e mais fundo, existente na índole do aborígene vingativo, e memorado de quando em quando, em cenas de barbarismo, num trágico recontro originário ainda de antigas e quase esquecidas inimizades, como fantasmas de lendas sertanejas.

Afinal, a iniciativa de lutas permanentes, ou de bem viver constante, dependeria na terra, daqueles que aí chegassem. Os nativos, curiosos, a exceção de uma ou outra tribu, sabiam recebê-los, embora desconfiados, mas carinhosamente. E somente depois de lhes conhecer as maneiras, as intenções, pelas quais se definissem, deixar-se-iam deliberar, de um ou de outro modo, à forma de uma reação pacífica, ou de beligerância.

Um incidente banalíssimo e inexpressivo desencadeava a jura terrível de uma vingança, ou significava um elo de fraternização sincera. Simples lôgro, ocorrido pela permuta de um rafeiro caçador, originaria uma contenda, se o logrado na transação, fosse o bugre. E um presente qualquer, como um pedaço de fumo ardido e sêco, um canudo de cachaça, ou um punhado de farinha ruim, poderia ser, muito ao contrário, uma proveniência de ordem e comunhão de homens pacatos, por um lado, ou de tribus ferozes, por outro.

Sobre as altas colinas das florestais paragens da região, toda convivência dos incursores se fazia então, com diversas tribus selvagens dos Caingangues ou Coroados truculentos. Enquanto nas planícies do Tietê e nos vales do Batalha e seus tributários, eles se encontravam amistosamente com os Chavantes, os Botocudos, ou, ainda, espécimens de Guaranis. E não se saberia, por aqueles tempos, qual destas nações indígenas, a mais aguerrida e intolerante.

Descendentes da velha nação Tupí, os indígenas Chavantes das selvas noroestinas paulistas, tão intolerantes e astuciosos, como guerreiros pertinazes de muita ferocidade, viviam distribuídos por cidadelas habilmente organizadas. E o seu velho sertão, conhecido, primeiro pelo bandeirante, que descera a corrente do Tietê — a mais antiga e natural via de comunicação entre as bandas do litoral e estas plagas — permanecera por longo tempo, após a era daqueles penetradores, olvidado dos homens civilizados.

Se, considerado êle, sob o ponto de vista de sua exploração além da epopéia magnífica dos sertanistas do ouro, da prata e pedras preciosas, somente a se partir do ano de 1865, quando uma série de distúrbios internacionais sul-americanos exigiram do país a marcha de expedições militares para os campos de Mato Grosso e outras províncias brasileiras, tornara-se a região procurada subseqüentemente por conscritos desertores de projetados batalhões, que preferiram se arriscar às tocáias de selvícolas e animais ferozes ocultos nas sombras e cortinas do arvoredos, a enfrentarem os inimigos humanos em trincheiras, ou campos razos de batalha.

Chocavam-se as primeiras tropas da campanha paraguaia.

Desviando-se das fileiras honrosas militares, o primogênito recrutado, ou o chefe de família válido e na idade ainda de empunhar o mosquetão, um e outro, incultos naquele tempo, vinham se acoitar do perigo da guerra, e ali chegavam de quando em quando, como levas de fugitivos, abalados, por vezes, de mais longínquas terras. Chegavam e fixavam ao meio de uma derrubada que faziam, a tosca e definitiva residência. Êstes, na qualidade de fugitivos de tal espécie, ou outros, como aventureiros puros, simplesmente tomados de um desejo irresistível de abrir e conquistar sertões e glebas novas, iam se instalando no centro das matas obscuras, como primeiros posseadores de terras

devolutas. E após, ao fim de algum tempo, quem sobrevoasse de canto a canto, a região, já poderia observar pela exploração aeronáutica, diferentes pontos claros no seio das florestas, assinalando os núcleos recentes da população regional, que se formava.

A tapera fragilíssima, o mangueirão cercado de madeira tosca, circundados pela roça de milho, de feijão, batatas e o mandiocal, constituíam a célula primitiva do povoamento.

Vivia assim o homem, em desértica e rude segregação, sucedendo muitas vezes não se avistarem nem se conhecerem, vizinhos, apenas separados pela distância de um ou de dois quilômetros, tão densa e magestosa se fazia a mata, que os ocultava no seio daquelas amplidões.

Então, somente pelo estampido de um tiro, ao alvejar um macuco descuidado, ou, ao enxotar, sorrateiro e lerdo canguçu, se denunciava, de tarde em tarde, e, por vezes, nas tétricas caladas de noites altas, a existência de moradores nas vizinhanças de cada casa sossegada.

Os remotos povoadores da terra não teriam sofrido a campanha hostil dos aborígens dela. Penetrando-a e devassando-a até íntimas entranhas, nos seus profundos vales, estacionavam-se invariavelmente a beira de uma pequena torrente e se quietaavam aí, erigindo, na solidão mais calma, a residência nova.

Qualquer sítio na terra lhes servia. Bastavam-lhe duas condições apenas. Terreno fértil, banhado por algum regato da zona, eram os requisitos modestos, primordiais, no eldorado, onde a vida humana começava...

E a questão essencial da posse da terra, incluiria, por igual, a posse da água, desde as suas cabeceiras.

* * *

O sistema hidrográfico da noroeste paulista, todo inclinado para a grande bacia platina, derrama-se nas duas vertentes subsidiárias regionais do Tietê e o Aguapeí.

Drenadas ambas através de uma série inumerável de embocaduras de vales e canais, por onde correm confluente subsidiários mais altos destas duas grandes vazantes fluviais, elas se caracterizam por largos e extensos vales, então, mal explorados e reconhecidos, quando impossível fôra um levantamento técnico da zona. As penetrações exploradoras, até aqueles tempos, não tinham sido efetuadas senão por leigos abridores de picadões através de matas, na época das vastíssimas florestas existentes.

O simples curso de um único rio, originado de várias fontes convergentes e cujas altas cabeceiras se despejavam ocultas e mansamente sob as nuvens verdes das copas florestais, rompendo-se por grotões imensos e sepultando-se em estreitas gargantas, bem poderiam, segundo observações topográficas errôneas, oferecer duvidosa ou falsa impressão de mais de um curso fluvial corrente.

Dêste modo, não seria estranho que diferentes posseadores, talvez, enganados, se alojassem dentro de vertentes de um regato único. E só não aconteceria assim, quando o sertanejo recémchegado à terra, já deparasse na ponta de um picadão em curso, com a roçada e a cabana de páu a pique, recoberta de lascas de palmito, a assinalar o marco legal de uma conquista anteriormente estabelecida. Quando isto acontecia, tinha o sertanejo que voltar atrás. Estava perdido todo o trabalho feito. Havia deparado, no âmago do deserto a patente característica de uma posse. Respeitava-a instintivamente, como terra que já tinha dono e voltava o novo incursor a outras terras e águas, que se lhe assemelhassem livres e desembaraçadas. E este espírito de harmonia e respeito à propriedade, era já o vislumbrar, no sertão, da consciência do direito de domínio.

Acompanhando as águas volumosas, ou procurando, no mais recôndito deserto, atraídos pelas cantigas das cachoeiras, entravam os homens e se ia criando, a pouco e pouco, o povoamento regional.

* * *

Transcorreram anos. E a partir de 1870 estava restabelecida a paz entre as Nações beligerantes sul-americanas.

Naquela época a população da Noroeste, mais desenvolvida, iniciava a sua indústria agro-pecuária rudimentar. Já não se constituía aquela gente, de grupos semi-selvagens, quase insulada na impenetrabilidade das solidões e das distâncias, aparecendo, às vezes, a praças comerciais longínquas, a mais de quarenta ou sessenta léguas distantes da sua casa.

E enquanto isto se passava nas entranhas ambicionadas da terra, partiam da capital paulista, duas estradas de ferro na direção provável da nova zona. Uma delas alcançava Jundiá, rodando, depois, em prolongamento, para Campinas. A outra, orientada aproximadamente, para o sudeste do Estado, demandava Sorocaba. Mas depois de atingir o velho centro popular, já voltava o curso do seu primitivo rumo para o noroeste bandeirante, buscando os penhascos de Botucatú. E campeava por cá, nas bandas dos sertões, um frêmito coletivo de reanimação e vigorosas atividades.

Numa diretriz estratégica de provável e predeterminada orientação, através da qual, em breve, talvez, rompessem as duas ferrovias penetrantes, já se alinhavam, como que aguardando e atraindo para si as pontas dos paralelos de aço, que avançavam para os lados do grande sertão, uma cadeia de cidades e vilarejos circundados de lavouras magníficas. Dentre outros centros coletivos assinalados e erigidos ao longo de um daquelles segmentos de povoações, notavam-se, como cidades já feitas, Dous Córregos, Jaú,

São Carlos e, posteriormente, o florescente arraial de Pedrneiras, todas encadeadas na futura diretriz ferroviária, na mesma expectativa de receberem o leito vindouro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

E ao mesmo tempo sucedia, por igual, lá para os lados da provável orientação da linha Sorocabana, com as cidades de Lençóis, São Manoel, Agudos e Bom Jardim, que anteciparam, por sua vez, a passagem da sua ferrovia.

Naquele tempo, eram êstes e poucos outros os núcleos de civilização mais importantes afastados da Paulicéa e, portanto, menos remotos das longínquas solidões do curso médio do Tietê, do Paraná e baixo Aguapeí, onde realizavam os seus negócios comerciais e se decidiam as questões cíveis e forenses, os heróicos e quase desterrados povoadores da Noroeste.

E além daí haviam rompido as abnegadas gentes sertanistas, que deixaram velhas terras e plagas do litoral distante, trilhando, numa arrancada custosa e rude, a mesma senda do Bandeirante através de florestas e cursos fluviais imensos, para ligar centros já civilizados e mares de leste e sul a terras de Oeste, cada vez mais próximas das escarpas rochosas andinas.

PRIMEIRA CONCEPÇÃO DA ENTRADA TRANSERTANEJA

Preâmbulo de um Plano

Outros Preâmbulos

PREAMBULOS DE UM PLANO

A duríssima experiência adquirida em cinco anos de luta armada, cujo teatro de guerra, longemente afastado de centros industriais de abastecimentos e meios de transporte, amadurecera no espírito dos dirigentes nacionais do Império, durante a grande campanha paraguáia, a idéia e a concepção de um projeto, relativo à construção de uma estrada de ferro, que estabelecesse contacto direto entre as principais cidades de São Paulo, o seu litoral de um lado, e as fronteiras extremo-orientais de Mato Grosso.

Então, o traçado, de grande desenvolvimento, ainda no plano das idéias, se destinaria, antes de tudo, a ser uma linha estratégica de vastas comunicações.

Pois que, os exércitos imperiais do Brasil, tiveram naquele tempo de vencer, além de distâncias consideráveis e penosamente atravessadas desde os centros de recrutamento e os campos de instrução militar, antes de chegarem ao longínquo teatro de operações e combate ao invasor descansado, afeito ao clima e conhecedor do terreno.

Depois de tôda sorte de penas, e lutas e sacrifícios, voltara, afinal, a paz sôbre a Nação. Terminada a árdua campanha, sob todos os aspetos gloriosa, o segundo Imperador do Brasil, tentara organizar os preâmbulos daquela obra ferroviária, apenas vislumbrada ainda, desde velhos tempos coloniais, quando não eram bem conhecidas as regiões do oeste de Minas, noroeste de São Paulo e Paraná, e já o Estado de Mato Grosso seduzia os desbravadores de sertões.

Descendo os rios Tietê e Paraná, ou subindo os cursos do Pardo e Ivinhêima, afluentes da margem direita daquele último, demandaram o rio Paraguai e seus subsidiários, à busca de ouro e pedras preciosas. Criaram-se assim, núcleos de povoações distantes dos centros civilizados nacionais. Surgiram, pois, nos mais remotos sertões, os arraiais de Diamantina, Cuiabá, Coxim, Poconé, Aquidauana, Miranda, Corumbá e muitos outros povoados que mantinham relações comerciais com os povos da Bolívia, Paraguái, Argentina e Uruguai, pela fácil navegação através dos grandes componentes do rio da Prata.

As comunicações com o Rio de Janeiro e Santos se faziam por vias fluvial e marítima, numa extensão superior a 5.000 quilômetros da capital do país.

Muito antiga, pois, a primeira idéia do lançamento de uma Estrada de Ferro do litoral, ou terras do oeste para Mato Grosso, talvez, a primeira palavra pública neste sentido fôra emitida pelo deputado Paulo Cândido no Congresso Brasileiro, em 1852, anteriormente, portanto, í campanha do Paraguai e, só vinte anos mais tarde, fôra dada concessão ao Barão de Mauá, William Lloyd, Antônio Rebouças, Capitão Palm e Dr. Thomas Cocrane, de uma linha férrea lançada de Curitiba à cidade de Miranda, naquela província.

Quando no ano de 1874, êste projeto havia sido modificado no seu roteiro para atravessar a fronteira São Paulo-Mato Grosso, já antes, em 1873, o engenheiro Francisco Antonio Pimenta Bueno, iniciara estudos de Rio Claro, no Estado de São Paulo, com o propósito de avançar até um ponto do rio Paraná, seguir as margens dêste rio fronteiriço, demandando Sant'Ana do Paranaíba, primeiro povoado matogrossense, depois do triângulo mineiro.

Era, porém, necessário o reconhecimento prévio das regiões a atravessar. Os seus vales fluviais se abriam discretos, ocultos e desconhecidos, para as vertentes platinas,

e não se poderia definir aqueles que iriam ter ao rio Tietê e ao Paraná, também, por sua vez, mal explorados e mal reconhecidos nos mapas daquela época.

De tal sorte, antepunha-se à ação governamental, a solução de um problema custoso, dependente de breve e definitiva execução.

Mas o país, recém-saído de uma campanha militar de longa duração e de extensas proporções econômicas, experimentava as conseqüências financeiras oriundas de um esforço de guerra enorme, e sofria a quase paralização de suas indústrias e outras fontes de economia, várias delas ainda renascentes. Créditos, recursos, economias e finanças públicas se desmantelaram totalmente no decorrer dos tempos em que toda a atenção, representada pelas energias e atividades administrativas, se convergia inteira para a ação e as obras de defesa nacional. O tesouro empobrecido, esgotado mesmo, mal podia suportar a despêsa orçamentária prevista e vigente, ainda que muito exíguos se apresentassem.

E o plano a se organizar exigia, entretanto, somas, até certo ponto, vultosas demais para os cofres da Fazenda.

Todavia, o Imperador brasileiro, não era homem que se esmorecesse ante impecilhos defrontantes a qualquer matéria administrativa, da qual, dependesse a segurança do Estado e tivesse a projeção político-social de salvaguardar a honra e cultuar a magnitude nacionais. E êste empreendimento se enquadrava no centro deste âmbito e circunstâncias.

Ele tinha as credenciais e encerrava a importância de uma utilidade universal na Patria. Alcançava, como se via, esta grandeza.

Nestas condições estudara Sua Magestade o Imperador, sob diferentes aspectos possíveis, a resolução do caso. Artifícios de imaginação, recursos engenhosos e providen-

ciais, buscavam-se naquellas horas difíceis da administração pública. E astucioso como sempre e perspicaz e fino, não lhe faltaram também aquí primorosos recursos de reflexões. E ao fim de muito pensar e estudar atentamente, acabara por adotar na prática uma concepção estupenda. . .

Bom psicólogo e velho conhecedor dos homens, de suas manhas e fraquezas, no que possam estes fenômenos morais de exibição se relacionarem com títulos honorários e práticas de futilidades, tocára direto e íntimo às fibras de sensibilidade, em diferentes elementos sociais daquele meio.

O govêrno de sua magestade oferecia títulos de nobreza a tôdos aqueles que se dispuzessem a prestar notável serviço ao país, atingindo os sertões ignotos, afim de estudá-los e reconhecê-los.

Conhecida que fôra a deliberação imperial, alistaram-se de pronto, os rapazes, que sonhavam glórias quixotescas de fidalguia e requintes de potestade. Condecorações, títulos nobiliárquicos por merecimento real; feitos de bravura e atos de abnegação por longo e difícil trabalho, tudo revertido ao benefício da pátria, haveriam de os titular — Marquêses, Condes, ou Barões. . .

Nas primissas daquela concepção imperial de conferir honras nobilitárias, estavam as formas de compensações, que deveriam retribuir os trabalhos daqueles que se aventurassem a partir para desertos bravios com a missão científica de realizar a exploração geográfica das incultas zonas e, mais especialmente, elaborar alí o estudo dos seus principais cursos fluviais. Seria, pois, um estudo completo da vasta região.

E externara-se o plano. . .

Surgiram desde logo, os primeiros candidatos, tão entusiastas pela conquista dos títulos de nobreza prometidos, como dispostos se achavam a empreender a consecussão da obra.

Criara-se, então, num departamento ministerial do Império, uma sub-seccção especializada, destinada a atender às pretensões dos valorosos e abnegados moços. E êstes, na verdade, acorreram em massa, ao atraente anúncio.

Uma vez inscritos e identificados, os futuros membros da grande expedição geográfica se dispuzeram a acompanhar os trâmites necessários à constituição da empresa.

Duas comissões se organizaram, autônomas e independentes entre si; cada uma das quais se estabelecera com a sua Diretoria. E se discriminaram e se distribuíram funções; determinaram-se e se definiram responsabilidades, no evolver dos trabalhos vindouros.

Tudo organizado, tudo pronto finalmente para a longa viagem e afazeres. . .

E partiram num mesmo dia os dois corpos expedicionários. Marchando por terra, um deles demandaria São Paulo. E o outro, embarcando no porto do Rio de Janeiro, se dirigiria para os mares do sul. O primeiro deveria alcançar a capital paulista e, daí, se orientar para os caminhos de penetração nos vastos desertos do Estado. Levaria aos velhos sertões a incumbência de estudar o sistema hidrográfico da Noroeste e explanar, numa carta definitiva da região, os cursos dos principais rios confluentes do Paraná e Tietê, desde as suas cabeceiras até as respectivas embocaduras. E neste caso, estaria no âmbito de sua alçada, a exploração do rio São José dos Dourados, os rios Feio e Agua-peí e as secções dos cursos médios e inferiores do Tietê e rio do Peixe, ou Tigre.

Mas esta missão, árdua demais e, talvez, inexequível por tal casta de engenheiros e agrimensores de cidade, poderia se tornar até perigosa, ainda que outros fossem os componentes da "entrada", e se tratasse de mais destemidos e afeitos campeadores de sertões.

Já se tornaram mui difíceis as fases iniciais da empresa — os primeiros lances da viagem para São Paulo. Pois

que, ao chegarem a esta cidade, requeimados pelo sol e quase invalidados pelas contusões da marcha e a fadiga, tiveram, os expedicionários que se recorrer a abluções de salmoura quente afim de remediar maculações da pele e dôres musculares, tão deshabituaados eram êles de semelhante exercicio físico, ou esforço dispendido enquanto a cavalgadura andava.

E a medicação foi boa...

Dias após já os geógrafos de campo, ou, melhor chamados, moços românticos de bailados e serenatas, haviam readquirido a sua forma primitiva para ostentar de novo, através de noitadas alegres e em cafés-cantante; em salas de dramalhões e de declamações patéticas; os requintes da elegância e os primores da cortezia, como saudosas reminiscências da metrópole...

Buscaram de fundas malas, casacas de veludo azul, calções rubro-amarelo de cetin, sapatos rasos afivelados e até chapéus de pluma... As vestes aparatosas de brincadeira...

Eis agora a comissão geográfica em pêsso, longe dos sertões e despreocupada de seus encargos, antes composta para as vistosas cavalgadas e folguedos desfilados nas ruas da capital, do que disposta a partir para as remotas brenhas do deserto.

Elegantes, no solar da nobreza paulistana, e esbeltos, nos salões de aristocraticas recepções, se embalam os moços da super-elegância carioca em brancas e festivais quimeras...

Integrando-se, pois, a fina flôr desta distinta sociedade, como legítimos descendentes de estirpes fidalgais, nos saráus da cidade, centralizam, pelo espírito da graça, o tema das conversações e a admiração da curiosidade geral. Não houve harpa, harmônio, ou violão choroso que não tangesse as clássicas romanzas de moçóilas entediadas e as serenatas dolentes, aos encantos do luar...

E não poucas semanas se passaram esquecidos da verdadeira e importante missão, nêsse enlêvo de prazeres e ventura, habituais na Côrte e apenas interrompidos durante os dias insípidos da viagem, mas reeditadas agora, na foliona e graciosa Paulicéa, com o mesmo brilhantismo dos mágicos salões do Rio.

No entretanto, não poderia perdurar por mais tempo, essa existência tôda formada de sonhos e arquitetada em mais fúteis ilusões. Era preciso apresentar algum trabalho feito, qualquer esforço dispendido, para se consolidar na realidade de uma nobreza gloriosa e autêntica, essa condição social e essa personalidade inexpressiva, de moços elegantíssimos...

Já os diretores da expedição haviam fixado por várias vezes, o prosseguimento da viagem para o seu destino final. Quando, porém, se aproximava o dia aprazado, era, novamente adiado o reinício das atividades... Os chefes expedicionários não tinham fôrça moral e ascendência de autoridade sobre os seus auxiliares. E conta-se, como provavelmente certo, que esta comissão chegara até a idear astucioso e insensato plano! Elaborar alí mesmo, em gabinetes confortáveis, a moderna carta da região distante, anexando-lhe competente e massudo relatório.

Neste caso os técnicos aproveitariam os velhos mapas imperfeitos, entulhos de antigos alfarrábios; as velharias já corroídas e defeituosas, recorrendo-se da mesma forma e, se isto não bastasse, iriam buscar informações e dados, talvez, ainda suspeitos, mas julgados preciosos e úteis ao serviço; indicações e até insinuações prestadas por velhos marteiros conhecedores da zona, ou, melhor ainda, valer-se-iam de veteranos da campanha paraguáia. Contudo, não seriam demais ingênuos e inexpertos, os diretores da expedição geográfica, para adotar êsse recurso tão claramente desonesto, tão visivelmente falso e, portanto, suscetível de se tornar logo reconhecido e desmascarado como tal... Mas

alguns dias de indecisão ainda, para, afinal, deliberarem, os náveis geógrafos, deixar pesadamente a sedutora capital.

Aprestaram-se bagagens e retomaram a marcha ao rumo das longínquas paragens de destino... A Noroeste iria ser atravessada.

* * *

Já por outro lado, quando ao decorrer dêsses mesmos dias, a outra comissão expedicionária havia singrado os mares do sul, as águas territoriais uruguaianas, penetrando o estuário do rio da Prata.

Competia-lhe a missão de subir por aí, alcançar o rio Paraná e explorar-lhe, também, o longo e magestoso curso até a foz do rio Grande, no ângulo extremo-oeste mineiro; identificar o traço de seu curso, fazer a carta de levantamento topográfico, a partir das próprias embocaduras, dos seus confluente, provenientes do território paulista — o São José dos Dourados, o Tietê, o Feio — Aguapeí, o Tigre e o Paranapanema, ao mesmo tempo que iria assinalando os rios Sucuriú, Verde, Pardo, Vermelho e Ivinhêima, nas margens matogrossenses. Explorar com precisão possível cada um destes cursos até onde necessário se tornasse, ou, onde já e encontrassem os seus colegas da outra expedição e, na ausência dêstes, haveria a comissão platina de reparar ao longo dos segmentos fluviais, as sendas trilhadas, os vestígios deixados nelas pelos estoicos companheiros de trabalhos, cujos estudos se assinalariam por marcos de balizas retificadores. E assim, perfeitamente combinados, os dois agrupamentos da expedição geral elaborariam, cada um, o seu plano fracionado, constituindo-se, o conjunto de ambos os estudos, um mapa único da região.

O projeto entrevisto era bom. E, se outras fossem as credenciais técnicas dos exploradores, originar-se-ia do en-

genhoso plano uma obra perfeita. Além disto, os afazeres de cada uma dessas expedições se equilibravam bem, por iguais dificuldades, por esforços e trabalhos semelhantes, dos quais dependeria, uma, como outra, a ação dos dois grupos expedicionários. De outro lado, a expedição terrestre exploraria aqueles rios a se partir das cabeceiras respectivas, rompendo sertões adustos e remotos. Enquanto os outros engenheiros cortariam águas de mares e cursos de rios pelas suas galéras acanhadas, explorando aquelas últimas correntes a começar de suas embocaduras.

Mas, insensatamente, nenhuma dessas expedições cumprira o seu dever.

A primeira delas, ao invés de palmilhar o roteiro dos desertos, marchando da capital paulista, não fôra além de Sorocaba! Do mesmo modo que a segunda, destacada para o estuário platino, não passara também, das serenas águas portenhas, atingindo, se tanto, a foz do rio Paraná!

De tal sorte se deram as cousas que ambas se inspiraram fenomenalmente numa mesma idéia e numa ação comum de comunicações de pensamentos: não trabalhar... Evitar delongas e sujeição a uma obra penível afim de alcançar as prometidas recompensas. E estabelecendo os seus gabinetes de operações muito aquém de onde, propriamente, o deveria, tomando aqueles pontos de acesso fácil, em lugar dos imensos e inhóspitos desertos de além, de penetração custosa, não tiveram outra senão essa intenção.

Daí viram, estudaram e demarcaram tudo... E daí ousaram igualmente, trabalhar, longe de espinhos, de feras, serpentes e os rigores do sol e inclemência de chuvas; extranhos ao flagelo de mosquitos, a contusões e obstáculos oferecidos pela mata; distantes assim, de tudo que lhes poderia tornar hostil à pele, e afastados do desconforto das barracas deliberaram elaborar a carta topográfica regional, a menos de meio caminho da Noroeste.

De Sorocaba e do estuário do rio da Prata retrocederam os exploradores cientistas à Capital Federal.

Depois, ao confronto dos estudos e a conjunção dos gráficos separadamente feitos, os quais, unidos, deveriam completar a formação da grande carta, que reconstituiria a região, apareceram conclusões disparatadas e hilariantes... Inicialmente já se haviam esquecido, os eméritos geógrafos, de toda a vasta região sul-matogrossense, portanto, consoante os trabalhos apresentados, o rio Paraná se constituía linha divisória entre o Estado de São Paulo, Bolívia e Paraguai! Aí, sem que ninguém se apercebesse (é claro), o Continente sofrera a metamorfóse sísmica de uma desastrosa retração! A hecatombe vulcânica de uma imensa porção territorial, silenciosa e desconhecida! Havia, além disto, segundo o julgamento técnico dos trabalhos, qualquer coisa muito grave a mais: figurava o rio Tietê como afluente do Paraguai e o rio Aguapé corria da embocadura para as direções das próprias cabeceiras, porque se encontrava este, em seguimento ao rio Feio, num curso imaginariamente assinalado ali pelas alturas da serra dos Agudos...

Eivado assim, de erros e despautérios semelhantes, nenhuma fé poderiam merecer doravante, as conclusões da ilustre comissão geográfica. E, se eventualmente, houvesse nesses estudos alguma coisa certa, porventura aproveitável, à simples análise de seus gráficos, "croquis" e relatórios, desacreditá-lo-ia já pela procedência original, com desconfiança, descrédito e incerteza...

Era porém, um trabalho digno de quem tivera a ousadia de o empreender...

* * *

Só nos resta saber se o magnânimo Imperador cumprira a sua promessa no que diz respeito as condecorações e concessões nobiliárquicas, ou, se, afinal de contas, morreram, ainda na fase embrionária de projeto e esperanças, os novos titulares — Marquêses, Condes, ou Barões...

OUTROS PREAMBULOS

O monarca brasileiro — inspirador do grandioso plano — mais irônico de certo, do que, talvez, propositadamente, deixara, por longos anos, esquecido o seu projeto. Fôra de veras desastrosa a primeira tentativa para a execução do mesmo. Desastrosa e quase desanimadora tentativa...

Mas a idéia não morreria.

Alguns anos depois, e se não falha a memória, em 1876, ainda o Governo Imperial, por iniciativa do doutor Sebastião José Pereira, presidente da Província de São Paulo, enviara uma expedição chefiada pelo engenheiro Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, áquelas infinitas paragens. Mas essa segunda "entrada", mais anfíbia do que terrestre, transcursara o rio Tietê até a foz, navegara o Paraná acima e atingira a confluência do rio Grande, no pontal Oeste do triângulo mineiro.

Parece, no entanto, que o objetivo daquele técnico seria estudar a possibilidade de uma linha de navegação fluvial, destinada a estabelecer comunicações mais fáceis entre centros comerciais de leste e Mato Grosso, Oeste de Minas e Goiaz, naquele tempo, sómente permitidas ao longo de estensíssimas travessias terrestres.

Desviados, assim, de preceitos e determinações já antigamente amadurecidas no espírito do governo, como irrevogável plano de estudar e reconhecer o sertão, para se definir através de seu deserto o roteiro de um desenvolvimento ferroviário, cairam, também, no olvido os estudos da comissão.

Anos e anos se passaram... E o choque de um novo regimen político na confederação do Estado Imperial viera transformar o curso das instituições básicas antigas.

As convulsões intestinas decorrentes de uma transmutação regimental de fundo, então, reinantes no país e comumente sucedidas a golpes revolucionários que visaram e, ao mesmo tempo, originaram modificações políticas radicais, delongavam-se no Brasil por mais de um decênio, ininterruptamente. A característica pacífica como se instalara o novo regimen não prognosticava conseqüente tranquilidade nacional. Já o governo provisório da república, cuja atenção se desviara continuamente para os lados de vários grupos discordantes partidários, não podia, de leve, tocar os interesses da alta administração pública, que se não relacionassem com providências inspiradas no sentido de firmar a consolidação nacional.

Contudo, tendo êste govêrno organizado o estabelecimento de um sistema de viação geral, destinado a ligar diferentes Estados da Federação à Capital do país, foi lavrado o decreto número 862 de 16 de Outubro de 1890, concedendo ao Banco União do Estado de São Paulo privilégio da zona, para a linha que partisse de um ponto entre Uberaba e Uberabinha, no Estado de Minas Gerais em direção de Coxim no Mato Grosso. Aí estava a diretriz, que atravessaria a fronteira mineira no rio Paranaíba para entrar em Mato Grosso, depois de romper ricos e extensos campos de criação nos dois Estados confrontantes.

Aí estava concebido o plano, posteriormente, várias vezes modificado, que se deveria transformar, mais tarde, no desenvolvimento atual da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Decorreram muitos anos e o Banco União, concessionário daquela privilégio, só havia apresentado os estudos de cem quilômetros da linha férrea projetada, quando a im-

prensa do país iniciara a campanha da planejada via de comunicações com as terras e povos do grande Estado oriental.

Então, como a idéia jornalística unânime se agitava no sentido de desviar para o Rio de Janeiro o eixo daquelas comunicações entre o litoral e o sul matogrossense, prejudicando a própria região e o Estado de São Paulo, surgiu um brilhante e bem fundamentado memorial da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, solicitando parecer, na questão, do Club de Engenharia da Capital Federal. Estudando minuciosamente o assunto, foi julgado inevitável e até urgente, por sua condição estratégica, o lançamento de uma linha para Mato Grosso, que devesse partir das imediações de São Paulo dos Agudos e atravessar aquele Estado em demanda das barrancas do rio Paraguai.

Esclarecido e orientado por aquele ilustre instituto, decretou o governo a revisão do contrato de concessão da Estrada de Uberaba a Coxim, transferindo-o do Banco União do Estado de São Paulo à Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, então recentemente incorporada.

* * *

E diferentes e sucessivos períodos governamentais se instalaram pacificamente, daí por deante, sob a égide do sufrágio popular, mas, apesar-de-tudo, as dissídias partidárias perduravam. Até o quadriênio presidencial de Prudente de Moraes, foram poucos e quase nulos os dias de paz e de serenidade no seio da família brasileira.

Todavia, o governo já começava a encarar mais atenciosamente mágnas questões administrativas. Contudo, ainda nesta fase governamental da República, somente a campanha de Canudos bastava para implantar a desorientação mais grave nos altos círculos dirigentes. Anteriormente, porém, a revolta da Armada, sob o comando de Custódio de Melo, e, desencadeada e revivida além dos círculos navais, pelo ardor e a coragem de Saldanha da Gama, já havia es-

gotado os cofres públicos, conservando, assim, inativos os homens e esquecidos tôdos os projetos de reconstrução e evolução política nacionais, delineados pelo Marechal Floriano Peixoto.

Por fim, somente na presidência Campos Sales, se retomaram as rédeas da administração para as questões pacíficas; já se havia sofreado o impulso das dissensões populares; firmara-se e se estabelecera o verdadeiro princípio de autoridade e atender cuidadosamente às solicitações das necessidades coletivas, chegando-se até à organização das finanças públicas. Havia, pois, chegado a oportunidade em que se deveriam rebuscar os arquivos do antigo Império afim de se focalizar velhos problemas, ainda em equação, durante o último decênio do regimen político decaído. E se revistou tudo. Lá se achava como que dormindo plácido sono de perpétuo repouso, mas fundamentalmente arrazoada, a obra da comissão geográfica relativa aos sertões da Noroeste.

Por essa ocasião, a zona, mais povoada, já era, também, melhor conhecida.

Reconhecendo por um lado, os técnicos burocratas da época, a falibilidade dos trabalhos apresentados pela comissão de futuros fidalgos, cousa que, até leigos no assunto poderiam executar melhor e, de sua vez, avaliando os novos dirigentes do país a magnitude do antigo plano imperial, enviaram expedicionários à famosa região. Esta outra expedição, porém, era portadora de títulos acadêmicos e se compunha de profissionais verdadeiros, cheios de fé de ofício e cõncios de suas responsabilidades.

No quadriênio presidencial seguinte partira para a região uma outra expedição dirigida pelo engenheiro Olavo Hummel e integrada de ilustres nomes como Gentil Assis de Moura, Júlio Bierremback de Lima, Mário Airoso, Guilherme Giesbackt, Gustavo Wendel, botânico e Abílio

Machado, médico. Olavo Hummel, que, anteriormente, já havia estado no deserto, orientando a diretriz de uma linha rodoviária no vale do rio Santo Anastácio, conhecia a terra e as rudes dificuldades que se antepunham á exploração.

Quando a comissão se subdividira e entrara através de diferentes roteiros, que teriam um ponto convergente na margem do rio Paraná, coube a uma grande turma chefiada por Hummel e composta por Guilherme Giesbrack e Gentil de Moura penetrar a Noroeste lá para as bandas do rio Feio. Mal havia atingido o recesso da zona e estacou-se tôda ante o perigo de um obstáculo sério: o aborígene feroz!

Já à sua entrada nas florestas da terra, após o conhecimento de certas notícias e lendas correntes, não muito antigas, e relacionadas com os perigos existentes no íntimo daquelas matas, deliberaram os chefes da expedição, rejeitar auxílios de sertanejos radicados nas circunvizinhanças da zona. Supunham os expedicionários da Comissão Geográfica, que a ingressão dêstes ao serviço da exploração; os caboclos que viviam em púgnas constantes com os nativos, atrairiam contra tôdos a ira dos selvícolas. Acompanhavam-nos pois, matas a dentro, auxiliares de outras plagas, desconhecidos dos indígenas.

Mal iniciada porém, estava a duríssima penetração, quando verificaram o engano em que haviam incidido e a inutilidade da medida preventiva. Os índios armados, mesmo assim, impediam-nos de trabalhar. De tal sorte, se colocavam êles na difícil alternativa de declarar guerra aberta aos selvagens, ou desistirem de prosseguir na obra.

E' o que relatam velhos moradores na terra.

Constrangidos, assim, nas pontas de um dilema horrível, deveriam os técnicos apelar então para um recurso diferente. Tentar conseguir pela paz a entrada sertaneja, adotando meios suasórios com o gentio.

Mas depois verificaram que já fôra tentado êste recurso, anteriormente, numa tentativa de catequese indígena ali, naquelas mesmas paragens. De fato, não muitos anos antes dessa época, penetrara aquela região uma expedição de paz e princípios religiosos, formada de elementos da Igreja, acompanhada até de índios mansos, e sob a orientação cristã de Monsenhor Claro Monteiro, ou "Padre Monsenhor", como o chamavam os sertanejos locais.

Era êste, um velho e piedoso sacerdote católico. Inspirado de serenidade e religião, pretendia, embora reiteradamente avisado da índole e a natureza do gentio com os quais iria se avistar e cuja alma bronca pretendia conquistar pelo carinho da sedução e a brandura do trato. Trouxera quinquilharias, arabescos, espelhos, rosários dourados e outros objetos vistosos, que ia deixando em torno de aldeias e lugares frequentados pelos indígenas.

Ao atingir o seio daquelas florestas, assim praticara uma ou duas vezes. E o padre, após verificar o que pudera ter produzido na índole do gentio a sua técnica pacifista, voltara certo dia da mata, acabrunhado e desgostoso... Tinha encontrado tudo que depuzera lá dentro, para seduzir o índio, quebrado e disperso pelo mato. Sinal patente de que o aborígene desprezava as relações de amizade oferecidas.

Mas a sua fé e a sua missão de conduzir o bem a qualquer destino e o levar a quem quer que fosse, exigiam do santo missionário insistentes e ainda mais reiterados sacrifícios. Tornara, outras vezes, ao centro das selvas, seguido sempre, qual Jesus de seus apóstolos, pelos companheiros de missão. De uma destas, porém, não mais voltara ao meio civilizado... E muitos poucos de seus companheiros lograram, também, escapar à sanha dos malfeitores! Morreram aí, na prática de missionários da catequese o "Padre Monsenhor" e mais cinco ou seis auxiliares. Dentre estes havia um índio Guaraní da terra, muito odiado pelos Caingangues. Era o "capitão" Honório.

E é admirável como se conseguiram escapar dessa rústica e macabra sortida, os companheiros do Monsenhor, Manoel Fernandes, filho daquele "capitão" indígena, Salvador Teodoro, Ignacinho e uma índia conhecida pela alcunha de "Ana Galinha".

* * *

Sabendo disto resolveram os exploradores cientistas a declaração de guerra ao índio. Contrataram para isto, sertanejos da terra, velhos caçadores habituais de bugres.

Penetraram os mateiros na zona, trilhando os caminhos sagrados do "Padre Monsenhor" e sua gente. Muito longe do local onde trabalhava a Comissão de engenharia, já deparavam êsses valentes caboclos com os esqueletos da santa expedição. E puderam reconhecer ainda no meio dêsse macabro achado, as vestes sacerdotais do chefe religioso e, por entre os panos clericais, quase extintos, lá se achava a caveira do missionário! Nêsse ponto do rio Feio existe uma corredeira, à qual se denominou e ainda hoje é chamada Corredeira da Caveira, ou Padre Claro.

Poucas semanas apenas eram passadas depois que a Comissão entrara na terra e já um incidente alarmante se espalhara, aterrador, entre os expedicionários. Ferido pelos índios, no seu posto de trabalho, o Dr. Humel sangrava! Socorrido pelo pessoal e o médico da turma, levado para Jaú, sob a guarda dos sertanejos, o engenheiro lamentoso e aterrado pelos caminhos, estava herniado no ponto em que lhe fisgara a pele, a seta indígena aguçada. Ferimento superficial e leve, mas que interessava, além da pele, os músculos da parede abdominal. Conduziram-no até ali os indômitos sertanejos da campanha, Manoel Fernandes, Luiz Wolff, João Carreiro, Pedrinho Sapateiro, Luizinho Camargo, Salvador dos Santos e Victor Manoel Ferreira.

Depois dêste sério episódio da "entrada", houve necessidade de se intensificar a guerra sertaneja. Cêrca de duzen-

tos bugreiros, equipados com boas armas de fogo, entre as quais havia mais de quarenta carabinas, sob o comando de Antônio Adão, Antônio Pedro, Pedrinho Sapateiro e Victor Ferreira, seguiram os engenheiros durante os trabalhos do levantamento regional.

Dois ataques sérios da parte dos selvagens, e duas alentadas investidas da resistência, contra as hordas destes, reduziram-nos ao silêncio. Não fôra preciso mais nada. Correram sossegados os trabalhos posteriores de reconhecimento do rio Feio-Aguapeí, até as margens do Paraná.

* * *

E a construção da linha férrea continuava sendo um problema de solução inadiável no raiar do atual século.

Da revisão de direitos concessionários suscitados pelo parecer do Club de Engenharia do Rio de Janeiro, o governo brasileiro, com a clarividência do Visconde do Rio Branco à frente do Ministério do Exterior, decretou, a 18 de Outubro de 1904: "A linha férrea de Uberaba e Coxim, de que é concessionária a Companhia Estradas de Ferro Noroeste do Brasil, terá o seu traçado alterado de modo a partir de Baurú, ou de onde for mais conveniente, no prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana e terminará na cidade de Cuiabá, devendo seguir pelo vale do rio Tietê em direção a Itapura, atravessar o rio Paraná entre o salto de Urubupungá e o porto de Taboado e passando por Baús, acompanhar a serra dêste nome até o seu ponto terminal."

E na exposição de motivos que encaminhava o decreto à assinatura do Presidente da República, lançava o ministro Lauro Muller, a seguinte justificação para modificar a diretriz: — "Sendo o objetivo da Estrada de Ferro Coxim da viação do sul de Mato Grosso, a mudança de seu ponto inicial para o prolongamento da Sorocabana, parece ser um ato imposto pelas condições atuais da viação. Com efeito: não só a Sorocabana é hoje uma linha de propriedade da

União, que, recebendo o tráfego da viação de Mato Grosso, vai sofrer valorização que virá diminuir muito, ou, talvez, anular o onus da garantia dos juros da linha a construir, como, além disto, em São Paulo dos Agudos cruzam-se as duas grandes artérias paulistanas: a Sorocabana e a Paulista, de modo que a linha a construir tem seu tráfego sempre garantido contra qualquer interrupção que porventura possa ocorrer na Sorocabana. Acresce ainda que para o porto de Santos, que é o que se oferece mais próximo de Mato Grosso, — notável é a diferença de percurso entre a que vier pela Sorocabana e a que se servir da Mogiana como tronco, e mais que aquela deverá em futuro próximo ficar ligada, com a mesma bitola, a tôda a viação do extremo sul e fronteiras do Paraguai pela Companhia São Paulo-Rio Grande e linhas do Rio Grande do Sul."

"Estas considerações indicam Baurú ou suas imediações como ponto inicial mais conveniente para o novo traçado da primeira concessão que tinha por objetivo o sul de Mato Grosso. O caminho que êle deve seguir está naturalmente imposto: é o fértil vale do Tietê, com o notável Salto de Avanhandava, que possivelmente virá a ser aproveitado como fôrça e o salto Urubupungá como local para encontrar o rio Paraná. Aí termina a parte navegável dêste rio até as proximidades das Sete Quedas. Por estatísticas fidedígnas se sabe que ha cêrca de 2.500 quilômetros de franca navegação nêste trecho do Paraná nos afluentes nêle compreendidos. Por essa razão parece que Itapura está mais indicada para a passagem da linha, do que Sant'Ana do Paranaíba, situada muito acima do salto de Urubupungá, no Paraná, cuja travessia em túnel se deverá estudar também, atenta à sua topografia, como já em casos semelhantes recomendei que se fizesse. Uma vez atravessado o Paraná começa a linha a entrar na região sul de Mato Grosso, a qual era o seu principal objetivo. Serve-se, porém, de um modo efi-

caz, porque, na impossibilidade de passar por Coxim, atentas às alagadiças circumvizinhanças, ela deverá se dirigir para a serra dos Baús e, seguindo pelos divisores de águas, em região, portanto, alta, irá até Cuihabá."

* * *

Por essa ocasião, o Estado bandeirante havia construído estradas. Importantes linhas de comunicações já se lançavam da Capital, encurtando as distâncias entre a terra e os grandes centros paulistas. De um lado em que se estendiam os troncos ferroviários do Estado, Sorocaba, Botucatu, Lençóis, e, de outra parte, Campinas, Dois Córregos, Jaú, Pederneiras e outras localidades, já eram importantes centros comerciais.

Certo dia, em princípios do ano de 1904, Pederneiras recebia festivamente uma comissão de engenheiros que vieram empreender estudos e demarcar naquela localidade a Estação inicial da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Recaiá sobre esta cidade a incumbência prévia de receber as bases do grandioso melhoramento.

Farta bagagem, constituída de aparelhos, ferramentas, petrechos diversos e tudo mais indispensavel ao empreendimento de longos estudos de exploração, locação e obra gerais, que demandavam demorada permanência nos sertões.

E a cidade esplendia em festa.

Offerecendo conforto e manifestações de carinho à turma especializada, que lhe ia trazer o maior elemento de progresso, a população pederneirense não podia ocultar o seu regozijo e entusiasmo.

Providenciava-se em bela e magnífica tarde, o iniciar-se ali a construção do primeiro segmento do traçado. Reunida na praça principal da cidade, festivamente embandeirada, a população de Pederneiras, em pêso, circundava os

elementos da comissão técnica, delegada científica do governo, à investida contra as rígidas paragens.

Nada faltava ali. Duas bandas de música vibravam, cantando nas ruas e no espaço. Foguetões ruidosos bombardeavam ao longe. Discursos retumbavam... Jorrava cerveja e espoucava champanha... E se enfileiravam na rua, alas de um equipamento completo de aparelhagem destinada a obras especiais: trânsitos, bússolas, teodolitos, grandes balisas vermelhas de faixa branca, correntes e bandeirolas, eram os instrumentos e acessórios encadeados entre a massa popular, que seriam conduzidos ao local, donde se originariam os trabalhos de campo.

Comprimida, risonha e exultante, toda a cidade ali se achava.

Dentre as autoridades locais, porém, uma só faltava até aquela hora à festa: era o prefeito municipal, já ansiosamente esperado.

Uma questão de ética política e de especial deferência e respeito àquela autoridade ausente, retinha ainda no mesmo local da praça, os engenheiros de campo e a população. Era dever e, além disto, era como que uma espécie de conforto moral para o povo e os próprios cientistas da construção, iniciarem os seus estudos à presença da autoridade investida da máxima função administrativa municipal. Mas o chefe do executivo não se dignava comparecer. Demorava-se impacientemente.

Foi quando, depois de já retardados os trabalhos, que uma comissão de engenheiros, magistrados e outras personalidades ilustres, representantes locais e de fora, se dispuzera a ir ao encontro do prefeito, até a sua residência. E aí chegados, em solene entrevista reiteraram-lhe os emissários, o convite anteriormente apresentado ao chefe pelo diretor da expedição ferroviária. O homem naquele dia, andava aborrecido e incomodado... Em face de tão honrosa quanto solícita e delicada insistência, a resposta da autoridade iras-

sível e neoropática não se contivera — atroante, explosiva e arrasadora, desapontando a comissão, fulminada de espanto! Berrara, ao primeiro instante do encontro, que não iria! E revidando imediatamente a carga, sem nenhuma razão e proporção capaz de justificar semelhante atitude, lançara contra os presentes, atônitos e horrorizados, a corriqueira frase: — “Tanto tem daqui lá, como de lá cá!” —.

“De lá cá” . . . Pomos aqui com toda a forma e autenticidade, a frase desconcertante da explosão.

Menos envergonhados do que abatidos de surpresa e desapontamento, regressaram os emissários da gentilíssima incumbência, à praça pública, esplendente e continuamente em festa.

E dentro de poucos instantes, circulava entre o povo a notícia aterroradora.

Severamente ofendido, o chefe de engenharia, abster-se de palavras, discreto de atitudes e educado, ordenara, disfarçadamente o recolhimento ao depósito de todo aquele instrumental e petrechos, suspendendo, àquele, dia, a inauguração festiva do serviço. E a massa popular intolerante, esbravejara, epitetando a grosseira autoridade e exigindo o prosseguimento, com toda pompa, das festividades, que haveriam de cumular num esplendor e num encantamento sem precedentes ali, de simbólica e expressiva solennidade. Mas a corporação de técnicos se recolhera também aos seus aposentos residenciais.

E acercada aí das figuras mais representativas da sociedade de Pederneiras e, além disto, em derredor da cidade e circunsjacências mais distantes municipais, palestrava, intencionalmente calma a cerca de diferentes assuntos estranhos ao tema relacionado com o incidente.

Percebia-se, no entretanto, um disfarce forçado e custoso das cousas. . . No íntimo de cada uma daquelas consciências perpassava um quer que fosse de fundo e invencível ressentimento. . .

Fôra ali então, naquele mesmo lugar e aquele momento, que surgia a figura magnífica de um homem, até então, despercebida e apagada no seio da delirante multidão. Entrara inopinadamente na sala do hotel e se aproximara da roda de circunstantes, àquela hora duvidosa de apreensões, para salvar as aparências e, talvez, a própria situação reinante. . .

O recém-chegado era um desses tipos sertanejos de caboclo nacional autêntico. Trajava fãtiota de brim amarelo, grosso; usava chapéu pardacento de abas largas; lenço branco atado ao pescoço, em forma de gravata; e calçava botas e esporas. Apresentava-se à semelhança de um viajante, logo apeado de sua cavalgadura, ou, que, dentro em pouco montaria para encetar longa viagem a cavalo. E pacífico, e meigo, e respeitoso, aproximara-se do grupo de engenheiros. Procurara falar mais diretamente ao chefe destes, que o ouvia com atenção e simpatia.

Tratava-se de uma dessas figuras estupendas de dulcíssimo sertanejo, apenas conhecido por aqueles que percorrem o interior brasileiro; uma figura vibrante, jovial, ao mesmo tempo comunicativa e meiga, de cujos olhos desassombrados e francos, esplendia sinceridade e se irradiava toda a expressão e a vontade de sua alma. Estampava-se-lhe pois, na face, a lealdade, que lhe ia no coração. Simples, rústico, maneiroso e bom, o camponês trazia à submissão do juízo das autoridades ferroviárias, um gesto conciliatório de finíssima dignidade.

Trouxera até ali, então, a própria incumbência de aliviar, ou redimir as culpas do senhor prefeito. Rogava por isto, encarecidamente aos “ilustres doutores da Estrada de Ferro”, que exculpassem a momentânea atitude do chefe municipal de Pederneiras. . . E acrescentara: — era este um homem doente, nervoso, vítima de achaques e crises dolorosas periódicas, moléstas e terríveis. . . No fundo d'al-

ma, porém, o senhor prefeito não era menos que um bom amigo e servidor, que não mereceria nenhum ato de desconsideração e represália. Tôdo o incidente não tivera nenhuma significação aleivosa ou menos dígna, capaz de menosprezar os "senhores doutores", que deveriam encerrar alí mesmo aquela impressão, de pessimismo e desconfiança." E como não houvesse tanta pressa de se reiniciarem aqueles trabalhos há poucos instantes interrompidos, êle, o dígno sertanejo, trazia-lhes a sua vontade de os convidar a tôdos para passarem dois, três, ou quantos dias pretendessem, na sua fazenda situada alí mesmo, à pouca distância da cidade. Lá na tranquilidade de um sítio campestre, os bons amigos haveriam de apreciar as delícias de um leite puro e fresco; assados de leitoa e jacutinga; despaireceriam a cavalo pelos campos sossegados, em caçadas e pescarias atraentes.

Boa montaria, adestrada matilha, espingadas, munições e anzóis estavam lá, à disposição dos visitantes. E acrescentando, teria reforçado o convite, dizendo textualmente e da seguinte maneira: "Se os doutores quizessem me dar esse prazer, iriam comigo agora mesmo, nesta bela tarde e, assim que desejassem regressar a Pederneiras, êste mesmo criado seria companheiro, também, na viagem. Assim, deixariam por lá tôdo o aborrecimento desfeito e esquecido. Os campos que lhes ofereço para seu passeio e diversões, demandam não muito longe desta cidade, lá na próxima adjacência de Baurú. A nossa tapera lá está e é também sua."

Tão amável, tão distinto e oportuno convite não poderia, de nenhuma forma, ser rejeitado. O sertanejo insistira ainda, e o seguiram afinal, os engenheiros, para depois voltar. . .

Chegando á propriedade do caboclo, não se arrependeram. Cumprira o nobre sertanejo a sua promessa, com surpresa além de tôda expectativa dos visitantes. Cumula-

dos de carinhos e gentilezas de mais altas considerações, de mais pura e angelical estima, êstes, num penhor de profunda e eterna amizade, iam, desde logo, se cativando alí em casa de simples e leais amigos, à medida que se prolongava aquela convivência campestre, nos arredores da pequena cidade.

E por tôda uma semana permaneceram lá. Até que noutra bela tarde recebera o sertanejo da parte de seus ilustres hóspedes, já, então, queridos de tôdos de casa, uma revelação surpreendente e inesperada. Quando tôda a gente, ainda se achava assentada à vista de uma lauta mêsá de jantar e terminava a refeição, levantara-se, antes do momento habitual o diretor de engenharia e pronunciara as palavras seguintes: — "Senhor coronel Azarias Leite. Falando por mim e meus companheiros de trabalho, bem frágeis hão de ser as palavras que vou dizer aquí, destinadas a lhe manifestar e a sua distinta família, os nossos melhores e mais francos agradecimentos.

"Assim, eu falo também em nome de meus colegas. Tôda ventura e alegrias sentidas e experimentadas nesta convívio de belas tradições e mansa tranquilidade; de sublimes e tradicionais costumes, da mesma forma em que se apresentam os lares da família sertaneja brasileira; tôdo o bem e homenagens que recebemos nesta casa, onde só o trabalho honesto e os requintes mais puros do dever e da honra, se encontram e se dignificam em altíssimo braço de sinceridade, estas homenagens prestadas a meus companheiros, na qualidade de operários destacados nos recantos desta terra para efetuar estudos de alta envergadura ferroviária; homens, também, dirigidos por mim, na representação de um companheiro mais graduado nesta campanha da Noroeste do Brasil. Não pretenderia com isto, lhe ferir, talvez, a encantadora modestia de homem simples do sertão. Mas, também, eu não me poderia calar e proceder de outro modo, diante de um amigo carinhoso e bom, desinteressado

do de mínima compensação em troca de benefícios e gentilezas prestadas a nós outros, ainda ontem desconhecidos, proporcionando-nos o conhecimento direto deste sítio e suas adjacências. E bem sei que o seu magnânimo coração se expande alegremente de estima votada à cidade de Pederneiras e sua gente. No entanto, ousou subtrair àquela cidade e a seus amigos de lá a oportunidade de alcançarem um elemento maravilhoso para o seu progresso. E este elemento indispensável à civilização social, instalar-se-á aqui, nas proximidades desta casa.

Importa, no entanto, assinalar-se que não pretendia eu lhe oferecer coisa alguma em retribuição a tanta benevolência e tão amiga hospitalidade.

O prêmio ao seu merecimento não se estima senão pelo valor inestimável de uma coisa que não será moeda de outro.

Tôda a alegria e ventura que eu e meus camaradas aspiramos aqui, sob o mesmo teto que abriga a tantas criaturas, vêm de corações e se apresentam gratuitas.

E apesar disto, não possuímos nada que lhe pudéssemos oferecer em retribuição. Eis, porém, as ciências positivas da engenharia, e serão elas que, após a visita demorada à sua fazenda e campos adjacentes, resolveram lhe apresentar alguma coisa além de nossos agradecimentos e louvores, proferidos, apenas, de nossa própria parte.

O lançamento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil se vai processar daqui, quase das portas desta bendita casa, para se estender através dos desertos e atingir fronteiras e países internacionais distantes. Sairá de Baurú. E há de ver, então, dias futuros de esplendor.

Os serenos campos e os fluentes riachos, que nos circundam, hão de ver surgir a edificação de uma portentosa cidade, como a metrópole da região.

Erguer-se-ão pouco além dos pilares desta hospitaleira casa, os edifícios da imponente metrópole do sertão. E a passadeira e tôda a fauna mansa destas adjacências, cantarão um dia, saudades dela.

E outras viagens hão de se ter aqui.

Serei, porém, mais claro e positivo: as digressões feitas, caçando, ou passeando nestas campinas e além delas, nos proporcionaram ensinamentos preciosos para o desempenho da nossa missão. Passeando e distraído com meus colegas, trabalhei também. E os campos percorridos durante êsses dias de recreio, de férias e inesquecíveis prazeres de nossa vida, estão vistos e estudados com precisão e detalhes. Tanto assim que, se nós não aproveitássemos êstes estudos, representados em traços geométricos de um plano delineado no conjunto de novos projetos, já importaria numa questão de honra profissional, antes denegada e repelida por nós próprios, se consentíssemos que em outra parte se iniciassem os trabalhos da penetração ferroviária sertaneja.

E pesa a responsabilidade técnica desta obra.

Estas palavras, repassadas de comoção e sinceridade, proferidas com a maior alegria que eu tenho tido em minha vida, poderão traduzir o preito de nossa amizade e a dedicação, que havemos de votar a esta casa, e possam elas encerrar a expressão de nosso particular agradecimento a êste sertanejo, que nos indicara, sem o perceber, e por simples gesto de hospitalidade, a verdadeira porta de entrada à região. Daquí partirá a Noroeste do Brasil.

E o nome dêste homem, há de se elevar ao pedestal de mais justa e remota posteridade, refundido à glória desta grandiosa empresa.

O nosso reconhecimento há de conduzi-lo sob um pátio de imorredoura gratidão e, no dia em que se escrever a história de Baurú e a mística do seu esplendor, uma colu-

na erigida em praça pública da cidade ostentará a efígie daquele que fôra o maior bemfeitor da terra e da causa destes sertões.”

Azarias Leite, confundido e repassado de comoção, tocado até quase às lágrimas, às fibras mais íntimas da sensibilidade, respondera à tocante saudação. As suas últimas e trêmulas palavras, no entanto, contrariavam em tese aquela deliberação da técnica, afirmando não estar inteiramente satisfeito com a mesma. Na sua opinião, desviar de Pederneiras a primazia da Estação e pontos iniciais de trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, importaria num atentado contra direitos adquiridos, que, ao mesmo tempo, arrebataria àquela cidade e a seu povo o elemento original de progresso e desenvolvimento. Além disto, possuía êle amigos queridos e merecedores alí, de sua consideração, estima e confiança. A cidade alijada dêsse elemento de progresso fôra criada por êsses seus amigos. E acima de tudo em sua existência estaria o conceito em que se deveria manter os deveres de lealdade e consideração às pessoas de sua estima. Contudo, se outro recurso não houvesse à altura de solucionar a mágnã questão, êle a deporiar nas mãos dos técnicos, preferindo, no entretanto, que partisse de Pederneiras e não dalí, o avançamento da via férrea.

Mas à simples exposição dêste preceito contraditório, onde, também, se expunham razões de melindrosa significação, retrucara outro componente da expedição: — “E’ que não fala nesta hora, somente um espírito forçado e demovido pelas sublimidades da gratidão, ou, ainda, não se exprime uma consciência imposta, apenas, pelo sentimentalismo e os afetos da amizade e a admiração mais puras, incerta, suspeita e incapaz de apreciar a matéria sob o aspecto em que ela verdadeiramente se apresenta. Pronuncia-se agora a voz inabalável da ciência e do dever, ante os interesses nacionais, determinados e ditados pela técnica

E mais justa, mais bela, mais alta e clamorosa, uma outra voz se alevante nêste momento: a voz do patriotismo. Aquella expressão divina, que vai direita aos corações, sobrepondo-se a tudo, mesmo à propria existência, como a voz mais pura da verdade.

Servir o Brasil, mãe-pátria generosa, de quem sois vós um dos verdadeiros e submissos filhos.”

* * *

E não se haviam passados três semanas após a surpreendente deliberação dos expedicionários dos desertos, e já eram transferidos da cidade de Pederneiras para Baurú, instrumentos científicos, ferramentas, bagagens e tudo mais, além de operários, que iriam traçar nos sertões a linha da Noroeste do Brasil.

Tudo afinal, organizado, e bate-se aí o marco inaugural do roteiro penetrante. Inicia-se a exploração do deserto e o reconhecimento da diretriz Baurú-Itapura. O venerável teodolito, antes enfeitado de flôres artificiais e fitas reluzentes desde o dia em que se alinhara com seus companheiros de trabalhos na praça pública de Pederneiras, vai medindo, na trajectória do roteiro, os ângulos reduzidos do horizonte, para nivelar os campos e abrir o trânsito à longa penetração. Despido aí daqueles arabescos festivos, modesto, silencioso e nú, o instrumento geodésico das infinitas linhas, fincado no centro de uma trilha de avançamento, fixa as alturas do zenite, ou mergulha as lentes nas trajetórias das direções.

Baurú, o quase pequeno arraial desconhecido e morto, fadado, talvez, aos mais profundos sossegos vivos, constituido de raras e toscas habitações, reunidas tôdas em torno de uma igrejinha, ao tempo em que os decretos governamentais citavam-lhe o nome e lhe davam a primazia da

grandiosa Estação, agora, por determinação da estratégia ferroviária, se iria tornar em centro de notável atividade, e ser, dentro em pouco, o ponto vitorioso da penetração ferroviária.

Os trabalhos entraram e correram quase normalmente, durante o transcurso do longo sertão. Poucos vestígios do aborígine regional, tão bravo e intolerante contra os mais pacíficos incursões na terra, e poucas lutas se depararam através da larga travessia.

Concluiu-se o levantamento técnico e se projetou o traçado, em gráficos e planos definitivos.

Já era tempo de dar execução às obras do empreendimento.

EXPLORAÇÃO DA NOROESTE

Os Engenheiros

Entrada no grande sertão com o levantamento dos seus rios; estudo dos seus maravilhosos saltos e visitas às suas antigas Colônias Militares de Avanhandava e Itapura.

Rio Feio-Aguapeí

Rio do Peixe ou Tigre

Rio Tietê

Salto de Avanhandava

Colônia Militar de Avanhandava

Salto de Itapura

Colônia Militar de Itapura

Rio Paraná

Salto de Urubupungá

OS ENGENHEIROS

Já por essa ocasião, meados do ano de 1905, a Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio, tornada, sob a orientação do Dr. Carlos Botelho, um instrumento notabilíssimo na Administração estadual, havia determinado que os mais notáveis engenheiros e botânicos da Comissão Geográfica, nepetrassem êsses sertões desconhecidos e assinalados nos mapas com a simples legenda de "terras habitadas por selvagens", afim de estudar as suas florestas e cursos principaes de seus rios. Aquele ilustre auxiliar do govêrno. trabalhador infatigável, desejava tornar conhecido latifúndio brasileiro, e se fizera, em verdade, precursor da eminente obra, de patriota, de ciências econômicas e expansionismo.

Em dias recentes, formosa publicação na imprensa estadual (*), reportando-se àqueles tempos de históricas iniciativas, em que se evidenciara no país, operosa e movimentada, a gestão daquele inolvidável estadista, ainda hoje entre os vivos, e já entrado, sem nenhum favor, e são e forte, na casa dos varões otogenários. E vem, nesta altura de sua existência verificando, há muito tempo, os frutos de antigas determinações funcionais, e até se conta, que certa vez, quando interpelado a respeito das causas originárias de tamanha e tão fecunda longevidade, o doutor Botelho, aus-

(*) — Artigo no "Estado de São Paulo" — 11 de Março de 1944.

tero e quase taciturno, tal como é o seu temperamento característico, mas não podendo às vezes, ocultar discreta e íntima centelha de ironia e facecie,, respondera: — “A razão disto é simples: eu não janto, nem levo desaforo para casa.”

E a atividade dêsse homem público se fizera sentir então, em mais variáveis setores de matérias administrativas a seu encargo. Na divisão agro-pecuária do seu ministério, êle se tornara grande inspirador de idéias e iniciativas concretizadas em obras notáveis, quanto ao desenvolvimento da agricultura e a introdução da raça bovina e caracú, nos rebanhos do Estado.

Todavia, um tema ainda interessante se evidenciara naquela mesma publicação jornalística. A maneira como suas expressões estranham o silêncio e o esquecimento quase, em relação à magnífica determinação da Secretária, que levara para os mapas modernos, o levantamento topográfico no extremo oeste do Estado, onde ingressaram com êsse intento, engenheiros abnegados, num tempo em que a deficiência de instrumentos profissionais e meios de transporte se antepunham à realização da gigantesca obra, sem contar o sol ardente, as intempéries, as feras, os indígenas e as doenças, se tornaram heróis anônimos, revelando-se técnicos competentes na ciclópica e temerária empreza.

Aí, pois, está como deveria ser interessante o reavivar dêsse período remoto da história expansionista de São Paulo, para imprimir sempre na memória das gerações sucessivas, os nomes e os feitos de uma plêiade de homens, que abandonaram o estágio confortável dos gabinetes para encetar a grandiosa exploração da Noroeste.

E cursos de rios foram seguidos, deslizando-se através de águas mansas, ou se precipitando nas corredeiras, varando além, a passo e passo, as matas seculares, quando os obrigavam a romper as florestas marginais das praias, a fúria das catadupas. A braços remadores e impulsos de “va-

reiros” se rasgaram infinitos cursos, como o Tietê, o Feio-Aguapeí, o Peixe, ou Tibre e o Paraná, desde a fóz do Rio Grande até a barra do Paranapanema.

E nunca houve nos sertões epopéia mais bela e ousada. Sobrepondo-se aos trabalhos das Comissões Telegráficas, entranhadas em desérticas regiões mais amplas, os feitos dêsses técnicos de coordenadas geográficas e declinações magnéticas, trouxeram dentre sacrifícios de vida e padecimentos de trabalhos, um serviço incomparavelmente grande à Nação. Mas a sua obra se tornara inesquecível. Nem o heroísmo de um geógrafo, um naturalista e um astrônomo, que constituiu a exploração solitária do rio Xingú no ano de 1884, quando os doutores Karl Von Den Steinen, Otto Clauss e Wilhelm Von Den Steinen, primeiros exploradores do Brasil Central, que partiram da embocadura do rio da Prata, vararam para além dos cimos do Roncador e, antes de contemplar a maravilhosa paisagem do Tombador, alongada entre Cuiabá e Diamantina, já atingiriam a concha plañaltina, donde jorram para os rumos do norte as primeiras torrentes do Tapajóz, Paranatinga e o rio das Mortes, como antecursores do Xingú e o Araguaia; e para as bandas do sul, representam os altos declives, onde correm os tênues fios de águas formadores do São Lourenço e o Paraguái.

Transpuzeram adiante, as confluências do Ronuro e o Kuluene, auxiliados apenas pelas tribus indígenas dos Baciris, Custenáus, Manitsauás, Suiás, Zurumas e temendo sempre os astutos e traiçoeiros Trumaís, até o estuário do Amazonas, no Grão Pará. E fôra êste o primeiro e mais distante conhecimento científico de um País Central, engastado no lendário coração do Brasil.

No entretanto, nem deante de tanto heroísmo e tão grande empreendimento, se poderia comparar, já pelas dificuldades encontradas em caminhos, ou pela transcendência dos estudos efetuados, o valor da engenharia brasileira,

naqueles tempos distantes, reconstituída entre remansos, estirões e catadupas; velada pelas florestas de bacurís e caneleiras — no rio Paraná; sob frondes de figueiras pretas e engazeiros — no Tietê; admirando perobas gigantes — nos rios Feio e Aguapeí; no páu marfim e o jatobá — no rio do Peixe; ou, se confundindo com as tribus bravias dos Caingangues, as nações Chavantes, Guaranís, Caiapós, Botocudos e Caicás, de tôdas as selvas dominadoras.

E tudo que êste grupo de cientistas ousara experimentar, afastado no íntimo dos desertos ainda não revistos, sentidos e palmilhados, se tornara imaginariamente inconcebível. O seu feito, tal como se elevava no conceito de seus pares contemporâneos, há de chegar aos grandes do futuro, para se projetar às culminâncias de tudo que mais puro existe na alma dos povos cultos, donde mais sagrado e esplendoroso, irá soar nos anfiteátros de ciências.

E percursemos pois, as rudes trilhas dêsses engenheiros.

EXPLORAÇÃO DO RIO FEIO- AGUAPEÍ

Chefiada pelo engenheiro Olavo Humel, partiu a comissão técnica, composta dos engenheiros Gentil Assis de Moura, Júlio Bieremback de Lima, Mario Airoso, botânico Gustavo Edwell e médico Abílio Sampáio. Reuniu-se tôda turma em Baurú, onde se fizeram observações astronômicas de temperatura e declinação magnética. Daí se seguiu viagem no dia 11 de Junho de 1905, atingindo-se em 17, já em pleno sertão, a estaca 430 da exploração da Companhia Noroeste do Brasil, numa altitude de 559,36 sôbre o nível do mar.

Ficava esta primeira referência de estudos na vertente do rio Tietê, 800 metros apenas da estrada geral lançada ao rumo sertanejo, e distendida através do espigão divisor de águas entre o rio Feio e aquele curso. Já nêste ponto vertente do rio a se explorar, se fizeram simultaneamente, dois levantamentos: uma turma acompanhou aquela estrada e outra seguiu na direção do cafezal da fazenda do Acampamento. E rompendo campos a picada exploradora atingiu o rio e o atravessou, obtendo-se assim, a primeira base fixa nêste. Avançando ainda, fôra alcançada a margem esquerda do rio e aí a foz do córrego Barreiro, onde Bieremback de Lima construiu um depósito provisório. Concluiu-se o levantamento até nêste ponto pelo caminho do córrego Can-Can, bem como a exploração da estrada conduzida ao rumo da fazenda de Joaquim Santos, morador na

água da Corredeira. Após várias pesquisas a comissão seguiu através da margem do rio Feio, acompanhando mais ou menos a diretriz da turma do rio do Peixe. E por terrenos próximos ao rio, favoráveis à marcha, se deu início a exploração, apesar dos inúmeros brejos e alagadiços dificilmente atravessados. Somente sobre estivas, as vezes, maiores de 100 metros, é que se conseguiu a transposição desses obstáculos. Os córregos formadores deles se precipitam quase a prumo dos espigões para se alargarem imediatamente em brejos e atoleiros de centenas de metros de extensão, até se desaguar no rio. Distante das margens fluviais, os terrenos poderão permitir trânsito depois de um trabalho exaustivo de enxadão e picareta.

A 15 de Junho, depois de chegar um destacamento da força pública, mudou-se a turma para a fazenda de Joaquim dos Santos, e dentro de poucos dias, se procedeu o reconhecimento de extensa vizinhança. Auxiliado pelo engenheiro Mário Airosa, afim de tentar saída mais favorável, logo se verificou que o terreno continuava difícil à travessia, onde os afluentes da margem esquerda correm em escarpa de inclinação fortíssima, além da existência de outros brejos extremamente largos, já próximos a barra da Agua da Corredeira. Este córrego, desviando-se para o norte e se inclinando para a leste, orientou a turma para abrir um picadão entre norte e nordeste, ao rumo do rio Feio até abaixo da barra daquele curso. Destacou-se aí uma turma sob as ordens dos engenheiros Bierremback de Lima e Mário Airosa afim de efetuar exploração em diferentes sentidos transversais, enquanto o engenheiro Humel, explorava a partir do acampamento, em direção ao sertão, ao passo que se encarregava do levantamento geral o engenheiro Gentil de Moura acompanhado por um colega ajudante.

O grosso da turma vinha atrás, alargando o picadão, derrubando o mato alto.

Até as primeiras horas desse dia correram os trabalhos sem novidade. A certo momento uma turma havia atravessado um brejal de 80 metros de largura e já galgava uma pequena escarpa, quando, repentinamente, partiram do mato circumvizinho várias saraivas de flechas, único sinal, até ali, que denunciava presença de índios. Armado de revolver, o chefe da turma disparou alguns tiros quase a esmo. Foi, então, que, após o último disparo, os indígenas até aquele instante ocultos, surgiram em campo limpo aos gritos de upa! upa! E nova descarga de flechas, sibilando no espaço, viera ferir o engenheiro Olavo Humel. Socorrido e amparado por camaradas mais próximos, fôra o ferido transportado para o acampamento, onde recebeu socorros médicos. Uma outra descarga de carabinas respondera a agressão indígena. Seria necessário avisar tôdas as turmas da expedição e o pessoal da fazenda de Joaquim dos Santos, aquela hora, em trabalhos nos campos circumvizinhos, se expunham ao mesmo perigo.

Chegam à Baurú e à Capital paulista a comunicação do incidente e, dias após, 24 de Junho, compareceu ao local o chefe da Comissão Geográfica Dr. João Pedro Cardoso, que determinou retrocedesse a turma até Can-Can, afim de continuar pela margem direita, a certa distância do rio, os seus trabalhos, e onde antigas trilhas através das matas, facilitavam os serviços numa extensão de 18 quilômetros até a fôz da Agua da Lontra. Neste itinerário, somente um grande brejo se antepunha à travessia, obrigando a turma a cruzar novamente o rio para a margem esquerda, enquanto, no lado contrário permanecesse o pantanal.

Adeante se reorganizaram os trabalhos pela margem determinada. Nisto se transportaram as barcas para o Barreiro. E nessa transferência de acampamento foram ainda levados o engenheiro e dois outros homens feridos. Daí partiram os engenheiros Mário Airosa e Bierremback de

Lima com grande pessoal, afim de construir novo depósito e acomodações para o pessoal em Can-Can. Dias após, marcharam de Barreiro, iniciando o picadão até a Lontra, tendo ficado uma turma em Coqueirão, ponto em que havia chegado o levantamento feito pelo engenheiro Gentil de Moura e que avançou daí ao longo do córrego do Can-Can abaixo, até alcançar a barra dêste, no rio Feio. Mudou-se afinal, o acampamento para a Lontra. E aí, não podendo trabalhar e suportar seus padecimentos, o engenheiro Humel partiu para São Paulo afim de completar tratamento e se restabelecer.

O rio Feio, na parte explorada por êste notável técnico e seus auxiliares, atravessa terrenos densamente recobertos de florestas. O sub-solo se constitue de grês e a flora é uma multidão de arvores colossais, padrões de terras férteis.

Escrevendo, mesmo doente, declara textualmente, o ilustre engenheiro, nas seguintes e últimas palavras: — “Quanto aos companheiros, quer colegas, quer médico, ou botânico, só poderei elogiá-los pela maneira correta com que cumpriram os seus deveres. Sempre reinou a melhor harmonia entre tôdos, o que também muito concorreu para facilitar a execução dos trabalhos.”

Assumia a chefia da turma, dora em diante, o engenheiro Gentil de Moura.

Na margem da Lontra, deparou a turma com uma derubada de mato para plantio de roça, onde moravam índios Guaranís mansos numa aldeia denominada Guaraniúva.

No ano de 1900, já atingindo aquelas paragens, monsenhor Claro Monteiro, em missão de catequese e, ao passar nêsse aldeamento, levava diversos índios da tribo, antes que a povoação indígena fosse destruída por constantes ataques dos Caingangues, ou Coroados.

Movimentando-se para a frente, a comissão atingiu o ribeirão da Barra Grande, onde atravessou o rio por meio

de uma ponte de estivas, construída sob matas baixias daquele curso.

Fez-se acampamento nas vizinhanças da queda da Corredeira, seguindo-se dora em diante o picadão sempre ao longo da margem direita até o quilômetro 101. Penetrando terrenos de sua declive, devido aos banhados, e em trânsito livre por todo o curso d'água, esta via de acesso foi aberta em largura variável de três a seis metros, numa extensão superior a cem metros. Ainda anteriormente, quando se atingira a Agua da Lontra, verificou-se que, se o rio não permitisse franca navegabilidade, oferecia ao menos, com algum trabalho, relativo trânsito para canôas. Fôra então, aventada a hipótese de continuar dali para baixo o levantamento do rio em barcos, ao mesmo tempo que se ia abrindo o picadão marginalmente. E tão cedo chegasse, da chefia geral, a devida autorização, se construiria no Jacaré um lote de embarcações apropriadas, confiando-se ao engenheiro Bierremback de Lima a exploração, que, ao fim de um mês, atingia facilmente a barra do rio sobre o Paraná, depois de um percurso de 500 quilômetros por terra e águas. O levantamento e o nível do picadão foram verificados a taqueômetro e medidos a bússola e relógio as sinuosidades do rio.

O rio Feio nasce a 40 quilômetros a oeste de Baurú, numa elevação formada na serra dos Agudos, que dá origem também as cabeceiras dos rios do Peixe, Alambarí, São João, Batalha e Dourados. Derrama-se de altos píncaros de 600 metros, indo se lançar, com o nome de Aguapeí, no Paraná. Até a foz do rio Tibiriçá, onde perde o seu nome original, mede êle 70 quilômetros de curso, e dali em diante, em vale inferior, tem um percurso total de 500 quilômetros. Seu curso é sinuoso e de orientação inconstante. Sua largura varia entre cinco metros na fazenda da Faca e, num crescendo de volume, atinge 44 metros na barra do

Aguapeí. Até a sua embocadura sôbre êste, o rio Feio mede uma profundidade média de 60 centímetros. A área de seu vale se iguala a 12.000 quilômetros quadrados, cuja vegetação se compõe de cerrados, frondosas e altas matas. Abre-se êste vale em terreno ondeado e recortado por outros pequenos vales, onde correm ribeirões afluentes. O regimen de distribuição dessa drenagem imprime àquelas regiões o aspeto monótono e triste, observado desde Baurú, cujo horizonte termina a menos de meio quilômetro do observador. Somente se desvenda um horizonte largo, do alto cafezal da Faca, que domina a região desde as nascentes do rio Feio até as cabeceiras do Barreira e Corredeira. Inúmeros ribeirões numa e noutra margem, irrigam a zona até o Presidente Tibiriçá, que se funde com êle, donde continúa o rio em baixo curso de prolongamento, denominado Aguapeí. Depois daquele rio, cujo volume de águas se equivale ao seu, num percurso de 30 quilômetros aproximadamente, considerado o mais importante, vêm em ordem descendente de importância, os ribeirões Barreiro, Palmital e Taquaruçú.

O divisor do rio Dourado, que se distende quase paralelo ao rio Feio, forma, com pequena extensão, os vales dêsses ribeirões. A tal regra dominante de sistema hidrográfico, não obedecem, porém, os córregos Pedro Claro e Barra Grande, que recebem numerosos pequenos afluentes. Desde a barra da Agua da Faca até a alguns quilômetros além da foz do Presidente Tibiriçá, o rio tem um declive manso, com velocidade média de 30 centímetros por minuto. A partir dessa foz, o seu leito se torna acidentado, em 34 corredeiras e uma escarpa de 16 metros de altura, onde se derrama o rio, formando o salto Dr. Carlos Botelho. Passando o trecho de corredeiras numa extensão de 130 quilômetros, o rio, até a barra, é francamente navegá-

vel para pequenas embarcações. Até o meridiano de Avandava, a sua direção é N.N.O. Daí por diante êle se inclina para o oeste e vai nêste rumo até a barra.

A serra dos Agudos, nas nascentes do rio, tem a superfície plana, em forma de uma semiesféra e, ao passo que se vai tornando escarpada na Faia, no Acampamento, até o trecho entre os córregos do Barreiro e Corredeira, se transforma em grandes paredões nas cabeceiras dêstes dois córregos. E ainda elevada no contraforte divisor de águas em Corredeira e ribeirão Bonito, vem se abaixar mansamente num ponto marginal do rio, fronteiro a barra da Lontra. O antigo itinerário dos bandeirantes, as excursões laterais feitas aí, em alguns rincões e para os lados da contravertente do Dourado, são elementos dos quais se deduz das disposições dos terrenos. Leves declinações, as vezes, brandamente acidentadas nas margens dos ribeirões, quase que caracterizam a topografia regional. À margem esquerda, lançando-se, a princípio, num terreno acidentado, vai terminar numa infinidade de brejos, desde a Corredeira até o Presidente Tibiriçá. E' esta a margem que abrange maior área. A depressão formada pelo salto Carlos Botelho se apresenta a maneira de limite das terras altas da região, cujo extremo massiço, se origina no salto de Urubupungá, cortando em linha reta os saltos de Itapura, Carlos Botelho e o Salto Grande, no Paranapanma.

A região, riquíssima, povoada de padrões vegetais de terra de primeira qualidade, dotada, além disto de um clima esplêndido, estava fadada a ser um centro de riqueza e prosperidade no Estado de São Paulo.

Com a incumbência de explorar o vale e resolver a questão muito controvertida do verdadeiro local, onde se deveria desaguar o rio Feio, no Tietê, ou no Paraná, segundo se dizia, de um ou de outro modo com atenuantes de verdade, levou-se a efeito, da melhor maneira, a expedição.

Dividiu-se então, o pessoal em duas turmas. Uma continuaria os trabalhos por terra e a outra desceria por via fluvial. Foi pois, designado o engenheiro Bierremback de Lima para chefiar a expedição anfíbia. E partiram dez embarcações, conduzindo 40 homens experimentados. O ataque ao aborígene, dora avante, seria afetuado por cinco caboclos bem armados e práticos de mato.

Ao primeiro dia de viagem já se encontravam pelos caminhos, vestígios de selvícolas, desde a véspera, a espreitarem o local de embarque. Dois dias após de marcha através de inúmeros obstáculos e estirões, se atingiu as proximidades do acampamento da Lagoa, onde alguns estampidos e toques de corneta, despertaram a atenção dos expedicionários. Adeante, ao depararem um aldeamento de bugres, donde há tempos, voltara o engenheiro Silvio Saint Martin, quando tentara explorar o rio pelo mesmo itinerário, verificaram que tôdo aquele bulício provinha dali. E desceram a torrente, interrompidos por vezes, onde se antepunham grandes toros de madeira tombadas recentemente de margem a margem do rio, sob incessantes descargas de armas indígenas. Abaixo do "Acampamento 15 de Novembro" fôra a expedição surpreendida por uma emboscada de selvícolas. Houve intenso fogo de carabinas e, após dominado o perigo, as pesquisas encaminhadas sob a mata, depararam as folhas e o solo salpicados de sangue num largo círculo, repleto de armas indígenas. Nêsse dia a proesa dos valente mateiros contratados para a defêsa da comissão se impôz à confiança dos engenheiros, desvanecendo tôdo temor e apreensões futuras. Os índios tiveram que abandonar a margem do rio. Agora, descendo, a técnica secção de exploradores, as vezes, até se acampava nas proximidades de aldeias existentes ao longo dos caminhos. Laços e outras armadilhas preparadas pelos selvícolas se disseminavam

margem abaixo, onde antas e caitetús mortos, laçados, atraíam, em decomposição adeantada, bandos de urubús.

Depois de uma grande tempestade, o rio transbordante facilitava a viagem das frágeis canoas, que desciam à mercê de águas volumosas. De quando em quando, percebiam os bugreiros dos sertões a aproximação de índios sorrateiros, debandados em lutas, que deixavam nos campos após a fuga, arcos, flechas, varas de pescar e outros objetos. Contudo, ao longo da descida se atingiu um local à margem do rio, onde, segundo informações do guaraní Antonio Roque, camarada da turma, seria o ponto em que fôra trucidado monsenhor Claro, chefe da catequese e diversos companheiros, no ano de 1900. A se julgar pelo que fôra encontrado aí, é bem verdadeira essa informação de Antonio Roque: objetos pertencentes a expedição religiosa, além de ossos de esqueleto humano, talvez do próprio monsenhor. Outras pesquisas levadas até mais longe, não lhes permitiram, entretanto, descobrir um marco deixado pelo catequista, segundo testemunho do mesmo informante.

Atingiu-se abaixo o rio Presidente Tibiriçá e se lhe procedeu o reconhecimento, cujas nascentes deveriam descer dos contrafortes dos ribeirões da Corredeira e Barreiro. O rio Feio, a partir da barra dêste afluente, tão volumoso quanto êle, oferece mais fácil navegabilidade. E prosseguiu a turma de carabineiros a sua vigilância dirigida ao longo das margens, seguindo a vanguarda, afim de atacar os selvícolas que espreitavam constantemente a passagem da expedição. Daí por diante um piloto mais experiente e ágil tomou a direção dos barcos, de modo a tornar menos perigosa a travessia das corredeiras, não podendo, contudo, evitar que, de instante a instante, fossem êles arrastados por terra, a barcos, por longas margens de estirões. Outras vezes, estas lanchas eram amparadas e descidas por meio

de cabos, como sucedera nas torrentes de Ibipará (terra bôa) e no salto Carlos Botelho — a maravilha do rio Feio. Abaixo desta queda, onde o rio oferece franca navegação, existira uma aldeia composta de 18 choupanas, antigamente habitada por selvagens. Aí se encontrava um marco plantado à margem, pelos exploradores do Paraná, indicando que a distância de 34.362 metros medida dali a barra do Aguapeí, sôbre aquele rio. E não muitas horas após, conduzidas facilmente pelas águas do Aguapeí, atingiram as canoas a foz dêste rio, afim de se ajuntarem a Comissão do Paraná, chefiada pelo engenheiro Cornélio Schmidt, não encontrada, apesar das descargas dadas para êsse fim.

Então, avançou a turma através do rio acima, para ganhar a barra do Tietê e rumar em demanda de Itapura tão depressa quanto possível. Esta viagem através da margem matogrossense do Paraná, se torna mais curta. Atingiram e pisaram terras no Estado fronteiriço, retôcaram aí os barcos para a arrojada subida do rio e, após três dias de navegação, deram entrada em um ponto deante da embocadura do Tietê. Mas antes disto, ainda quando na barranca matogrossense, depararam com duas canoas, cujos tripulantes os conduziram até a moradia do sertanejo José Marques, na qualidade de pessoa capaz de prestar informações a cerca das barcas expedicionárias no Tietê. Esse caboclo lhes dera as noticias pedidas, suprira a Comissão de gêneros alimentícios, tão necessários já se faziam sentir, desde 15 dias anteriores e a auxiliara durante a travessia do Paraná. Assim, atingiram o pontal do Tietê, avançaram através de águas acima dêste rio e, no dia imediato, aportaram os homens no povoado de Itapura. Aí, após difícil viagem de varação, houve necessidade de calafetar novamente as embarcações. Concluidos êstes trabalhos, seguiram viagem e atingiram a ilha Sêca.

E enquanto já subiam a corredeira dêste local, se aproximou de suas lanchas uma outra que era a monção protetora enviada por Cornélio Schmidt, afim de prestar assistência a esta turma, em trabalhos numa região perigosa.

* * *

Durante tôda viagem, portou-se o pessoal com valentia de atitudes e extrema dedicação, aos afazeres. Afinal, partiu daí a comissão até Guamicanga, donde deveria viajar para Matão e, dêste ponto ferroviário, se encaminhar para São Paulo.

Tendo havido tôda urgência em se concluir êsses trabalhos antes que irrompessem chuvas, cuja estação se aproximava, foram os serviços executados com o emprêgo de bússola orientadora dos rumos e o relógio para determinar o tempo e avaliar a extensão dos levantamentos, tomados com notável aproximação em virtude da marcha até a barra do Presidente Tibiriçá. As extensões dos outros trechos e corredeiras respectivas foram medidas a relógio e bússola e reduzidas a unidade de tempo, enquanto que os saltos se mediram a podômetros pelas margens, também, se adotando o mesmo método de cálculo.

As características do rio Aguapeí, como torrente da bacia do Paraná, não diferem daquelas já observadas no Tietê.

Assim, após, muito esforço, muita tenacidade e abnegação, ficara mais um curso do extremo oeste paulistano, cientificamente conhecido.

* * *

EXPLORAÇÃO DO RIO DO PEIXE OU TIGRE

Sob a chefia do ilustre engenheiro Gentil Assis de Moura, se organizou uma expedição integrada por notáveis cientistas como Guilherme Wendel e Mário Airosa — engenheiros e Dr. Octaviano Ferreira da Costa, médico, que partiu para a estação de Mandurí, ponto final, naquela época, da Estrada de Ferro Sorocabana, no seu ramal de Santa Cruz do Rio Pardo. Aí ficou o engenheiro Wendel encarregado de terminar as coordenadas geográficas de Cerqueira Cezar, Santa Cruz, São Pedro, Salto Grande e Campos Novos. Nesta última localidade se completaria os arranjos da comissão, depois de chegarem por terra os combóios das bagagens desembarcadas em Mandurí, e se deveria marchar em demanda da fazenda das Três Barras, a duas léguas da vila de Conceição do Monte Alegre. A partir daquela fazenda é que haveria de alcançar o picadão para atingir o rio do Peixe, já num trecho navegável. Havia estacionado em Campos Novos o engenheiro Mário Airosa incumbido de levantar o taqueômetro a estrada distendida entre esta vila e a estância de Três Barras, com 83 quilômetros de extensão. Abriu-se um picadão de 30 quilômetros de comprimento e cinco metros de largura, servido de pontilhões em quase tôdas as passagens de água, em condições de transitar as tropas até a barranca do rio.

Aí chegando, se dividiu a turma em duas secções. Uma destas se encarregaria da fabricação de canoas para descer o rio e a outra já margearia o curso fluvial e atingiria o ribeirão Panela, ponto extremo alcançado anteriormente pela comissão do engenheiro Geraldo Machado.

A turma de terra ultimou os seus trabalhos ao fim de cinco dias apenas. Em sua volta ao acampamento denominado "Margem do rio do Peixe", teve ela necessidade de abrir mais um picadão, a partir daquele pouso e demandando o norte, ao rumo do Aguapeí. Tôdas estas estradas foram rompidas em floresta espêssa e levantadas a taqueômetro, de modo a permitir interligações com alguns daqueles centros populares. Reconhecendo-se pela exploração do rio Feio, que êste curso aflue para o Paraná sem receber outra barra de importância além do rio Presidente Tibiriçá, ficou demonstrado que o Peixe, dantes considerado seu afluente, desenvolvia também, um curso especial. Ao tempo em que se explorava o rio Feio, a turma do Paraná encontrou à margem esquerda dêste, entre as barrancas do Aguapeí e o Santo Anastácio, um outro rio de igual volume àquele que, a exceção do mapa de Rath, não era mencionado por outro cartógrafo. O rio do Peixe havia passado despercebido aos exploradores coloniais Sá e Faria e Lacerda e Almeida — únicos, ao que se sabe, que desceram ao rio Paraná, até os trabalhos da Comissão Geográfica. A sua barra está oculta por uma ilha a que se denomina Tigre, daí a razão principal, que o tornara desconhecido por tanto tempo. O seu conhecimento se achava circunscrito às cabeceiras e, ainda assim, apenas pelas medições de terras particulares e as incursões dos sertanejos em constantes sortidas contra os indígenas. E atentos as grandes dificuldades de viagem, abertura de caminhos, transporte de bagagem às costas e os poucos recursos de subsistência, impossíveis de ser conduzidos a maiores distâncias, êsses antigos incursores não poderiam

avancar muito além do rio do Peixe. Notícias veiculadas pelos sertanejos de Baurú e Campos Novos já vieram ao conhecimento dos engenheiros, dizendo-lhes que as margens deste rio seriam sedes de grandes aldeias dos Coroados. E', pois, natural, que, em virtude da facilidade de caça e pesca, procure geralmente o índio habitar as beiras fluviais. Possivelmente, naquele tempo preferia o selvícola morar às margens dêsse rio, uma vez que a zona mais remota dos habituais pontos em que se davam as entradas sertanejas tinha ficado aquém da margem oriental do rio Feio.

Além disto, os camponêses mais fustigados pelas hordas dêsses indígenas eram aqueles que habitavam desde São Mateus até as nascentes do rio no município de São Pedro. E as suas agressões se desencadeavam quase que preferentemente nas épocas das derrubadas, quando pacatas vítimas, entregues, apenas, aos trabalhos e demais afazeres, não se poderiam defender a tempo das investidas indígenas, os selvícolas as trucidavam, ou as mutilavam para sempre, lhes arrebatando roupas, calçados, ferramentas de trabalho, após, às vezes, lhes decepar as cabeças e os membros. Deante de semelhante informação, se temia a impossibilidade de conseguir o fim dos trabalhos sem os riscos de um massacre em regra, no centro dos desertos. Os engenheiros se tornaram então prudentes e aparelharam a expedição para enfrentar o perigo. E fôra a entrada científica defendida por uma fôrça armada, integrando sertanejos experientes de lutas contra o índio.

Somente assim, penetrou a turma o âmago dos sertões. Uma flotilha de 16 barcas estava pronta e já se reuniam 78 homens, incluindo-se os carabineiros e déz praças de polícia ingressadas depois, à corporação expedicionária. Duas grandes turmas iniciaram a marcha exploradora.

Uma atingiu o salto Grande, devendo descer o Paranapanema e subir depois, o Paraná até a barra do rio do

Peixe, com o mistér somente de conduzir suprimento de víveres destinados à outra expedição, que se encarregaria do levantamento do rio até o encontro alí do primeiro grupo. A partida dêste precedeu de vinte dias a marcha do segundo.

E começou afinal, a descida do rio do Peixe. Navegando, até à tarde do mesmo dia, quando se acampou numa clareira preparada na floresta marginal, onde as precauções da defêsa armada contra os bugres obrigaram a construir em tôrno do pouso uma trincheira de galhadas, em cujo interior se revezariam em guarda, os soldados, de duas em duas horas, até o amanhecer do dia. Cautelosamente se procedia da mesma forma, quando em descida pelo rio. Sempre que a navegação das margens o permitia, marchava, pela beira, a pé, um grupo de carabineiros afim de surpreender vantajosamente qualquer emboscada de selvícolas.

O curso do rio do Peixe é geralmente navegável mesmo durante prolongada estiagem, uma vez que os seus inúmeros afluentes vão a cada hora, avolumando as suas águas. Até muito abaixo de seu curso nenhum acidente modifica o declive do rio, ou dificulta a sua navegabilidade. Depois três violentos saltos e grande número de corredeiras obrigam o navegante à variação dos barcos, ou a abrir trânsito por terra e carregar às costas a bagagem tôda. Isto sucede a quem desce o rio até a confluência do ribeirão Grande, onde as dificuldades de navegação desaparecem. Daí por deante o Peixe é franco às embarcações.

Assim se atingiu a barra do Tigre. E aí se achavam a espera dos expedicionários os homens enviados ao rio Parapanema.

La a comissão tôda, reunida, subir o Paraná. E deante de tal emprêsa, houve necessidade de modificar o tipo das

embarcações, introduzindo nelas uma forma de maior resistência à navegação de um curso das proporções do Paraná.

Ao atingir êste rio o acampamento expedicionário se achava transmudado uma vasta enfermaria. A malária, de aspecto clínico muito grave, se propagava entre os homens das turmas e já vitimara mais de metade dêles. Além do impaludismo, os distúrbios decorrentes de uma carência alimentar prolongada, a que se ajuntava ainda, grande excesso de trabalho, vieram completar a desdita e os padecimentos dos abnegados trabalhadores.

O engenheiro Guilherme Wendel é que estivera encarregado de fazer as observações astronômicas, de latitude e longitude em diferentes pontos da penosa e longa travessia.

— Descrição do regimen do rio. O rio do Peixe, assim denominado desde os altos vales da serra dos Agudos, donde jorram os primeiros fios de sua nascente, vai, depois, receber o nome de Tigre em sua barra, no Paraná.

Derivando-se de elevadas altitudes de 600 metros, onde, também, correm as pequenas torrentes, que originam os rios Alambarí, São João,, Batalha, Dourado e Feio. Ao norte, êle controverte com êste último e com o Parapanema e o Santo Anastácio, ao sul. Distende-se através de matas fecundas, num percurso de 500 quilômetros, até um ponto no Paraná, ladeado pelo Aguapeí e o Santo Anastácio. De uma orientação geral N.N.O., êle se afasta além de 400 quilômetros de curso, para descrever grande curva orientada para o norte.

O seu leito é sem acidente até a distância de 160 quilômetros. Nesta altura, ainda acima do ribeirão Panela, existe um salto de 50 centímetros de quêda e, dora em diante, êle se despeja em corredeiras e outros saltos denominados Biguá, Quatiaca e Ganchos, numa secção de 20 quilômetros aproximadamente. A partir daquela última queda o seu curso é moroso até à barra.

O seu leito variável se estreita às vészes, a cinco metros entre altos paredões de grês, ou se expande em remansos de 10, de 15, ou de 50 metros em certos trechos, para afinal, se estender a 18 apenas, nos baixos planos de sua barra. A sua profundidade em função da largura, é tão variável quanto esta: — desde a média de 40 centímetros a um metro. As enchentes do rio do Peixe atingem dois metros acima do nível normal das águas. De resto, pequenas ilhas, baixios de cascalhos e poucas bancas de areia, pontilham a superfície do rio. E a ilustre corporação de engenharia se detem em importantes considerações acêrca dêste curso fluvial, estudando os saltos, a parte baixia, o vale, a vegetação e a fauna regional. Deparou-se na travessia daquela bacia hidrográfica, sulcada de riachos, com uma flora semelhante a do rio Feio. Desde a meia encosta do vale do Paranapanema, onde se limita a região dos campos, a vegetação vai gradualmente se levantando até constituir uma mata frondosa, que dobra a serra e entra pelo vale do rio do Peixe até os saltos. Há aí uma grande variedade de essências, em meio das quais aparecem constantemente tôdas as espécies dos chamados padrões de terra boa. No trecho dos saltos, os vales se recobrem de imenso taboal, numa terra sêca, sáfara, a pior parte da bacia. Daí em diante recomeça a vegetação alta e frondosa, que atinge o ribeirão Taquaruçú. Depois o vale se distende em terras baixias e cheias de uma vegetação raquítica, entremeada de espigões, cuja flora é tão rica como a da porção superior do rio. Deparando ainda com uma fáuna de mamíferos, aves, anfíbios, répteis e peixes de mais variada espécie, até atingir os indígenas originários, ou campeadores da zona.

E durante a larga travessia, foram os técnicos, cheios de curiosidade, recolhendo objetos pertencentes aos índios e encontrados pelos caminhos de matas e práias fluviais.

Flechas de osso, madeira ou ferro; arco de caça e guerra; tecidos de cipó e fibras de cragoatá; cabaças de mél,

arcos de barril transformados em facas; maitacas e papagaios vivos, deixados presos pelos pés; rosários feitos com crâneos e dentes de macacos; potes contendo argila preta, cestas com sementes de abóbora.

E estava concluída a árdua missão da engenharia expedicionária, que marchou pelos sertões e arrostou com todos os perigos e desditas através de matas tronculentas, paludosos brejos e rios e cachoeiras. Marchou além, trilhando, por vezes, os mesmos caminhos sinuosos das mesmas tribus Chavantes, Guaranís, Coroados e Caicas, selvícolas embrenhados por tôdas aquelas matas.

E penosos transes e sacrifícios passaram aqueles heróis, que realizaram uma epopéia de trabalhos, jamais olvidada na história do expansionismo estadual.

EXPLORAÇÃO DO RIO TIETÊ

O engenheiro Jorge Black Scorrar, chefiando uma comissão integrada pelos engenheiros Arthur Horta O' Lari, Alexandre M. Caccoci, Luiz Frutuoso Ferreira da Costa, Guilherme Wendel, o geólogo Dagoberto Almeida da Silva e o médico Manoel da Rocha, embarcou no porto de Bariri, donde partiu por via fluvial para Laranja Azêda, localidade situada a 1.500 metros abaixo da barra do Jacaré-Guassú — ponto inicial dos trabalhos. Ai, desde que se preparasse uma flotilha de lanchas, canoas e batelões, aparelhada para enfrentar a perigosa descida, se fez a turma ao longo da viagem no dia 13 de julho de 1905. Enquanto cinco canoas se empregavam em medições, outros seis barcos transportavam pessoal, bagagem e tudo mais que possuísse a comissão técnica. Só uma pilotagem eficiente poderia se lançar nessa aventura, através de tantos obstáculos a transpor, daí até as vizinhanças da cachoeira do Macaco. Inúmeras corredeiras cheias de abrolhos, onde incerta rede de canais estreitos e tortuosos, se antepunham à empresa, dificilmente transpostos pelos barcos. Deante de tais impecilhos a travessia, saltavam resolutamente na água, os condutores das barcas, ao passo que as cargas dêstes eram baldeadas por terras marginais, êles desciam presos e manobrados por cabos ao longo daquela cachoeira e mais a corredeira das Cruzes, até alcançar um trecho navegável de águas remansosas. A perícia dos bravos pilotos muitas vezes evitou desastres, onde houve sérios riscos de vida; as embarcações levadas

quase a mercê do impulso torrencial, perdia o rumo geral do trânsito e se iam bater contra blocos isolados de rochas escarpadas. Na travessia da corredeira ilha Sêca, submergiu um batelão de bagagem, inutilizando diversos instrumentos técnicos, barômetros registradores e termômetros.

E após vencer tôda espécie de incidentes e peripécias, progrediu a marcha e avançaram os estudos até as águas mansas do rio Morto, denominação que se dá a um trecho do Tietê, compreendido entre as corredeiras do Arranca Rabo e Lage, numa extensão superior a 81 quilômetros, de 250 metros de largura e 3 metros e 30 centímetros de profundidade média. Suportando ainda e sempre as mais variadas modalidades de sacrifícios, atingiu a comissão o salto de Avandava. Desde a penível carestia de víveres motivada pelo naufrágio da lancha condutora de mantimentos por ocasião da travessia de Vamicanga, as doenças, a tortura de enxames de mosquitos, as ameaças de feras nos campos de trabalho, ou no acanhado desconforto das pousadas. E se submeteram os homens desta empresa a um racionamento alimentar severo, desde as suas primeiras horas de viagem, até o dia 30 de Julho, quando chegaram, entre alegria geral, os suprimentos de que necessitavam. Ainda depois de suportar e vencer tôda sorte de peripécias desfavoráveis, aportaram no último rebojo acima do salto, atingindo aí a extremidade final da primeira porção em que se dividira, pela exploração, o rio. Neste ponto da entrada os engenheiros permaneceram alguns dias, empregados na determinação geográfica e o levantamento minucioso do salto.

Em Avandava, pleno e distante recesso sertanejo, no lugar em que começam as águas a correr para se precipitar adiante, mede o rio 444 metros de largura. Dividindo-se depois em duas partes, uma que se arroja por dois boqueirões de 13 metros e 20 de altura e outra, se continuando em corredeira veloz, com uma largura superior a 280 me-

tros, vai formar duas outras quedas no lado esquerdo e, estreitas como são, não podendo comportar o volume das águas, espraiam-se as sobras da torrente pelas rochas dispostas em degraus, que oferecem ao espectador o maravilhoso espetáculo de águas espumantes em turbilhões, no conjunto vaporoso do salto tôdo.

E se detêm aqui os engenheiros em largo estudo, de uma notável meticulosidade, apresentando minúcias de cálculos que avaliam a descarga da torrente, em 263 metros cúbicos por segundo, produzindo uma força virtual de 61.000 cavalos.

Existe nesta localidade um terreno demarcado com uma área de 4.355 hectares, antiga propriedade do governo Federal, onde se estabelecera noutros tempos, uma Colônia Militar, da qual, só raros vestígios de casas em estado precário, a ostentar ainda, quase apagadas reminiscências do progresso sertanejo antigo. Hoje, outras habitações, simples e pobres casebres, há nessa área territorial. Trabalham aí agricultores em plantio de cana, cereais e criação de gado.

Desceu a comissão até o salto de Itapura. Estudou aí a maravilhosa catadupa, com minúcia e precisão.

A 400 metros antes de chegar ao porto, o rio se adelgaça para 190 metros de largura e, em seguida, se abrem as águas em ampla bacia de 800 metros de extensão transversal, até o começo do salto. As águas, pelo lado de cima se estendem remansosas, alargam-se quase em frente ao salto, formando uma bacia desenvolvida paralelamente ao eixo do rio, em fenda de cerca de 300 metros de extensão e largura variável entre 30 e 60 metros, com bordas quase niveladas por onde cai o maior volume de uma altura perpendicular de 11 metros e 70 centímetros. Pequena derivação dessa torrente se desvia para a esquerda daquela fenda e constitue um braço que recebe no seu percurso um afluente que vai, encaichoado, se lançar a 120 metros abaixo do

pé do salto. A outra parte de águas, que se escapa do rumo do canal, corre com grande velocidade um percurso de 220 metros, formando outras pequenas quedas, derramadas em forma de filetes na parte jusante. Já na corredeira acima do salto se desvia um pequeno volume de águas por um canal aberto na margem direita, há tempos aproveitado para movimentar uma serraria, hoje completamente desmantelada, e acionar um monjolo e um moinho, até há pouco conservados pelos raros habitantes ainda existentes na extinta colônia de Itapura. Fôra a descarga dessas águas, avaliada na ocasião, em 351 metros cúbicos por segundo, equivalente a fôrça de 54.000 cavalos.

Data do ano de 1857 a existência do Colônia Militar de Itapura. Da velha cidadela sertaneja, que possuía 90 edifícios, resta hoje uma tapera informe em ruínas, de uma igreja e os vestígios de uma casa residencial. Durante alguns anos ainda após a extinção da Colônia, algumas de suas casas mais ou menos conservadas, continuaram habitadas por ex-colonos deixados ficar aí na ausência da fôrça e dos funcionários federais retirados. Entre a linha de casas em ruínas se destacavam a velha residência do diretor da Colônia Militar e a antiga igreja. Aquele prédio, edificado em lugar ligeiramente afastado do núcleo colonial, quase junto ao templo, é uma construção sólida erigida na praça Coronel Lima, e ambos dominavam o conjunto das outras habitações. As ruínas da igreja lá se encontram ainda hoje, com a maior parte do telhado do frontespício desmoronado, tendo, talvez, arrastado, pela queda, a torre.

Bem alinhadas e arborizadas com coqueiros e cajás as ruas apresentam vestígios de calçamento e se irradiam da avenida principal, larga, plana e distribuída em frente à igreja. Tôda a Colônia já destruída pelo tempo e mãos iconoclastas, se recobre de matas, em cujas sombras se estendem trilhos estreitos, em lugar de antigas e amplas estradas servidas de pontes sólidas e outras obras de arte. Ademais,

na ocasião em que fôra a Colônia atingida pelos exploradores, se espalhavam pelo interior daquelas ruínas de edifícios, uma profusão de papeis inutilizados, constantes do antigo arquivo do estabelecimento, onde se deparavam com um ou outro documento, por vezes, de certa importância histórica. Processos administrativos, relatórios, gráficos, missivas e, dentre tudo isto, se lia um ofício escrito em 10 de Outubro de 1893, endereçado ao comandante do 4.º Distrito Militar, pelo Diretor da Colônia, Coronel Joaquim da Silva Peixoto. Nêsse documento, se reiterava insistentemente providências no sentido de se construir uma estrada entre Itapura e Avanhanda, afim de evitar os perigos desta travessia, então, feita através do rio, sôbre rebojos e corredeiras.

O solo aí é constituído de terra roxa notavelmente fértil.

* * *

A descida dora em diante foi feita com águas pouco abaixo do nível normal. Pelas medidas das secções transversais e velocidade média entre Jacaré-Guassú e Avanhanda, se encontrou a descarga de 363 metros cúbicos por segundo, que aumenta cinco a dez vezes, durante as enchentes, quatro e mais acima do nível comum durante a estiagem.

Ao cabo de 77 dias de trabalho, se atingiu o pontal do Tietê e estava concluída a travessia da exploração. Ilhas, afluentes e baixios do rio haviam sido estudados com minúcias e proficiência. Latitudes tomadas em diferentes pontos pelo barômetro de Fortin, determinadas as coordenadas geográficas de localidades principais.

— Solo — O terreno de ambas as margens do rio é bastante ondulado, ora chegando até as barrancas, ou se afastando destas, por fundas baixadas e varjões, que se inundam periodicamente. Os espigões se constituem de terra roxa ou vermelha de notável fertilidade.

— Habitantes — Os poucos moradores existentes se acham distribuídos a maior distância das margens, onde lava a malária durante tôdas as épocas do ano.

— Vegetação — A vegetação marginal é alta e abundante em espécimes de figueira preta, perobas, jataiseiros, angicos, óleo, canela, ipé, alecrim, aroeira, burití, joutá, além de jaboticabeiras e diferentes espécies de coqueiros, quase tudo, representando padrões de terra fértil.

— Índios — Inúmeras vezes se tornou preciso que a turma fugisse para uma ou outra margem do rio, durante a travessia, afim de evitar surpresas nas proximidades de arranchamentos indígenas, que se iam deparando. Tribus de Caingangues, Guaranís, Caiapós e Chavantes habitavam por lá, o deserto. Os Guaranís mansos chefiados por um "capitão" Zezinho, vieram certa vez ao acampamento em visita, oferecer seus serviços.

Assim se tornou conhecida a região do Tietê.

EXPLORAÇÃO DO RIO PARANÁ

TRECHO SUPERIOR

A turma de levantamento do Tietê após efetuar o seu trabalho, encetou, no dia 28 de Agosto de 1905, a exploração do rio Paraná, até o salto de Urubupungá, ficando destacado em Itapura o engenheiro Guilherme Wendel para concluir êsses estudos, desde a jusante daquele salto até a barra do rio Grande, no pontal mineiro, tornando-se assim, conhecida tôda a porção dêste rio fronteiriço São Paulo-Mato-Grosso.

Estudou-se dêsse modo a parte do Estado de São Paulo, banhada pelo Paraná, confinando com Mato Grosso, bem como a geologia ao norte do rio Tietê.

A comissão no dia 29 de Agosto, subindo o Paraná, atingiu a jusante do salto de Urubupungá. E depois de vencer longa travessia, uniu-se aí com a outra turma e iniciou os trabalhos em direção a barra do rio Grande. Subindo pela margem direita até a ponta da ilha dos Naufragos, as canoas atravessaram para a outra banda do rio e avançaram, em exploração até o vértice do triângulo mineiro.

Regressando após pela margem matogrossense até aquela mesma ilha, a exploração atravessou outra vez o rio, afim de completar o levantamento do lado paulista e descer pelo braço do Paraná, que se anastomosa com o Tietê, na ilha do Machado, para, afinal, se reunir ao grosso da turma, que se achava de volta, em Itapura.

O Paraná, em frente a barra do Tietê mede 900 metros de largura com uma profundidade média de 6 metros.

Deante da ilha Sêca, a sua largura é de 1.200 metros. atingindo 1.500 metros acima da barra do córrego de Bebedouro, à saída do canal, onde se aperta a enorme massa d'água. Esse canal, formado por paredões de 5 a 6 metros de altura, mede a largura variável de 70 a 100 metros. A sua saída se torna difficilissima para as canoas, sôbre os grandes rebojos e a imensa velocidade das águas. As embarcações só o podem vencer, firmadas em cabos e, mesmo assim, ariscadamente. Acima do salto, mede o rio cêrca de 2.500 metros de largura, que se reduz a 850 na cabeceira da ilha dos Náufragos e o mínimo de 800 no porto do Taboado, quilômetro 84 para atingir 3.100 metros, o máximo de sua largura, no grupo das cinco ilhas.

E de uma maneira mais completa, a comissão, vencendo sempre as mesmas difficuldades, efetuou os estudos da parte setentrional do grande rio.

Detendo-se no levantamento das ilhas e afluentes do mar corrente interior, os cientistas abordaram o estudo da vegetação, tôda alta e cmposta de arvores seculares entre jataizeiros, ingazeiros, figueira preta e perobas de dimensões colossais.

Na parte de São Paulo, a flora existente até o salto, especialmente nos campos da ilha Grande, é menos elevada, devido, talvez, às imensas enchentes que a alagam, arrebatando-lhe a vegetação.

O rio que, pelas cabeceiras da ilha dos Náufragos, mede 850 metros de largura, se vai alargando continuamente até alcançar 2.500 metros no início do salto do Urubupungá, formando nêste percurso a grande corredeira a montante. E se desvia aí a massa d'água em diferentes rumos. Alguns canais se entornam pelo escoradouro do Tietê, formando em seu caminho, o Saltinho, antes, porém, se dividindo em dois outros canais, depois reunidos e desaguados no Paraná, a um e meio quilômetros abaixo do salto grande,

até que, por último, o maior volume, se precipita de uma altura de nove metros e vinte centímetros através de muitas fendas espalhadas numa extensão de 800 metros, formando uma série de saltos, cujo conjunto, se assoberba num espetáculo magestoso de gigantescas massas líquidas espumantes. A água despejada nessa catarata imensa penetra, à sua passagem, os orifícios das rochas salientes, pelas quais deslisa em forma de lâminas e filetes, ou então, num bloco único, vai forçar passagem pelo canal, cuja entrada mede 70 metros de largura.

A se julgar, porém, pelo volume da água escapada nêste estreito, calcula-se-lhe uma profundidade de trinta metros aproximadamente. As grandes enchentes, cujos vestígios se assinalam nos matos de derredor, atingem oito metros de altura. O salto, por ocasião dessas enxurradas, desaparece completamente e o rio assume proporções de uma caudal impetuosa e incomparavelmente imaginada.

A descarga do salto de Urubupungá é de 2.750 metros cúbicos por segundo, correspondente à força de 447.000 cavalos.

E a pequena queda de água denominada Saltinho, se forma de um conjunto de várias cataratas, cuja diferença de nível total se eleva a oito metros. Do desvio dêsse braço, que dá existência a esta série de pequenas quedas, se forma a ilha Grande. Desta ilha, relata o piloto da turma João Feliciano, que um tal d. Thomaz, oculto nas suas restingas, cunhara moedas de cobre durante a revolução de 1842. Na verdade, lá existem vestígios de estacas, noutros tempos, prováveis bases das antigas oficinas moedeiras.

EXPLORAÇÃO DO TRECHO INFERIOR DO RIO PARANÁ

No dia 17 de junho de 1905, uma turma, sob a chefia de Cornélio Schmidt, inicia a viagem pelo Tietê, em demanda do Paraná, distribuido o pessoal por diversas canoas, batisadas com os nomes de Paraná, Tietê, Aguapeí, Para-

napanema e outras denominações sugestivas. Eram cêrca de oito barcos ao tôdo. Partindo naquele dia de um ponto abaixo da corredeira de Guamicanga, deslisou-se pelas corredeiras de Tambaú, Jataizeiro e Esperança, onde se fez pouso. No dia imediato, levantando ferros ainda cedo, os exploradores atravessaram as corredeiras de Lage e Avandava-Mirim, atingiram o salto de Avandava, onde as embarcações foram retiradas d'água e transportadas por terra até o fim do salto. Enquanto se desenvolvia esta faina, já os técnicos determinavam a posição geográfica, latitude, longitude e a declinação magnética. Afim de se lançarem os barcos no trecho fluvial entre Avandava e Itapura, onde o rio oferece inúmeras corredeiras e canais perigosos, fôra necessário contratar pilotos experimentados, para vencer a descida. Somente depois de descarregar as lanchas e as arrastar a mão, se atingiu e se transpôz a corredeira do Macuco. E se lançaram adiante desta corrente, através das corredeiras do Barreiro, Mato Sêco, Ondas, Ondinas, Funil, Guariba, Meia Lagoa e Aracatuba, em cujos canais tortuosos, a grande velocidade das águas, fazia a tôdo momento, esbater as lanchas contra os lagedos.

Após se atravessar, com ingentes dificuldades, as corredeiras das Cruzes, do Canal do Inferno e a Bacurí, deslizaram-se adiante os barcos, no trecho do rio conhecido por Manso do Bacurí, de 52 quilômetros de extensão. E a meio caminho dêste Manso existe um baixío seguido do poço de Piataraca. Imediatamente abaixo, se atravessaram as corredeiras da Sara, Três Irmãos e Itapura-Mirim, donde já se avista a neblina formada pelo embate das torrentes desencadeadas no salto de Itapura. E aí, após estudos científicos e magnéticos, se marchou por terra até abaixo do salto. E se continuando a marcha além das corredeiras do Vai-Vem e pelos baixíos da ilha do Machado, aportou a turma na barra do Tietê.

Distende-se daí uma paisagem maravilhosa e impressionante. Desvenda-se dêsse recanto admirável, ainda em águas daquele rio, que não medem mais de 500 metros de largura, a lisa, polida e imensa planície do Paraná, cujo lençol de águas reluzentes e sinuosas, ruma para o sul, com o desdobramento de 1.100 metros de extensão transversal.

E se procedeu início à exploração a partir da ilha Grande. Sôbre um ponto da margem paulista foi medida uma pequena base, em cujas extremidades, se firmavam postes de madeira, que iam servir de referência para observações astronômicas, necessárias a determinações de longitude, latitude e azimuth, em correspondência com os trabalhos da turma exploradora do Tietê. Obteve-se aí, trigonometricamente, a primeira medição transversal exata do Paraná. Foi, também, efetuado o levantamento na margem matogrossense do rio, se bem que nêste sentido, não ordenassem as instruções fundamentais. Seria, porém, conveniente que êste trabalho se fizesse, ante a existência de inúmeras ilhas espalhadas nas visinhanças daquela margem, pelo rio a se estudar.

Duas turmas iniciaram agora a exploração. O levantamento paulista se originou na parte norte daquela base e os trabalhos da margem cuiabana partiram do córrego fronteiro, acima do porto do Tietê.

Atingiu a barra do rio Sucuriú, que despeja 213 metros cúbicos por segundo no leito do Paraná, cuja largura, no rebojo do Jupia, é superior a um quilômetro de extensão. Aí se fizeram observações de latitude, no momento em que fôra estudado êste rebojo, cuja travessia, dificilmente executada em virtude da grande velocidade das águas, só é vencida a remos, pela admirável destreza dos pilotos. Evitou-se por isso, perdas de barcos muitas vezes projetados ao encontro das pedreiras pelos impulsos da fôrça centrífuga dos círculos anteriores, ao terminar os movimentos rotativos.

dos rebojos. Logo abaixo de Jupιά, há duas ilhas que limitam uma corredeira.

Desde o salto de Urubupungá até as Sete Quedas, é este trecho do rio em que a navegação exige cuidados especiais.

Da parte norte e sul da ilha Cumprida se efetuou o levantamento do canal fluvial do lado paulista, três quilômetros mais extensa do que o lado matogrossense. A meio caminho entre as duas partes da ilha, deságua o ribeirão Abri-go, assim denominado pelo explorador Lacerda e Almeida, em 1870, a cuja situação muito próxima de Jupιά, se achava erradamente assinalada em alguns mapas daquele tempo.

E avançou a comissão até a barra do rio Aguapeí, onde mediu num banco de areia a segunda base para firmar o levantamento já feito margem abaixo, e estabelecer um ponto de partida, onde se iniciaria a segunda secção de estudos. Tomou-se aí a posição geográfica, declinação magnética e secções transversais, da mesma sorte que foi colocada uma rede de arame atravessada no Aguapeí, afim de recolher flutuadores com mensagens enviadas de cima, pela turma, que, áquela hora explorava o rio Feio. Daí se partiu para a ilha de Ariranha e depois se passou pelo local indicado no mapa de Sá e Faria, denominado Muitas Ilhas.

Confunde-se o viajante neste ponto de travessia, entre uma rede de canais e ilhas a que se denominou Labirinto. Entra neste local o rio Verde, de Mato Grosso, onde se emerge a ilha Presidente Tibiriçá.

Depois as ilhas Verde e Homem de Mello, onde, segundo relata o explorador Lacerda e Almeida, nos anos de 1780 e 1790, desceu aquele rio numa expedição geográfica provinda de Belem do Pará e que aquí morou durante vários anos um criminoso chamado Manoel Homem, que, ao retirar-se deixara na ilha uma imagem supostamente milagrosa, levada, mais tarde, em procissão, para um templo

de Cuiabá. Abaixo daí, se atingiu as ilhas Carlos Botelho e Bandeirante, localizada até à frente da embocadura de um curso indicado nos mapas como rio Tigre, cuja barra invisível, se oculta pela ilha a quem viaja através do Paraná.

Subiu-se o Tigre até pouco acima da sua fóz afim de se pesquisar secções transversais em alguns pontos do canal, depois de colocar uma outra rede de arame trançado, onde, também, se pudessem captar, flutuadores mandados pela turma do rio do Peixe.

O Paraná aí toma a direção do oeste. Passaram as canoas entre altos paredões, contraforte de grês vermelha até o ribeirão Orelha de Onça ou Taguaraçú. Na barra oeste foram encontrados vestígios recentes de bugres. Adeante a turma atingiu a ilha Lacerda e Almeida. No canal do rio, existente aí, a barranca paulista é formada por paredões elevados a mais de 30 metros de altura, até a barra do rio Santo Anastácio. Continuando a marcha da descida, alcançou-se o rio Pardo, também de Mato Grosso, estreito e volumoso, já explorado em 1894 pelo engenheiro Olavo Humel, por determinação do Presidente Tibiriçá.

Nessa ocasião aquele ilustre técnico havia subido o rio Paraná, e estudara na barra do Pardo, três ilhas, denominada-as Porto, Meia e ilha da Vaca, esta última agora reduzida a um simples banco de areia. Aí deparou a comissão um aldeamento dos índios Caicás, ausentes na ocasião. Tal como fizera nas embocaduras dos rios Verde, Vermelho e Pardo, deteve-se a engenharia em estudos do Santo Anastácio. Em prosseguimento dos trabalhos, foram atingidas as ilhas Burú, Quitanduba, Taciquara e Anhumas, esta assim denominada em virtude da existência aí de grande bando de aves dêste nome. Depois vêm a ilha Ortiga, o ribeirão Pardo, do lado matogrossense e, por fim, a ilha Tempestade. Descendo além e após flanquear onze ilhas, aportaram as embarcações dos engenheiros numa grande ilha fronteira à barra do rio

Parapanema. Fôra aí medida uma terceira base, ao mesmo tempo que se determinaram a posição geográfica, declinação magnética e algumas secções transversais até que se iniciou o levantamento do rio. Concluídos minuciosamente êstes trabalhos, regressaram os barcos águas acima no dia 11 de outubro, quando foram verificadas as redes detentoras de mensagens mandadas pelas turmas dos rios do Peixe e Aguapeí. E seguiram. Aportaram na barra do Tietê e, três dias após, chegaram às imediações do salto de Itapura. Na ilha sêca tiveram os homens da turma a incumbência de sepultar um dos camaradas falecidos. Depois a comissão avançou até a cachoeira do Macuco e o salto de Avanhandava, onde se fizeram observações astronômicas, para, finalmente atingir o porto de Guamicanga, ajuntando-se à turma encarregada de efetuar estudos locais.

Daí regressaram os engenheiros à barra do Tietê e já se achavam na margem matogrossense, quando receberam ordem do Dr. João Pedro Cardoso, chefe da Comissão Geográfica, no sentido de que procurassem local mais propício afim de prestarem auxílio às turmas destacadas nos rios Feio e Peixe, atacadas pelos indígenas de lá, e que, descessem de novo o Paraná afim de estudar atenciosamente as barras do Aguapeí e o Tigre, assim como observar se êstes dois cursos seriam desaguadouros das bacias dos rios Feio e do Peixe. E' que, por aqueles dias, se afirmava na capital do Estado, que o rio Feio tinha a sua barra às alturas da corredeiras do Aracongó, na margem esquerda do rio Tietê e se afirmava ainda, ser o rio Aguapeí, o próprio curso do Peixe. Extranhou a engenharia essas ordens, certamente por ignorar o que havia sucedido às turmas exploradoras das altas correntes do Feio e o Peixe. Mas o trabalho da Comissão Geográfica, que vinha desvendando os segredos ocultos no grande sertão, confirmaram, afinal, que tudo o que então, se afirmava em rodas técnicas de esquina e cafés, não merecia importância alguma, uma vez que, ao encerrar aquela

exploração, ficara demonstrado ser o rio Feio, o curso superior do Aguapeí e no tocante ao rio do Peixe, não seria êste curso, mais que outra vasante, inteiramente distinta, a desaguar no Paraná. Cabendo assim, à heroica turma exploradora dos rios Feio e Aguapeí, a primazia de elucidar a mágnã questão, quando demonstrou que é da confluência do primeiro daquele curso e o rio Presidente Tibiriçá, que se forma o Aguapeí.

De tal maneira, igualmente ensinou, após estudos convincentes, que o rio Tigre é a porção inferior do mesmo rio do Peixe.

Não seria possível o rio Feio confluír para o curso do Tietê, uma vez que não existe na margem esquerda dêste, barra suficientemente capaz de desaguar uma bacia comparável à do rio Feio, quando, ainda, se tomara por base a vasante do Sto. Anastácio do sul, cuja extensão fôra medida pelos engenheiros que abriam a estrada de rodagem do norte paranaense e pela turma a cargo e chefia da presente comissão.

E' justo se reconheça, que tudo isto se apresenta em meio de árduos trabalhos para reafirmar uma notável previsão científica do ilustre engenheiro Cornélio Schimidt.

E enquanto voltava a turma ao longo do curso do Aguapeí, em cumprimento da ordem, fôra enviado um emissário a São Paulo, portador de um ofício em que, depois de várias considerações de ordem técnica, defendia princípios e pontos de vista, dos quais se achava plenamente convencido aquele operoso engenheiro.

Feita que fôra a reconsideração do levantamento do Aguapeí avançou a turma pelo curso do Tietê e de início alcançou as gentes de Cornélio Schimidt chegando com elas à cabeceira da ilha Sêca no dia 12 de novembro.

Por esta ocasião estava o pessoal já fatigado de um serviço ininterrupto; as febres haviam destruído quase a grande capacidade física dos homens. Havia também che-

gado aí o engenheiro Júlio Bierremback em companhia de Geraldo Sampaio e mais 28 homens, provindos do curso do rio Feio-Aguapeí, em navegação ao longo do Paraná e o Tietê.

Reiniciou então, uma turma de mais de 80 pessoas a viagem através dêste último rio acima, de um modo original, por meio de ganchos e forquilhas, único recurso possível para a marcha ao longo de águas altas. Trabalhavam juntos à beira do rio os remadores, enquanto um homem sustentando um gancho, apreendia com êste, um galho de árvore, um cipó, ou qualquer outro ponto de apóio firme no barranco. Sôbre o mesmo apóio, um segundo viajante colocava a forquilha e, a golpes dos remos, caminhava, aos arrancôs da forquilha, rio acima, o barco.

E quando sucedia ao canoeiro não firmar o seu gancho num apóio capaz de suportar o esforço exigido e necessário, rodava, outra vez, a lancha pela corredeira e tódo o trabalho de centenas de metros de travessia, estaria perdido. Duas e mais tentativas a custo de ingentes dificuldades, se experimentavam, até que atingisse a embarcação um ponto de segurança. Galgavam-se de tal maneira as mais velozes corredeiras, marchando-se uma légua apenas por dia. Rompendo-se afinal, a turma por terrenos alagadiços e sob chuvas torrenciais, cujas consequências mais severas eram ali no rio experimentadas, sobrehumanos esforços e sacrifícios dos homens válidos e úteis, uma vez que grande parte da turma já se achava alquebrada de doenças e quase total exgotamento físico, os barcos atravessaram os trechos perigosos do rio. Depois de 30 dias de uma travessia, que, em condições normais se faria em 10 apenas, a Comissão atingiu o pôrto de Guamicanga. E daí, após a entrega de tóda bagagem a uma pessoa responsável, partiu a turma de engenharia para a vila de Matão, ponto de estrada de ferro e, desta localidade, viajou para São Paulo, após um altruismo de sacrifícios e uma epopéia de trabalhos.

E ficaram além as frondes de cangerona e pinheirais seculares, abrigando as tribus aborígenes dos Chavantes e Caiapós selvágens. Distara por lá a fauna regional constituída de tapir, e cervos ligeiros, nos mesmos campos onde sobrevoam mutúns, colhereiras róseas, patos pretos e jacutingas.

* * *

E assim fôra, depois de mais ousados e valorosos feitos, que a engenharia nacional, representada nas entranhas do deserto pelos nomes ilustres da ciência, trouxera para os meios civilizados de institutos de geografia e bibliotécas do país, o estudo explanado em gráficos e cartas estupendas, corografando o adusto sertão do extremo oeste de São Paulo. A obra colossal de ousadia, de abnegação e patriotismo, em cujo desenvolver, muita vez, se reafirmaram notáveis previsões científicas dêstes técnicos, havia aberto horizontes ao progresso estadual. Dependera dela o conhecimento de florestas magníficas, de riquezas ainda veladas e desconhecidas, cursos fluviais navegáveis, imensas reservas de potencial hidráulico e terras fecundas, onde a semente do trabalho haveria de germinar e produzir celeiros e recursos econômicos.

E os difíceis trabalhos daqueles engenheiros desvendaram êsses segredos da região.

Entram na terra, transcursaram-na de ponta a ponta, sentindo e ouvindo o seu coração imenso, onde dominam as selvas, a fauna e o aborígene de suas florestas tropicais; ali, em fim, onde tudo se esplende num deslumbramento raro, e onde se agita a vida, e é mais Brasil.

Os grandes rios, as cataratas gigantes murmurejam e retumbam por lá, ecoando em solidões de longínquas quebradas, pulverizando a núvoa fina de seus abismos no espaço circunjacente. A aurora fresca, perfumada e rutilante, o céu azul e o sol ardente, amenizado nas tardes de verão,

quando os ventos serenos, vêm trazer ao relento da noite e à superfície das águas grandes, tôdo o aroma das selvas e fontes sombreadas. As garças brancas, as anhumas e os patos pretos rasgam o espaço com as azas, à aproximação do caçador selvagem, ou do leopardo dominador; e alçam vôo para ganhar além outro pouso entre as sebes úmidas das florestas, sobre o manso cristalino das águas, ou nos penhascos das corredeiras alvas.

A tudo isto, sobrevivendo-se na eternidade dos sertões, se abala, como a alma das florestas em torno e muito além de vetustas construções antigas, rememorando o fáusto de Avandava e Itapura; tudo isto vem soluçando um pranto de saudade desde tempos remotos apagados.

As catadupas sussurram ainda naquelas matas, como que, confundindo o seu rugido no deserto, com o éco ribombar dos canhões, que troaram por lá.

E hoje, conhecido o sertão pela ciência levada até lá pela tenacidade e o valor, os engenheiros expedicionários vão entregá-lo a outros técnicos tão bravos como eles. Agora, vão ingressar na terra novos abnegados. . .

Mas antes de chegarem ao seio dela, antes de senti-la e vê-la, já lhes vêm ao encontro, em linguagem enflorada e remorosa, como é a expressão sertaneja, a tétrica legenda de suas matas povoadas de selvícolas bravios e rancorosos, tão rústicos e primitivos como sempre. E essa outra engenharia sertanista, rasgando as selvas, trilhando as sendas do mesmo aborígene e riscando de lado a lado, a terra, vai traçar no meio de suas hordas indígenas uma linha penetrante de largas relações.

E hão de se lhes deparar aí difíceis obstáculos ao decorrer da arrojada emprêsa. Mas essa antecipação total de perigos só lhes deverá provir de feras e selvícolas regionais, lá no meio da terra, cohabitantes. Somente êstes e as onças lhes poderão tentar embargar a entrada. Porque, entre

os mateiros residentes desde outras éras por lá, não se rememorando aqueles já ingressados fundo na região, mas, apenas, os moradores, deparados ainda no limiar da terra, êsses que já souberam dedicar aos técnicos ferroviários auxílio, carinho e tôdo seu prestígio, à semelhança daquele sertanejo de Baurú, se, tomado, como padrão empreendedor de diferentes iniciativas, coordenadas nêste sentido, e cuja existência, havemos de conhecer em linhas seguintes destas páginas.

PENETRAÇÃO DA ESTRADA

Um Sertanejo de Baurú
A Construção
Índole do Aborígene Regional
Rancor e Gratidão de Bugre
Massacre de Santa Rita
"Mãe Velha"
Reconhecimento Indígena
A Epopéia da Construção

UM SERTANEJO DE BAURÚ

Desde longos anos passados já vinha Azarias Ferreira Leite trabalhando em prol do desenvolvimento de Baurú. Desde longo tempo e durante os dias, aos quais nos referimos em capítulo anterior, até através de estensos anos futuros e consecutivos. Tôdos os passos seus em andamento de negócios particulares eram como iniciativas paralelas, que se desenvolviam juntas aos seus planos de iniciativas públicas. E ao desenvolver dessas duas espécies de atividades, poder-se-ia, muita vez, suceder que não conseguisse o chefe sertanejo nada para se próprio, como algum benefício que decorresse do andamento feliz de seus negócios. Nêste caso, poder-se-iam as cousas suceder assim. Mas os seus planos concernentes a tudo que se relacionasse com o progresso da cidade e interesses de sua gente, sempre e ao contrário, puderam se realizar vitoriosamente, até por dias póstumos. A resonância de seu prestígio ainda se fizera notar após a sua existência.

Retrocedamos porém, para juizo do leitor, aos tempos da chegada dêsse sertanejo a terras da Noroeste, quando já angariava prestígio e estima popular decorrentes de seu temperamento afável e comunicativo, de sua alma cativante e cheia de bondade.

Ao entrar na região, procedente de Lavras, sua terra natal, em Minas Gerais, o habilidoso condutor de homens, viera se instalar em Val de Palmas, onde, em associação com o sogro, João Batista de Araújo Leite, adquirira exten-

sa gleba encravada num latifúndio de 12.000 alqueires de desertos litigiosos, e fundara importante fazenda cafeeira.

Mais de cinco decênios são passados desde essa época até os dias atuais. E apesar disto, já naquele tempo, não tinham sido êsses dois aventureiros desbravadores de desertos, os primitivos incursores a se fixar na região. Mesmo anteriormente ao ano de 1892, quando Baurú não era mais do que uma povoação insignificante, constituída de umas poucas taperas feitas de páu roliço, recobertas de sapé, ainda inferior à sua vizinha Fortaleza — chamada agora Piantan — e quando o coronel José Ferreira de Figueiredo, então sertanista agricultor, havia aberto nas imediações do arraial uma grande estância, que denominara fazenda Aerópolis, algum tempo depois permutada com Azarias e o sogro por aquela propriedade em Val de Palmas, já outros incursores em desertos, o coronel Joaquim Toledo Piza e Almeida e o suíço Luiz Wolff, haviam entrado na região e estabelecido nas cabeceiras e vertentes do rio Feio, a zona, na época, mais temerosa da terra, infestada pelos mais perigosos inimigos dos civilizados — os índios Coroados, ou Caingangues.

E feita aquela permuta de propriedades, Azarias Leite se transferira para as terras adquiridas ao coronel Figueiredo, mudando-se, depois, a denominação de fazenda Aerópolis para São Luiz.

Agricultor antigo, apaixonado pelos trabalhos do ofício em que se educara e se tornara mestre, como lavrador que era de velha e laboriosa geração, organizara a colônia e outras bemfeitorias na fazenda, até assentamento de máquina beneficiadora de café.

Administrador inteligente, ativo e muito trabalhador, o fazendeiro conduzia a sua lavoura tratada com esmero e dedicação.

Fazenda de atividade mixta agro-pecuária, de um lado se estendia a messe de sua policultura agrícola — tôdos os

cereais em abundância — enquanto, por outra parte da estância, se alongavam as belas campinas de forragem, onde apascentavam os seus rebanhos.

E os dotes e predicados morais dêsse sertanejo patriótico estupendo não paravam aí.

A educação recebida no centro campestre em que nascera e se fizera homem para suportar tôdas as lutas contra adversidades, como o trabalho mais árduo e o dever social imposto, penetrava-lhe fundamente a alma e aí se fixara imorredoura. Homem bom, de fino e cativante trato, fosse no lar, onde viviam as pessoas mais caras de sua vida — a esposa e numerosa prole — fosse no meio extremo de suas atividades, circundado por largo âmbito de suas relações sociais, ou, onde quer que se tornasse conhecido simplesmente pelo nome, a sua presença, ou a sua lembrança apenas, irradiavam simpatia, respeito e consideração. Mas a verdadeira pedra angular de seu caráter não fôra atingida, ainda, aqui, pela vibração dêstes conceitos. Aquilo que, talvez, melhor se distinguia e patenteava na figura moral impolgante dêste roceiro de sertões, dêste homem simples, inculto, profissional de mais rústicos trabalhos em que ou saram homens se ocupar e que se propagava entre a admiração das gentes, muito além de âmbitos sociais de seu direto conhecimento e relações quotidianas, como se fôra o traço característico de sua existência, razão de pensar e viver, era a lealdade do seu caráter.

A dignidade, a honra em que se guardavam a fé de sua palavra e de compromissos seus, alçadas a alturas de mais bela relíquia, como patrimônio moral de família e tradições, conservadas rígidas no profundo sertão de Baurú.

Tinha estima e consagração pelas amizades. A perpetuação de honradês, que tanto mais se projetava e se fazia gronde e veneravel, quanto é possível se pensar nêstes sertões, era um chocante contraste ao lado de hordas esmagadas

doras, de inconciêntes, celerados, ou fascínoras, existentes, aventureiros aí.

Azarias Leite administrava o desenvolvimento de sua fazenda, onde adquiria boas relações de quantas pessoas o procurassem, alargando, de tal forma, o círculo de conhecimento, disseminando admiradores e acumulando prestígio e respeito em tôrno de seu nome, da mesma forma, que mais se acirravam as invejosas iras de maledicências, ingratições e imposturas contra si. Mas a consciência do bem é tranquila e intingível. . .

Ao passo que isso se passava, o prestigioso sertanejo não prestava atenção, nem ligava ouvidos ao ganir de rafeiros detratores. . .

Repartia as horas de seu trabalho e operosidade, desenvolvidos no progresso da fazenda, entre interesses particulares e afazeres pelo melhoramento do vilarejo de Baurú. Aquela seria a propriedade e suas economias, êste haveria de representar o orgulho, o ansêio e a propriedade de sua alma.

Chefiando uma facção política na Noroeste e altamente prestigiado nas esferas da administração estadual, a despeito de rasteiros inimigos locais, o distinto camponês ia adquirindo tudo quanto solicitava dos poderes públicos, em benefício da pequena vila sertaneja. E novos melhoramentos iam chegando a Baurú. A partir do ano de 1893, êle assiste às primeiras instalações de benemerências públicas no arraial, decorrentes de sua iniciativa e influência política.

Já por essa mesma ocasião, Baurú se eleva à categoria de distrito de paz.

Depois, a 7 de janeiro de 1895, se transfere da cidade de Fortaleza para a florescente vila, a sede do município regional.

São construídos dentro de pouco tempo o matadouro e o Paço Municipal. E ainda por iniciativa do grande bem-

feitor, se estende de São Paulo dos Agudos para lá a rede telefônica. E com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana a Bom Jardim e a Companhia Paulista a São Carlos, a remota cidadela dos sertões, compreendendo que, para mais perto de si, ia avançando a viação, como supremo melhoramento de tôdas as regiões e tôdos os tempos — a estrada de ferro — adquire extraordinário impulso. Cresce e se povoa.

E o sertanejo trabalha intensamente a seu benefício. Reemprêta ação admirável ao assistir em vida o desenvolvimento de sua terra adotiva em tôdos os setores de atividades necessárias à formação de uma metrópole futura de civilização. E à proporção que trabalha à vanguarda de outros valorosos identificados na vida do grande município; à medida que se entrega tôdo o seu prestígio, crédito moral e confiança, vai obtendo tudo que deseja para Baurú. No entanto, antes de se esmorecerem, a mais e mais se desencadeiam contra êle o odio, o rancor dos infames, os detratores inéptos, que se opõem inequivocamente, aos seus sagrados e altos desejos. E é uma oposição oculta, à sombra de vilanias, porque, se de outro modo ousassem proceder, não se escapariam os vilões ao castigo popular. . .

E arquetetam, mais insistentemente, infâmias caluniosas, atribuídas ao fazendeiro.

Levantam-se difamações, que dilatam de boca em boca e se expandem de ouvido em ouvido. Derramam-se na sociedade as falsidades mais vís e mais soezes e as mais contraditórias e inverdadeiras asserções contra êle, atacando-o por tôdos os modos na sua idoneidade moral; promessas de perseguição, de vinganças e até ameaças e atentados contra a sua vida. E o sertanejo destemeroso, porque se escuda e se defende com aquilo que torna o homem mais desassombrado, mais firme e corajoso em atitudes, que é a tranquilidade de espírito pelo senso do cumprimento do dever e

a consciência do bem coletivo, que pratica, ironiza as calúnias, despreza as infâmias, descrê de tanta inimizade infundada, sem lhes dar nenhuma importância, gracejando de vinganças e ameaças planejadas quando viaja só, a cavalo, ou de qualquer modo, a tôda hora, em tôdas as direções e a qualquer destino. Pessoas mais íntimas e amigas não tem faltado, que não se cansam de o avisar da existência de inimigos covardes e tôda a adversidade corrente em tôrno dele. . .

Mas Azarias não foge nunca à sociedade de Baurú, aos seus afazeres, suas atividades de chefe e orientador político de homens, ocupado, sempre em trabalhos, por vezes, distantes, através do município.

Começam afinal, a se concretizar em fatos positivos, as ameaças antigas, dantes prometidas. E se manifestam e patenteam elas sob todas as formas e modalidades. Contra seus empregados e colonos, em serviço na cidade, como se fossem dirigidos indiretamente contra êle. Provocações, desfeitas e máus tratos se dirigem aí sôbre êstes, com a flagrante intenção de desfeitear e provocar o patrão. De suscitar rixas e despertar para êsses atos de selvajaria, a atenção do fazendeiro.

Certa vez, um carroceiro de sua fazenda chamado Francisco Vitú, homem valente e empregado merecedor de tôda confiança e estima do fazendeiro, apontado falsamente pelos desafetos dêste, como sendo seu capanga, é, no interior de uma casa comercial, quando se achava a serviço do patrão, intempestivamente desfeiteado, sem nenhuma causa, ou pretexto, que justificassem semelhante fato, por conhecido fascínora. Cai-lhe pesadamente a desfeita provocadora. O empregado de Azarnas, rapaz esperto e vivo, que vinha já compreendendo a tenção das cousas, conclue, ali mesmo que o não atingia a ação do desafeto, e se julga ape-

nas intermediário da afronta que, afinal, se transformava numa provocação recaída contra seu patrão.

E' pois, insultado alí em lugar dêste. . .

Se considerasse o caso sôbre a sua pessoa simplesmente, talvez, não lhe desse nenhuma importancia, além de prudente e conciliatório desfecho.

Mas, desde logo, compreendendo que na sua pessoa, é desfeiteado o patrão, muda de figura, na sua opinião, o caso.

E revida imediatamente, com tôda energia e veemência, a afronta. Vendo armado de pistola o insolente agressor, leva a mão ao cabo de sua faca, salta fora, ao meio da rua, desafiando o valentão. Êste, porém, mais habituado, por certo, à forma de ataques à traição, à tocáia, onde o contendor desprevenido, não pode aparar o assalto e reagir, como assim, frente a frente, empalidece, desculpa e se esquiva, abandonando a luta apenas vislumbrada.

O carreiro de São Luiz retoma seus afazeres interrompidos, afirmando, que tudo aquilo não fôra praticado para a defêsa de sua dignidade e sua honra ofendidas, mas sim pelo patrão, que está correndo sério risco de vida e, a pesar disto, ainda descrê de ameaças, não se acautelando. . .

Desta vez, porém, tudo se acalma e silencia.

No entretanto, não fica apenas nêsse rápido incidente, a campanha de insultos e provocações desaforadas. Êste mesmo empregado da fazenda de São Luiz começa a receber insistentes recados do seu gratuito desafeto, desafiando-o e lhe prometendo a morte no instante do primeiro encontro. Avisado assim, reiteradamente, procede, no entanto, da mesma forma que o patrão: não interrompe por nenhum temor as suas ambulantes obrigações dentro e fora da fazenda. Mas pendura à cinta uma garrucha de dois canos e calibre grosso.

Uma manhã, andando, ainda, a serviço pelas ruas da cidade, ao dobrar uma esquina, surge-lhe, muito próximo,

pela frente, o valentão. E salta êste de arma empunhada sobre Chico Vitú, atirando-lhe à face a sentença de morte: —“Chegou a sua última hora”!

O agressor não conclue a frase. Chico Vitú, incrivelmente veloz e agressivo, corta-lhe a meio a palavra, enterando-lhe na boca aberta e ameaçadora, a pistola a detonar-se. Os dois canos da garrucha explodem num só instante, como um estampido único. Com a boca chamuscada de pólvora, a mascara esfacelada e irreconhecível, estende-se na sargeta o valentão, em derradeiros extertores da agonia.

A notícia do ocorrido campeou célere pela cidade e muito além desta. Chegou aos meios verdadeiramente responsáveis por aqueles incidentes, e a campanha de calúnias e provocações, donde se originavam ainda outros distúrbios de rua, se alastrou, de novo, na cidade e adjacências, acrescida da novidade de que tudo aquilo se teria ocorrido por culpa única, por maldade e determinação de Azarias, passando, êste, de tal modo, da situação de ameaçado e perseguido para o conceito de provocador e criminoso.

Ganham assim, nova fase de intensificação a campanha soturna de intrigas e a campanha de amaeças, correndo paralelas contra êle, inocente, inofensivo e alheio a tudo que se lhe atribua à vontade e intenção, dirigidas da parte de ínfimos e desprezíveis inimigos.

Positivam-se pois, ainda mais, a partir daquele dia, os costumeiros insultos e, por pouco não se dera o desfecho fatal, culminando-se no atentado máximo, que visaria a eliminação do honrado bemfeitor e chefe sertanejo.

Exemplifiquemos. O vigário de Pederneiras, seu grande amigo, salvou-lhe numa dessas ocasiões a vida. Azarias e o padre Carlos de Miranda da cidade vizinha, andavam juntos e despreocupados através de uma das ruas de Baurú, quando lhes interceptam os passos, dois homens armados, suspeitos e ameaçadores. Insultado inopinadamente com

pesadas injúrias, Azarias, só não fôra agredido e, talvez, assassinado naquele dia em virtude da intervenção do padre Miranda no premeditado incidente de agressão. O virtuoso e heróico pároco de Pederneiras, conciliador e pacífico ante os contendores, em ligeiro, inexplicavel e insultuoso encontro, que deveria culminar no homicídio planejado para aquelle hora.

Sentindo desde logo, porém, que tôda a ação conciliatória se ia tornando infrutífera e até prejudicial, teve o padre um gesto de dignidade incomparável, uma atitude de heroísmo e de renúncia cristã, poucas vezes imitada, ou repetida. Interpondo-se desassombadamente aos agressores e ao companheiro, oferece-se em holocáusto para morrer em lugar do amigo ameaçado. Dá a sua existência pela sobrevivência dêle.

Compreendendo que está entre uma questão de vida e morte inevitável, quer morrer pelo honrado sertanejo, rogando aos fascínoras armados que não matem um inocente, um piedoso de Deus, um amigo leal e bom de tôdos, vítima de colúnia, que, além do mais, é chefe de família, pai de numerosas crianças pequenas. Eliminem a êle, padre, que está no mundo sem compromissos, apenas para salvar os homens e cumprir e sofrer penas e sacrifícios; a êle, padre, cuja existência de penas e humildades nenhum valor material encerra no mundo. Não tem encargos na sociedade a não ser aqueles que levam à redenção e não tem prole que necessita de assistência.

Então, os salteadores, mais desapontados e surpresos do que, propriamente, comovidos deante de um exemplo tão patente de amor ao próximo, se retiraram, deixando de cumprir a missão de assassinos instrumentos homicidas.

Somente um episódio semelhante poderia convencer o honrado sertanejo, da verdadeira situação em que se acha-

va envolvido na terra de seus afetos mais caros e entre gentes que tanto bem e favores lhes deviam.

Aconselhado insistentemente por amigos prudentes da qualidade de Gerson França e outros, partira para Minas Gerais com o propósito de permanecer durante algum tempo entre parentes e pessoas afeiçoadas, até que pudessem os ânimos rancorosos se amainarem por cá; até que os seus desafetos e as infandas calúnias se esquecessem d'êles.

Ao cabo de três ou quatro meses em que vivera tranquilo no seu Estado natal, e quando notícias procedentes de Baurú já lhe davam conta de que a animosidade desfavorável à sua pessoa se havia arrefecido e que os principais elementos dessa odiosa campanha difamatória — um capataz de turmas na Estrada de Ferro, um sub-empregado de linha e um negociante influente na praça (*) — todos três, reles e suspeitos aventureiros, que chegaram a esmolas à cidade e passaram, depois, por influência e proteção do próprio Azarias, a desfrutar posição de destaque naquele meio, e que, segundo indicam tantos indícios e tôdas as aparências, agiam sornateiramente e levantavam infâmias contra o antigo amigo e protetor, na qualidade de sabujos a serviço de outrem residentes em Agudos e Lençóis, instigados tôdos pelo emérito senhor juiz de Direito desta primeira localidade, então, sede da Comarca regional, e pareciam já esquecidos de seus velhos e miseráveis propósitos, o fazendeiro, tranquilo e desassombrado como sempre, regressara à sua estância de São Luiz, sendo, após, festivamente recebido em Baurú.

Em épocas sucessivas a partir do ano de 1896, quando fôra transferida de Fortaleza para a vila de Baurú a sede da grande municipalidade, onde a ação político-diplomá-

(*) — Omitimos propositadamente, para não trazer aqui melindres pessoais, êsses três nomes.

tica do sertanejo havia demonstrado de vitória em vitória, triunfos e conquistas notáveis em benefício da localidade e vinha pondo à prova o prestígio e valor pessoal junto aos poderes públicos.

Mui poucos anos após, já possuía Baurú, desenvolvida população urbana e estava determinado que três estações ferroviária se inaugurariam lá. Destas, chegara ali, em 1904, a Sorocabana; avançavam para a cidade os trilhos da Companhia Paulista e, no ano de 1906, partiu do novo centro sertanejo através da região mais fértil do Estado, em demanda de Mato Grosso, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Corria por êsse tempo o ano de 1908. E o grande empreendedor de melhoramentos da região havia chegado de Minas e acabava de reassumir o seu velho pôsto de chefe prestigiado de homens e de partidos. Tomara êle agora o encargo de trabalhar pela criação da comarca. Iria com esta providência tocar a pedra angular de tôda a discórdia existente em Baurú, convergida ineptamente contra si, e, desde remotos dias, seria a origem da infamante campanha de detrações desencadeada em seu desabono.

Nos centros de Lençóis e, principalmente, de Agudos, havia inequívocas demonstrações de interesses subalternos opostos ao progresso da cidade sertaneja. Esta já se tornara uma rival influente naquelas proximidades. O magistrado da comarca, apelidado, até nos rincões mais distantes da Noroeste pela exótica denominação de "o homem que defeca pela barriga", era sistematicamente contrário ao desenvolvimento político daquele município e, se tornara a sua oposição mais veemente e mais terrível, quando se propalasse a existência de qualquer iniciativa no sentido da criação da comarca de Baurú. Centro adiantado já, só carecia a cidade sertaneja da instalação do seu instituto forense. O foro da justiça.

A inauguração deste centro jurídico aí, vinha estreitar o âmbito de atividades da velha comarca de Agudos, estendida por tôda a região noroestina até o rio Paraná.

Aquele magistrado, orgulhoso e insaciável de ambição, sentia bem, que se ia retraindo o campo de sua jurisdição, perdendo, assim, prestígio, clientela — uma clientela de gente simples sujeitável a tôdas as exigências e imposições, que se punha deante de um juiz, mais temeroso e humilhada do que à frente de uma alta autoridade clerical. Os seus proventos se estavam restringindo, desde que ameaçava escapar do círculo de sua ação a terra imensa, onde êle já havia julgado partilhas territoriais, recebendo honorários equivalentes à proporção absurda de 80 %, recompensados, em espécie com terras legalizadas que dividira.

Com prepotentes deliberações, sem reconhecer autoridade em quem se opusesse a seus atos, e muito menos quando essa oposição se patenteasse baseada em vilania e interesses pessoais nunca satisfeitos, a campanha chefiada pelo sertanejo de Baurú, prestigiado pelos elementos mais representativos locais, antes de se esmorecer, cada vez mais se intensificava. Por essa ocasião, alí por fins do ano de 1909, acendia-se ainda, uma outra campanha junto aos círculos políticos, aqueles mesmos círculos para onde convergiam os primeiros valores da cidade. Era a campanha eleitoral. Uma campanha, que se amoldava num sistema vergonhoso de desenvoltura na época, mais desenfreada, mais violenta e odiosa, que tantas outras por iguais períodos existiram, acirrando o rancor mais forte e revivendo intrigas já esquecidas, entre facções discordes, inconciliáveis.

Conjuravam-se pois, as duas ações populares sérias. Uma — a campanha política pela eleição presidencial da República, outra — a campanha administrativa, pleiteando a instalação da comarca.

Azarias Leite se achava na vanguarda orientadora de ambas. E fosse dirigindo uma, ou encabeçando a outra, êle se batia em oposição aos mesmos adversários. Daí, abastadas razões para que mais se reencaminhassem ódios contra si.

Ódio de morte e eliminação radical.

Afinal, a turbulenta e agitada campanha eleitoral se culminou num pleito renhido, lutuoso, onde o chefe político regional ganhara esmagadoramente a eleição. Pirajuí somente, pequeno arraial naqueles tempos, e terra de opinião independente, concorrera com mais de quarenta votos para a urna da vitória.

Assim, mais uma vez se impuzera o valor de um chefe admirável. E fôra em vão que os seus rasteiros adversários arrebanhassem de terras mais profundas da Noroeste, eleitores contra o seu prestígio, e compaessem às urnas até defuntos!

Um dos elementos contrários, influente, antigo serrador de madeira para a Estrada, mais tarde, nomeado mestre de linha junto às turmas ferroviárias, em virtude da proteção de Azarias, penetrara a região, na qualidade de cabo eleitoral em companhia de um sub-empregado de construção, outro, a quem o fazendeiro havia saciado a fome, a fim de comprar votos também contrários ao chefe eleitoral. Fôra em vão que de Agudos, Bom Jardim e Lençóis inúmeros eleitores clandestinos carregassem contra a facção política do popularíssimo e estimado chefe. A população de Baurú em pêso cumprira o seu dever na hora mais crucial e decisiva, enfrentou tôdo o eleitorado sedicioso e a capangagem adversária, para dominar no pleito, esmagadoramente, a perniciosa e vil oposição. Fizera-lhe frente aí, como o faria da mesma sorte em qualquer terreno e, se para tanto, necessário se tornasse, o faria, ainda, no prélio de uma luta armada.

Campeava de uma parte, a mentira e a infâmia, recheados de calúnias torpes, enquanto, por outro lado, só existia franqueza, lealdade e confiança entre amigos e correligionários.

Era pois, flagrante e contraste a diferença entre os contendores.

Houve de um lado a vitória eleitoral e, de outro lado, a derrota retumbou. . . E do mesmo modo que aqueles desprestigiados cabos e chefetes eleitorais sofreram suas amarguras, também os seus instigadores graduados não tiveram menos razões para se tornar ainda mais enfurecidos contra a fação vitoriosa, intensificando, dora avante, a cólera contra o verdadeiro causador de sua adversidade e principal responsável pela derrota, seria, pois, natural que a fúria e o ódio se reeditassem e se desencadeassem, na mesma forma do velho e tétrico plano de vingança.

Azarias Leite, sagrado pela opinião pública e ungido pelas multidões, assistira a sua última vitória, em vida, como já se habituara a ser vitorioso por diferentes campanhas em que se empenhara para criar benefícios ao povo e a cidade.

Inúmeros melhoramentos já se haviam instalado aí por influência sua. Distrito de paz em 1894, quando seu sogro João Batista de Araujo Leite fôra eleito primeiro juiz; três anos mais tarde se instalara a câmara municipal, cuja jurisdição se estendia até os barrancos do rio Paraná, a despeito de mais viva oposição dos dirigentes da cidade vizinha, sede da comarca.

Entrando no limiar do século corrente em pleno desenvolvimento, a sua vila assiste, em 1904, à determinação governamental, que decretara a partida daí, ou de imediações, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, enquanto chegavam à cidade as composições da Sorocabana; a Companhia Paulista estendia seus trilhos para lá e, dentro de dois anos seguintes, já se inaugurava o primeiro lance de 92

quilômetros de leito da Noroeste, como linha de penetração sertaneja através do município e em demanda de Mato Grosso. E no ano de 1910, quando todas as campanhas locais se acendiam ao extremo, a linha Noroeste do Brasil já se estendia até Itapura e se encaminhava para se lançar na travessia do grande canal do Paraná, a população de Baurú se preparava para festejar, dentro em pouco, mais uma vitória, conseguida pelo seu velho amigo e bemfeitor — a instalação da Comarca.

E esta realização suprema não se retardaria muito.

Tôdo o acervo de vantagens que tornava a cidade um centro de civilização notável, conta à sua frente a figura estupenda do sertanejo.

A tudo isto êle assiste, prestigiado, modesta e vitoriosamente.

Funda-se em Baurú o Banco do Custeio Rural e é êle eleito seu primeiro presidente.

De vitória em vitória assim, o seu prestígio ainda cresce, premiando os seus esforços. Pela vida lhe perpassa a alegria de presenciar dia a dia o desenvolvimento da terra. E tudo vê e contempla satisfeito.

Só não assiste à instalação daquela casa bancária e a criação da comarca. É que, na trágica madrugada de 19 de outubro de 1910, precisamente o dia em que viajava de sua fazenda para a cidade afim de instalar o Banco e assumir a sua direção, caiu, para nunca mais se levantar, fulminado por três balas assassinas, em traiçoeira emboscada de carabina. O seu assassinio já planejado e até "empreitado" por várias vezes, encontrara, afinal, o seu dia.

No mundo dos homens, até a covardia e a perversidade têm limites. . . Diferentes "empreiteiros" de sua morte (adotemos esta expressão) antes de atingirem o momento culminante da ação, abandonaram a tétrica emprêsa.

Azarias era para estar já morto. A sua sentença se encontrava lavrada há muito tempo.

Até a covardia tem limites. . . Viajando só e desarmado, a cavalo, ou a pé, a qualquer hora, por caminhos desertos e ladeados de matos, certamente, que inúmeras vezes, sem o pressentir, estivesse ante a boca de um bacamarte carregado, que só não fora deflagrado, talvez, por qualquer indecisão, ou arrependimento ocorrido do último instante do premeditado homicídio.

Seria, pois, de se admirar que o honrado e prestimoso sertanejo ainda tivesse vida até aquele dia.

Dessa vez, porém, não se escapara. Seja pelo remorso, seja pelo perdão do assassino, ocorrido, já a última hora, quando pronto e com o dedo no gatilho para desferir a bala mortífera, até aquela hora da manhã vivera o condenado.

Além disto, subira, nessa ocasião, o preço a pagar pela vida do fazendeiro. Um caixa creditícia, formada pelo cômputo dos adversários, atingira trinta mil cruzeiros, na casa comercial de um negociante influente — tezeiro da cativeira! E não se deslembre ainda, que o mandatário encarregado de perpetrar o crime era um homem bronco, máu, inconsciente da responsabilidade moral da sua lúgubre missão e desconhecedor de sua vítima, seu passado e seus dotes de coração.

Andando de localidade a localidade, de investigação a investigação, a procura de um homem portador de instintos tais, os bárbaros corretores da morte foram deparar a mais de cem quilômetros da cidade, um agregado a uma fazenda em Congonhas, situada no município de Pirajuí, onde contrataram para a empresa, os bons ofícios de Joaquim Honorato, preto miserável, que jamais vira tanta gentileza de homens "importantes" e tanto dinheiro oferecido por tão "pouco trabalho" seu! Receberia êle, em troca do "pequeno serviço", a quantia de mil e novecentos cruzeiros. Desta importância, ser-lhe-iam, desde logo, entregues quatrocentos cruzeiros, conjuntamente com uma carabina carregada

e um capote para se abrigar das inclemências do tempo. O dinheiro restante, isto é, mil e quinhentos cruzeiros, ficaria à sua disposição, só depois de praticado o crime.

Honorato aceitou estas condições de negócio e partiu para Baurú, disfarçado em cavaqueiro da Estrada Noroeste, levando a arma oculta entre as dobras do capote. Aí chegando, êle se hospedou na pensão de Antonio Mineiro, a quem pagava diariamente as despesas na casa.

Andou a vagar pela cidade, sondando terreno propício à execução de sua obra, até que se tornasse conhecedor do local e da saída da praça para a estrada que levava de Baurú a fazenda de São Luiz. Assim, familiarizado com o meio, seguia todos os dias por esse caminho e ia se postar na venda de José Maria, situada já num dos últimos prédios da atual avenida Araujo Leite, onde Honorato manifestava ao proprietário, interesse constante de conhecer pessoalmente o fazendeiro.

Era aquele o caminho por onde passava êste, quase todos os dias, a cavalo. Consequentemente não demoraria que o algoz pudesse conhecer e identificar de perto, o seu martir.

Numa tarde, José Maria, na porta de seu estabelecimento, em companhia de alguns fregueses, indicou ao preto, um cavaleiro que descia a ladeira e se aproximava deles, como sendo o seu amigo Azarias Leite, a pessoa que tanto deseja ver. O preto Honorato, notando que o viajante apontado era um homem de aspecto simples, modestamente trajado como quantos houvera visto; um homem que usava chinelos e chapéu ordinario de palha, contestou o informante, alegando que o vendeiro se enganara, pois o cavaleiro que chegava não poderia de forma alguma ser o chefe político de Baurú.

Êste, conforme tudo indicava, haveria de ser um homem importante, rico e bem trajado.

Somente depois que o fazendeiro parou à frente de José Maria, cumprimentou os presentes e, pelo sentido de sua conversação com o vendeiro correligionário, é que Honorato acreditou se encontrar ante o homem procurado. Atento à conversação do fazendeiro ficou êle ciente de que o viajante passaria ali mesmo na manhã seguinte, muito cedo, de regresso à cidade.

Naquela tarde se completavam treze dias que Honorato era hóspede na pensão de Antonio Mineiro.

Antes porém, de deparar aquele local, tão a jeito para que se defrontasse, sem despertar suspeitas, com a sua vítima e conseguir captar informações acêrca de seus hábitos principais, o preto assassino perdera precioso tempo por outras vendas e ruas da cidade, em investigações idênticas e inaproveitáveis, sem nenhum vestígio de conduzi-lo a caminho dos elementos que pretendia conseguir.

No entanto, José Maria, o vendeiro honesto e probo, amigo sincero e estimado de Azarias, teria sido inconscientemente, o melhor informante do perverso desconhecido, que se lhe magoaria a alma e o íntimo do coração, sacrificando, horas após, o amigo bom, por quem sacrificaria até a existência.

E Joaquim Honorato, sobraçando a carabina resguardada sob as abas do seu capote, passou muito cedo à frente daquela casa, ainda fechada, seguindo os mesmos passos do viajante, que rumara, na véspera para a fazenda de São Luiz e de onde a sua vítima, condenada naquela manhã à morte, deveria partir de encontro ao carrasco. Êste, tencionando encontrá-la ainda longe das visinhanças da cidade, saíra da pensão pela madrugada alta destinado a consecução do sinistro plano.

Anda um para o lado do outro. . .

Afinal, se dá o encontro dos dois. O assassino marchando àquela hora silenciosa da manhã, no trecho recoberto de

matos da estrada êrma, que se lançava ao longo da margem direita da Água Comprida, atinge um ponto, donde percebe rumores de passos no outro lado do riacho. Evitando ser visto, ou ser pressentido por alguém que viesse por um caminho aberto na outra margem da torrente e recaísse na estrada geral, por onde segue o preto, êste se desvia de sua diretriz, entra no mato e se oculta. Se bem que desconheça o terreno em que pisa, quando se amóita, ao acaso, naquele esconderijo, com a preocupação única de não ser surpreendido, longe está o homem de supor seja aquele local o mais propício para conseguir a realização de seu intento, de suas principais cogitações e, mesmo se o conhecesse não poderia, deparar, talvez, como casualmente o depara, no seu percurso.

E sem o saber, está parado, assentado e oculto comodamente na emboscada de sua vítima, no ponto em que a estrada de São Luiz desvia a sua orientação primitiva para cruzar o riacho no fundo do vale e alcançar, na margem direita, a linha rodoviária, que se lança de Baurú para o interior da região.

Existe aí, pois, a encruzilhada dos dois caminhos.

Os rumores que o criminoso ouvira foram produzidos pela marcha corrente da montaria do fazendeiro, que se aproximava do suplício e do termo de sua vida. . .

Preferia êle viajar muito cedo quando vinha de casa a Baurú. De sorte que, aquela hora, com desagradável surpresa de seu algoz, já se encontrava quase à entrada da cidade.

O viajor, no seu roteiro, tem que descer ao fundo do vale, cruzar o fio de água afim de atingir, após galgar a rampa da outra banda, o caminho largo do lado oposto. O mesmo lado do córrego em que se acha amoitado o assassino.

E desce. A sua cavalgadura suada e arquejante, alcança ao fim da ladeira a margem do riacho, pára aí, mergulha as argolas do freio bucal e as extremidades das rédeas na tor-

rente e sorve sofregamente água. O fazendeiro, cavalgando-a, em baixo, a menos de dez metros de Honorato, que o espreita de cima, na tocaia, oferece à mira da carabina so- turna e assassina, um alvo próximo, estável e desprevenido.

E nisto, estrugem dois estampidos ao mesmo instan- te... Cai de sua montaria o viajante. E' quando desce até ao fundo do vale o criminoso para se certificar do efeito da descarga. Verifica dois ferimentos mortais na vítima, já agonizante. Não satisfeito, porém, e, ainda duvidoso do que observa, volta mais uma vez a sua arma homicida contra o moribundo e atravessa, com mais outra bala, a cabeça do cadáver...

Só The resta agora uma cousa a fazer: fugir dali... Transformar numa incógnita e num mistério insondável o seu ato.

E' impossível descrever o alarido produzido pela morte de Azarias Leite. Uma angústia de piedade, sentimento e dó, campeou célere por Baurú, quando, após a trágica no- tícia trazida à cidade, já manhã clara, por intermédio de um carreiro, que deparara ao passar pelo local, com o corpo en- sanguentado do fazendeiro.

Afluiu para lá, onde se dera os trágicos sucessos, grande parte da população da terra, seguindo as autorida- des policiais encarregadas de investigar, estudar e recolher impressões em tôrno do local, destinados a esclarecer o crime.

Foi feito tudo, consoante determinações legais. Exa- me pericial médico-legal, pesquisa minuciosa no sentido de se surpreenderem vestígios, que oferecessem o ponto de partida à primeira suspeita de pista, e transportado o ca- daver para a cidade.

E enquanto se procedia, com pompa ritual o sepulta- mento do morto, eram enviadas notícias telegráficas e emissários as autoridades supremas do Estado com substan-

ciosas mensagens, que relatavam o ocorrido e solicitavam ao mesmo tempo força policial e polícia especializada afim de desenvedar o mistério, pela identificação do criminoso. Lembravam elas também, às autoridades a urgência da cria- ção da comarca de Baurú, no propósito de sanear a região de seus elementos prejudiciais.

O vendeiro da estrada, abreviador involuntário e ca- sual da tragédia, comparecera a sub-delegacia de polícia lo- cal, na qualidade de precioso informante para dirigir as in- vestigações iniciadas. Ordenou e encadeou idéias, concate- nou fatos sucedidos e observados na sua casa, desde vários dias anteriores, quando lá aparecera pela primeira vez aque- le homem preto, desconhecido, portador de um semblante duro e incomunicativo, a bebericar e de quando em quan- do, demonstrando indisfarçável interesse por conhecer pes- soalmente a Azarias Leite. Aquele indivíduo, lhe desperta- ra suspeita. E esta sua desconfiança mais se acentuava no espírito, quanto mais se convenciu de que o homem de suas apreensões havia desaparecido de sua casa e das ruas locais desde quando tomara conhecimento direto com o fazendei- ro vitimado. E relatou tudo isto às autoridades, despertan- do nestas, pela procedência de suas suspeitas, a convicção de não desprezar nunca mais a primeira e, talvez, única pista a se seguir. O vendeiro José Maira também recor- dava da hospedária, onde estivera o homem durante aque- les mesmos dias em que não se ausentara do seu balcão.

Encaminharam-se as autoridades à pensão indicada, onde investigaram a casa, particularmente o antigo aposen- to do hóspede. Este estivera aí durante treze dias. Saira na madrugada do crime e ninguém da casa conhecia-lhe o pa- radeiro.

Estavam as cousas estagnadas nestas duvidosas circuns- tâncias, quando alguns funcionários da Noroeste do Brasil, ouvindo constantes descrições acêrca de traços fisionômicos

da pessoa apontada como responsável pelo homicídio de Água Comprida, vieram comunicar a polícia de Baurú, no dia 21 de outubro, dois dias portanto, após a tragédia, que passara pelas ruas de Presidente Alves um homem, cujo aspecto físico coincidia notavelmente com os sinais desse indivíduo que José Maria conhecera e denunciara.

Aí estava pois, uma boa pista, que, entre outras, os investigadores, não deveriam desconsiderar.

Cairam-lhe sobre os rastros as autoridades. O sub-delegado de Baurú, escrivão da polícia, duas praças e mais doze homens auxiliares, rumaram para Presidente Alves.

Bateram a cidade e adjacências, só conseguindo informações de que o indigitado homem havia escapado dali para os lados de Pirajuí. Seguiram-no até lá os policiais.

Em chegando a este centro afastado, na época, do tronco ferroviário da Noroeste, depois de insistentes e custosas pesquisas, rumaram para as bandas de Congonhas, um bairro agrícola do município, situado à cerca de dez quilômetros daquele distrito.

Em Congonhas, já pela manhã, a primeira pessoa, a quem solicitaram informes apontara-lhes a residência de Honorato.

Aproximando-se cautelosamente desta, não demorara que a escolta sitiesse uma tapera miserável de pau a pique e recoberta de capim, cuja porta dos fundos se abria, deixando entrever uma mulher de cor preta.

Era a companheira de Joaquim Honorato.

Interpelada aí sobre o paradeiro do marido, respondera apenas, que o ignorava. E acrescentara que havia mais de duas semanas saíra ele de casa, levando destino ignorado dela, e não mais voltara até aquele instante. Deante de tais alegações, ainda maiores suspeitas recaíram sobre o preto.

Dois ou três investigadores penetraram o casebre e buscaram minuciosamente tudo, confirmando-se, em toda sua extensão, aquelas afirmativas.

Nisto corre pela fazenda a surpreendente notícia que o agregado Honorato estava sendo procurado pela polícia como indigitado autor do homicídio de Baurú.

Deante de semelhantes conclusões recolhidas na entrevista com a mulher, caíram os investigadores outra vez no emaranhado de novas dúvidas relativas ao paradeiro do homem, quando lhe apareceu à frente, precipitado e inesperadamente um empregado da fazenda, para lhes trazer a denúncia de que acabava de surpreender àquela hora, o fugitivo, lá em baixo, na serraria da estância agrícola, oculto entre as madeiras da oficina.

Guiados pela informação desceram até ao local os policiais.

Na verdade, o homem se encontrava ali, no seu último esconderijo. E a atitude, as próprias maneiras como fôra surpreendido, já o denunciavam e pareciam-lhe pesassem as culpas de verdadeira acusação. Colocado de cócoras no chão, com a frente voltada para uma pilha de táboas, onde repousava a cabeça reclinada, trazia, ainda, a face oculta entre as mãos.

Aparecia pois, de costas para o lado de fora, onde a escolta o avistava.

E ao receber a ordem de prisão, não tentou o menor movimento, ou resistência. Intimado a se levantar e se aproximar da autoridade, obedeceu prontamente, apenas rogando a estas, entre lágrimas, que lhe poupassem a vida.

E ali mesmo confessou minuciosamente o crime. Ao lado de fatos notáveis em importância criminal, relatou incidentes desprezíveis, vagamente relacionados com o caso e o plano sinistro de que se incumbira.

Havia sido, em dias anteriores visitado em sua casa por um indivíduo estrangeiro, encarregado de obras na estrada de ferro, que lhe dissera necessitar de serviços seus, prometendo-lhe, pelos mesmos, valiosa importância em di-

nheiro. Ficara então, deliberado, que Honorato iria a Baurú, para acertarem os dois, o plano, bem como outras minúcias da transação.

Fôra quando, alguns dias após se avistara naquela cidade com êsse mesmo indivíduo, sub-empregado da linha, à presença de um capataz de turmas — seu companheiro, todos na casa do citado negociante — estrangeiros, patrícios, tôdos três. E nesta segunda entrevista lhe fôra revelada a natureza do serviço a se executar.

Reajustara-se, aí, também, o preço pelo qual, se pagaria a execução do crime.

Naquele momento recebera Honorato a incumbência de eliminar em emboscada, na estrada da fazenda São Luiz, o coronel Azarias Leite, mediante a retribuição de 1.900,00 cruzeiros.

Combinado o negócio, lhe fôra entregue naquela mesma hora uma arma de fogo, uma capa preta e 400 cruzeiros adiantadamente. Quanto a importância restante do ajuste, só depois do trabalho executado ser-lhe-ia entregue.

E dali mesmo já se encaminhara o preto para a pensão de Antonio Mineiro e, 13 dias após, dava êle execução firme do contrato, se desincumbindo de suas obrigações.

Depois de praticado o crime fugiu a pé, através da estrada de rodagem paralela a via férrea da Noroeste, se tendo desfeito da arma e do sobretudo, ao passar pelo sítio denominado "Morro do Arrebenta Rabicho", além de Avaí, lançando-os ao mato, afim de não despertar suspeitas.

Fizera tôdo o percurso até Congonhas por caminhos e trilhos quase ínvios e encobertos, se ocultando, afinal, aí, porque, ao chegar, pouco antes, às imediações daquela fazenda, vira, ainda, de longe, que a sua casa se achava rodeada por muita gente estranha.

Acrescentara a êste depoimento, que abatera o fazendeiro com três tiros de carabina. O primeiro estampido ar-

rancou-o, ferido, da montaria ao solo; a segunda bala prostrou a vítima, já liquidada, em agonia; e a terceira detonação, desfechada no ouvido, a queima roupa, dar-lhe-ia a certeza de que o fazendeiro, ficara alí, definitivamente morto. Era recomendação promanada dos interessados. Esta certeza deveria se acompanhar de uma informação irrevogável à presença dos mandantes do crime, destinada a efeito de ajuste final de suas contas, após a execução daquele. Só assim, teria o mandatário direito ao restante pagamento.

* * *

Escoltado no mesmo dia para Baurú, antes que o prêso alí chegasse, já o tal sub-empregado de linha, um dos principais responsáveis pela vandálica tragédia, estava detido na cadeia local. Quanto ao capataz de turma, outro cúmplice, participante instigador do criminoso Honorato, confirmara, tacitamente, êle, próprio, a denúncia pesada contra si, em confissão do prêso. Fugiu ao saber da detenção do companheiro. E se evadiu, também, o negociante.

Desapareceram imediatamente da cidade, deixando os dois perversos, seus bens imóveis abandonados, negócios de certo vulto irrealizados e tudo mais, que não puderam transportar, sob a impressão do seu temor. Também, desde que se efetuou a prisão de Antônio Mineiro, proprietário da pensão, onde residira o criminoso durante duas semanas até a perpetração do assassinio, se deu início ao processo crime.

Provas esmagadoras, insofismáveis, além do próprio depoimento do mandatário Joaquim Honorato, se convergiram para formar a responsabilidade criminal dêsses cinco indivíduos, ainda surgiram cristalinas ao decorrer do sumário policial, em formação de culpa, como sendo elas decorrentes da antiga campanha de infâmias reinantes na cidade e muito longe de seus limites, assacadas contra a integridade moral do saudoso fazendeiro, e de que resultara a sua morte. Provas transparentes cumularam sôbre os cinco verdugos

do sertão, que se ia civilizando a custo, apesar de ser de natureza discreta e abstrata a participação de um deles — o negociante, que executara a função de caixa da “companhia”. As folhas processuais claríssimas, de paciente elaboração, em melhor consciência, disposição de espírito e competência técnico-policia, deixaram entrever, transparentemente límpidos, mais elementos comprobatórios no caso, contra personalidades ilustres, residentes nas cidades de Lençóis e Agudos, apontando-as como sequazes espirituais mais covardes e criminosas do que o próprio autor da sacri-ficação de Azarias Leite.

Depois, fatos posteriores ocorridos na cadeia de Agudos, quando já se achavam julgados e condenados pelo júri os criminosos, vieram demonstrar a veracidade testemunhal das notáveis e estupendas conclusões policiais de Baurú.

Os criminosos presos foram condenados. E até o final das sentenças nada houve que pudesse desabonar a magistratura togada e a Justiça. Recaiu sobre Joaquim Honorato a pena de 21 anos de prisão; Antônio Mineiro foi condenado a 16 e o português da estrada a dois.

Nenhum destes, porém, cumpriu a sentença imposta. E fôra daí em diante que se patentearam as vergonhosas cenas do plano imaginado para livrar da prisão os condenados.

Houve apelação daquelas sentenças e enquanto o processo corria os trâmites de julgamento pelos tribunais de segunda instância, Honorato, levando consigo mais sete sentenciados, conseguiu evadir-se da prisão. Entrou em campo a polícia de Agudos que recapturou todos os fugitivos, excepto um. Excepto o preto Honorato que, segundo opinião popular generalizada, não fôra detido propositalmente...

Pareciam tôdos êsses fatos se desenrolarem e encadeados, obedientes a determinações e ordens superiores, destinados a execução de um plano final e premeditadamente organizado para a libertação dos três culpados.

Antônio Mineiro e o sub-empregado da linha não puderam, desta feita, também se escapar da cadeia, porque se achavam recolhidos numa cela a parte. Não puderam fugir e nem teriam necessidade de precipitar acontecimentos, mais cedo, ou mais tarde, positivamente realizáveis em seus benefícios. Havia gente autorizada a trabalhar por êles com objetivo também de os libertar.

Com a evasão e conseqüente desaparecimento de Honorato, a figura central do processo e donde se irradiavam as demais provas testemunhais de culpabilidade criminal daqueles, por ocasião de se efetuarem novas diligências determinadas pela Côrte de Apelação para a captação de outras instruções ao processo, se tanto fosse necessário, redundariam fatalmente na absolvição dêsses condenados. Era de certo aquele matador o melhor e, talvez, único informante das peças processuais referentes aos dois co-participantes detidos.

E quem havia dado fuga aos sete presos fôra o próprio Honorato... O inquérito, simuladamente instaurado para apurar o caso, viera demonstrar que êste sentenciado se servira de um facão para arrambar o cárcere, quando fugiram em sua companhia aqueles detentos.

Dirigidas estas investigações por autoridades, talvez, responsáveis pelas vergonhosas ocorrências, foram elas orientadas através de indicações falsas, ou inexistentes, imaginadas à feição de caprichos e suspeitas, ou sendas fantásticas e deturpadas. Da primeira autoridade da comarca ao carcereiro do presídio, até o último meirinho da camarilha, protetores misteriosos dos repugnantes matadores do sertanej de Baurú, não poderia existir outro interesse durante o envolver de tais investigações, senão um propósito contrário ao esclarecimento da verdade, guiando-se por caminhos desviados da senda capaz de conduzir à apuração de responsabilidades. Houve cúmplices na fuga do criminoso

e era patente que essa evasão havia de trazer a soltura dos seus companheiros de delito.

A ausência pois, de Joaquim Honorato, que desaparecera, a falta de testemunhas de sua existência e depoimento confirmativo durante outras audiências e inquirições a que seria, por certo, submetido em seguimento ao processo, iriam impôr a asbolvição dos réus ainda presos.

Conduzidas assim, as cousas, tudo havia caído por terra, imobilizado e improcedente, consoantes os desejos da prepotência e a vilania.

E não havia decorrido um ano após a trágica manhã de 19 de outubro de 1910, e tôdos os criminosos responsáveis e condenados pela morte do chefe baurense, se achavam restituídos ao convívio social. Já afrontavam as sociedades sertanejas saqueadas em seu direito de honra e dignidade, com a sua nefanda presença, pavorosa como o fantasma do mal, lúgubre como o símbolo da traição, e vexatória e negra como o escárneo do crime perante a justiça humana, — tôdos os scelerados em liberdade.

Mas só longos anos após ousaram voltar a Baurú...

A CONSTRUÇÃO

Desde que consignado esteja em páginas de um capítulo anterior, o perfil moral da estupenda figura sertaneja a quem tantos serviços ficara devendo a cidade de Baurú e a vasta região, que se expande dali em direção às margens do rio Paraguai, uma vez traçadas aquelas páginas, consideradas, mais como um preito de homenagem consagrada ao grande vulto do sertão antigo, do que, antes, para divulgar o seu nome, os seus feitos, demais conhecidos aí e além, foi quando, acompanhando a sequência de sua obra, necessitamos atravessar os tempos até o ano de 1910, cumprindo-nos, isto feito, retroagir a uma éra de cinco anos anteriores, afim de retomarmos a matéria que, então, nos vinha prendendo a atenção. E reencetemos o tema daquelas nossas considerações, indispensavelmente interrompidas, afim de que acompanhemos, dora avante, a engenharia se embrenhar no deserto, explorar os seus rios para estudar a diretriz' da viação de terras de leste para o sul-matogrossense.

Baurú fôra definitivamente escolhido para ponto de partida da Estrada de Ferro, há varios anos projetada. O engenheiro Joaquim Machado de Melo chegara aí, chefiando a empresa construtora, encarregada dos trabalhos de penetração.

Iniciam-se as obras de entrada para os sertões.

Na manhã de 15 de novembro de 1905 a engenharia ferroviária assentava os seus aparelhos de campo na base

de uma colina, junto à vala de um largo varjão, em Baurú, para empreender o grande traçado através de desertos noroestinos.

E tódo o instrumental de técnica aí está

Aplicando esta aparelhagem científica da audaciosa obra, vão palmilhando as incultas terras e as matas solitárias, grandes vultos da engenharia nacional. Aí se acham com as cartas gráficas do reconhecimento regional, elaboradas pelos estudos dos engenheiros Gonzaga de Campos, Sílvio Saint Martin, Gentil de Moura e outros nomes profissionais ilustres. Com êsse mapa na mão, entram os engenheiros Olavo Humel Bicalho Fontes, Rodolfo Batista, Carlos Lundem, Eduardo Gomes, Francisco de Paula Guimarães, Emilio Schnoor, Messiano José Ferreira, a quem se dera a incumbência de projetar no escritório tódo o traçado Baurú-Itapura; notáveis profissionais dirigidos por João Feliciano da Costa e Sílvio Saint Martin, além de outros técnicos de campo, também ingressados posteriormente ao cenário dos trabalhos.

Galgar lombadas de espigões; contornar morros e descer encostas e declives, para evitar altos cortes de rampas e grande movimento de terra; suprimir demoradas construções de viadutos, vai-se estendendo o traçado, cujo perfil de desenho como um simples e delgado traço, distendido e raso na superfície do solo, percorrendo à distância e à esquerda, a mesma orientação do rio Tietê.

O plano geral da obra é êste. Romper caminhos mais fáceis para avançar depressa.

E progride assim a construção. O próprio sistema da linha demonstra a aceleração da obra. Recompostas as rampas alçadas e segmentos tortuosos lançados mais ou menos paralelos ao rumo do grande vale fluvial, êle se desenvolve à maneira de um projeto simples e ligeiramente executável.

Pobre de arte e pobre de técnica, a construção da Noroeste do Brasil, se revelara dantes pela audácia, pela tenacidade dos profissionais e pela valentia dos sertanejos de terra.

E tudo corre normalmente.

Mas, à medida que se adeantam e progridem os trabalhos no sertão; quando mais fundo penetra as entranhas do deserto a vanguarda da construção civilizadora, resurge quase inopinadamente aquí e acolá, um impecílio desconcertante, um incidente contrário à regularidade e a boa marcha da entrada sertaneja. A malária, a úlcera tropical, a leishmaniose e diferentes outras endemias, constituem entraves difíceis e muito sérios, como doenças mais incidiosas e terríveis, tornadas, depois, dizimadoras entre as massas operárias do roteiro.

E não se apresentaram unicamente pela insalubridade da terra, êsses obstáculos vários à heróica penetração dos homens.

Surgiram, ainda, à cena espetáculos da grande investida da construção, outros sinais de adversidade à empresa.

Uivos ameaçadores de animais bravios, bem como rastros deixados, à hora de repouso e sono dos incursores nas terras arenosas circunjacentes, por feras espreitantes durante a noite; ranhuras em madeiras, ou presença de carniças meio devoradas vinham demonstrar a passagem de nocturno e sorratoeiro canguçú nas vicinhanças dêles, a rondar, a espreitar o acampamento, onde farejava o odor apetitoso de carne humana e pele suarenta...

Quantas vezes, surpreendida em atitude agressiva, pronta para desferir o salto de seu ataque mortal — a fera soturna espionava os homens adormecidos, ou descuidados, antes de ser pressentida e afugentada de perto, a tiros de carabina.

Depois começaram a aparecer sôbre as areias adjacentes à linha, impressos ao decurso das noites, ou até durante dias claros, os vestígios de um inimigo mais sério. Eram rastros de indígenas vigilantes e curiosos, em alcatéia constante das barracas, ao longo do picadão e por tôda a sua vizinhança.

Vinham aí, ao encontro dos bandeirantes do progresso, as patrulhas avançadas de reconhecimento, formadas das tribus terríveis dos Caingangues, dominadoras dos campos, e vales do Tietê e dos rios Feio e Peixe — inimigos mais sérios e traiçoeiros do que o jaguar e o leopardo mosqueado.

Começaram, dêste modo os exploradores da terra, a antever provações, a vislumbrar lutas bravias e dificuldades futuras, quando mais profundamente já se encontrassem na verdadeira intimidade dos sertões.

No entretanto, a obra de penetração avançava. Nada existia aí, capaz de atemorizar os homens da emprêsa, sempre os mesmos na sua coragem e disposição.

Adotando prudentemente um sistema diplomático de cordura e simpatia no trato com os moradores selvagens da zona, êles, por tôdas as maneiras, procuravam evitar práticas hostís contra os bugres. Ao contrário, esforçavam-se os incursores por lhes cativar, com boas maneiras, o espírito de rara e embrutecida tolerância, fosse por meio de atos de gentileza, praticados da parte de um, ou outro trabalhador da missão, que estabelecesse contato eventual com o aborígene; fosse por meio de presentes depositos nos caminhos mais batidos pelos índios e nas beiras dos remansos fluviais, onde pescavam e se banhavam habitualmente.

Até aí, sob a proteção dêstes mesmos recursos, iam progredindo os especialistas de viação férrea.

Seria também esta a forma diplomática mais tática e eficaz, adotada por sertanejos experimentados da região.

Todavia, apesar de tôdas estas precauções, grandes perigos, muitas lutas e sacrifícios os aguardavam além, dentro de matas mais distantes, onde o teatro escondido das florestas...

Descendo através de altas vertentes fluviais da zona até a fronteira matogrossense, os construtores da Estrada Noroeste do Brasil se lançavam num rumo de notável importância econômica, política e estratégia ferroviária, tais as condições técnicas do longo traçado.

Extritamente econômico, o avançamento da linha por aí, se ia fazendo, raspando-se espigões e erigindo de raro em raro, pequenas obras de alvenaria e concreto sôbre canais de fácil travessia, do princípio até o fim. E a ponte sôbre o rio Paraná — única obra artística de importância e vulto, não seria, por enquanto, construída. Nêste caso, sob o ponto de vista técnico, a penetração regional por êste itinerário era fácil. Era fácil, mas era também, perigosa e temerária. Por êstes caminhos, iriam os incursores se defrontar adiante com a traiçoeira ferocidade dos Caingangues — seus inimigos irreconciliáveis, ainda quase desconhecidos.

No entretanto, a meta vizada pelo traçado ferroviário era a cidade de Cuiabá, situada no sul do Estado de Mato Grosso. Assim, diferentes entradas, ou pontos de partida, poder-se-iam encetar noutras zonas e por outras direções, que conduziriam os engenheiros áquelle destino.

E vejamos sumariamente alguns dêles.

Rompendo-se ao norte de Baurú, ir-se-ia, pouco além de Iacanga, atingir o vale do rio Tietê; e, se desenvolvendo daí, ao longo dêste curso, encontrar-se-ia Itapura às suas margens e próximo do Paraná.

Ou então, consoante outro projeto, o avançamento se orientaria para o sul daquele ponto de partida, penetrando entre as vertentes do Aguapeí e o rio do Peixe para demandar o porto de Santo André, na fronteira São Paulo-Mato Grosso, tendo, antes, passado pelos sítios de Califórnia,

Marília, Duartina, e Piratininga, retrospectivamente enumeradas. Atravessaria em seguida, naquele longínquo porto abeirado ao canal fronteiro do Paraná, e, margeando, do outro lado dêste, o rio Verde até a localidade matogrossense de Ferreira, ou Água Clara, para, afinal, se orientar daí ao rumo do limite boliviano.

Estariam pois, nêstes casos, dois outros roteiros possíveis à ousada penetração.

Os quais, tanto um, como o outro, elevariam demasiadamente o custo da obra.

Extritamente econômico, o avançamento da linha por

O primeiro dêles, rompendo-se através dos vargeados alagadiços do Tietê, exigiria, além de tudo, uma técnica especial de construção e obras custosas de saneamento juntas. E o último recairia num projeto mais desenvolvido e afastado do itinerário predeterminado desde os primeiros exploradores da região, e se alongaria por voltas desnecessárias de um percurso maior.

Confrontando-se de perto estas duas diretrizes imaginárias, de acesso ao longínquo destino da Estrada e as colocando sob um mesmo lance de vistas, comparativamente, frente à linha roteiriana estabelecida pela técnica, os incursos deparariam os mesmos perigos e as mesmas dificuldades originárias de lutas, na marcha aventureira de seu caminho.

Dêste modo, se rompessem para os lados das baixadas paludosas do rio, ver-se-iam ao encontro das nações ferozes dos Tupís e, se, ao contrário, varassem através das colinas magníficas de Piratininga, arriscar-se-iam, por lá, nas últimas encostas da serra dos Agudos e altos vertentes do rio do Peixe, às púgnas terríveis com os valorosos Chavantes. Como, porém, preferissem os técnicos avançar por sobre os altaneiros espigões do centro regional e divisores das bacias

dos rios Feio e Tietê, seria a tribo dos Caingnagues, a mais feroz de tôdos os selvagens regionais, que os aguardariam.

Nestas condições, por aquí, acolá e tôdos os rumos imaginados em eventuais projetos de campo, existia o mesmo terror oposto à tranquilidade da marcha e se achavam em evidência as mesmas apreensões dos modernos incursos.

Por tôdos os lados vagueavam, por igual, aborígenes selvagens inimigos...

Mas a penetração se faria, buscando Mato Grosso, por cima das alçadas dos espigões da terra.

Fôra êste o roteiro determinado e escolhido.

* * *

Na diretriz Baurú-Itapura os trabalhos progrediam com intensidade, quando a segunda secção do grande traçado geral — Itapura-Cuiabá foi substituído pela orientação Itapura-Corumbá, atravessando o rio Paraná no rebojo de Jupiá.

Nem esta modificação do traçado deixaria de justificar o desenvolvimento da linha através do espigão divisor das vertentes do Tietê e Feio-Aguapeí, em magníficas condições técnicas, para se desviar à direita de Araçatuba e ganhar a margem esquerda do rio na altura da estação de Aracanguá, estender-se por aí até Itapura, atravessando dificilmente regiões alagadiças insalubres em grande extensão, com os maiores sacrifícios de obreiros, vitimados pela malária grave, sedida nessas baixadas durante tôdas as épocas do ano. Superando imensas dificuldades conseguiu a técnica vencer os infinitos paús e, afinal, atingir aquela localidade um ano após a data prefixada para isto, consoante o contrato existente.

* * *

Muito antes, porém, de ser alcançado o centro extremo da região paulista, já impecílios dificilmente dominados se opõem aos incursos.

E se inicia a epopéia da construção.

Um grupo de homens abnegados, trazendo aos desertos o elemento fundamental de novos recursos econômicos e vitalidades novas, lançando-se com o facho do progresso na mão, contra os horrores de florestas imensas e latifúndis sem fim, vai entrando para os êrmos.

A solidão mais escusa e tenebrosa; o imprevisto das ciladas e a instantaneidade dos ataques partidos de bugres regionais; o viver sobressaltado, esperando, de momento a momento, flagrantemente pavorosos de carnificinas até; o trabalho rude e as próprias enfermidades os esperavam — a malária, a úlcera fuzo-espirilar, a úlcera leishmaniótica de Baurú...

No entanto, alonga-se o traçado sobre os campos dos desertos, como serpente gigantesca adormecida...

Aceleraram-se as obras de penetração.

E já numa profundidade de não grandes distâncias, fesse-se, de rijo, o coração da terra.

As estações vindouras da futura estrada começam a ter existência e a receber nomes, no transcurso das rústicas picadas e escavações. A dez quilômetros de Baurú, se demarca o primeiro ponto de parada, cuja denominação, os engenheiros buscam no próprio motivo da paisagem local, verdejante de palmares — Val de Palmas. Avançando mais e entrando sempre, os primeiros indícios de mais acerbas provações não podem deter a heróica penetração da linha. E uma série de jornadas estupendas, as paradas de Tibiriçá, Nogueira, Jacutinga, Araribá, até Mirante e Presidente Alves, se demarcam adiante.

Varando ainda o rumo das florestas e solidões, já muito além dos campos primitivos de partida, os empreiteiros da grande obra sertaneja inscrevem outros nomes ilustres, batizando, na sequência das estações futuras: Presidente Pena, Miguel Calmon, Albuquerque Lins. Antes destes, porém, já ficaram assinalados sobre cumes de morros, ou declives vargedos fecundos vencidos ao longo do traçado, suges-

tivas denominações de mais alguns embarcadouros projetados — Toledo Piza, Lauro Muller, Cincinato Braga e Guarantan.

E agora, daquelas alturas da região em deante, os incursores, quase identificados com o meio e a terra, recebem visitas amigas e sempre úteis, de velhos sertanejos moradores nas cercanias da linha, em cujas brenhas de íntimas solidões, convivem em estágio de amizade com algumas tribus ainda semiselvagens da terra.

E ao decorrer desses encontros temporários e cordiais entre engenheiros técnicos, de um lado e homens rústicos e experientes de outro, há, por vezes, sugestões nascidas do bom senso e tirocínio das cousas locais, relativamente a misteres da própria construção, lembranças partidas de quem conhece a zona e suas entranhas além, emprestando, também, sua cooperação na grande obra. Seja aconselhando pequenos traçados variantes introduzidos em certos detalhes do plano geral a se executar; ou influenciando indiretamente ainda nisto que se concerne em localizar e nomear pontos de paradas ao estender da linha. Velhos conhecedores ainda de lendas e tradições da terra é, talvez, a quem se atribua também, a descoberta de diferentes termos indígenas de significação histórica e peculiar a cada trecho do percurso, e que vêm figurando naquelas taboletas indicativas de estações projetadas ao longo da penetração, — Guaiçara, Capituva, Aracanguá, Lussanvira e tantas outras denominações provindas de fonte indígena regional.

E assim, se vão intercalando, quase que alternativamente, com toda pureza vernacular do Tupi-Guarani e outros dialetos selvícolas, ao desdobramento do traçado, aqueles nomes indígenas, indicados, talvez, por influência dos valorosos sertanejos da terra, numa mesma cadeia, onde figuram nomes evidentes no cenário político-social da época, significando, já agora, a indicação dos representantes das so-

iedades cultas e do progresso junto à empresa ferroviária, afastados nos sertões.

* * *

Demandando as fronteiras orientais do país, já vão longe os incursores.

Tôdas as dificuldades experimentadas na linha dos caminhos diretos e percorridos até aqui, se vão intensificando agora, nas profundas antranhas regionais.

Grandes perigos se aproximam... E marcham os homens obrigatoriamente ao encontro deles...

Simplez ameaças, outrora, apenas prenunciadas pelos rastros de patrulhas duvidosas; por vestígios da existência de gente oculta em tocáia sob as matas, se transformam agora, em ligeiros ataques e escaramuças de selvícolas contra alguns grupos esparsos de trabalhadores ferroviários. É raro o dia em que às penúrias dos rústicos labores e ao próprio sofrimento destes operários não se ajuntem as surpresas de uma saraiva de flechas agressivas, caídas no meio do serviço, provinda dos mistérios das florestas. Também é raro não suceda agora, à calada de noites a dentro e durante o sono e o repouso dos homens, a investida de uma turba furiosa contra os abrigos do acampamento insulado e tranquilo nas florestas.

* * *

Nesta profundidade do avançamento técnico os incursores da zona alcançam as próximas adjacências, onde se vão fixar as estações futuras denominadas — Guaicara, Promissão e Capitiva.

Adeantando-se do grosso das turmas operárias, já vai aí o traçado preliminar de locação.

Mas a entrada sertaneja, dependendo de dois agrupamentos antagonistas, que se defrontam e se opõem, toca,

nas imediações destas paragens, a praça forte dos defensores regionais.

O exército dos aborígens aí está.

E se apresentam nesta altura dos vastos campos noroestinos, difíceis entraves à penetração. Os choques mais reñhidos da épica travessia se ferem aqui entre contendores brancos e vermelhos.

Como que estabelecendo ao longo dêsse trecho do grande roteiro sertanejo a sua frente de defesa própria, a concentração de resistência aos invasores dos seus domínios, os índios se congregam quase em massa para o centro, onde organizam furiosas acometidas sobre os homens.

Contudo, progride lentamente a marcha dos civilizados.

Mudam êstes para a frente o núcleo dos seus trabalhos. Arribam-se os acampamentos e se transfere mais para o íntimo dos sertões o arraial audacioso.

E a povoação volante, que fôra nos primeiros dias da exploração regional um centro de puras investigações e trabalhos pacíficos, passa, dora avante, a se constituir também, uma base de operações bélicas. E quem observar aí, durante momentos de relativo descanso, o interior de uma dessas barcas de campanha, há de extranhar a demonstração aparatosa do ambiente. Deparam-se por tôda a parte abundantes utensílios de variados tipos, por cujas espécies e propriedades a que se destinam, extranhos às funções que exercem na linha, os pacatos moradores dos arranchamentos transitórios. Ensari-lhadas nos cantos de cada uma dessas frágeis habitações de lona, se confundem com os instrumentos de engenharia, cousas de guerra, para defesa e ataque, providas de farta munição.

E' preciso lutar e até morrer para ver as terras destes desertos!

Trabalhando no campo, ou repousando no rancho, um homem, de tempos a tempos, cai, varado por invisível e cer-

teira arma indígena. Contorce-se de dor, ou estertoriza em derradeiros alentos de agonia.

Torna-se por isto, necessária uma providência enérgica, decisiva e certa.

Criam-se novos cargos entre os caminheiros dos desertos.

E de tal sorte, a grande corporação de incursores se amplia e se divide em duas partes, executando, cada uma delas, a sua função distinta e especializada.

Uma divisão de obreiros, continúa desempenhando as funções habituais de operários, distribuida por tôdos os misteres intrinsecos da obra. Isto é, abrir o trânsito da linha por meio de avançados picadões, cavar rampas do leito ferroviário e nivelar o solo, consoante os técnicos registros; drenar os riachos entrecruzados ao itinerário, sob a orientação da engenharia; baldear víveres, ferramentas e demais mercadorias.

Já a outra parte dos homens que ora se emprega aí, recebe o encargo novo de defender aquelas turmas construtoras. E' seu dever romper alas nas vanguardas de penetração, onde quer que se infestem de inimigos. Lutar, expulsar ou matar se necessário for, com o propósito de sustar investidas de guerrilhas e escaramuças; levar até às tabas selvagens o terror e as ofensas de suas agressivas armas. Declarar guerra franca ao aborígene da terra, como no primeiros dias do reconhecimento regional se fizera ao penetrarem os antigos e valorosos incursores.

São pois, contratados lutadores especiais e, dentre os próprios trabalhadores da linha se destacam valentes desconhecidos, que trocam a picareta de trabalho pacífico pela carabina da luta armada, para enfrentar as hordas indígenas dos Caingangues.

Entra a cena da campanha o valor destemeroso dos sertanejos bugreiros.

RANCOR E GRATIDÃO DE BUGRE

**O Massacre de Santa Rita;
"Mãe Velha";
Reconhecimento Indígena.**

Os expedicionários ainda antes de tocar o seio da terra já não se embalavam mais em esperanças fagueiras decorrentes da hipótese de uma travessia fácil, assim como também não tinham mais ilusões favoráveis quanto aos horrores que os esperavam à surdina no recesso sertanejo.

O deserto ia lhes ser hostil. A úlcera tropical já iniciara e sua oposição cruenta à marcha da penetração, dizimando obreiros e abatendo o valor e a capacidade física proletária.

A anemia acrômica, a nefrose hidropigêmica, a pielite infectuosa também, ao surgir nos acampamentos, trazem a sua ameaça, atingindo preferentemente aqueles operários mais refratários a preceitos de higiene.

E não seriam, por certo, as doenças, entre as quais, se deveria incluir o impaludismo grave ainda longe dos focos principais, e já dizimava turmas de trabalhadores, retardando o desenvolvimento da obra.

O aborígene selvagem, armado, o gentio embrutecido e rancoroso da terra, lá adiante, no recesso do deserto, estava disposto a defender palmo a palmo, os seus domínios. Lá dentro não cederia terreno ao invasor, o índio Coroado — indígena tronculento e combatente naquelas plagas, cujo traço mais notável de caráter é o instinto de vingança e traição.

Seria esta a anteposição mais séria.

A lenda sertaneja, os massacres antigos na Noroeste, ainda renascentes no velho sertão, onde se hibernaram, latentes até os dias da audaciosa penetração; as mudas e pavorosas tragédias das solidões e tudo mais havia chegado

agora ao conhecimento dos incursores, que ouviam estarecidos a lúgubre história daquelas florestas e campinas já atingidas e, ainda não atravessadas.

E no borbulhar de suas cristalinas águas, contavam, também, aqueles rios, legendas de estremecer e apavorar. . .

Um incidente mais desvalioso e fútil, ocorrido ao acaso, entre selvagens semicatequizados e sertanejos regionais, desencadeava, em qualquer tempo e onde quer que fosse, a fúria mais horrível de morticínio, brutalidade e sangue.

E dentre inúmeras selvagerias de tal envergadura, de tais natureza e atrocidades, fundamentalmente desproporcionais na razão de causa e efeito, por certo, haviam chegado aos ouvidos da comissão ferroviária, os tristes fatos sucedidos aos parentes e empregados de José Verissimo da Silva, na sua propriedade.

E lhes chegaram também, ao conhecimento, outras notícias de selvagem vandalismo nos sertões, que bem poderiam caracterizar os inimigos a enfrentar durante o transcurso daquelas solidões.

Relatemos pois, sem mais tardança, apenas duas tragédias silenciosas: o massacre da fazenda Santa Rita e a carnificina das margens do Sucurí.

Um episódio banalíssimo de conversação familiar amistosa originara aquela primeira cena lutuosa de raiva e barbarismo.

O MASSACRE DE SANTA RITA

O coronel José Verissimo da Silva procedente da capital paulista, havia adquirido recentemente, a Manoel Ribeiro as terras ribeirinhas do rio Dourado, em Santa Rita. E se instalara na casa de táipas, já existente, acompanhado de mulher, uma filha casada e Augusto da Silva, marido desta, que deixava na paulicéa a sua orquestra, onde representava uma das figuras clarinetistas da corporação.

Veríssimo, homem diligente, operoso, social e comunicativo, procurara, desde logo, travar conhecimento e entreter relações com os velhos e experientes moradores de suas circunvisinhanças. Apresentavam-lhe, como primeiro elemento sertanejo de escol e pessoa merecedora de confiança, o nome de José Cândido Carneiro, bravo e destemido caboclo, já fixado desde muitos anos, numa propriedade, com larga criação de gado, agricultura cafeeira e cereais em grande escala.

Inteligente, maneiroso e bom, José Cândido soube conquistar, ao entrar nêstes sertões, a simpatia e o beneplácito das tribus dômadoras aí.

E nas ardentes jornadas dos seus trabalhos, na fazenda, não se saberia distinguir entre o operariado agrícola aquele que fosse doméstico e o que fosse selvagem.

Trabalhavam também lá os aborígenes.

E obedeciam ao mando e orientação do "capitão" Honório, belo espécimen da nação Guaraní, essas campanhas de roças em que era aproveitado o braço indígena, durante anos consecutivos.

Querido e até venerado entre as tribus regionais, era o velho fazendeiro dos sertões, um amigo leal, um guia e seu patriarca intermediário e austero de mensagens delas aos civilizados. Qualquer desentendimento, ou quaisquer melindres ocasionados por alguma ofensa dos brancos dirigida a determinado indivíduo indígena, lhe eram encaminhados pelo índio queixoso, ou a própria tribu desrespeitada.

E custasse o que custasse, dentro de horas, ou momentos apenas, seria a devida providência tomada na razão proporcional à gravidade da denúncia.

José Veríssimo o procurara em sua propriedade, hoje denominada fazenda de Canãan, afim de conhecê-lo e cultivar, dora avante, tão útil e proveitosa relação de amizade. Não o encontrando em casa, mas informado até de que o fazendeiro havia ido a assistir um terço religioso na povoação da Rosa, se encaminhara imediatamente para esta localidade.

E deante do velho sertanejo, sempre afável e generoso, José Veríssimo lhe comunicou a nova de que eram suas as grandes posses territoriais de Santa Rita e que, a partir daquele momento, êle contaria com a sua orientação em tudo que se relacionasse com a vida sertaneja. José Cândido Carneiro, sorridente e brincalhão, virando-se então, para Veríssimo, perguntou-lhe se não temia os índios selvagens, que infestavam a sua zona. Foi quando, sem o saber, cometera involuntariamente o novo proseador, uma leviandade que originara a desgraça da família em casa. Respondera a José Cândido, que trouxera boas armas e farta munição, destinada a combater e expulsar os bugres daquelas terras, para muito além.

Não conhecia êle o "capitão" Honório, índio, ali presente, estando o coronel, longe de imaginar, pelos hábitos sertanejos desconhecidos, quão graves se apresentavam

áquela hora, semelhante revelação, mui capaz de ofender e tanto melindrar o chefe selvagem.

Conversa passageira, muito desinteressante e simplesmente jocosa para aqueles homens sisudos, sôbre cujos ombros pesavam encargos difíceis de administração.

Regressando à fazenda de Canãan, realizaram os dois fazendeiros diversas transações, negociando alguns bois carreiros equipados, para trabalhar no sítio de José Veríssimo, onde necessitava de transportar madeiras destinadas à construção da sua residêcia definitiva. José Cândido lhe cedera ainda alguns de seus melhores empregados para reconduzir os animais até Santa Rita e mesmo auxiliar aí, em serviços de tiragem e encarretamento de toras brutas.

E foram iniciados êsses trabalhos.

Nestas condições ia tudo bem na fazenda de José Veríssimo. Desenvolvia-se de sol a sol, ativamente o trabalho.

Encontrando já formada uma pequena lavoura de café, zelava-se cuidadosamente dela.

A partir da beira dêsse cafezal, rompe-se através da mata a dentro um estenso ficadão, por onde se arrastaria tôda a madeira, que se empregava na obra.

E já se achavam adiantados os serviços dos carreiros, que baldeavam da floresta grandes peças roliças de peroba e as iam acumulando na esplanada escolhida para sede e moradia principal da fazenda. Encarregavam-se dêste rude trabalho Joaquim Cearense e Francisco Lourenço, os homens cedidos por José Cândido ao coronel Veríssimo, auxiliados por Augusto da Silva, o genro do fazendeiro.

Certa vez, Chico Lourenço derrubou madeiras na extremidade daquela picada, lugar, também, escolhido para fazer uma roça de um alqueire de terra, empreitada pelo trabalhador com o novo patrão, enquanto carreavam os outros dois homens.

Nêsse dia andavam os carreiros um tanto contrariados, porque, se tivessem obtido licença do chefe, estariam áque-

le momento, assistindo a uma festividade na cidade de Brotas. Augusto, soprando lá a sua clarineta e o cearense, dedilhando uma sanfona, melhor estariam tocando, ou dançando na sala alegre, do que, certamente ali, a fazer fôrça pelo espeque, a alavanca e outros instrumentos debaixo da mata e pulando sôbre os tocos dos caminhos.

E pela segunda ou terceira viagem que faziam encarretaram um dos mais grossos troncos de madeira. Conseguiram difficilmente sair da mata e ganhar a linha do picadão mestre.

Puxada pela boiada e quando já ia rodando lento ao longo dêsse caminho, o carro pesado se estacou repentinamente na rústica estrada. Pegou-se o carretão. E era em vão que os bois se esforçassem, jungidos às cangas e atrelados dois a dois, na extremidade das correntes, fustigados pela aguilhada dos carreiros.

Continuava imóvel e detida a carga.

Examinando o impecílio, os condutores da carreta notaram que havia necessidade de suspender por meio de calços rijos a parte da peça que fôra dar de topo ao obstáculo.

Era êste um tóco volumoso e forte.

Joaquim Cearense entrou no mato, cortou e preparou duas levas, que iriam servir de alavancas, para erguer e libertar a carga e, no momento em que se achavam o carreiro e seu auxiliar recurvados e executando a manobra indicada para remover o entrave que detinha ali o seu comboio, foram ambos impiedosamente atacados pelos índios. Augusto da Silva foi abatido e trucidado no mesmo local, na atitude em que se achava, a tacapes e chuços de varões.

Joaquim Cearense se escapou a correr pela estrada, levando consigo um machado nas costas.

Alcançado e submetido apenas a poucas braças além, por mais de vinte bugres, foi morto e quase degolado com a própria ferramenta, que os índios lhe arrebataram das mãos.

Uma vez praticada a infernal proeza de vingança jurada, os agressores decapitaram Augusto, descalçaram-no de uma de suas botas e não conseguindo lhe arrancar do outro pé a outra bota, deceparam a perna que a calçava. Colocaram emparelhados juntos num mesmo lugar as duas vítimas, atravessaram-lhes, por dois espetos de madeira, lado a lado, o abdomen de cada uma delas e fugiram, levando consigo as botas, a perna e a cabeça do genro de José Veríssimo; o braço esquerdo de Cearense e as roupas de ambos.

Enquanto isto se passava com os carreiros, Chico Lourenço, que presenciara parte da tragédia ao longo do picadão repleto e escuro de selvagens misturados com os bois atrelados a saltar e se debater para arrancar o carro engastalhado, correr para a casa do patrão. Resfolegante e pálido de terror e espanto, relatou o ocorrido à esposa de Veríssimo, o qual havia seguido desde as vésperas para São Paulo, e à mulher de Augusto, trucidado, ainda quente, pelos índios. E sem mesmo concluir a relação dos fatos que presenciara, saiu correndo com a sua ferramenta de trabalho arrastada pelos matos e caminhos mal trilhados, demandando a casa do patrão velho José Cândido.

As mulheres, trajando roupas finas e calçando sapatos altos, mais apropriados para pisar o asfalto das ruas da Paulicéia, onde estavam habituadas, seguiram apressadamente o fugitivo. Corriam as duas ao encalço dêste.

Imagine-se agora, a originalidade dêste episódio ocorrido naquelas paragens rústicas como eram, também infestadas de selvícolas, as pobres damas a correr por caminhos esburacados, ou simples trilhos perdidos sob as florestas, numa extensão de quas três léguas, acompanhando um homem desconhecido, mais apavorado do que elas!

Chegaram a fazenda de Canãan, sujas, rasgadas e contundidas, ao entardecer do dia e relataram o fato. Propagando-se a notícia dos trágicos sucessos, durante tôda a noite seguinte, afluira gente das redondezas à casa do velho

sertanejo. E êste, prudente, calmo e respeitoso, após se recordar da revelação de Veríssimo no arraial da Rosa, aquele dia quando se avistara com êste pela primeira vez e se lembrar da impressão que ela havia causado ao chefe Guarani, então em sua companhia, a ponto de êste índio fitar a Veríssimo por várias vezes da cabeça aos pés, segundo hábito dos selvagens, quando desejam gravar à memória a fisionomia de alguém; e recordou-se o sertanejo que o índio se apartou dos circunstantes, resmungando, de cabeça baixa; José Cândido, após rememorar êsse episódio sucedido alguns dias antes, não poderia estranhar a existência de um assalto de tétricas proporções à fazenda Santa Rita.

E ia consolando às pessoas mais aflitas e pesarosas, dizendo simplesmente: "Isto é cousa que acontece"...

E deliberou ir na manhã seguinte ao local da dramática ocorrência para dar sepultura aos mortos. Cavalgou a sua mula de sela e convidou os circunstantes que o acompanhassem.

Havia no terreiro de sua fazenda mais de 40 homens e, se bem que afirmasse José Cândido que nenhum índio seria encontrado áquele dia nas imediações da propriedade assaltada, uma vez que, após a perpretação de seus ataques os indígenas sempre fogem, e só voltando a observar o efeito de suas proezas uma, ou duas semanas mais tarde.

Nem assim o ânimo lhes chegou ao espírito. E o fazendeiro partiria só, se apenas um daqueles homens não tivesse coragem bastante para o seguir — Bonifácio José de Miranda, preto leal, sacudido e corajoso como o patrão, acompanhou-o. Lá chegando testemunharam de perto e à vista, tôda a extensão da catástrofe.

Despidos, cobertos de um enxame de moscas, a exhibir mutilações brutais, jaziam estendidos em terra e no mesmo local em que foram deixados pelos matadores, os dois cadáveres dos pobres homens.

Aos restos de Augusto da Silva faltavam a cabeça e a perna. E não menos horrível se apresentava o defunto de Joaquim Cearense também decapitado, trazendo o pescoço prêso ao tronco somente por um retalho de pele da garganta e faltando um braço decepado a machadadas. Coágulos de sangue negro, aos blocos, se espalhavam por tôdas as direções. E adeante, completavam o quadro do tétrico painel, os cadáveres de três bois carreiros. Bandos de corvos pairavam no local, a cabiçar de cima, o banquete de carniça humana.

José Cândido e seu empregado foram sepultar os mortos...

Entraram na casa de Veríssimo, abandonada e completamente aberta, ainda como a deixaram os moradores, rebuscaram os guardados domésticos de onde retiraram uma colcha, envolveram nesta os dois corpos, vestidos com as roupas de José Veríssimo, uniram bem atadas, duas a duas, as quatro pontas da coberta e, passando por dentro dessas laçadas um tacape de guaratan usado pelos bugres ao iniciar do ataque, suspenderam tudo, firmando as extremidades do páu sôbre os ombros, marcharam, um atraz do outro, os dois piedosos coveiros, conduzindo os defuntos ao sepultamento.

Haviam cavado uma sepultura só.

Também enrolados numa só mortalha desceram os corpos ao sepulcro do deserto... Do longo deserto, por que somente vinte anos depois dessa éra, que fôra pelo ano de 1892, é que novos moradores começaram a chegar por lá.

Os animais domésticos famintos desde a véspera, pulavam, gritavam, festejando a aproximação de gente, que lhes matasse a fome.

Andava em volta à casa uma vaca a mugir o seu amor materno pelo filho prêso, que havia dois dias não amamentava.

E ao passo que na sua fazenda, três léguas distante dali, várias dezenas de homens robustos tremiam de pavoroso medo e receio que os mesmos índios voltassem para êles a sua carga de ira e assalto, José Cândido, homem de-sassombrado e resolvido, pisando alí o sangue das vítimas trucidadas na véspera, ordenhava a vaca e bebia leite com farinha...

Regressando à Canãan, o velho sertanejo providenciou o aliciamento de bugreiros para dar caça e boa descarga d'armas contra os selvagens.

E ao cabo de uma semana após, chegaram à fazenda de José Veríssimo, entre outros caboclos decididos, Antônio Caetano, José Leme, Antônio Pedro, Adãosinho Bugreiro, Salvadorzinho, João Carreiro e tantos outros cabras valentes e destemidos para seguir dali os trilhos dos malfeitores. Somente na sepultura dos defuntos puderam surpreender vestígios recentes dos selvícolas.

Depois de feito o sepultamento das vítimas, os seus algozes voltaram lá... Escavaram a catacumba, removeram a terra de dentro dela até descobrir os cadáveres e os violaram, tripudiando sôbre os mesmos por meio de estocadas de varas ponteagudas, que lhes transfixeram os corpos repetidas vezes!

Derradeira expansão de raiva, de ódio e de rancor de bugre...

* * *

E ainda hoje se conservam, menos imponentes que outrora, as propriedades distantes de Santa Rita e confinantes da antiga e grande fazenda, subdividida agora, em diversas pequenas estâncias, onde, entre outros, ainda moirjam lavradores coevos de sertanejos d'ignos da envergadura de José Cândido Carneiro, que aí chegaram no esplendor da mocidade e, nesta hora, encanecidos em anos e anos de trabalho e lutas, emergem do grande passado, como símbolos gloriosos de vitória.

"MÃE VELHA"

Relatemos ainda a história de um outro massacre caracterizado pelo rancor dos aborígenes, cuja lembrança o tempo não conseguira arrefecer.

E temo-la aí com a maravilhosa feição de uma lenda, ocorrida às margens do ribeirão Sucurí.

Dona Francisca Maria das Dores, ainda depois de se tornar viuva nos fundos e remotos sertões, continuou dirigindo a sua fazenda nas baixas vertentes do ribeirão Sucurí, cujos campos se alçavam naquelas colinas ondulantes, ou se desatavam através de vargeis marginais do Tietê. Afastada de centros populares servidos de recursos mesmo desvaliosos que, ainda assim, ficavam cêrca de 60 léguas além e, sequer, mal providos de vias correntes de comunicações, a sua propriedade, insulada no recesso de florestas seculares e povoadas de feras e tribus indígenas selvagens, era, no entretanto, uma mansão de paz e de tranquilidade. Só o bulício e o rumor do trabalho eficaz e rude se presenciavam e se escutavam alí. As limpas áreas de seus campos recentemente abertos aos céus pelos derrubadores de gigantes selvas eram como as oficinas constantes dos rústicos obreiros do deserto. A indústria agro-pecuária renascente se desenvolvia de ano a ano, como único labor humano na estância.

Já tombaram aí as negras e antigas matas em volta à casa deserta, enquanto, no seu lugar, em terreno fertilizante e úmido, iam brotando a messe do celeiro e a hervagem das

campinas infinitas, a pouco e pouco, povoadas de rebanhos. Havia pois, neste recanto de mais terna e agreste solidão, e sossego da paz, a simplicidade da vida e o esforço do trabalho. Nunca uma desavença, uma discórdia capaz de alterar a ordem dêsse labor, a harmonia dos costumes e a existência pacata daquelas gentes, pudera surgir no pequeno núcleo de civilização distantemente vislumbrado.

E se tornava admirável, que as cousas succedessem assim. Desde o ano de 1868 quando José Lopes de Moraes, marido de D. Francisca das Dores, adquirira a Salvador Pires, ousado possessor de extensas faixas territoriais, que abrangiam a Água da Aparecida, na margem direita do rio Tietê; tôda vertente do Sucurí e ainda os córregos da Onça e Ponte Alta confluentes êstes três da margem esquerda daquele mesmo rio, já era mal afamada a terra. Habitava-a o aborígene selvagem e visitavam-na constntemente outras tribus bravias de diferentes plagas circunvisinhas.

Cruzavam-na de ponta a ponta, e por várias orientações, levas indígenas provindas dos rios Feio e Aguapeí, quando em suas arribadas periódicas demandavam as praias do Tietê ou, ao retroceder, procuravam as aldeias primitivas. Era na verdade, perigosa a terra. E tôda vez que lhe apareciam compradores interessados naquelas partes de suas grandes posses, o velho sertanejo e bravo latifundiário lhes expunha, com a maior franqueza e honestidade, as suas sombrias apreensões relacionadas com a possibilidade de abertura e manutenção daquelas posses.

Povoadas de bugres e, de quando em quando, percorrida e atravessada pelas tribus ferozes de outras paragens, o seu novo proprietário haveria de deparar aí com sérios óbices à sua cultura. Equivaleria então, a um ato de ousadia e suprema temeridade o desígnio de uma "entrada" naquelas brenhas, onde dominavam os mais bravios indígenas regionais.

E mesmo assim houve pretendente para essas terras de Salvador Pires. Naturalmente receiosos e apreensivos deante de tão desfavoráveis perspectivas, José Lopes de Moraes e sua mulher entraram nelas. No dia 29 de Agosto de 1868 compareceram as partes interessadas ao cartório de Fortaleza, hoje Piantan, onde se lavrou a escritura pública da transação e adquirira aquele casal sertanejo, de parceria com o parente e amigo Joaquim José Teixeira, tôda a bacia do ribeirão Sucurí, compreendendo mais as vertentes dos córregos da Onça e Ponta Alta, uma gleba imensa avaliada em 11.000 alqueires, pelo preço ajustado e pago de 1.200 cruzeiros. E viveram aí pacificamente, por longos anos, entregues à harmonia de um trabalho rude, mas honesto e bom.

* * *

E dona Francisca das Dores se tornando viuva, era auxiliada por genros e filhos mais velhos, em iniciativas de administração da propriedade. Experiente, cordata e maneirosa, tal como o fôra o marido, ou, talvez, mais que êste, que lograra conseguir permanência na terra, durante muitos anos, inteiramente em paz, ela, também, pelo seu feitio tôdo especial de tolerância e diplomacia, cultivara a amizade e atraíra a admiração e o respeito das tribus nômade selvagens. E os indígenas lhe tributavam verdadeira afeição e acatamento. E ela era a dignatária espiritual de uma larga federação de tribus e nações selvícolas daqueles rios e florestas magestosas. Pelos terreiros de sua casa desfilaram legiões de índios reverentemente. Passavam por alí, paravam e se demoravam em danças e cantigas à frente de sua porta, como bandos religiosos inclinados ante o símbolo adorável, num ceremonial de ritos, umildade e contrição.

"Mãe Velha" — era assim que lhe apelidavam os selvagens.

"Mãe Velha" distribuía presentes e irradiava carinho e simpatia entre as tribus visitantes e lhes oferecia farta e

boa refeição ao ar livre, que os próprios indígenas preparavam em volta a casa da fazendeira.

Seria raro o mês em que uma ou duas visitas dêstes não se repetiam, transmutando as próximas cercanias do desértico solar das selvas num parque de alegria, de danças e festas estrepitantes.

E corriam anos assim em harmonia e ventura, que reinavam entre homens selvagens e civilizados. Mas enquanto ali as cousas se passavam dêsse modo, iam chegando ao conhecimento da fazendeira e de sua gente, notícias alarmantes, a relatar massacres praticados por indígenas rancorosos contra outros povos, habitantes, também, de sertões não mui distantes daquela casa.

E contaram-lhe que, por meados do ano de 1900, quando Joaquim José dos Santos em companhia da família se transferira de Can-Can, localidade vizinha de Lauro Muller, na Noroeste do Brasil, para as bandas do rio Feio, apossado terras na Água da Corredeira, os selvagens da inculta zona lhe vibraram tremendo golpe. Chacinaram ali um filho, genro e três empregados daqueles sertanejos. Trucidados a machado e tacapes, encontraram êsses cinco homens morte horrível, quando se entregavam pacatamente em árdua faina de seus trabalhos agrícolas, e cujos despojos ainda foram profanados com tôdos os requintes de maldade e selvajaria por parte dos matadores, aparentemente injustos. Já havia ali por essa época o plano e os primeiros delineamentos da fundação da vila de Corredeira e, então, a primeira capela do arraial, batisada sob a invocação piedosa de São Benedicto, fôra erigida precisamente no local em que se dera a impressionante chacina e se encharcara de sangue vivo das pobres vítimas.

"Mãe Velha" era ardente e viva defensora dos selvícolas. Por isto, assim que lhe relatavam êstes e outros fatos semelhantes, veiculados em desabono do conceito que tinha e fazia dos sentimentos de humanidades e índole das tribus

indígenas regionais, ela, que somente se inspirava em senso providencial para encarecer os dotes morais e costumes dos selvícolas, lhes atenuava os crimes sistematicamente, arrazando: — "Devem-lhes sempre qualquer mágua aqueles que se tornam odiados pelos índios" . . .

Mas no seio daquele deserto profundo outras feras havia, que não fossem os seus habitantes humanos primitivos. O jaguar mosqueado, o canguçú, a suçuarana de fim do lombo negro, ocasionavam tragédias constantes contra os homens da terra. E a lenda dessas tragédias vinha aterrorizar as gentes da sertaneja casa. Fato mais recente, neste assunto, era de inspirar terroroso medo. Dois empregados de um sítio próximo haviam sido incumbidos de certa missão lá para os lados escusos do rio Morto. Desceram o Tietê, dentro de uma frágil canoa em busca de uma outra embarcação igual, que rodara águas abaixo durante o último transbordamento do grande rio. E partiram os navegantes com poucos víveres e sem nenhuma arma defensiva, além de uma faca e uma foice.

Ao cabo de um dia e uma noite inteira de viagem solitária à mercê de ondas fragorosas, depararam êles ao longe, engastalhada entre tranqueiras de árvores, também arrebatadas pela enchente, com o barco perdido. Desembarcaram-no depois de um longo trabalho, ataram-no meio de cabos de cipó e cordas de caroá à piroga que os conduziu e, já quase ao anoitecer do dia, se dispuzeram os homens ao regresso, em marcha, rebocando-o rio acima.

Veio a noite escura e fria e os dois navegantes do deserto se aventuravam na temerosa travessia. Depois de mais de quatro horas de viagem, o esfalfamento dos músculos os vencera pelo cansaço. Os mingues alimentos levados se haviam escasseado desde a véspera da jornada anterior. Os homens padeciam esgotados de fadiga, de inanição e frio. Então, procurando meios de descanso resolveram atingir, entre

as trevas mais insondáveis, as margens do rio; amarraram aí os barcos para se refazerem da fadiga na terra firme da praia, apesar do frio martirizante e do vento que rugia.

Fôra porém, infrutífera e vã esta providência que lhes poderia abrandar o sofrimento. Ainda não tinham conseguido acender um montículo de lenhas amontoadas para lhes amainar ao menos o rigor da aragem, uma vez que não havia recursos para se livrarem da fome dificilmente suportável, quando tiveram que retornar às pressas, ao barco da margem. Haviam êles pressentido a tempo a aproximação de uma onça, áquela hora, na sua faina de caçadora, que os espreitava sorratamente. A fera noturna quando percebida já há poucos passos da prêsa, tinha armado o salto devorador. E os dois companheiros saltaram às canoas, desamarraram-nas da beira e remaram para o largo das águas precipitadamente. Reencetaram a viagem pelo meio do rio tódo escuro, feroz e murmurnte.

Ao decorrer mais três horas de marcha, tirada a golpes de remos braçais, era a sua fadiga outra vez, extrema. A posição forçada por longo tempo invariável dentro do espaço exíguo de uma canoa estreita, tornava aborrecida e monótona a travessia. Além disto, acossados pela inclemencia do frio e a fome, mais se acentuavam as penúrias do desconforto. Haviam êles capturados um belo peixe durante o trecho da viagem e precisavam de comê-lo assado de qualquer maneira. Alí, no bojo da embarcação, não poderiam obter brazeiro onde prepará-lo. Seria aconselhável que cuidassem disto. E talvez nada os impedissem. A onça caçadora já ficara além, muito atrasada na mata. E fôra assim, com tão boas disposições e esperança, que os canoeiros se dirigiram, ainda outra vez para a direção da praia. Desembarcaram e, depois de tôdas as precauções para a segurança dos barcos, ajuntaram lenha, guiados mais pelo tacto, porque os seus olhos eram inúteis para os orientar, apagados como se achavam entre as trevas da noite, já começavam, desta

vez, a sentir as primeiras emanções do assado. Nisto, despertaram-lhes a atenção, alguns ruidos tênues partidos do próximo matagal circunjacente, ferindo o silêncio da noite sossegada. A sua experiência de velhos mateiros e espertos sertanejos não os deveria iludir. Aqueles pequenos bulícios não poderiam ser para êles, senão o atrito produzido pelas ligeiros saltos das cartilagens de cada orelha correspondente ao lado da pata que a onça movimentava no andar lento, soturna e cautelosamente, já prestes a alcançar o ponto onde se deveria abaixar de ventre colado ao chão para desferir a arremetida contra a prêsa descuidada. E' um ruído sêco, curto e quase metálico, notavelmente caraterístico, que tódo o sertanejo habituado a caçadas destas féras não desconhece. Compreenderam então, que a onça também alí estava. Êles tinham sido acompanhados pelo jaguar feróz durante tódo o percurso da travessia, em marcha oculta e sorrateira, através da floresta marginal, paralelamente à rota dos navegantes. Desta vez, porém, não fugiram êstes tão apressadamente deante do perigo iminente. Estavam à espera que a preparação da ceia se concluísse afim de acalentar dois estômagos ha quase dois dias em jejum. . .

Trânsidos de pavor, inquietos de impaciência, êles iam fazer frente à "pintada", que os perseguira durante tóda a noite para os devorar.

Mas como enfrentar e resistir? Viera-lhes à lembrança tentar afugentá-la, lhe atirando os tições acêsos do brazeiro.

E enquanto se aguardava o tempo necessário à preparação do peixe, iam êles arremessando em tórno as pontas esbraçadas da lenha a tôdas as direções, onde luziam os olhos incandescentes da féra e se assinalavam os estálidos discretos das orelhas desta. E no instante em que ficava pronto o jantar, já se achava quase extinta a fogueira.

Dispuzeram-se então, a sair dalí.

Apanharam o peixe ainda chamuscado, atiraram nas direções da mata os últimos tocos de lenha, correram aos saltos para as canoas e se fizeram, sem mais tardar, ao largo das águas protetoras.

Vinham rompendo, neste momento, os primeiros albores da madrugada.

Os canoeiros remaram ainda mais de uma hora seguidamente e aportaram afinal, na práia do rio, donde se havia desprendido a embarcação perdida. E enquanto ainda amarravam esta ao cais do embarcadouro junto os terreiros da morada, ouviram gritos lancinantes de uma criança, que se debatía em derradeiros esforços de defêsa e extertores de agonía. Correram até ao local, êstes e outros homens do sítio, e assistiram impotentes de qualquer ação, talvez, o mesmo jaguar que os espreitava durante as caladas da noite, arrebatando daqueles planos ribeirinhos um pequeno empregado, que desde muito cedo já arrebanhava um lote de vacas leiteiras para os currais. Os canoeiros, com outros caçadores armados, partiram através do mato, riscado de um fio de sangue, no encalço da féra, que arrastara a prêsa.

* * *

Somente as lendas como esta, relacionadas com as féras daquelas matas, sobressaltavam, por vezes, a proprietária da solitária casa. Dentro de seu conceito, poder-se-iam evitar os ataques indígenas, já que decorriam êstes de provocações partidas dos civilizados. Mas as tragédias ocasionadas pela ferocidade das onças, se tornavam inevitáveis. Seriam fatais áqueles que se afastassem de casa por simples instantes noturnos e até durante o dia. Era assim que a velha sertaneja imaginava as cousas. E D. Francisca das Dôres, depois de ouvir a pavorosa narrativa em que vinha à cêna uma onça feroz, ou uma serpente daquelas selvas, não

podia ocultar uma frase de desafôgo em defêsa dos índios: — “E’. Desta vez não foram os bugres responsáveis” . . .

E se repetiam frequentemente as visitas periódicas dos indígenas, ora demandando uma, ou outras plagas dos sertões.

Nos mais profundos recônditos das florestas, entre os selvagens agrupamentos e nações indígenas, era relembrado o nome venerável da bemfeitora. Assim, os índios retribuam com gratidão, a amizade que a fazendeira lhês tributava.

Por vezes, alguns dias posteriores ao arranchamento dos grandes bandos viandantes na fazenda, sucedia trilhar também aquele roteiro, seguindo caminhos rompidos pelas tribus, um índio Caiapó, atrazado das manadas, em companhia de uma índia, sua mulher. Certa ocasião, ao passar por alí, êsse bugre negociou com João Cardoso, trabalhador humilde naquelas vizinhanças, um cachorro muito bem ensinado em caçada de paca, em troca de ouro e mais um pedaço de fumo ordinário.

Decorreram mêses. E à primeira vez que o índio lá tornara, recebeu da parte de Cardoso a reclamação de que havia sido ludibriado na permuta. O cachorro não valia nada e o operário desejava forçá-lo a desfazer o negócio. Mas, desatendido pelo bugre, João Cardoso se enfureceu e o agrediu a sopapos e empurrões.

O Caiapó desapareceu. E da mesma sorte que êle, tôdas as tribus da região nunca mais visitaram a fazenda. Naturalmente, nos fundos dos desertos, o índio ofendido havia relatado a seus pares o incidente passado consigo em domínios daquela estância.

E, talvez, muito ultrajados, afastaram-se os índios coligados das amigas terras repentinamente. Preferindo desertar dalí para outras plagas distantes, a, jamais, praticar um

ato de vingança contra a fazenda de D. Francisca, desapareceram para sempre. . .

Mais de dez anos se passaram e os selvícolas nunca mais voltaram lá.

Dentro das florestas os selvagens planejaram vingança. E a sentença do índio é irrevogável. João Cardoso, ou quem se doesse por ele, estaria condenado à morte. Espreitado em todos os passos e hábitos pelos índios supostamente foragidos daquelas terras e suas proximidades, a pena capital se ocorreria, tão cedo o condenado abandonasse a fazenda de D. Francisca.

Chegou afinal, o dia da vindita. Germino Simplício dos Santos, um dos genros da fazendeira, auxiliado por alguns operários, entre os quais se achava João Cardoso, procedia a derrubada de uma floresta em terras próprias, situadas na barra de Água Grande sobre o ribeirão Sucurí. Trabalho rude e penoso, resolveram, como habitualmente o faziam, suspender o serviço para ligeiro momento de descanso à hora do café, enquanto o empregado Joaquim Benedito, iria em busca do jantar. Deixaram as ferramentas do trabalho, onde deliberaram interrompê-lo e foram se abrigar do sol à sombra de uma árvore, quase no meio do roçado.

Os inimigos de Cardoso andavam espreitando-o ali. Fôra aquele o momento esperado para o assalto. E se desencadeou a fúria! Irrrompendo inopinadamente de diferentes pontos da orla do matagal circundante, os atacantes armados de tacapes se arremeteram contra os homens inteiramente descuidados. Dentre estes, raros foram os trabalhadores que não encontraram morte horrível, ali mesmo, onde se achavam a descansar. Alguns deles correram para fugir, ou para se armar e resistir. Mas nenhum logrou alcançar as armas, que outra coisa não seria, se não foices e machados de trabalho. E dentro de breves instantes foram também chacinados num debater inútil de saltos e doudas correrias por

entre o emaranhado de madeiras tombadas, ramagem, tocos e espinhos, contra flechas e tacapes de guarantã.

Germino dos Santos e outros camaradas morreram esmagados a golpes tremendos de armas manejadas por um turbilhão de bugres. João Cardoso, remoto causador da tragédia, recebeu o sacrifício da vingança no momento em que se havia escapado por uma vereda, já quase fora da mata, onde fôra interceptado por dois índios que lhe desferiram bordoadas até partir-se um dos tacapes. . . Miraculosamente, apenas se salvara Joaquim Benedito, ausente da roça à hora do assalto, porque, ao deparar, de volta ao trabalho, com uma das vítimas trucidadas no caminho, pôde ainda fugir, após a macabra façanha, atearam fogo às casas do relatar ao longe a ocorrência.

Insaciáveis de vingança, levaram os selvícolas ainda além os requintes de sua máguia e perversidade. Antes de fugir, após a macabra façanha, atearam fogo às casas do sítio de Germino.

Daí se depreende de como os indígenas da Noroeste ousavam reconsiderar as suas relações de amizade, ou, ao contrário, o seu rancôr contra os sertanejos desafetos. Para justificar João Cardoso, já há mais de um decênio sentenciado pelo tribunal selvagem, sofreu, também, as penas da "lei", Germino dos Santos, envolvido por acaso aí, no turbilhão da luta.

Ferido de morte também, seja em consequência do íntimo convívio que mantivesse com o criminoso e lhe desse abrigo em casa, ou, em última análise, porque o julgassem os algozes, adverso aos conselhos e preceitos de D. Francisca.

* * *

Mas a solitária e impávida fazendeira permanecia constante e fiel à sua observação. Reforçada esta pela experiência e o convívio quase diário com as gentes selvagens de sua terra, ela mantinha a mesma opinião: — os índios da

Noroeste só moviam guerra de ódio, vingança e morte, contra aqueles que lhes trouxessem também, alguma ofensa e mágua. E esta atitude do aborígene, se não existissem na terra as tribus dos Caingangues, somente originaria discórdia e atrito, em consequência de provocações partidas dos sertanejos penetrantes. A fazendeira,, segundo tôdas as aparências e a própria consumação dos fatos, tinha insofismável razão para supor assim as cousas e manter, conscienciosamente, o seu parecer.

A seguir, mais uma demonstração patente desta legendária afirmativa, rememora, noutra episódio sertanejo, o seu preceito.

RECONHECIMENTO INDÍGENA

No ano de 1887, um grande proprietário de terras nas visinhanças do Manso do rio Morto, enviou da cidade de Lençóis uma caravana composta de 20 homens até a um ponto marginal do Tietê, onde se baldeou de um carro de bois, considerável carga de ferramentas agrícolas, utensílios domésticos para três ou quatro canoas. Desceram o curso do rio e, ao cabo de dois dias, atingiram aquele destino da Noroeste.

Viriam alí, com a incumbência de plantar e formar uma lavoura de dez mil cafeeiros. A terra a se cultivar, escolhida pelo encarregado do patrão distante, se recobria totalmente de uma floresta negra secular. As suas selvas se povoavam de feras e as suas visinhanças eram batidas por tribus aborígenes de nação Chavante. Estava, pois, dependente de grande audácia a emprêsa. Iniciou-se o trabalho. E ainda, quando os rudes lavoristas se achavam em construções preliminares de ranchos de habitação, já começaram a aparecer em volta ao seu acampamento, sinais de passagem de índios que os espreitavam. Algum tiro de espingarda e garrucha disparado raramente por caçadores em horas e dias de folga não ofendia, não provocava e nem assustava o índio. Apenas o alarmava lá nas suas aldeias e esconderijos selvagens.

E à proporção que iam trabalhando na obra de extensa derrubada e se mantendo na terra, os operários do campo, sob a ordem e administração de Laurindo Garcia — naquele tempo, rapaz diposto e vigoroso, os sinais de presença dos

nativos à beira do arranchamento e do roçado, se tornavam mais nítidos e constantes. Os bugres observavam a turma. E os homens ali, eram de paz e desinteressados da existência dos selvícolas, da mesma forma que êstes, até aquela hora, se conservavam pacíficos e apenas curiosos de tão estranho movimento nos seus dominios. Curiosos apenas de lhes observar a ação, as obras e os hábitos.

Concluíram-se assim, os trabalhos de foice e machado, e um incêndio colossal na derrubada, iluminou campos e céus até muito longe da região.

Coveou-se o terreno e, por fim, terminou-se a plantação de café.

Os trabalhadores no deserto, ainda, por essa ocasião, não conheciam, de vista, os índios. Nem destruíam os seus mondéos, nem desarmavam as arapucas deparadas naqueles matos. Até aqueles dias, pois, o milho já crescido e o café repontando no fundo das covas, não tinham postos olhos sequer num bugre. Nem um bulício mais superficial do selvagem visinho conseguiram observar nos matos das redondezas. Um único sinal de sua existência naquela terra, além de vestígios deixados aquí e acolá, nas proximidades da roça, era expresso pelo clangor da buzina de taquaraçú a ecoar no seio das florestas, de canto a canto, de quebrada em quebrada. Poder-se-ia a vida ali, ir, de tal modo, ao infinito, em sossêgo, em concórdia e harmonia..

Certo dia, um caçador, daqueles que batiam o matagal, quase habitualmente a busca de aves e outros animais silvestres, atacado de impaludismo, atrazou-se dos companheiros nos caminhos do campo, porque se deixara ficar deitado, atingido por violenta crise febril, em baixo de uma ramagem. Estendeu-se sôbre a relva do solo a espera que se renasse o passageiro mal. Durante cêrca de meia hora sofreu a crise e permaneceu no local. E quando sentiu que esta se aliviara, temendo já a noite próxima, ergueu-se,

sentou-se no frio leito de folhas, ensaiando o prosseguimento da viagem na direção de casa. E é nêste instante que percebe um barulho no mato. Parece o rumor de um animal a correr aceleradamente. Pega de sua espingarda e se põe de prontidão para o que der e vier.

E não se demora nada: — passa à sua frente um bugre recurvado, a tôda velocidade pela encosta a baixo, na direção do rio. E atraz dêle, rastreando-o e perseguindo-o, vem saltando um jaguar pintado. Os dentes da onça haveriam de alcançá-lo antes de cem metros a partir dali. O caçador doente desfecha a carga de sua arma contra a fera.

E esta, ferida, antes de se sangrar, recebe um segundo tiro mortal. Nêste momento, outros selvagens, procurando socorrer o companheiro, e atraídos pelas detonações, descem ao local e chegam cautelosamente aí, aos grupos e grupos, armados e curiosos. Deparam com a onça ensanguentada a estribuchar, morrendo. E a poucos passos dela, frio de medo e pálido de horror, o homem doente, com a arma na mão a fumegar ainda. Fumaça de pólvora escurece o mato em volta da onça e do caçador. E o bando enorme de selvículas, carregando arcos e flechas e tacapes, circunda, agitado, o atirador oculto, compreendendo o que acontecera. Aquele homem trêmulo e aterrorizado salvara a vida de um companheiro Chavante. Acercam-se tôdos dêle, reconhecendo-lhe o estado de enfermo sofredor, como demonstrava sentir, e carregam-no jeitosamente dali, os índios mais fortes da tribo, através de caminhos sob a mata, até a aldeia indígena distante. Aí, rodeado agora, de tôdo cuidado e afeição, se tornara hóspede do aborígene durante mais de uma semana.

Os seus camaradas de trabalho e caçadas já o supunham morto e devorado por feras ou selvagens. Mas o homem na tapera indígena, ia sendo tratado de sua doença. O índio "entendido" dava-lhe a beber sumo de umas plan-

tas amargas. Até que um dia, já restabelecido, chegou ao acampamento da lavoura.

Estava salvo e curado entre os seus.

A tribu dos Chavantes, moradora no Manso do rio Morto, passou, após o incidente, a visitar muito frequentemente a casa dos brancos e presenteá-la com peixes, frutas e mel de jataí, não se lhe satisfazendo nunca tôda gentileza e liberalidade, com que manifestasse e terna e viva a sua gratidão.

* * *

Aí sê encontram, em linhas acima, algumas ocorrências triviais na Noroeste, lá, em dias do povoamento sertane. Ilustrando fatos de comovente afeição e hospitalidade indígena e depondo lances de barbarie, a demonstrarem, uns como outros, a patente diversidade de ânimo, atitudes e temperamento dos selvagens habitantes regionais.

Desde as nações pacíficas, inclinadas a conhecer, primeiro, os forasteiros, a natureza de sua missão e seus propósitos na terra, para, depois se decidirem, às vezes, mais pela afeição do que pelo ódio, até as tribus inconciliáveis, embrutecidas, astuciosas e armadas, alheias a nenhum entendimento com o visitante, a lhe declarar guerra odiosa de expulsão e morte.

Iriam também, ver e sentir tudo isto os incursores da penetração ferroviária. E no roteiro desta, ao transcursar a terra, iriam os construtores da linha encontrar pela frente a mais destemida e bárbara nação indígena. Na sua diretriz, pelo saltos espigões da terra, êles teriam os aldeamentos dos truculentos Caingangues.

Abrir as defêsas destas hordas indígenas oponentes à entrada, haveria de ser a mais árdua e penosa tarefa, que, somente uma decisão incomparável e uma coragem de estremecer, poderiam realizar.

* * *

A EPOPÉIA DA CONSTRUÇÃO

Deante de tão cruéis e rancorosos inimigos, apagarse afinal, a idéia conciliadora de uma entrada pacífica e vulgar através da terra. Tôda a experiência e tôda a possibilidade resultantes de amistosas intenções sustentadas até aqui pelos obreiros da emprêsa se tornaram vãs, extinguindo-se e se desvanecendo. Porque o instinto de discórdia original se arraigara no íntimo dos aborígenes.

Falhara de vez, tôda a diplomacia dos civilizados...

Outros, e não êstes incursores de sertões, deveriam oferecer às gentílicas tribus habitantes de desertos, uma flâmula branca de maior tolerância, de indulgência, beatitude e catequese.

Defrontavam-se aí incursores e inimigos seus, nos profundos seios da região, como valorosos contendores.

E rompem-se de vez, as hostilidades.

Vai começar a batalha da penetração. Explode-se dentro em breve, a luta pela posse do deserto. Nos campos adversos de concentrações bélicas, há guerreiros destemidos e resolutos.

E prestes se empenharão as duas hordas inimigas no seu primeiro choque de luta aberta frente a frente.

As armas gentílicas, representadas aí pelo tacape e a flecha, vão encontrar a resistência defensiva de carabinas e mosquetões.

O sertanejo regional se lançando à vanguarda da expedição vai demonstrar pelas armas, o seu valor. O índio e o caboclo mutuando antigos e rancorosos planos de vingança.

ça, percebem agora, a aproximação de uma luta inevitável, de uma guerra de extermínio, desde longos anos mal contida e refreada.

Tal aquela, que se apresentaria como um desforço de velhas tragédias e constantes rixas, onde, outrora, se exterminavam inimigos valorosos em campos ensanguentados de pelejas. E no final dessas furiosas arremetidas restavam sempre, de um e de outro lado, adversários mais encolerizados, mais valorosos e experientes também na arte de combater, para desferir num recontro próximo e premeditado, outra batalha de ódio, de morte de vingança.

Compreende-se então, que a luta armada a se ocorrer dentro de breves dias, ou, talvez, algumas horas, não constituirá um episódio extemporâneo, inesperado, ou imprevisito nas paragens da Noroeste.

Pois o encontro d'armas que se abrirá logo às portas do acampamento expedicionário, não é senão o patente movimentar de ânimos acerbos, adormecidos e incubados até há poucos dias, numa tétrica premeditação de meio século.

E explode-se afinal o ódio!

E' chegado ansiosamente, o dia em que os atiradores agora, vão ter o seu batismo de fogo.

Na manhã do dia 26 de Abril de 1908, segundo antiga ordem e disciplina habituais, despertou-se o acampamento e partiram para os campos os trabalhadores.

Havia paz na terra e serenidade nos céus. A brisa suavíssima da manhã acariciava docemente a ramagem do arvoredos.

O belo firmamento dos sertões, arqueava-se sobre a mata verdejante, "passando vagarosamente do azul puríssimo do zenite à púrpura deslumbrante do oriente".

Tudo sossegado e tudo em calma. Nada prenunciava naquele dia, o tumultuoso instante de um sangrento choque d'armas a peito aberto, que se não demoraria.

E distribuem-se as turmas operárias ao longo do trecho ferroviário em construção.

Inicia-se tranquilamente mais uma jornada larga de trabalhos. Os técnicos encarregados da obra recompõem os moldes dos afazeres diários, orientando-os e dirigindo-os além disto, em tudo mais que dependesse de instruções de mestres.

Prosegue desta forma, normalmente a entrada. Também os defensores dos bandeirantes expedicionários, contra prováveis e sorradeiras investidas de selvagens, aguardam resolutamente um atrito eventual, a qualquer momento desferido.

Mas não n'os incomodam seriamente os índios.

* * *

Estavam nestas boas e naturais disposições as cousas, quando sentinelas avançadas nos campos estratégicos adjacentes à ponta da linha, que se estende, tiveram a sua atenção voltada para discretos e velados reboliços, provinidos do matagal, como se vagassem cautelosamente sob o manto da floresta, centenas de fantasmas agrupados.

Suave crepitar de folhas secas e matos rasteiros timidamente repisados; escassos estalidos de cipós, de galhos retorcidos inevitavelmente, na secreta e tarda travessia, eram os únicos rumores, que interrompiam o sepulcral silêncio do deserto. . .

O índio traiçoeiro, sagaz, se denunciava como o tênue esvoçar de uma ave espantadiça e o brando reboir de uma pequena serpente entre moitas de capim fino. . . E quanto mais clara se tornava a madrugada, tanto mais se intensificavam os reboliços de folhas secas e pequenos ramos que parecem ser o discreto movimentar de quem se oculta à sombra dos mistérios florestais.

Talvez se movimentassem ali, pacíficos e têmeros animais, na sua lida comum e natural, ou, muito ao contrário

desta excelente conjectura, mais certamente, é, que se amasse a folhagem do arvoredor, crepitando sob as patas levíssimas de uma fera sorrateira, em emboscada. . .

Ao animal inofensivo, se desviando, tímido, do seu costumeiro trilho, sucede, que, à simples percepção de um outro animal seu inimigo, a interditar-lhe a passagem, foge. . . Mas a suçuarana feróz, rainha daquelas selvas obscuras, que abandonara a tocaia da presa destinada ao repasto noturno, demandando nesta hora matutina, já atrazada a fumaça, onde vai passar o dia claro. Ambos cohabitantes das florestas provocariam igualmente alí, ao trilhar o sólo invisível, o mesmo atrito de folhas caídas e ramos baixos.

Ou então, poder-se-ia ainda supor que se ocultasse nesse mesmo lugar, um agrupamento de sertanejos fugitivos, ou afastados de convivências civilizadoras.

Considerando-se aí a solidão da terra deserta e sem nenhum vestígio da mais primitiva e selvática habitação humana, seria esta, de certo, a impressão do observador.

Impera-se a desolação na magestosa e infinita zona. . . Os campinais imensos e as florestas negras não encontram limites de domínios ou sinais de propriedade. . .

Devolutos como são, êles se estendem à maneira de um latifúndio sem dono, longe e desconhecido das vistas de nenhum senhor, na denominação popular de "terras do governo".

* * *

O reconhecimento de defesa ou ataque, constituído por um grupo de caboclos destemidos e previdentes assinala até perto, nos arredores do acampamento ferroviário, a existência de uma horda de bugres agressores, ocultos na mata vizinha e antevê prestes ataque, prestes arremetida dêstes contra os trabalhadores da Estrada.

E já se acham próximos os índios, que alí chegaram protegidos pelas trevas da noite e a névoa da madrugada sem denunciar a sua presença.

E' porém, natural uma previsão certa de tudo que se possa acontecer em breve. . .

Velhos bugreiros de tôdas as zonas, velhos conhecedores de tôdos os costumes indígenas estão nas fileiras da defesa ferroviária e a sua própria experiência os adverte disto.

Comandam-nos José Celestino Dias, intrépido salteador da Noroeste; Antônio Caetano, Luizinho Almão, Antônio Pedro e muitos outros, caçadores profissionais de bugres, através da terra.

E os indígenas lá dos seus campos velados de batalha reconhecem aqueles dirigentes da resistência inimiga, dentre êles mais quatro ou seis principais auxiliares. A representação dos mais valentes matadores de índios por tôdos os recantos da zona empunha as suas armas nesta duríssima campanha.

Além dos sertanejos acima mencionados ombream-se com os soldados da bandeira penetrante, homens da têmpera de Adãozinho Bugreiro, seu filho Antônio Adão, Pedrinho Sapateiro, Maximiliano da Costa, João Carreiro e tantos outros valores destemerosos dos sertões.

E não se enganam mesmo êstes bugreiros. Sem dúvida alí se abrigaram na inviolabilidade das florestas com a própria subtileza de pequenas aves fugitivas, ou animais ligeiros, temerosos, os indígenas combatentes.

Preparando, consoante esta técnica, de mansinho, a sua investida traiçoeira contra os homens e verificando, em companhia da tropa os seus mais acérrimos e perigosos inimigos, que entram na luta, os índios mal contêm um espanto de terror.

Entrincheirados porém em grossos troncos, e melhor, ainda, protegidos pelo manto florestal, êles, que, talvez, ti-

vessem pensado em dar um salto brusco de retirada, conseguem, após se refazer, de uma impressão horrível se agrupar e firmar de novo, cada qual na sua posição.

Por que fugir? Se poderão de seu posto escolher e alvejar tranquilamente as suas vítimas, na tocaia segura da agressão?

Nas vésperas do trágico recontro d'armas e deante de inimigos tais, não se sabe bem para onde deva pender-se a vitória. Mas é necessário vencê-los para que não se feche aí o roteiro da via férrea.

Palmilhando, armados e rancorosos o solo de sua pátria e desvendando suas florestas e vales maternais, os invasores dispostos a matar e morrer pela entrada civilizadora na região, esperam o assalto do inimigo também feroz e destemido. E' preciso vencê-lo, matando-o pelas armas, ou desbaratando-o pelo terror para efeito da conquista regional.

E cada um dos acampamentos à hora em que, prestes, se inicia o recontro decisivo, organiza as energias necessárias para o desencadear da luta, apenas vislumbre de um, ou de outro lado, um dos invictos contendores. Na contingência em que se achavam as duas tropas de atrito, no antemovimento da batalha, qualquer indecisão e mais discreto sinal de temor farão tudo fracassar.

Será certo, o perigo e a própria decepção da derrota.

Em tal situação não há mais recuar.

E o lutador, oculto no seu posto invisível e surdo, em campo adversário com a arma na mão e firme na pontaria, leva, certamente, vantagens sôbre o outro lutador que se aproxima, arrastando-se muitas vezes, em campo largo e descoberto.

Assim, enquanto os selvagens esperam que a outra força, marchando ao seu encontro, pise o solo já ao alcance de suas armas, a tropa procurando-os, investigando furnas

e valados sob o mato, vai sentindo ao mesmo tempo, a dolorosa preocupação dos efeitos de uma descarga sorrateira, arditamente desfechada de um lugar imprevisto da floresta, como cilada de morte.

Aguardando pois, um cheque furioso e, talvez arrazador em plena campanha sertaneja, as hordas defrontantes apresentam aí, num ponto de vista estratégico, dois campos de luta com caraterísticos extremos e contraditórios.

Um dêles é amplo, aberto às vistas das armas inimigas, ao passo que o outro se fecha, invisível e emboscado, nas furnas da mata, onde, se abriga para a contenda, uma legião de batalhadores sorrateiros que, somente, em raríssimas circunstâncias, enfrenta o adversário.

Contudo marchando, cautelosamente sôbre a relva baixa da ladeira, já os soldados da Noroeste, se firmam em terra perigosa ao alcance das outras armas.

E estas, sob a forma de arcos e flechas erguidas, tal como as carabinas manejadas por mãos de indômitos lutadores, já apontam de perto, contra as feleiras oponentes.

Uma corrente nervosa agita e estremece os homens dos acampamentos, e qualquer cousa falta para se iniciar a luta...

Nesta hora de trágica e nebulosa expectativa, o menor incidente é o maior pretexto para se desfechar o choque. Basta a futilíssima ocorrência provocada pelo lutador menos prevenido para servir enganosamente de início à batalha.

E qualquer cousa serve... O disparo involuntário de um trabuco velho, o deflagar de uma espoleta; a queda imprevista e estrepitosa de um soldado que intimide ou engane os demais camaradas; até o ruído natural e simples de um páu sêco ao partir-se sob os pés de um soldado, tudo isto poderia ser na inconsciência de um susto e o desalinho da forma militar, a causa involuntária da explosão.

Particularmente, agora, quando se achavam dois contendores sentindo já, cada um dos quais, as emanções odoríficas do outro, o maior perigo e o desastre militar mais graves seria a fuga, pelo recúo, ao choque. . .

* * *

Nisto fere os ares o primeiro alarma, assinalando o desencadear do encontro!

Partindo da orla da floresta e ferindo o espaço compreendido entre a linha de soldados brancos e o pequeno rio do vale, a primeira revoada de flechas cruza repentinamente os ares.

Inicia-se o combate.

Os índios, ainda ocultos, tomam a iniciativa da batalha.

E se encadeia o episódio mais rude da conquista sertaneja. Desfechada a agressão, patenteia-se, desde logo, o seu efeito. . .

E corre o sangue dos invasores!

Duplamente ferido no ombro e na perna, um soldado bandeirante arranca das dilaceradas carnes as duas longas setas agudas mordentes, salpicadas de sangue vivo e avança alguns passos na direção do rio, doido de fúria e grande de heroísmo.

E' perigoso o lance. . . Imitam-no, porém, irresistivelmente, os companheiros leais e valorosos.

Tomando por seu lema e por desígnio básico de conduta o máximo valor, a maior energia e a máxima coragem, arroja-se tôda a cóluna de tropas à batalha. Cerra-se o tiroteio. Esta fôrça que avança colocada anteriormente no cimo de um colina, manobra-se agora em formação semi-circular sobraceira, ainda, ao plano do rio Campestre e o campo adversário e, deslizando-se rasteira na orvalhada relva da encosta, vai apertando o cêrco ao agressor, mandando, ao mesmo tempo, na direção da mata, as primeiras descargas das suas armas.

E estruge no infinito espaço das solidões o retumbar das carabinas. Atroa nos ares um estampido único, partido de cem bocas de aço fumegantes. E' a réplica vigorosa da agressão.

Raspando de distância a distância os céus tranquilos do deserto; rolando por sôbre os tapetes das campinas núas, muito além das negras matas regionais; recolhendo-se nos côncovaso valados e refuindo daí para as quebradas mais remotas, e, se estendendo após, por sôbre as planícies imensas, re tumba o éco da batalha sertaneja.

E é mais vivo, mais impressionante e clangoroso o estrondo nas caladas terríveis dêsses êrmos! . . .

Avançando também, na direção do inimigo, contrariamente aos próprios e velhos hábitos de atacar de frente, atingem os aborígenes a beira da floresta, descobrindo-se em campo raso audaciosamente.

E defrontam-se peito a peito, as duas hordas inimigas furiosas.

Mas os indígenas, inexperientes desta forma de agredir, aparecem embolados na clareira marginal do rio, como o agrupamento denso de uma multidão.

E alvejam-nos os adversários firmes, mas sem nenhuma técnica de combate, sem cuidados preliminares de pontaria, abatendo facilmente tantos selvagens, quantos tiros partem.

Nenhuma dificuldade oferece para isto o alvo enorme de lutadores aglomerados.

Os bugreiros apontam lá para baixo as suas armas contra a massa compacta de selvícolas.

No ato de uma luta contra os nossos aborígenes há uma ocorrência interessante, em relação aos cuidados dêsstes com os seus camaradas tombados na batalha. Os guerreiros mortos e feridos são recolhidos mesmo à hora do combate por combatentes válidos e transportados imediatamente

te para lugar seguro na retaguarda, longe do campo de sangue e luta.

De sorte que, ferindo-se, ou matando-se um, livra-se o adversário de dois inimigos: aquele que morrera, ou se ferira e mais o outro índio, afastado da arena para cuidar da vítima.

E está acontecendo assim nesta batalha.

Levantados prontamente do estendal da luta, são carregados para lugar distante, os indígenas mortos ou feridos no combate. Aos primeiros, dão-lhes os camaradas, sepulturas rasas nas selvas e aos outros, pensam-lhes os ferimentos.

Os índios, muito humanitários com os seus irmãos de guerra, têm cemitério de heróis e hospital de sangue.

E lançam-se contra os lutadores brancos, os selvícolas restantes. Verificando porém, grande baixa nas suas fileiras logo ao primeiro atrito do recontro, em consequência provável, da tática adotada, êles se investem de tacape contra os sertanejos.

E vão destruí-los a páu, em luta corpo a corpo!

Estabelece-se então, aí, a nevrose, a confusão da luta, que atinge paroxismos de ferocidade horrível.

Afeitos, no entretanto, a tôdas as vicissitudes e mais perigosos trânses, onde quer que só o arrôjo e a destemerdade do homem, sejam capazes de trazer vantagem ao combatente, não perdem os soldados invasores a calma sereníssima dos fortes.

Agora, enfrentando o inimigo a vista, calculado e ponderavel, confundindo-se com êle no torvelinho da batalha, não cessa o tiroteio das carabinas e mosquetões. E não cessam, por sua vez, as avalanches inimigas contra os homens.

A carga de suas armas mudas se desfere, enquanto se vão diluindo nas águas e nas sebes ribeirinhas, os dois sangues dos combatentes misturados.

E o tacape, e a espada e o facão, representando as armas brancas da campanha, dominam o cenário da batalha.

E esta batalha, tão emocionante e cheia de lances audaciosos não perdura por muito tempo e nem se difunde a tôdo o campo de combate, onde se opõem ao choque brutal e arrasador, os denodados defensores da estrada.

Prenuncia-se uma luta corpo a corpo. Alvejados antes, pela fuzilaria desfechada das armas sertanejas, ao cruzarem os indígenas, no fundo, o riacho do vale e ao mesmo instante em que, ainda, trocam o arco de flechas pelo tacape, os índios, quase massacrados no ponto inicial de seu assalto, mal conseguem, num arremesso de felinos, atingir as linhas inimigas.

Encontrados pela massa de uma avalanche que ousa romper quase miraculosamente, a barragem de fogo das carabinas, quatro ou seis dos nossos lutadores, menos experientes, talvez, da tática indígena, baqueam, mortos e deformados, aos golpes de arma branca vibrada por outros tantos guerreiros aborígenes.

E uma vez abatidas as primeiras vítimas de uma insânia furiosa, os assaltantes, retomando o impulso e o mesmo arrôjo da impetuosa arremetida, reinvestem imediatamente contra um outro grupo de soldados brancos mais próximos, para lhes desfechar também, aquele mesmo golpe arrasador. E no momento dêste episódio gravíssimo da luta, onde é mais certa a morte do que a sobrevivência, à hora dêste trágico incidente, quando a batalha do Campestre se concentra tôda numa parte única do campo e apresenta um detalhe de mais espetacular e horrível ferocidade, eis, que cinco ou seis homens saltam à frente dos bárbaros selvagens, interceptando-lhes os passos largos, estacando-lhes o ímpeto da arremetida, que iria imolar, a novos e tremendos golpes de tacape, outros camaradas de luta.

Arrojando-se debaixo das arestas dos tacapes já erguidos acima das cabeças visadas pelos agressores, os mais denodado bugreiros da campanha, como se precipitassem das

alturas, ou se emergissem do solo, retomam sôbre se o pêso do baque, a brutalidade do assalto e o lugar de morrer.

E cada um dêstes homens, refletido o seu posto, a bravura e a tenacidade de seus pares, realiza a mesma proeza, a façanha estremecedora da batalha.

Exibindo às culminâncias da púgna o lance de um mergulho surpreendete sob as armas inimigas prontas já para desferir o golpe fatal, quando, pesava alí, a condenação de morte sôbre os seis homens atacados, cada sertanejo estende por terra um guerreiro indígena, atravessado a fio de espada reluzente!

Como que ligados de corpo, de vontade e energias entre si, ou como que atrelados automaticamente pelas voltas de uma mesma cadeia invisível de bravura, de destreza e vigor, êste pequeno grupo de homens, assume naquele momento tôda a responsabilidade da pelêja e da carga inimiga mais forte, oferecendo a vida num episódio da luta, que não é seu, em troca de um sacrifício, que também não seja tôdo seu, no aventureiro anseio de uma supremacia dificilmente conquistável, só para não ver morrer sem nenhum socorro, outros companheiros de peleja.

Isto feito, não será preciso dizer mais nada.

O rasgo de heroísmo, de renúncia e destemerdade, que aparece muitas vezes como traço característico de lealdade, unida à valentia sertaneja, decide, ao primeiro encontro sério da campanha, a vitória dos ferroviários.

Alguns disparos mais e tudo se acabou...

O campo de combate, salvo raros gemidos de feridos e gargalhadas estridentes dos vencedores, retorna, na cristalina manhã campestre, à sua tranquilidade primitiva de silêncio.

Os poucos indígenas vivos e restantes ainda no teatro de pelêja, abandonam armas, cadáveres e até feridos e, numa precipitação confusa de temor, afundam espavoridos e dominados na floresta.

Deram às de vila-diogo...

E seus míseros despojos: — trinta e dois feridos, vinte e nove mortos atravessados a bala, ou a gume de espada, ficaram no campo, em lugar de troféus de guerra, que não tinham.

* * *

Depois desta épica façanha, desta esplendida e original demonstração de fôrça, ou, melhor dizer-se, muito menor de fôrça do que uma revelação extraordinária de valor, de firmeza e agilidade, sobreviera nêste sertão uma trégua de lutas e escaramuças, restabelecendo-se, no meio da técnica expedição, uma fase de paz e tranquilidade, tão necessária ao andamento regular da obra.

Até mesmo nos pontos mais afastados da linha em penetração e naquelas pequenas oficinas, onde existem irradiações de trabalho e se encontra o homem, ao qual, se lhe impõe o dever do próprio ofício, obrigando-o a se deslocar dos núcleos ativos da emprêsa, da corporação central de operários e, às vezes, a penetrar fundo a mata em busca de matéria prima indispensável à mesma função que exerce no trabalho: madeiras, pedregulhos, areia e outros materiais; palmilhar ainda o solo das florestas, escolher lugar apropriado, onde recompor a sua oficina improvisada e temporária, para aparelhar dormentes e demais acessórios destinados à obra, em colaboração com o plano geral da construção.

Pois bem, até mesmo nêsses logares tão afastados e vulneráveis ao assalto indígena, existe um pequeno centro de trabalho contínuo e despreocupado.

Ha enfim, preciosíssima tranquilidade por tôda a parte. É um ruido constante, só originado da ação operária no empreendimento comum da obra, sobressai-se das vozes naturais dos prados adjacentes, derramando-se além, nos plainos dos desertos.

É o ruido sereníssimo do trabalho, que avança ininterruptamente.

Há mais de um mês desapareceram dessas visinhanças, donde se lançam os caminhos dos ingressores e por onde marcha a pouco e pouco, a coluna expedicionária dos serções — o temor, a ameaça e a inquietação horrível dos assaltos.

Reina por tôdo o acampamento uma ordem de paz substanciada no trabalho mais fecundo.

No entretanto, os homens da grande expedição, há longo tempo habituados com momentos apreensivos de ataques e guerrilhas constantes, como expressões superveniente e obrigatória às suas duras jornadas de labor, transcorrendo-lhes assim, a vida agitada e sediciosa, que lhes permitia desenvolver normalmente o serviço e até lhes prejudicava, à noite, a serenidade das suas horas de repouso e descanso — os trabalhadores do sertão já não encontram nenhum prazer e satisfação durante os calmos dias de agora. Nêstes, somente o trabalho palpitante, os poderia distrair no deserto, e já enfadados se encontravam por tão longo estágio de monotonia.

Excetuando-se os velhos e práticos bugreiros dos serções, ninguém, no seio, ou no âmbito da grande expedição, é capaz de ocultar esta impressão, de alento e otimismo relativamente ao abandono destas paragens pelos índios assaltantes.

E como uma boca — única, balbuciando por tôdo o acampamento, exprime-se uma frase apenas: — “Desbaratados na última sova, que levaram, os homens nús do mato, não querem mais negócios aqui”.

Enquanto isto se passa entre administradores, chefes de serviços e proletários da obra; enquanto supõem tanto uns, como os outros, ser permanente, ou, apenas, duradoura esta trégua de mal contido ódio e guerrilhas emboscadas, já agora, tudo isto, convertido em trabalho fecundo e acelerado, os intrépidos caçadores de bugre, contrariando tão ex-

pressiva e propalada serenidade de ânimos, não ensarilham as suas espingardas.

Em mais franca e estranha oposição a tudo que diz respeito à suposta pacificação das selvas, êles cuidam esmeradamente até de armas que possuem a mais, quase rejeitadas já.

Limpam e lubrificam-nas para as colocar em forma conveniente de funcionar, algum trabuco abandonado e perro.

Servem para êles tôdos os instrumentos de matar. Uma faca rombuda e uma pistola enferrujada merecem cuidados especiais. . .

E exercitam diariamente tiros ao alvo.

Manobram nos campos circunvisinhos e se adestram ainda mais em sortidas noturnas de ataques simulados.

A impressão de quem os surpreendesse nesta belicosa faina de correr, deitar-se no chão, ou se levantar rapidamente a horas de noites escuras, em campinas e florestas de arredores; saltar valados e galgar riachos e paúis; — quem os observasse aí, se bem que num relance superficial de vistas, na prática de tanta acrobacia desusada e extranha áquele meio, e, propriamente, habituais em manobras de campanhas militares, ou, por vezes, executadas em proximidades de quartéis, define, ainda, nêste trabalho de manusear e retinir de armas, a providência de lutadores, que, de certo, aguardariam momento, para novos episódios de lutas muito sérias.

Não se compartilhando pois, com semelhantes disposições de espírito em que se embala o resto do acampamento sertanejo, os homens, sôbre cujos ombros, paira tôda a responsabilidade da campanha penetradora, isto é, os obreiros encarregados da outra emprêsa sertaneja, qual seja a incumbência de expulsar o aborígene feroz, não têm descanso no seu pôsto. Decididos e prontos para reiniciarem a ação a tôdo instante e em qualquer terreno, onde quer que

se encontre um destes defensores ferroviários, aí está junto o seu equipamento bélico.

Manejadores exímios de tôdas as armas de fogo — o fuzil, a carabina, a manlicher e a cartucheira, da mesma forma que o trabuco e o bacamarte de escorva, ou a pistola de cano curto — todavia, estas armas tôdas só lhes inspiram confiança, quando tratadas e munidas previamente pela própria mão do atirador.

Já conhecendo enfim, a opinião geral e tranquila do acampamento, mas as desprezando de uma maneira implícita em manifestações expressas, os lutadores da expedição preparam-se para o reiniciar de assaltos e batalhas inevitáveis.

Consoante regras e ensinamentos de longo tirocínio no trato especial com os selvagens, entendem estes homens, não dever existir aí, senão uma suspensão de hostilidades, uma forma perigosa de simples e efêmero armistício.

Não é preciso mais nada. Só este conhecimento, este tirocínio adquirido e experimentado nos transes mais árduos, mais difíceis desde longos anos passados e vividos nos profundos seios dos desertos; por muitos anos desenrolados em transmutações de mais dramáticas e frequentes vicissitude; demonstravam com o trato dos costumes gentílicos, enchendo de valor e heroísmo o espetáculo da vida sertaneja.

Sem dúvida, portadores de semelhantes credenciais, nenhum segredo constitue para elles os íntimos hábitos, que mais inerentes se relacionem com os assuntos de guerra.

* * *

O índio, dotado de um espírito de ódio e rancor, alçado ao grau supremo de sensibilidade é, em geral, excepcionalmente vingativo. O instinto de perseguição ao desafeto e o desejo de punir, de vingar mesquinhas rixas não se arrefecem nunca no íntimo do selvícola.

O indivíduo que lhe cai nas iras do descontentamento, motivadas estas pelo incidente mais desvalioso e fútil;

o indivíduo incurso nessa contingencia, que não é por vezes, nem simples incortezia, passará no entanto, por criminoso passível de rigorosa punição. E este indivíduo que fuja, ou se precavanha, porque, passe o tempo que passar, a vindita certa se estenderá através de anos esquecíveis, até gerações distantes de perseguidores a perseguidos inevitavelmente.

O Índio inimigo feroz de desafetos seus, estende essa inimizade até a quem se relacione com estes e leva a destruição a tudo que lhes pertença.

O índio é assim, mas não é injusto. Não é injusto e não é, sobretudo, ingrato.

Levado porém, por circunstâncias particularíssimas, poderá incorrer nalguma injustiça, mas não praticará nunca uma ingratidão. Eventualmente ofendido por alguém que lhe tenha prestado algum bem, será mais fácil desertar para sempre das terras onde vive, do que agredir a pessoa de sua afeição antiga.

Possue estes dotes morais de apreciação notável, em grau de elevada e magnífica consciência.

O índio não é ingrato e não é injusto.

Devem-lhe sempre alguma cousa aqueles de quem se tornam inimigos. E estas cousas por insignificantes que sejam, constituem crimes graves perante o tribunal de seus juizes.

Aqui na Noroeste, há origem de sua questão e há causa que justifica a luta: estão combatendo invasores da pátria..

Durante o evolver de uma investida contra-atacante empreendida em particular, quando mais retardatória tenha sido a explosão dessa luta superveniente de revanche, distingue-se o índio guerreiro por maior ardor combativo e mais ardente sêde de sangue e vingança do que haja, talvez, manifestado por ocasião da contenda primitiva.

Após a tocáia, a emboscada soturna, como características de alguma peleja, ou agressões indígenas e, uma vez,

decidido o selvagem a enfrentar cara a cara, o inimigo, — as suas hordas saltante, pulando e se investindo na clareira da batalha alucinadamente, são como doidas lutadoras.

Bem sabem disto os rudes comandantes e seus soldados de lutas heróicas, longe e desconhecidos da história. Bem sabem que o tempo mais dilatado e o silencio mais profundo do inimigo o tempo intermediário a duas púgnas — uma que se passara e a outra ainda por vir — e com a circunstância muito agravante de haver sido a última delas, afortunada para a sorte dos indígenas e fama da sua bravura, compreendem os sertanejos, que o segundo encontro d'armas a se ocorrer fatalmente, — a revide, o desforço destinado à consecussão da vingança suprema, sintomatiza por certo, características mais vigorosas de combatentes. E' como um estágio destinado à captação de energia e fôrça, de reconsideração de lances passados e premeditação de planos futuros, tudo afinal se evoluindo num ambiente selvagem de concentração de vingança, de furor e ódio.

Voltarão os indígenas a renhidas e ferozes lutas inevitavelmente. E quanto mais retardatários forem êles, quanto maior for o seu intervalo de quietude e de ausência, tanto mais furiosos e preparados para a vindita, êles, de certo, retornarão às campanhas de batalhas.

E nas condições atuais em que se encontram os bugres nos seus pátrios rincões noroestinos, demonstra-se cabalmente a brutalidade com que hão de reatacar pela posse da terra, o invasor.

Vencido em memorável e duríssima peleja, cuja arena ensanguentada fôra o sepulcro de camaradas de bravura e proezas inesquecíveis, humilhados aí, nisto que se apresenta intangível e sagrado como o próprio valor de lutadores invencíveis; demais e duramente ofendidos no seu pundonor de universais guerreiros Caingangues, já dominadores de Chavantes e Guaranís, também estas tribus, senhoras aquí

de uma pequena nação, para ao final da refrega, mal conseguindo se escapar à sanha do inimigo vencedor; obrigados ainda, a correr por amor à pele, à precipitar carreiras de fugitivos — melhor equipados e fortalecidos, revidarão energeticamente a audaciosa afronta, até a assaltos furiosos de vingança e morte.

E esta noção fundamental das causas retidas e íntimas no sentimento do nacional gentío, se apresenta como a potência de um dever inevitável da alma indígena, tão forte e evidente, apenas comparada à fôrça e à significação de um desígnio religioso obedecido, expresso, de uma determinação do seu Pagé, de uma ordem imposta pelo seu Tupan.

E' pois, muito grave, no presente, a situação sertaneja. . .

Nenhum pretexto se demonstra mais veemente e oportuno capaz de agular ainda mais o rancor dêsses indígenas contra os seus antigos inimigos, do que esta humilhante situação sofrida e sentida no desfecho da última batalha em que se empenharam os incursores e os primitivos habitantes da terra.

Batidos no campo adverso, no desbarato de uma fuga desornedada e antecedida de trágica e espetacular façanha, embora fizessem exhibir naquele difícilimo instante, quando a batalha parecia sua, os lances mais arrojados de ofensivas e estratégia bélicas.

Há de redundar então, numa derrota de equivalentes proporções essa luta, para a qual se preparam; uma derrota decisiva que os antigos e soberbos dominadores destas paragens irão infligir aquí aos seus valorosos contendores, quando êles voltarem muito mais ferozes e sanguinários, à frente da expedição, para se lançar a novos assaltos e terríveis lutas.

E dar-se-ão brevemente nestas terras outros encontros bélicos mais encarniçados do que quantas batalhas hão

travado, combatentes mais diversos em arenas de púgnas sertanejas.

Desta forma, contidas e já fixadas num ambiente já tornado pacífico, segundo a ilusão dos grupos expedicionários, os bugreiros desta memorável campanha de civilização, com pleno conhecimento de causa, preparam-se intensamente para novos combates ao aborígene.

* * *

Veiculando notícias insistentes, os próprios trabalhadores da linha que se afastavam eventualmente, um ou mais quilômetros sobre raios equidistantes do ponto central das obras, atendendo a necessidades profissionais, colaboradoras na empresa, já começam a dar conta de presença de selvícolas nos contornos do acampamento.

O índio, estritamente perspicaz e subtil não se deixa ver e surpreender com facilidade. E os mesmos operários que testemunham a sua existência por aí e asseveram que se encontra êle dissimulado em grupos, pelas matas circunjacentes, não nos topam, ou conseguem vê-los.

Mas o acampamento geral, não ignorando a sua aproximação, sabe, por igual, que está sendo observado e seguido de perto por várias centenas de olhos de lince.

O indígena é como um visitante diplomático cerimonioso. Também êle, na missão de sondar princípios de relações e costumes do estrangeiro, se faz anunciar previamente desde a ante-véspera de alguma entrevista desejada.

E é original a maneira como envia ao seu futuro interlocutor a sua nota protocolar, ou, simplesmente o seu cartão de visitas. Nêste caso, se caracteriza a sua ação por várias espécies de sinais, ora esculpidos na rocha e na madeira, ora traçados na areia, onde podem facilmente ser vistos e bem interpretados.

E quem por longos anos se afizera às cousas dos sertões mais velhos, compreenderá o valor da simbólica lingua-

gem indígena, sabêndo analisar exatamente as suas pretensões, assim denunciadas. E' quando, ao apelar para idênticas providências, adotando sempre uma atitude franca e definitiva, consoante à dureza da própria verdade: — ou comunhão de paz até a amizade mais servil, ou um estado de guerra impertinente e rancorosa.

Todavia, nenhum símbolo deixado aquí, alí, ou acolá, ao alcance do invasor sertanejo, agoura paz, ou se traduz por amistosa significação. Por vezes, muito liberal e até pródigo em cortezias, o indígena, quando encerra no âmago d'alma intensões pacíficas, retribue a menor gentileza que se lhe faça o estrangeiro, com verdadeira profusão de agrados e presentes. Favos de mel conduzidos em casca de madeiras aromáticas; frutas silvestres de variada espécie; caçado e pescado deliciosos a fartar; tudo isto deposto sobre troncos de árvores nas imediações dos pousos e até no interior dêstes, a horas despercebidas dos ocupantes.

Dêste modo, haverá prenúncio de serenidade e paz na terra em que habitam as duas raças. E aquele que aí chegar há de encontrar nêsse que deparar, um amigo incondicional e útil. Ao contrário disto, porém, e depois de insistentes avisos para que o indesejável incursor de seus domínios os abandone, o selvagem, já numa fase de ações provocadoras e agressivas, inicia as suas hostilidades.

Encetando contra tudo que produzira o homem e que lhe pertença no sertão, uma campanha pertinaz de destruição, o aborígene não deixa sossegado aquele que tomara por inimigo. Quaisquer bemfeitorias hão de ser os objetivos das suas depredações constantes, efetuadas, por vezes, a plena luz do dia.

E tudo que existe, definitivamente organizado em volta à patética choupana, vai sofrendo danos de mãos arrazadoras. Destroem-se cercados; obstruem-se estradas; desviam-se cursos de águas potáveis de serventia e de quedas para acionar monjolos, immobilizando êstes e lhes arrancan-

do os pilares e suportes. Abatem-se criações e, num dado momento em que o novo morador sertanejo se distânciava, longe, de seu mísero casebre, afim de atender outros serviços, terá, ao regressar, o desprazer de só encontrar carvão e cinzas...

* * *

Também aqui, em relação aos expedicionários noroestesinos, vinha sucedendo assim desde os primeiros instantes da sua entrada no sertão. Pilhas de madeira eram incendiadas e reduzidas a brazeiros; outros materiais amontoados ainda no local de sua origem apareciam dispersos pelos matos, inutilizados; instrumentos comumente deixados de um, para outro dia, fora de seus abrigos apropriados, se encontravam depois, aos pedaços; incendios enormes lavravam na macega circunjacente às barracas, ateados aí com o propósito visível de destruir também estas. Até as águas das fontes próximas jorravam sujas, baarrentas, poluídas..

E outros atos criminosos se davam diariametne multiplicados.

Impunes ante a tolerância dos expedicionários, só mais tarde, se evidenciam as escaramuças e os assaltos indígenas, cumulando-se tudo no tremendo recontro de armas, que assistiramos em linhas anteriores.

Agora retornam, mas sob outras formas, novas ameaças de ataque. E tudo faz crer nesta insidiosa pretensão indígena... Os toques de suas buzinas de taguaraçú e talo de palmito, ecôm de quando em quando, conclamando, de outras paragens os camaradas dispersos além. E a rústica trombeta de guerra perturba o sossêgo das noites e dias sertaneios.

E' ainda, dêste modo, a linguagem do aborígene, que expulsa, sem querer lutar, o invasor intruso de seus domínios...

E tremem nos ares os sinais de insurreição.

Não há mais dúvidas, pois. Retornam os índios à volta do acampamento. Nenhum bugre fôra visto, no entretanto, aí. Mas tudo prenuncia o seu regresso, e, de certo, há de haver uma recrudescência de assaltos e antigas lutas. Inexplicavelmente, bandos e mais bandos de aves expantadiças soltam-se no azul, em largas e fugitivas revoadas, indo pou-sar noutras frondes distantes e quiétas.

Mais evidentes, porém, e mais positivos ainda de que êsses reliquícios de rondantes suspeitos, emboscados nas selvas florestais, aparecem aí pelas margens de riachos vizinhos, rastos e outros sinais discretos de bugres, que se acalam e se imprimem cautelosamente nas areias ribeirinhas.

Além de tudo isto, é comum se ouvirem ao correr dos dias presentes, tal como acontecia noutros tempos, gritos estridentes de caitetús e diferentes animais silvestres como que a se debaterem embaraçados nas cordas de uma arapuca, ou feridos de morte a se espernearem em extertores de agonia.

Existe uma leva de caçadores invisíveis e misteriosos amoitados, ocultos, em derredor, nestas selvas. Já os expedicionários, antes, tão cépticos, não têm a menor ilusão à cêrca da verdadeira identidade dêsses vizinhos fugitivos e sorateiros, que se não mostram quando mal intencionados.

Bem compreendem êles que outrem não se encontrem alí, senão os seus eternos e fatais inimigos, dispersados numa representação discreta e duvidosa de simples mateiro, ou caçadores indiferentes, montando sôbre os construtores da Estrada, a sua ronda sinistra de ameaças.

Os índios traiçoeiros os espreitam despercebidamente... alí, isoladamente, contra os trabalhadores destacados a funções especiais, fora do âmbito expedicionário, pelos selvagens fatais, que os surpreendem.

* * *

Joaquim José Fernandes e Luiz Pedro de Albuquerque seguidos de dois auxiliares se afastaram certo dia, das realizações aproximadas ao acampamento, a procura de madeira grossa destinada à feitura de dormentes. Penetraram as florestas de adjacências mais afastadas da linha.

Bateram-nas durante longas horas e, lá, numa profundidade superior a três quilômetros alongados do ponto de partida, derrubaram várias árvores de ipê, faveiro e grandes jacarandás. Dividiram-nas convenientemente em toras iguais armaram toscos estaleiros feitos de troncos resistentes sob as frondes do matagal e iniciaram em cima dêles a serragem das peças.

Sôbre cada um daqueles giráus, que improvisavam na mata primitivas serrarias, dois homens trabalhavam.

Um se distanciava a mais de cem braças do outro.

Despreocupados de tudo e só entregues à quotidiana faina de sua obra, apenas desviava-lhes, momentaneamente, a atenção sempre voltada para as próprias lidas, um, ou outro reboliço veladamente emitido da selvática e sêca folhagem.

E não observando nunca que êstes subtís e quase imperceptíveis ruidos vinham se tornando a mais e mais, insistentes e se aproximando dêles, à semelhança de um círculo vivo, que se estreitava lentamente, circundando-os no meio de árvores corpulentas.

E a inexperiência dos obreiros não lhes permitia suspeitas em tudo aquilo, a aproximação de inimigos capazes de lhes desferir um ataque de surpresa. Não se lembravam mesmo desta circunstância tão possível alí, quando, uma bela tarde, alguns momentos antes de suspenderem os trabalhos daquela última jornada, percebem no espaço, por sôbre as próprias cabeças, um agitar de estranha e brusca sibilização de cousas, ao mesmo instante em que mais de uma centena de flechas indígenas, espetavam o solo em tórno aos seus estaleiros de trabalho.

E um estremecimento de susto e de pavor, imobilizara os quatro homens estarrecidos.

Nesta mesma hora, gritos angustiosos e lancinantes clamaram aflitivamente por socorro lá das bandas da serraria, onde Luiz Pedro e seu companheiro desdobravam as suas peças. Atraídos por tão grande alarido dos seus camaradas de ofício, mas afastados dêstes por considerável distância e grande mata de permeio, os serradores de cá, ao voltarem as suas vistas para os lados do outro estaleiro, divizaram alí, por entre a ramagem do arvoredos, uma cêna pavorosa! Carregavam sôbre os dois homens, com fúria impetuosa e louca ferocidade, quinze, ou vinte e tantos bugres poderosamente armados de tacapes, flechas e aguilhões.

Pilhados de surpresa e inopinadamente assim; colhidos de costas e apanhados indefesos, só tendo nas mãos o instrumento profissional encravado no lenho duro que fendiam, nem poderiam opor o menor gesto de reação, ou fuga, tão distraídos e entregues se achavam do trabalho.

E tombaram os dois operários alí mesmo, horrivelmente massacrados, salpicando de rubro rutilante e cerne róseo desdobrado.

Compreendendo, então, os outros operários, tóda a extensão da tragédia que, evidentemente haveria de os atingir também, não esperaram pela sua vez. Fugiram...

E fugiram tontos, frios, apavorados e sem destino! E na precipitação da louca disparada, alcançaram a poucos saltos de gigantes o limite da circular clareira, que os volteava, e desapareceram...

O fim de existência que tiveram os seus companheiros seria também o seu... A mesma sina lhes estava certamente reservada... Apenas alguns segundos retardados impossibilitaram a investida de outros atacantes, que por sorte lhes couberam...

Fugiram. Embrenhados na mata, aí vagaram desnorteados, perdidos, dentro da floresta escura, expostos à furia dos inimigos, que os trilhavam e procuravam, expostos à argúcia furiosa do selvagem e à mercê de outras feras que os farejavam. . .

E correram, até que um dia, só por acaso e miraculosa coincidência, lograram êles, famintos e esfarrapados, alcançar a salvo, o acampamento distante!

E fôra dêste modo, que os atacantes indígenas mais insistentemente se recrudesciam, dora avante, contra os obreiros da expedição.

* * *

E se comentava ainda no meio ferroviário sertanejo com o mais acêso interesse e a maior vivacidade de expressão, o atentado brutal, injustificavel, de que vimos de relatar em páginas anteriores, quando, ao mêmso centro de operários e bugreiros chegaram outras noticias de mais recentes vítimas locais dos aborígenes.

Destacados para diferentes e longínquos rumos das matas, onde se estende a linha de penetração, havia obreiros da emprêsa empenhados aos grupos, na missão de sua especialidade.

Numa direção, conforme anteriormente viramos, haviam partido aqueles serradores em busca de madeiras; e para outro lado saíram jornaleiros destinados às bandas do rio Tietê, afim de recolher areia e pedregulhos a se empregar na construção de concreto armado.

E além dêsses operários, que, assim, arriscavam abnegadamente, ou se expunham a tôdos os perigos, obrigados pelas contingências profissionais a trabalhar em locais perigosos e distantes da aglomeração central, outros homens, ainda impelidos pelo mesmo senso de dever, iam como que atraídos para a maldade indígena. Eram aqueles trabalhadores da emprêsa, que se ofereciam para caçar nas matas ad-

jacentes e palmilhavam tôda a floresta, chegando por vezes, até ao grande rio visinho, de cujos remansos levantavam d'agua deliciosos dourados e paracanjuvas.

Coincidentemente, no mesmo dia em que partiram os infelizes serradores em direção ao interior da mata, onde encontraram morte horrível e impiedosa, rumaram, também, por sua vez, para os lados do Tietê, dez ou mais homens com o propósito de se abastecerem de outros materiais nas praias, ou nas entranhas do rio.

E às vezes, quando se escasseavam os depósitos naturais de matérias primas existentes nessas margens fluviais de mais fácil acesso, cruzavam a torrente em velhas e toscas barcas aí depostas para diferentes mistéres, buscando de lá, no bojo das embarcações, aquilo de que tanto necessitavam. E é interessante se notar, que muitas dessas canoas não eram mais do que fragilíssimas pirogas arrebatadas aos índios.

Dirigiam-se os trabalhadores para o lado oposto do rio, ou margeavam-no abaixo e acima, ou ainda, adotavam outros recursos, que, da mesma forma, lhes facultassem o reabastecimento do material.

Um dos métodos experimentados alí e postos em prática pelos operários naquele dia era difícil e trabalhoso, mas, lhes oferecia a vantagem de extrair material de superior qualidade, porque seria êste recolhido dos fúndos das torrentes por verdadeiros mergulhadores. Para isto, amarraram êles as suas canoas por meio de longos e possantes cabos, fixos a grossos troncos firmemente encravados na praia do rio. As lanchas assim cativas, vagavam à mercê das águas até onde aquelas cordas, distanciadas, devessem alcançar.

E uma vez estabilizados num ponto, onde águas mais tranquilas e serenas o permitissem, afastado êste ponto algumas braças da margem, saltavam os homens à líquida

corrente e, mergulhados, por vezes, até acima da cintura recomeçavam o trabalho.

Assim, cada mergulhador munido de uma longa pá, imergía e, ao aflorar à superfície, trazia no côncavo do seu instrumento, certa porção de areia, ou pedregulho, que despejava no interior dos barcos. Cada uma dessas embarcações comportava quatro, cinco ou mais obreiros. Um dos quais se encarregava do barco, para o manter mais ou menos fixo à tona num mesmo ponto, enquanto os demais operários levavam tódo o dia assim, cantando e modulando, ao ritmo das cantigas das torrentes, as suas cantigas doridas, ao passo que o grande e majestoso rio ia descendo e descendo eternamente o vale...

Todavia, não permaneceram por mais de uma semana esta serenidade de espírito e de trabalho. Surpreendidos aí e impiedosamente assaltados pelos indígenas, a sorte desses homens não fôra diferente daquela, que tiveram os seus colegas, desviados a outros serviços e bandas da região.

Investem-se afinal, contra eles os índios.

E ninguem se escaparia à insânia e à crueldade do massacre...

Desfecha-se o ataque. Cooperam tôdas as armas juntas na função de ferir e de matar. À primeira rajada de flechas já se tingem de sangue as águas do rio.

E o tacape e o aguilhão mordente também derrubam as suas vítimas. Grevemente feridos, muitos operários daqueles que trabalhavam meio submersos, se perdem no mesmo local em que se acham, tragados pela corrente.

Exânimes, eles tombaram ao fundo d'água e desapareceram...

Já outros companheiros seus, portadores de ferimentos leves, fugindo, nadando custosamente a correnteza para a terra firme, atufam nas selvas, ao abrigo de protetoras frondes. Ainda um outro grupo de obreiros, que trabalham mais

distantes, encorajados por alguns bugreiros em companhia, mesmo feridos resistem ao assalto à bala.

E as suas carabinas certeiras aniquilam diversos atacantes. Mas êsses, numericamente muito superiores, e, além disso, pelas cargas incessantes de suas armas, logram se apossar das margens e cortar as amarras das canoas. E ao desferirem mais êste golpe supostamente decisivo contra os canoeiros, presumem os índios estrategistas, que destroem a tôdos inevitavelmente.

Na verdade, não têm, senão êste intuito os agressores

Abandonados ao pélagos e ao capricho inconstante das águas e aossados ao mesmo tempo pela mais impiedosa chuva de projéteis, era, de certo, melindrosa a situação desses homens, que não podiam suportar os horrores da fúria indígena em cima, e os abismos das torrentes em baixo, contam os proletários apenas com uma lancha desordenada e frágil de permeio!

Era esta a situação dos trabalhadores.

Fôra lançado contra eles um recurso destruidor em táctica de guerra, que, adotado por tal casta de inimigos, com mais forte razão aparentaria sê-lo.

Inimigos desconhecedores de qualquer gesto de perdão e só concebem a destruição total do desafeto.

No entanto, o mesmo ato julgado decisivo na luta e praticado pelos afôitos vencedores, redundara mais tarde, em benefício dos próprios agredidos.

Soltas ao sabôr das agitadas águas, como foram, as embarcações desceram, céleres, a correnteza... e os tripulantes delas, desorientados e confusos ao primeiro instante do episódio, pareciam submissos ao plano dos indígenas. Mas depois, adquirindo eles a sua calma habitual e o equilíbrio perfeito de suas funções, conservados sempre deante de tudo quanto lhes facultasse meio de defêsa e muito elevado instinto de viver, retomaram logo, como bons pilotos, a direção dos barcos, enquanto os bugreiros, firmes na pon-

taria, iam, matando a tiros de carabina dezenas de índios alinhados à beira.

Os homens abatiam o inimigo que os vencera!

Afastavam velozmente as lanchas da zona perigosa. Arrebatara-as a correnteza. E longe, a mais de três quilômetros dali, abeirando-se à barraca de uma curva do rio com os seus boteões, êles, como naufragos que também se haviam escapado ao massacre, abandonaram-nos e afundaram imediatamente nas brenhas profundas das florestas.

E correram. . . Ou, melhor, rolaram pelo chão da relva o resto daquele dia e tôda a noite, mal conseguindo, só à alta madrugada, cansados, feridos e sangrando, ainda alcançar o centro das operações ferroviárias.

* * *

A intensidade com que se recrudesceram as escaramuças sertanejas, denunciava claramente o desencadear de próximos acontecimentos, como sejam choques renhidos mais violentos e, talvez, mais devastadores entre os combatentes dos sertões.

Tudo estava a indicar a eventualidade de um recurso imediato aí mesmo, nas visinhanças do acampamento. E se os índios lhes oferecem a grande batalha, faz-se mister que a defesa bandeirante marche com tôda urgência ao encontro dêles.

Pois há planos retardados na construção. Já se vão ressentindo de materiais, as obras ferroviárias, em consequência de tão insistentes e graves ataques aborígenes contra os pacíficos trabalhadores.

Além disto, já experimentando um estado de superexcitação neural e, permanentemente alarmados, desde as últimas ocorrências no sertão, os homens trabalham mais atentos aos bugres do que aos mistêres do próprio ofício.

Desenvolve-se mal e em notável regressão de ânimo a sua capacidade de trabalho.

E é natural. O rumor mais tênue ocorrido durante as horas de serviço, onde quaisquer outros atos de que se ocupem êles, o produzam; o menor ruído diferente daquele que as suas ferramentas originam ao escavar o solo e ao atritar outros corpos mais densos, assemelha-se-lhes o aproximar de índios, impressionando-os como a representação de passos inimigos, que se dirigem para o lado dêles a atacá-los.

A lembrança de selvícolas fustiga-lhes a imaginação como a idéia fixa, tormentosa e alarmante de um fantasma, de um duende permanentemente assombrador. . .

Não havia porém, engano, superstições, ou caducidade píquica.

Já se tornara patente a existência de novos atacantes ali. Gritos e prantos e lamentações angustiosas, clamando por socorro; rumores de quem se ergue precipite do leito à noite, e corre em solidões escuras pelos êrmos, fugindo atropeladamente, são incidentes sucedidos aos toques de buzinas por madrugadas altas, como alucinações terríveis de pesadelos. Intranquilizados, irrequiétos e medrosos de si próprios ao serviço, ao descanso e ao sono, não podem trabalhar e produzir, e nas barracas não lhes é possível dormir e repousar.

Em suplicante transcorrer de cada noite, êles, torturados pelo medo e a convicção de morrer a qualquer instante, têm a aparência de quem sofre agitações crueis, envolvidos e supliciados de insônia, à maneira de remorsos mais nefandos, passando, desta sorte, as horas de recolhimento, como se fossem algozes criminosos redimidos. Imprimem-se-lhes à face macilenta e pálida as características sintomáticas de mais penosas, atribuladas e sofridas noites.

E se encaminham êles, agora, de manhã, para o trabalho, mais fatigados do que se sentem, quando à noite se recolhem ao descanso. . .

Há em tudo isto a formalíssima indicação de que se reiniciara no deserto o sistema gentílico de guerrilhas.

E se recomeça por igual, a ação enérgica dos bugreiros.

* * *

Anteriormente, porém, aos dias em que se realizavam aqueles atentados contra os inermes servidores da empresa, haviam chegado ao acampamento, urgentes e veementes solicitações no sentido de que partissem os valentes carabineiros da expedição para um sítio na retaguarda, onde uma formação de muares conduzia víveres, materiais e instrumentos destinados aos construtores da linha férrea. Partiram os bugreiros imediatamente para a referida localidade. E ao chegarem, apenas depararam com destroços da composição volante. Jazia tudo disperso e abandonado pelo chão e o matagal. Os animais, que não eram cadáveres, encilhados pelos arreios e jungidos ainda sob as cargas, vagavam, perdidos, fugitivos e assustadiços pelos campos e arrastar os trapos de objetos inutilizados, pendentes ainda dos arreios.

E se perderam muitos deles, que nunca mais foram encontrados.

No entretanto, nem os assaltantes e nenhum sinal deixado pelos mesmos puderam ser recolhidos no local do ataque. De sorte que, se não houvesse ali, à hora do incidente, o testemunho dos próprios condutores do comboio, permaneceria em incógnita a identidade dos malfeitores.

Chegaram lá os bugreiros e investigaram detidamente tudo.

Por fim, ao cabo de longo e minucioso exame dos campos circunjacentes, conseguiram descobrir na mata os primeiros vestígios dos fugitivos. E marcharam os sertanejos sobre os rastros impressos no meio intrincado dos cipozais. Bateram toda a zona durante mais de um dia, nas direções prováveis do esconderijo. E nada encontraram. Mas nessa diligência de mato a dentro, abateram cinco aborígenes,

talvez, inocentes, ou talvez, culpados daqueles crimes, surpreendidos e aprisionados no rio a se banharem despreocupadamente.

Um feito incrível, dada a perspicácia do índio, e só conseguido por sertanejos muito experientes de mato e suas cousas.

Cumprida a missão, regressaram os bugreiros ao acampamento. E em chegando e se inteirando aí, das atrocidades ultimamente praticadas pelos selvícolas noutras dependências de trabalho, rumaram para onde se dera o novo assalto contra os pobres indefesos serradores, a-fim-de fazer reconhecimento e inspeção local. Chegavam lá ainda a tempo de contemplar os cadáveres das duas vítimas, profanadas, esquartejadas pelos furiosos matadores.

Voltando dali sem conseguir encontrar os trilhos dos selvagens, partiram para as bandas do rio Tietê, em cujas mansas praias se desenrolou a tragédia dos recolhedores de areia e pedregulho. E inspecionaram-nas também cuidadosamente. Aí nenhum vestígio havia. O rio sepultara no fundo de suas águas os despojos dos operários mortos. Nas praias e matas adjacentes sinal algum existia dos assaltantes, a não serem rastros na areia e tocos arrancados.

Mas ao retrocederem, se desviando na marcha, dos primitivos trilhos por onde passaram na ida, depararam num vale, em plena floresta, com um aldeamento indígena. Um grupo de frágeis e rústicas cabanas cercadas de lascas de palmito e revestidas de folhas e palhas secas.

Abeiraram-se cautelosamente da aldeia e varejaram-na.

Estava deserta. Mas os objetos encontrados no interior constituíam sinais e provas de que eram habitados êses casebres. Cúias, redes toscas e caveiras e dentes de animais lá estavam dispersos pelo chão.

Foi um achado importante e de valor estratégico realmente útil.

Estava descoberto um covil de inimigo.

A moradia, naquele instante deserta, dentre muitas existentes na região, que lhe serviriam de base de operações bélicas.

Era pois, urgentemente necessário que fossem destruídas aquelas habitações. Mas também, só o deveriam ser quando dentro delas se achassem os ocupantes guerrilheiros e próprios senhores.

Deixaram-nas, por isso, intactas.

Ao voltarem dali, depararam os homens com todo o acampamento alvoroçado! Já ao entardecer daquele dia, os operários, tanto menos apreensivos, se achavam, naquela tarde reunidos no interior de um grande barracão, enquanto aí depunham as suas ferramentas, conforme, o faziam habitualmente.

De súbito, uma horda de selvagens saltara impetuosa, à frente deles. E generalizara-se entre aquela massa humana pacífica, um frêmito glacial de terrorismo. A inesperada aparição de tão consideráveis inimigos, sempre esperados noutros momentos, nunca, porém, áquela hora, e naquele sítio, produzira entre a densa multidão o efeito de uma bomba que explodisse no meio dela.

Tomados de pânico verdadeiramente horrível, dispararam-se por todas as direções os homens em debandada. Saltos desmedidos através de obstáculos imprevistos e mal percebidos, ou calculados; carreiras desnorteadas para todos os rumos indeterminadamente e quedas desastrosas, cujas vítimas, não puderam mais se levantar, foram os acidentes mais cominhos e naturais, muitas vezes, repetidos durante a precipitação da fuga coletiva.

A maior parte desses homens se machucaram, se contundiram seriamente e, muitos outros, se desviando até dos trilhos durante a carreira, em horas difíceis de travessia, perderam o rumo do local que demandavam, onde os aguardaria provável segurança e salvação.

Aquele telheiro de construção provisória, destinado somente a abrigar carretas e instrumentos braçais empregados em diferentes mistéres da empresa, distava-se do centro de administração umas duzentas e poucas braças apenas. No entanto, raros foram os homens debandados, que lograram chegar aí dentro de um espaço natural de tempo, após o inesperado incidente, correndo pela estrada direta, apropriada e mais curta, que comunicava os dois pontos visinhos. A maioria deles, somente à alta noite, e à madrugada conseguira alcançar abrigo, além de outros, que lá se foram ter de rastro, ou carregados por mãos piedosas.

Achavam-se seriamente contundidos.

Comunicara-se o pânico a todo o acampamento! E nisso entram os bugreiros, alguns momentos antes, chegados de suas diligências anteriores, no cenário perigoso do episódio. Tomam no relance de um salto rápido, as suas armas e todo o equipamento bélico necessário a uma empresa de larga envergadura e partem a galope, ao encontro dos aborígenes. E investem-se desassombradamente contra os atacantes.

São estes, os selvícolas que se apresentam como seus velhos e eternos inimigos, já, agora, muito mais audaciosos...

Fazendo suas trincheiras as mesmas pilhas de dormentes e feixes de trilhos amontoados entre a linha das barracas e os agressores, os bugreiros desfecham contra estes, indecisos em pé, a pouca distância do barracão e no mesmo ponto em que foram vistos surgir, uma descarga de balas.

Ouviram muito bem os estampidos que os alvejaram e não esperaram a repetição do fogo sertanejo. Nem puzeram olhos nos seus atacantes. Alçando instantaneamente aos ombros fortes cinco ou seis cadáveres e abandonando no local os feridos, bateram, entontecidos em retirada.

Sem mais tardança, caem-lhes em cima os bugreiros. Encalçam-nos além, pouco adiante, atingindo já a floresta

protetora e mandam-lhes pelas costas a segunda descarga de suas armas.

Os fugitivos conseguem penetrar as selvas, retrocedem imediatamente, resurgindo no mato à orla das campinas, mas para recolherem alguns cadáveres e feridos graves tomados agora, pelo segundo tiroteio, e recebem ao reaparecerem aí, neste gesto de renúncia e audácia, nova e fulminante descarga que os prosta, debruçados sobre as outras vítimas agônicas.

E os aborígenes restantes, mais de uma dezena, já vão longe, abandonando os mais odiados inimigos, precisamente à hora em que alcançavam um posto estratégico, donde poderiam oferecer resistência, e afundam na mata cerrada do esconderijo.

Desprezando feridos e mortos veneráveis estendidos por terra, à mercê do inimigo!

Fugiram abandonando tudo e desaparecendo... E só lhes resta fugir, embora muito bem armados estivessem.

Enquanto isto se dá, procedem os vencedores a revisão das baixas adversárias. A contagem feita dos despojos inimigos nos dois campos de luta revela treze mortos.

Há, porém, apenas, mortos, porque os bugreiros rancorosos, sacrificaram os feridos que havia.

E' à hora do crepúsculo. Desce o silêncio na noite sobre a mansão das tragédias sertanejas.

E os homens, mais uma vez vitoriosos, se encaminham para a base da campanha.

* * *

Na madrugada seguitne aprestaram tôdas as suas armas e equipamento bélico e bateram os bugreiros nas pégadas e veredas anteriores dos fugitivos.

Passaram pelos mesmos pontos, onde jaziam insepultos os corpos dos indígenas sacrificados na véspera.

Afundaram no seio das florestas.

Seguiram, pesquisando os trilhos no mato, troncos de árvores e areias de práias, a buscar vestígios do inimigo. Galgaram cimos, desceram vales e palmilharam de lado a lado a região e somente ao cair da tarde, puderam encontrar, ainda longe, uma aldeia de aborígenes. Houve quem assestasse para determinado rumo o seu óculo de alcance e surpreendesse uma multidão de bugres a formigar em volta às cabanas do arraial.

Estava assim desvendada mais uma das muitas células inimigas, um desses centros, donde se irradiavam os assaltos constantes sobre a empresa.

Haviam descoberto nessa hora da tarde justamente aquilo que tanto procuraram durante todo o dia.

Assentaram-se tranquilos alí mesmo, onde se achavam, sobre a relva à beira d'água e fizeram ligeira e substancial refeição.

E enquanto comiam vitela churrassqueada com farinha de mandioca, iam delineando planos para levar a guerra, num assalto noturno, sorrateiro, à rústica cidadela do gentio!

Mas para efeito desta diligência armada, a coorte de valentes sertanejos aguardaria alí mesmo o cair da noite. Seriam as trevas as suas melhores cúmplices.

E durante a noite marchariam para lá. Depois, ao iniciar da madrugada e já sem o testemunho da comprometedora luz da lua, efetuariam o assalto frontal e decisivo contra a praça.

Combinaram tudo.

Ao baixar do crepúsculo iriam a pouco e pouco, se aproximando da habitação indígena. E poderiam assim, desprentidos do inimigo, atingir um ponto convenientemente seguro entre as selvas adjacentes à vila e deliberarem daí a forma como deveriam desenvolver o ataque demolidor.

Puzeram em execução o plano combinado.

Sem deixarem nada para traz, marcharam os homens através do predeterminado rumo.

Caira a noite. Fôra difícil a travessia.

A frouxa luz da lua, penetrando as franjas do manto florestal, salupicava de branco esmaecido a senda, que os guerreiros iam trilhando sob a fronda secular, tropeçando, ou caindo aquí e levantando acolá; esbarrando-se num tronco grosso, só percebido à última hora e, penetrando além no meio de um cipoal ou varando, adiante, uma moita de espinheirais, chegaram, já alta madrugada, a uma logar aparentemente estratégico, que lhes permitiria observar de perto tudo quanto se passasse na cidade indígena. O lume de uma fogueira imensa acendida pelos selvagens num dos lados do arraial, derramava-se ao longe, até bem próximo dos observadores, um clarão incandescente de luzerna, contrastando com as trevas dominadoras em derredor.

Os bugreiros, na sua alcatéia perigosa e muda encontraram neste clarão o seu melhor beneficiário. Podiam observar tudo que se ia passando na aldeia indígena.

Estava a cidadela em festa. . .

Troava já na imensidão das solitárias plagas a áspera sonoração do instrumental selvagem. A buzina de taquara; o tamborim de pele de caitetú, fixada ao corte central de uma cabaça oblonga; os flautins, as clarinetas de taquarí e canafístula; a caixa roncadora — moderníssima cuica de folguedos civilizados, ou "candomblês" manhosos, fariam a algazarra da magistral folia até o amanhecer.

E' um costume habitual dos primitivos da terra, referido pelos sertanejos mais antigos da região: o índio fazia lume ao anoitecer e, à volta deste fogo, tocava, dansava, comia e bebia antes de se acomodar para dormir.

Comumente essa festa noturna quotidiana, terminaria entre a meia noite e as duas horas da madrugada. E então, somente depois de encerrada a brincadeira, iriam os convi-

vas e espetadores dormir cansados, tranquilos, a sono solto de bêbados.

Estava assentado, entre os combatentes, fosse essa hora silenciosa, o momento do premeditado assalto.

Acoitados pelo mato e as trevas da noite, presenciavam os homens, à espreita e através dos últimos lampejos do clarão, as últimas atitudes dos inimigos.

Entrara a lua. Começaram os bugreiros lentamente a se mover. Iniciaram desde logo a marcha sobre o quartel adversário com mais argúcia e precaução. E os índios entretidos e foliões, não nos haviam percebido ainda, a quinhentos metros de distância. Era este o percurso, que deveriam os atiradores vencer para alcançar o aldeamento selvagem.

Sopesando as armas certeiras e prontas para abater algum índio, eventualmente ainda acordado, que os pudesse pressentir e se erguer da cama à beira do fogo, onde se deitara, caminhavam os homens para a aventura do assalto.

Marchando tão rápidos quanto lhes permitisse o terreno irregular e recoberto de macêga alta, que pisavam, eles andavam à noite escura, apalpando com os pés o chão e tateando os trilhos apagados dos caminhos. E' que deveriam ser evitados durante o transcurso da perigosa travessia, o incidente mais banal, capaz de provocar insignificantíssimos ruidos. O sucesso da arrojada empresa estaria ali, fundamentado na atividade do imprevisto e inesperado, até o derradeiro instante. E quanto mais eles se aproximavam deste, melhor observada haveria de ser a cautela.

Adotando pela primeira vês nessa campanha a tática dos próprios selvagens, levar-lhes-iam as armas sertanejas, com toda argúcia e perspicácia, da mesma forma costumeira dos índios, uma luta de surpresa e traição. E muito próximos já se achavam do respeitável e sossegado baluarte, a menos de cem braças talvez, quando um incidente que em outras circunstâncias nenhum valor teria, mas de extrema gravidade ante a apreensiva condição em que se achavam

os caçadores, por pouco não transformara em ruidoso fracasso a fase terminal desta diligência, custosamente efetuada e já nos últimos lances do ataque. Um selvagem, de súbito, se alevanta! Episódio que, lembrado e previsto no plano geral de assalto, não pudera, entretanto, confundir os assaltantes.

E dominaram êstes a situação. Ligeiros e suficientemente calmos, frente à difícilíssima emergência, caíram no solo os destemerosos lutadores e, dobrados sôbre um dos joelhos, endireitaram a pontaria firme de suas armas para o lado dos bugres adormecidos. A mira estava bem visível.

Era intenso e claro o brazeiro deixado pela fogueira extinta.

Em volta dêle, estavam deitados juntos, com os pés voltados para o lado de maior calor e mais aproximados da caieira. De sorte que, se banhavam nos últimos clarões de braza os mais épicos impulsos do assalto. E êste banho de luz encandescente iluminava também o próprio alvo das carabînas sertanejas.

Durante cêrca de uns dez minutos observaram os homens prudentemente, estáticos, na mesma posição, o investigador indígena. O bugre, ao se pôr de pé, mergulhara o olhar em tórno e através dos infinitos êrmos, até a última irradiação da luz.

E prescrutara tudo... Movendo-se afinal, do seu lugar, andara lentamente em volta ao brazeiro e aos camaradas que dormiam, para se dirigir após, ao mesmo leito, donde se erguera, e se deitara outra vez.

E os assaltantes recurvados naquela posição incômoda, mas de agressiva prontidão, esperaram silenciosamente por muito tempo, necessário e calculado para que dormisse, descuidada a sentinella.

E quando já estavam os bugreiros se preparando para dar um passo à frente, aparecera novamente o mesmo índio em pé.

Levantara-se, observara tudo, repetindo tôdos os movimentos executados dantes, até se reacomodar ao leito.

Fôra daí, que o mais experimentado daqueles homens reconhecera esta particularidade do costume indígena, como sendo uma medida necessária de previdência.

Uma vez terminadas as dansas de suas festivais noitadas, afirmam velhos sertanejos, que os aborígenes da região tinham o hábito de dormir no chão, em volta à fogueira acendida para aclarar a festas noturnas habituais, exceto um bugre, previamente designado pelo chefe da tribo, que velaria pela segurança dos demais.

Era êste a sentinela do acampamento.

Consoante a própria função, não dormiria esta por tôdo o resto da noite, em observações, em tórno à família adormecida.

E abandonando o seu posto, como o faria de momento em momento, para se deitar, não teria o índio a intensão de passar por mais ligeiro repouso, e sim, animá-lo-ia, ao proceder dêste modo, um propósito traiçoeiro de simular dormir, afim de mais depressa surpreender a aproximação de um malfeitor.

Alí também acontecia assim...

Era aquele índio a sentinela da aldeia, destacada para o serviço áquela noite.

Simulava assim, em recolhimento, adormecer, mas logo depois êle se erguia da cama e prescutava de pé, a noturna cicunjacencia do arraial, alternando, sucessivamente, alguns minutos de suposto repouso e outros instantes de observação e atividade funcional.

la fazendo dêste modo o seu plantão.

Aqueles selvagens, após a dansa noturna habitual se haviam entregue ao descanso de um sono reparador. E como vimos, enquanto dormiam, estava os guardando na aldeia sossegada, um companheiro.

No entretanto, os sertanejos deveriam marchar ainda um pouco afim de mais se aproximar de seu terrível inimigo.

Combinaram então, o avanço de um passo a frente.

Ao contrário, porém, de se erguerem do lugar, onde um deles se encontrava ajoelhado para agredir, executaram manobra diferente: ainda mais se inclinaram e estenderam ao solo para deslizar rasteiros, invisíveis, na direção da vila. Eram como um bando de panteras famintas em surda alcateia, a esperar o instante mais propício para se largar contra a prêsa descuidada, com o último salto de montearia.

E nesta hora a maior precaução era a melhor estratégia.

Avançando lentamente a passo e passo, interrompidos em paradas bruscas de observação, os bugreiros, semi-deitados e quase a rolar sob as matas baixas de aroeirinha verde, já iam chegando à beira do acampamento.

Deitados na relva úmida, colados ao chão com as suas carabinas apontadas para um alvo único, que era a massa de bugres estendida e iluminada à luz encandesciente das caieiras, eles viram, quando, novamente se levantara a sentinela. Volteando tódo o campo, observara ela até longe, aprofundando os sentidos aos diferentes rumos das solidões e, se retrocedendo, por fim, ao lugar da sua cama. Em chegando aí, parou, segundo o fazia habitualmente, mas desta vez, não se deitou! Com a sua arma na mão, parecia investigar em derredor, mais atentamente e mais atiladamente, que das outras vezes, as cousas. . .

Repentinamente, deu um salto para um lado e se abai-xou ao chão. Auscultou-o durante um instante e, ao se re-erguer trouxe consigo um companheiro armado.

Era o capitão da tribo. A sentinela despertara o chefe e qualquer cousa lhe comunicara. . .

Os sitiadores da praça, amoitados alí perto, davam conta de tódos os movimentos da sentinela. Por isso, ao vê-la acordar aflita um companheiro, que fosse, talvez o seu

capitão, nenhuma dúvida tiveram mais quanto ao que sucedia.

Estavam sendo pressentidos!

Ninguém os parecia ver no refúgio em que se achavam, mas os índios sabiam, que em volta à sua casa, qualquer cousa anormal se passava, a horas tardias daquela noite.

Na mais perfeita comunhão de idéias e na melhor disciplina, que vem caracterizando os diversos lances de suas lutas, não esperam mais nada os assaltantes.

Com a rapidez de um relâmpago erguem-se repentinamente e desfecham juntos e automáticos o ataque. Ressurgem frente a frente, com os índios. E ainda mal aflorados às pantas dos matos que os ocultavam, já uma descarga de suas armas ecôa nos recantos longínquos das solidões!

E' a primeira carga da madrugada. Duas balas prostram imediatamente o capitão de guerra e a sua sentinela, sem que tenham êstes tempo para alarmar os índios combatentes da defêsa. E ao mesmo instante cai uma saraiva de projéteis sôbre o grosso do exercito indígena, no leito, e já se levantando. Uma parte dêstes índios, mortalmente ferida, ou gravemente atingida, prosta-se no mesmo lugar, para não mais se erguer.

Já um outro grupo de aborígenes, despertado do profundo repouso que dormia, pelo troar das armas sertanejas, levantando-se confusa e alheio inteiramente ao que se está passando, corre assustado, do desconhecido, como alucinado. Vendo prostrados, o seu capitão, a sentinela da noite e tantos outros companheiros, antes de empunharem as suas armas defensivas, recebe tremenda e certa fuzilaria. E os poucos índios, que não tombam pela segunda descarga da luta, ainda mais atordoados fogem, saltando a êsmo para qualquer lado. Alguns dêstes, porém, na desorientação do susto, vão cair casualmente na linha dos atacantes.

Caindo aí, como ovelhas em fuma de leões, não podem fugir e nem reagir.

Mal compreendendo nesta hora, tudo que lhes sucedia e a seus companheiros, ao reconhecerem o meio em que se acham rolam, também, um a um atravessados alí mesmo a lâminas de punhais.

Após êste golpe, em tudo e por tudo surpreendente e admirável, os sertanejos, agora, muito mais próximos do arraial indígena, nada mais esperam para consumir o avanço e o assalto direto contra a cidadela.

Penetrá-la, varejá-la e destruí-la é obra de um instante apenas. E a passos largos avançaram. Transpuzeram logo adiante a linha do braseiro, que se distendia em arco muito próximo ao grupo de taperas e caíram impiedosamente numa avalanche incontida sôbre a praça forte do inimigo. De pistolas em punho, a queima-roupa, e facas, êles abateram os feridos que se arrastavam, quase agonizantes, pelo solo.

Concluído êste massacre, investiram-se os bugreiros imediatamente para as choupanas. Varejaram-nas tôdas, só encontrando no interior, objetos comuns, de uso indígena: redes, combucas, pilões, arabescos e outras cousas semelhantes.

Nem uma arma lá se achava. Tôdas estas se encontravam cá fora, a mais facil alcance dos guerreiros, para seu uso, se fossem êles despertados a tempo de lutar.

Isto feito, bateram tôdo o matagal em volta, mas nem vestígios dos raros fugitivos depararam...

Voltando de novo ao acampamento, desta vez, senhores absolutos da praça, aí sentaram-se no terreiro dos casebres, entre os despojos dos aborígenes estendidos no chão, para ligeiro repouso, muito embora, continuassem ainda em expectativa armada. Enquanto descansavam, servindo-se dos míngues víveres, que possuíam, fizeram pequena refeição.

E esperam calmamente aí o raiar do dia. Dormitando até, alguns dentre aqueles bravos, passaram por sono leve,

intranquilo e, de instante a instante, interrompido de sonhos e pesadelos que, talvez, representassem tôda a agitação dos trágicos feitos anteriores.

Mal rompia o sol, trazendo ao deserto a alvorada esplendorosa da manhã.

Clareava o dia. E um outro clarão imenso se alevantava no espaço, irradiando-se ao longe, deante do matutino astro, a rubra iluminação de um incendio...

la tudo a raso!

O mesmo lume que aclarara à noite, o bailado festivo dos índios, depois, chamusqueara as carnes ao banquete e lhes aquecera a aragem da madrugada fria para o sono de repouso, devorara pela manhã o arraial...

E nada se escapara aí à sanha devastadora de ódio e de vingança sertaneja...

* * *

Fôra uma caçada completa. Não perderam uma só bala os caçadores.

E o tiroteio da trágica madrugada, ribombando à distância, chegara até aos construtores da linha, ainda repousados e exultantes de júbilo, de entusiasmo e impaciência. Impaciência pela sorte dos companheiros de labor, que tomaram sôbre si a luta mais severa da campanha; pelo resultado dos feitos daqueles heróis, que os guardavam e os defendiam durante longas horas de noites inteiras, enquanto repousavam em descanso, para novas energias de trabalho.

De regresso, chegaram os bravos sertanejos ainda cedo ao ponto central dos ferroviários. E uma estrondosa demonstração de entusiasmo os acolhera, à hora do almoço, interrompido, numa simpática recepção.

Era a primeira vez que se manifestavam de tal forma nesta campanha memorável em que andavam juntos e coirmãos a ciência, a tenacidade e a guerra, entre os obreiros da penetração.

Tomara-os a tódos inopinadamente o frêmito de um verdadeiro delírio, numa explosão única, ao virem chegar os trabalhadores da conquista.

E êstes bravos e quase primitivos ingressores daquelas paragens — lutadores sem ser militares, se aproximavam de seu quartel, muito alheios à orgulhosa e natural pretensão de quem tivesse saído vitorioso de uma luta daquela monta, em marcha irregular e desordenada, porque desconheciam a disciplina rigorosa de uma formatura militar correta. Humildes e até desleixados, andando a passos largos quase cambaleantes, como seja o traço característico da marcha sertaneja, aparentavam mais uma fuga de derrotados, do que o regresso de uma fôrça vencedora.

Mostravam, no entretanto, uma aparência ilusória de cansaço.

Um dia tódo de marcha através de intérminas florestas, depois de outros dias igualmente fatigantes; uma noite inteira de luta armada contra um inimigo astucioso e forte, não nos fatigaram, não lhes abateram as fôrças.

Iludiam simplesmente pela aitude...

Não nos dominava entretanto, o cansaço. Tresnoitados, maltrapilhos, andrajosos, e muitos até descalços claudicantes, reapareciam os homens destemidos de tódas as pelejas ao centro do técnico labor. Aí, donde se irradiava o esplendor de seu heroísmo.

O sertanejo é incomparavelmente bravo. Admira-se-lhe, sôbretudo a capacidade de resistência. As cadeias andinas, os abismos da Mantiqueira; os pincares alpinos e apeninos de ultra-mar, seriam galgados com a mesma ardência e vigor do princípio ao fim. Não haverá obstáculo, que se anteponha intransponível, à reação de sua energia.

Tanto a estrutura física, como a constituição moral em que se plasma e de que se erige o desbravador de sertões; talhadas e refundidas juntas estas duas potências individuais, para tódas as vicissitudes, desde os hábitos pa-

cíficos e de mais puro sentimentalismo, até as arrancadas violentas e audaciosas, impostas constantemente ao homem sertanejo pelo meio onde vive e as múltiplas atividades que exercita. Lânguidas cantigas ao som de violas plangentes e violões que choram, quando o artista rude do sertão não dedilha o teclado de uma "napolitana" ardente; noites venturosas de folguedo, onde vibra boliçoso o cateretê, encerram, entre outros primores de suas festividades habituais, o suave, o meigo e o transcendental aspecto de uma alma afetiva.

E já por outra forma da sua vida e costumes vários, êle é um dominador total. Varando florestas a dentro na caçada perigosa do jaguar pintado; abrindo restingas e espinheirais nas encostas lisas e nas planícies claras, arroja-se, as rédeas soltas, ao encalço de pujante touro; estendendo-se nas corredeiras abaixo para arrancar à correnteza a anta ferida na caudal; é sempre o homem infalível ao desfechar o tiro de trabuco, ao bolear o laço envencilhador, ou, quando, já despeando o cavalo, toma o leme da canoa fragil e flutúa no pélogo das águas tomentosas. Com a mesma fôrça, a mesma coragem e agilidade, vai trocando, em cada uma dessas alternativas de pelejas habituais, a carabina pelo laço e o aguilhão, e as rédeas da montaria pelo varejão do barco. Um forte, um hábil, um audacioso em suma, quando faz jorrar o sangue da canguçú, quando solta ao largo dos chapadões o ligeiríssimo corcel, ou, quando deslisa o barco pequenino na garça superfície das torrentes.

E' um poliqueto na vida agitada dos sertões. Desde aqueles requintes de sensibilidade humana, de comoção e esplendor, sentimento e poesia de uma alma rude, aliando-se tudo isto a uma coragem indômita, uma ousadia sôbrenatural, até o destemor do assalto contra hordas de um contendor valoroso e maior; comprovando ao empunhar a arma, ao desferir o golpe e, face a face, ao evitar, ao mes-

mo tempo em defesa, o adversário ataque — investindo, resistindo, matando, ou, também morrendo!

E êsses caçadores de índios descendentes de uma linhagem autêntica e selecionada de caboclos nacionais, de sertanejos puros, são, pela própria índole e valentia, indiferentes a tudo.

Nada, além de tudo, os aterroriza, ou lhes causa horror. Homens pertencentes a tôdos e mais rudes offícios, contanto, que importe em depender o caso presente, de simples coragem e energia moral, de valor e potencialidade física.

* * *

Depois daquela última e mais fragorosa e séria derrota, que quantas outras sofreram os índios em guerra de estermínio contra os indefesos operários da via férrea, muita gente houve não mais acreditasse na possibilidade futura de ataques indígenas dirigidos contra os bandeirantes, da "entrada", a partir de agora, até o final da construção.

Era falsa e otimista demais esta suposição.

Nos trágicos dias daqueles feitos, a entrada sertaneja progredia nas imediações de Araçatuba. A esta altura dos trabalhos, apesar de tantas e tão grandes interrupções da obra, já ia a ponta da linha férrea atingindo o lugar onde os incursões da terra deveriam assinalar a estação de Guatambú, cujas adjacências, da mesma sorte que os sítios de Coroados e Biriguí, eram, também, muito povoadas pelos terríveis nativos do sertão.

Além disto, os bugreiros haviam descoberto por ali, uma outra aldeia de aborígenes. Seria contra êste arraial indígena conhecido, a próxima arremetida das armas sertanejas. Esperava-se apenas, para esta nova ação de envergadura uma reparação ligeira do equipamento bélico.

E concluída que fôra esta providência de guerra, manobram os soldados para a realização de um ataque, que

deveria apresentar características semelhantes áquele que efetuaram quando da última luta na campanha.

Certa noite êles trabalharam até mais tarde, para, logo ao amanhecer do dia aprestarem a partida. Era a segunda marcha orientada contra uma praça forte do inimigo.

Rumaram afinal, para os lados da conhecida aldeia, que não ficava muito longe. Bateram na travessia de caminhos conhecidos e já trilhados por êles, da vez que descobriram o aldeamento.

Ainda pela manhã daquele mesmo dia iriam surpreender os selvagens guerrilheiros na sua toca. E desta vez, se daria à luz do dia o assalto à inimiga praça.

Vencida a longa caminhada tôda feita sob as densas matas das veredas, os homens alcançaram as circunvisinhanças da aldeia. E até aí, a não ser o arraial vislumbrado através da ramagem, nenhum sinal do inimigo lograram encontrar.

Os sertanejos com tôda a sua experiência e habilidades de ofício fizeram a pouco e pouco, se estreitar o cêrco ao acampamento selvagem.

Estavam, pois, realizando o assédio à fortaleza indígena. Acoitados tôdos entre as moitas em derredor da praça, esperavam daí, de armas erguidas e apontadas para ela, o momento em que se puzesse fora de qualquer daquelas taperas, um índio.

A tática planejada era simples. Contra êsse bugre que ousasse sair ao terreiro, um dos atiradores dispararia a sua arma, estrepitando, na praça tôda, o alarma.

Assim acontecendo, os bugres, curiosos e confusos, acudiriam ao local em tórno à vítima, surgindo à frente dos bugreiros e expondo-se, neste momento, à carga das carabinas, que os espreitavam. Do mesmo modo, os assaltantes iriam imolando assim, as levas de socorrentes, que fossem aparecendo sucessivamente no campo raso da fortaleza. E esperaram mais, além de meia hora, no mes-

mo posto em que se achavam. Nenhum bugre se atreveu a aparecer no lugar de condenado a morte.

E continua a praça inteiramente sossegada. Reina por tôda parte a profunda tranquilidade do deserto. Somente o trino angelical da matutina passarada, associando a voz suave à eterna cantiga de lânguida cachoeira distante, penetra mansamente o silêncio daquele êrmo.

No entanto, permancem os bugreiros no seu posto de vigia um pouco mais.

Afinal, reconhecendo a inutilidade de tão longa espreita, deliberam a efetuação de um assalto direto à praça. Desfazendo-se então, o círculo de assédio que contornava a aldeia, reúnem-se tôdos em escolhido e determinado local, com o propósito de encaminhar daí um golpe frontal e audacioso contra o baluarte.

E não sopitando um desejo ardente de vingar e de matar, preferem, nesta medida, correr os riscos de um ataque em massa e a peito aberto sôbre um inimigo invisível de incalculável poder, mas haveriam de demonstrar, uma outra vez, a tôdo mundo o destemor e a bravura, de uma raça. E movimentam resolutamente em direção à praça. Chegam cautelosamente até muito próximo dela. Andam mais alguns passos à frente e disparam uma de suas armas para o lado daquelas cabanas, com a simples intenção de alarmar o indígena homisiado aí.

Ecoou o tiro e o mesmo silêncio perdurou na praça.

Por fim, com indisfarçável mágua e desapontamento, verificaram os agressores que se achava deserta a aldeia.

Nada mais haveria alí que os impedisse de invadir imediatamente os casebres.

E o fizeram, ainda precavidamente.

E concluída a inspeção e a devassa, atearam um incêndio sôbre elas.

Arrazaram tudo...

E estava eliminado o último reduto do inimigo, conhecido naquelas paragens, entre os redemoinhos do fumo e o clarão do fogo.

* * *

Por longos meses trabalharam desta forma os bugreiros, na construção audaciosa da via férrea. Já ia adeantada a linha de penetração. Chegando vitoriosamente ao lendário povodo de Itapura, naquele extremo do sertão paulista, onde se erigem construções austeras de imperial granito, os operários da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, não sofreriam mais as incômodas interrupções impostas pela guerra sertaneja. E até mesmo a partir de Araçatuba, só, de longe em longe, vestígios de bugres se encontravam no trajeto da perigosa rota.

Nesta profundidade do sertão, atingida pelos vanguardeiros da conquista, despediram-se os sertanejos dos operários da Estrada.

Eliminando praticamente o adversário na região e tendo descido a paz sôbre os acampamentos incursores, não havia alí mais razões que justificassem a permanência desses bravos entre as turmas operárias da obra. Até aqueles limites extremos da região paulista, levaram os dedicados cabos de guerra, de arma na mão, explendendo, de dia e de noite nas solidões, uma coragem e uma energia de trabalhador incansável, em púgnas gloriosas e delongadas contra as hostes senhorís da terra, a técnica de um plano e a execução de uma obra.

Estavam definitivamente varados pelos trilhos ferroviários os sertões da Noroeste.

Atravessara-os de ponta a ponta, a linha.

Já rodavam sôbre esta os lastros a vapor, auxiliando com mais eficiência os últimos retoques procedidos em aterros e na estabilização de trilhos.

Conquistado o sertão e uma vez estendido através do mesmo o leito da ferrovia, estava concluído o importante empreendimento.

Os seus derradeiros lances, porém, quase unidos ao vargado próximo ao Tietê, não se revestiram e nem se acompanharam de lutas contra o bugre.

Parecera, então, haver corrido tudo em paz.

Entretanto, não tiveram os incursores mais sorte, mais sossêgo e tranquilidade em trabalhos por aí. Um flagelo horrível e também regional, os atormentara, dizimando-os mais que a arma indígena, durante tôda a travessia dêstes trechos finais das obras.

Fôra o flagelo da malária.

A doença tropical, incidiosa e devastadora, transformara a vasta região marginal num vasto cemitério. Desde Araçatuba à estação de Saint Martin, estendendo-se por Lussanvira, Itapura e Jupiá, verdadeiro morticínio assolara o acampamento bandeirante.

Eram corriqueiros alí diferentes formas clínicas da enfermidade. E naquele tempo, como ainda nos dias presentes, após anos e anos já volvidos, muito embora providências saneadoras efetuadas, lavrava, como lavra, naturalmente atenuada nos tempos de agora, incidiosa e permanente, a malária, por tôda a extensão da zona.

E não importam às épocas periódicas de enchentes, ou vasantes fluviais, há ainda hoje por lá, trágicas proporções da doença, de modo a se poder avaliar, num termo comparativo, o que deveria ter acontecido nos baixos trechos regionais, aos tempos da penetração, entre os operários da linha férrea.

* * *

O impaludismo na Noroeste marginal, constituído de tôdas as formas hematozoárias do parasita de Laveran, é, ao mesmo tempo, apresentado por um cortêjo sintomático variadíssimo, quando se agrupam os doentes na exposição de um conjunto seriado.

Isoladamente, porém, e numa apresentação de enfermo por enfermo, a sintomatologia é parca, é vaga e indecisa, às vezes, peculiar a cada indivíduo.

Apresentando-se em determinado enfermo a síndrome quase muda e subjetiva, sem nenhum elemento sintomológico evidente, torna-se necessário ao clínico, certa perspicácia e segurança para chegar a diagnóstico positivo. São, por vezes, formas frustes de malária, já na sua fase crônica, a minar surdamente o enfermo durante longo tempo despercebidas e mal determinadas. Sintomatologicamente pobres, a doença ataca os enfermos, que se queixam de vagas, indisposições apenas, existentes estas durante algumas horas do dia. Certo grau de adinamia física, ligeira cefaléa que, às vezes, falha; vaga horripilação da pele simplesmente, inesperada e incerta, sem o ritmo regular e periódico dos acessos clássicos, limitada comumente a pequena parte do corpo.

Por vezes, nenhuma anormalidade apresenta o baço, ou o fígado, lançando, assim, maior confusão à hipótese.

Malária crônica, de forma exótica, em que estão ausentes sinais adjetivos nêstes órgãos, primeiros demonstradores em anatomia patológica da doença, como fenômenos satélites à maioria das vezes de um impaludismo antigo e profundo no organismo. O enfermo assim, como um cenestésico, é um peregrino de consultório, pouco ou quase nada sofrendo, é um indivíduo praticamente invalidado.

Rendido à indolência, fatigando-se ao menor esforço. Prostrado no leito em estado adinâmico extremo, qualquer moléstia bonal intercorrente é capaz de vencê-lo.

Combalido e fraco no trabalho pouco rendoso, passa por indolente na suposição do leigo e daqueles que desconhecem uma das causas principais dessa quebra de disposição do trabalhador camponês no Brasil.

Toma-se conseqüentemente o diagnóstico preciso de tais casos patológicos. Até o recurso microscópico costuma falhar.

Desdenhando sem um sintoma único que sobreplaine pela sua maior intensidade no quadro mórbido tão esmaecido, somente o hábito clínico da zona e do povo, acompanhado de uma orientação prescrutante poderão facilitar ao clínico a determinação diagnóstica certíssima.

E' neste terreno falso, ingrato e nú, onde se demonstram velhos temas, que o sábio livro da prática perlustrante, cujas páginas mudas e finais tocam as derradeiras linhas do infinito, sobrepujam, com a simplicidade de suas lições, tôdos os conceitos vazados em letra de forma, ou expendidos em preleções de mestres.

* * *

A malaria, incidindo na zona, sob formas de notável irregularidade, se apresenta a terçã maligna simples em que, se processando a esquizofrenia entre 24 e 48 horas, quando a espécie parasitária é única. Esta forma clínica de malária, mui frequentemente irregular, seja pela duração das crises, seja também por infecções mixtas de outras espécies do mesmo parasita ou, ainda, e principalmente, pela divisão dos mesmos, que se faz em grupos distintos, determinando assim, a sua multiplicação em tempo diverso.

A febre sub-contínua, ou, a bem dizer contínua, a se considerá-la pelas suas remissões tão frequentes e tão pequenas, quase imperceptíveis, leva um espírito desprevenido, na certeza do diagnóstico, a uma confusão tremenda.

Ainda pelas mesmas razões expostas acima, tanto mais características de infecção laveriana do que propriamente a incidência plasmótica, também se origina essa subintrância do desdobramento dos acessos simplesmente.

Derivando-se dessa ordem complexa, subdivisionária de tipos perniciosos solitários e de sub-contínuas graves, várias formas se distinguem naquela região. Destas últimas, perlustremos os meândros de tôdas as modalidades ampliadas, bem conhecidas e estudadas, sem nos estender-

mos além, num apanhado minucioso, paciente, mais afeiçoado a tratadistas genéricos da matéria — limitemo-nos pois, a considerar apenas quatro formas clínicas deparadas comumente nos tratos alagadiços da baixa Noroeste paulista: — a sub-contínua gastro-entérica; a sub-contínua tifóide; a sub-contínua biliosa, ou icterica e, por fim, uma forma mixta, a que se pode denominar sub-contínua gastro-entérica-biliar.

Sub-contínua gastro-entérica.

A primeira delas, a sub-contínua gastro-entérica, tão alarmante pelos seus vômitos incoercíveis, tão séria e reservada pela tendência constipante que encerra. Apresenta-se com a síndrome completa de uma gastrite violenta, penível e definhante; febre elevada e pertinaz; dores crupeis saís de quinino e azul de metilênoo, poderia lá chegar ciantes com localização epigástrica; vômitos incoercíveis, estafantes e até hematêmeses assustadoras. Ou então, escasseando-se alguns dêsses sintomas, tendo surgido desde o início da moléstia somente os fenômenos mais tênues, mais brandos, sinais determinantes de uma gastrite simples, banal e enganadora, desviando-se do impaludismo e descendendo preferentemente para os tratos digestivos mais distantes, a invadir com tôdo o cortêjo de seus distúrbios, transmudados agora, numa auto-intoxicação gastro-entérica de excepcional gravidade, em consequência da sobrecarga de uma constipação tenaz, dificilmente removível.

Daí, uma tiflo-apendicite enquistada, volumosa, — único resíduo e fonte tóxica, única determinação por fim, da febre sub-contínua, que não permite descanso ao doente debilitadíssimo.

Única determinação, porque os sintomas primeiros da infecção estreante, cederam lugar a êste último, certamente o mais temível, o mais oculto e profundo.

O doente, anêmico, alto intoxicado grave, alucinado, tendo a língua tetanizada quase e os lábios e os dedos tremulentes, delira frases curtas, incompreensíveis, balbucia lamentações entrecortadas de páusas ligeiras e de gemidos comoventes, noite e dia...

Numerosíssimos casos semelhantes se deram lá naquela época, dizimando os homens da Estrada que penetrava, por certo, muito mais sedições do que ainda hoje êles correrem no meio das pequenas populações daquelas vargens.

Prestes a restabelecer, ou prestes a sucumbir, porque tanto poderiam os doentes se libertar da enfermidade para a saúde, como daquele estado semi-agônico para a morte, havendo muitas centenas de enfermos assim nessa condicional inquietante, apreensiva e dolorosa.

Na fossa ilíaca direita desses doentes se constata um empastamento vultuoso, que lhes torna a região extremamente sensível, à mais delicada manobra apalpatória.

Tenuíssima constipação de ventre a princípio, teria desencadeado toda a morbidez desse piedoso quadro.

O tratamento dessa forma clínica tão severa e tão grave de malária exigia, nos fundos dos remotos sertões, recursos, àquela tempo, ali inacessíveis.

A medicação clássica do impaludismo, representada pelos sais de quinino e azul de metilênio, poderia lá chegar de certo modo, suficiente para atender à epidemia geral variadíssima.

Mas não seria tudo e não bastava. Esta forma de infecção laveriana, cortejada de uma sintomatologia tão alarmante e reservada, também requeria outros medicamentos de indicação fundamentalmente imprescindível. Era necessário e urgente a aplicação de uma terapêutica antitóxica-infecciosa geral, especialmente orientada para o lado da função hepática, renal, nervosa e gastro-entérica, e, naquela época não se podia confiar em medicamentos dotados de

elevado teor destas propriedades à altura de protectum, necroton, formino-dextrose, ante-infecciosos como a atebri-na, prontosil, estreptoclase, além de aplicações de gelo na região ilíaca direita, recursos, certamente, de obtenção impossível, por aqueles dias naquelas paragens. Daí, as razões do grande coeficiente de mortalidade de trabalhadores.

Turmas inteiras foram dizimadas pela malária sub-contínua gastro-entérica.

* * *

Sub-contínua tifóide.

A sub-contínua tifóide, talvez, a mais enganadora das formas clínicas da malária, quando não possa o médico se instruir deante da perquirição objetiva do laboratório, onde este instrumento auxiliar não se destinasse unicamente a mistérios comerciais.

Nenhuma forma laveriana requer mais este recurso complementar de pesquisa para elucidação diagnóstica. A progressão invasora dos sintomas alarmantes até o período de estado da enfermidade, a situação verdadeiramente depressora em que se planta o doente, são reclamos justificativos que exigem sem mais tardar uma providência decisiva capaz de esclarecer ajuizadamente a etiologia do síndrome. Ao contrário disto, porém, e como sucede trivialmente, invadem-lhe a mesa de enfermagem as drogas de uma farmácia inteira, orientadas no sentido de atenderem o diagnóstico de febre tifóide.

E começa aí a desdita do enfermo...

No entanto, a terapêutica indicada neste caso não precisa variar da mesma orientação clínica da forma laveriana precedente. Apenas maior assistência e mais atividade na administração de sôros hidratantes e cardiotônicos.

* * *

Sub-contínua biliosa, ou ictérica.

Esta forma complexa de má-laria se assemelha à sua co-irmã plasmótica — a sub-contínua gastro-entérica.

De fato, caracterizada por dores cruciantes de localização epigástrica, vômitos incoercíveis, estafantes e até por hematêmeses imediatas aos grandes esforços que fazem os doentes para expelir do estômago e duodêno grandes massas de suco-bilioso, de um tom amarelo esverdeado.

Associando-se a êstes sintômas que, se não fôra a existência de uma fébre alta, impertinente, dia e noite, com rara pausa, não deixaria de trair o observador por uma gastro-duodenite banal, a presença de certo empastamento hepático, cuja região, dolorosa espontâneamente, encerra um figado volumoso à palpação, indicando a terapêutica medicamentosa apropriada.

E a icterícia intensa invasora, reponta na esclerótica e se dissemina por tôda superfície mucosa e cutânea. E' a confirmação tácita e evidente dessa hepatíte e da obstrução catarral do conduto biliar.

Permanece o trânsito intestinal normal.

E o esfalfamento do enfermo responsabiliza apenas, os esforços estafantes a que se obriga insistentemente para vomitar, privando-o de repouso e até de sono. Calafrios ligeiros, reincidentes e inobedientes a horário certo, ora incidem ao começo da ascensão febril, ora desaparecem nesta mesma ocasião. Alternativamente, a temperatura, às vezes, atinge 40 gráus.

Repentinamente, após se estacionar a coluna termométrica nas vizinhanças desta temperatura longo tempo, pode éla ascender rápida e atingir aquele alto nível e aí permanecer de novo. Ao invés da ascensão, a coluna vai, de preferência para a descensão de 37 gráus e menos, durante-se nêste nível a hipertermia, até outra variante.

Nada, pois, indica esta variabilidade termométrica desordenada. Caracteriza-a simplesmente a existência de uma infecção, que é vaga e criptogênica.

Se, porém, está afeito o clínico, às lições da observação prática regional, êle não se embaraça à frente de semelhante modalidade patológica.

Administra-se aquí a mesma terapêutica medicamentosa e os mesmos cuidados clínicos anteriormente citados, com maior intensificação para o lado hepático, lado vesicular e canais anexos excretorios.

* * *

Sub-contínua gastro-entérica biliosa.

Esta forma confusa de impaludismo originária também de infecções plasmódicas subintrantes, oferece, comumente ao exame clínico dificuldades diagnósticas sérias.

Como sintomas primeiros e pouco demonstrativos, aparenta o quadro sintomatológico, tôdo o cortejo de uma intolerância gástrica agudíssima, ante a qual se invalida a ação de tôdos os paliativos.

As únicas manifestações de uma doença rebelde e pertinaz, se emergem, quase inopinadamente, no cenário sintomatológico desta enfermidade sob a mesma forma de vômitos incoercíveis, de uma ligeira cefaléia, uma sensação dolorosa e opressiva epigástrica e certa impressão vertiginosa simplesmente.

E alguns dias após à ocorrente instantaneidade desta gastrite insuportável, vão se revelando, cada um de sua vez, outros sintomas acessórios. Pesquisados e recolhidos em conjunto, ou, observados num exame analítico sintético, êles tôdos reunidos não podem exprimir senão a significação única de uma síndrome específica.

Surgida espontâneamente e evoluida brandamente, esta sensação dolorosa epigástrica assume, ao cabo de alguns dias, a aparência de crises violentas e peníveis.

E castigam o enfermo com paroxismos alongados. Exarcebam-nos ligeiras contrações abdominais, ou ainda, simples movimentos respiratórios. E então, dispnéico, ofe-

gante, em virtude de uma função pulmonar incompleta, dá, o paciente, a impressão ilusória de uma enfermidade pleuro-pulmonar aguda.

Paroxísticas, permitem êles nas suas fases negativas, ou de arrefecimentos, algum alívio ao sofrimento do enfermo.

Mas a situação se lhe permanece invariável e até agravada pela superveniência de uma sensação demais penível na região epigástrica. Portanto, esta intermitência de tranquilidade, que lhe poderia trazer sossêgo e descanso, diexa de existir, porque, quando o doente se alivia de um modo, agrava-se de outro.

No entanto, a particularidade mais notável dêstes sintomas é, que a sua permanência, ou continuidade dolorosa, seja gástrica, ou seja constrição pigástrica, vai a pouco e pouco, retomando um carater de estranha intermitência. E, à semelhança de uma dôr, por si só, mais demonstrativa da síndrome de uma úlcera gástrica rapidamente surgida, do que mesmo de outra entidade patológica, reincidindo, quase sempre, três ou quatro horas após as refeições da tarde e assumindo portanto, as características da chamada dôr de fome, explode preferentemente à noite, quando se desperta o doente do seu primeiro sono prolongado, se consegue dormir.

Despertando-se sob a impressão dominante de uma dôr violenta, o enfêrmo cria no lar, a horas tranquilas da noite, piedoso alarido e alvoroço. Agita-se no leito, geme entre os estertores e transes pungentes dos seus padecimentos, tremendo de frio e úmido de suor.

Contudo, sente fome. E êste desejo de alimento se vai intensificando proporcionalmente à agravação de sua dôr. Observa isto e, temeroso, evita comer qualquer cousa. Mas êste desejo ardente de comer lhe toma o espírito conturbado e lhe invade a atenção desnorteada. Cede, por fim, a esta espécie de relutância e, se aventurando, come, apre-

ensivo, alguma iguaría encontrada ao alcance. Tudo lhe serve: um punhado de farinha ou de açúcar; uma fatia de pão, ou restos de um prato sobrado do jantar. Surpreendido e contente, vai se sentindo aliviado.

Insiste, menos receioso agora, em comer parca substância alimentar, notando o declínio gradativo da intensidade dolorosa, à medida que vai enchendo o estômago. E instantes após, se bem que não mitigasse totalmente a fome, retorna aliviado ao leito e adormece.

Durante noites sucessivas vêm-lhe acontecendo a mesma cousa. Ao passo que lhe decorre o dia, sem outros incômodos, a não ser uma sensação constrictiva de "estômago fundo".

A seu vêr, existe uma anomalia no seu "corpo": — experimenta intermitências contrárias de frio e de calor. O frio eriça-lhe a pele; ao passo que o calor lhe provoca exudação sudoral abundante.

E a noite sempre a mesma ocorrência: — ergue-se do leito e sai, retorcendo-se de dôr para "forrar o estômago".

Desnutrido, extenuado ao menor esforço, sente o enfermo a retrocessão progressiva das forças físicas habituais.

E se agrava êsse estado degenerativo de resistências depauperadas.

Castiga-o acerbamente ao mesmo tempo, uma cefaléia impertinente a lhe martelar a núca.

Por fim, de súbito, ressurge tôda a sintomatologia, já desencadeada ao iniciar da enfermidade, e o doente, mais debilitado agora, se afunda, exânime, no leito. Uma dôr puntiva retoma-lhe tôda a região epigástrica e entram em crise os vômitos biliosos incoersíveis.

Instalando-se definitivamente a hepatite e a ângiolite graves.

Sob um ponto-de-vista geral, o tratamento desta forma laveriânica não difere dos casos anteriormente expostos.

Domina, porém, a sua terapêutica clínica, uma medicação ativa dirigida para o lado daquela infecção hépato-ângio-cólica, associada a altas doses de atebrina e quinina injetáveis.

* * *

Temos aí, ao transcorrer de linhas anteriores, alguns exemplos e modalidades de sofrimentos infligidos, pelo meio e as doenças, aos trabalhadores da Noroeste e, até os dias presentes, aos habitantes atuais das terras pantanosas regionais. E não se apresenta tudo isto, senão como uma pálida idéia do quanto deveriam ter sofrido e experimentado os heróis da entrada sertaneja, naquela época remota em que êles investiram ao longo de um território deserto, imenso, quase virgem e inteiramente rústico, sem o amparo da medicina técnica, ou especializada, quase abandonados às suas próprias desditas e padecimentos.

Tudo que ainda hoje se observa por lá, no centro de uma fertilidade sem par da terra, reflete, apenas, em baça e quase esmaecida transparência, o que, nos tempos de outrora sucedera, incomensuravelmente ampliado.

Nenhum operário conseguira atingir vivo, ou com saúde, a barranca do rio Paraná. Os obreiros que aí chegaram, levando avante a obra do empreendimento iniciada em Baurú, constituíram levas de reforços, provindas da retaguarda e outras paragens distantes.

E áqueles padecimentos vieram, ainda se associar outros longamente padecidos por todo o transcurrer da "entrada" sertaneja e não foram os derradeiros martírios que ceifaram vidas preciosas e energias abnegadas.

Por essa ocasião já longos anos haviam passado além do dia 27 de setembro de 1906, quando foram entregues ao trânsito público os primeiros cem quilômetros da grande via de comunicações.

E a 16 de fevereiro de 1908, Afonso Pena, então presidente da República, fizera a viagem inaugural de outros

cem quilômetros da linha férrea entre as estações de Lauro Muller e Miguel Calmon.

Uma festa soleníssima cingira naquele dia como louros de vitória, cada uma das rústicas frentes operárias, na memorável campanha da construção.

Avançaram dificilmente os trabalhos em que se confundiram no terreno da grande obra, os técnicos, os obreiros e os mais valentes sertanejos, que levaram através dos desertos a responsabilidade das lutas contra o gentio da terra, em defesa do empreendimento civilizador. E foram atrozesses essas lutas.

A linha, a partir de Araçatuba, segundo vimos anteriormente, errando princípios técnicos e econômicos, avançara para a direção de brejais extensos, alongados nas margens do rio Tietê, demandando Itapura.

E a treze de maio de 1910, quando as pontas de trilhos atingiram aquele remoto lugarejo, já uma outra comissão orientada pelo engenheiro Emilio Schnoor fazia o reconhecimento de Itapura, Porto Esperança, Corumbá e fronteiras bolivianas.

Antes, porém, o decreto de 7 de outubro de 1909 ordenara o lançamento da ponte para a travessia do Paraná, em Iupia, acompanhando-se das seguintes justificações: — "Considerando as grandes vantagens que advirão de uma Estrada de Ferro transcontinental, atravessando a América do Sul, do Pacífico ao Atlântico, tendo neste, para escoamento os portos de Rio de Janeiro e Santos; considerando, que o planalto inter-andino já ligado por vias férreas ao Pacífico nos portos de Antofagasto, no Chile, e do Molengo, no Perú, e que em breve prazo igualmente estará no pôrt de Arica; considerando, que Corumbá se acha sensivelmente na diretriz geral transcontinental acima definida e que a sua situação, como termo de navegação franca do rio Paraguai e nas imediações do Arsenal de Ladário, é iminentemente estratégica; considerando, finalmente, que esta

Estrada de ferro transcontinental deva atingir o trecho francamente navegável do rio Paraná, acima da cachoeira Sete Quedas, e que o ponto para isso necessário é a corredeira de Jupiá e dêste ponto dirigir-se à travessia preferível do rio Paraguai, próximo de Albuquerque e daí a Corumbá."

Aí vêm, textualmente, um histórico decreto.

* * *

E as turmas da obra cruzaram o canal do rio Paraná e atacaram o serviço da segunda secção da grande via férrea na direção de Itapura a Porto Esperança, enquanto outro avançamento vinha de lá para cá, ao encontro delas, levando avante os trabalhos na direção vice-versa, até que, no dia 30 de agosto de 1914, se fizera a ligação das duas linhas no local hoje denominado Estação de Ligação, em plena região sul-matogrossense.

Cruzando o rio Paraná, a Estrada de Ferro Noroeste já percorria de lado a lado, a vasta região do Estado, onde, também, se erigem agora cidades importantes.

Unira assim, as caudais daquele curso de águas aos remansos do rio Paraguai. E estava concluída a obra.

Agora, saltando a longínqua fronteira de Mato Grosso, se distende a linha através de terras bolivianas, levando ao seio da bela nação irmã, o afeto, a fraternidade, e a veneração das gentes amigas de nossas terras.

Emissárias de amizade internacional, já correm por lá as brasileiras máquinas.

E é quando, deante delas se levantam magníficas, nebulosas e altaneiras como o cimo bemfazejo do Corcovado; suaves e amenas como os planaltos de Piratininga, as serranias andinas, que a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, lançando-se ao longo de territórios bolivianos, há de atingir o Porto de La Sierra e daí o Chile, para buscar através do Continente Sul-Americano, as relações ribeirinhas do Pacífico para as lindas praias do oceano Atlântico.

DOENÇA NOVA

Encarecendo ainda esta epopéia de construção ferroviária, cumpre-nos, entretanto, retroceder aos tempos em que se fazia o traçado e percorrê-lo ao longo de seu avançamento, durante aqueles dias infaustos de penetração sertaneja.

Iam já adiantadas as primeiras obras do grande leito de viação.

Trabalhava-se com energia e proficiência. Rasgavam ainda os altos espigões da zona as picaretas e enxadões operários, e fôra aí à beira dos cortes de locação, ainda pavimentados de terra fresca úmida, que os obreiros da construção começaram a ser atacados por martirizantes sintomatologia de uma enfermidade estranha. Estranha às próprias vítimas, aos circunstantes e espectadores, também, expostos ao mal contagioso; estranha, igualmente, na região, a tôdos e até aos centros científicos mais próximos cu achegados à terra.

E de fato, nessa ocasião, desde o ano de 1905 até o de 1921, tôda a vestíssima região por onde se iam estendendo os trilhos da Noroeste do Brasil e circunvisinhanças, se tornara tristemente celebrizada pela epidemia de uma doença nova irrompida subitamente entre os homens da emprêsa e a minguada população local.

Atacava, dizimava e mutilava...

Ainda hoje, sinais rebeldes da traiçoeira enfermidade, estampam, à mostra, na face de algumas vítimas antigas,

ou se assestam discretamente sôbre outras partes da superfície cutânea, denunciando a sua passagem pela forma de uma cicatriz fibrosa, indelével, do mal extinto, ou, re-ronhecível, ainda em fase evolutiva e numa manifestação latente e quase funesta.

Caracterizando-se, assim, por essa variedade clínica de moléstia tardia e pertinaz, se apresenta a doença com a sua forma remota em eflorescência de framboezia, mais rebelde, mais resistente a qualquer indicação terapêutica.

E' o epiteloma de sombrio e reservado prognóstico.

A moléstia em início, identificada por característicos clínicos e histo-patológicos semelhantes ao botão do Oriente, denunciada havia longos anos passados nos sertões baianos, reponta aquí na terra, alastrada entre a massa de trabalhadores e alhures, apelidando-se, depois, {consoante a sua manifestação e a própria evolução clínica, surpreendida já numa fase adeantada, mais cruciante e destrutiva — a úlcera de Baurú.

Inoculados no sertão natal distante, os primeiros doentes do mal, foram, também, os primeiros portadores existentes aquí, do virus contagiante.

Estes já exibiram as manifestações da enfermidade, em gráu adiantado.

A circunstância de sobrevir-se a doença à região e atacar, antes, os homens operários, para, só mais tarde, se propagar a tôda vasta zona paulista, acarretara razões naturais e bem fundamentadas para fazer supôr viesse ela transportada de muito longe, onde viviam doentes os forasteiros da linha.

Mas a região noroestina de São Paulo, após conquistada e suficientemente reconhecida apresentava, no entanto, em seus recessos mais profundos, doentes antigos, cujos padecimentos datariam por certo, de épocas contemporâneas aos dias da penetração ferroviária.

Esta obra trouxera à terra uma influência enorme. Confluiram gentes de tôdas as procedências para Baurú.

Tornaram-se notáveis e contínuas as levas de operários alí chegados. Esta espécie de el-dorado, que, em diferentes circunstâncias, não deveriam merecer senão a menor importância de um desprezível carrascal, atraíra de remotas e importantes zonas do país, magotes de forasteiros em busca de trabalho. E o pequenino arraial longínquo, estaria, em virtude de se tornar o ponto de partida da grande viação São Paulo-Mato-Grosso, dentro de breves tempos futuros, fadado a ostentar o esplendor de uma portentosa cidade.

Aí chegavam ininterruptamente compatriotas baianos de litorais e sertões extremos, transportando consigo, oculto e latente, no organismo inoculado, o germen do flebotomo.

Teriam sido, pois, os primeiros portadores de leishmaniose de outros sertões para os sertões de cá. E outros grupos destes forasteiros, já também, contagiados da moléstia, ostentavam as manifestações do mal, em condições lastimáveis de penúria. Arrastando-se penosa e dificilmente através de estranhos êrmos, por longos caminhos, a pé, para alcançarem, esgotados de sofrimento e marcha, o pôrto de embarque, ou a estação ferroviária mais próxima.

Doentes assim, corroídos pelo virus infetante e deprimidos pela fadiga; ulcerada a face e dilaceradas outras regiões do corpo, onde chagas mutilantes a cada momento contundidas, traumatizadas e sangrentas; doentes graves, que se movimentavam abandonados à própria sorte, e expostos à compaixão, à misericórdia e à curiosidade pública durante as travessias das estradas, até, que, se rastejando, chegassem ao destino em que se lhes pudessem ministrar recursos médicos.

Ainda uma outra série de enfermos havia, que nenhuma lesão apresentava exteriormente, enquanto a doença, lhes corroendo as mucosas internas, mais austera se tornava e maiores sofrimentos lhes inflingiam.

Doença grave, por vezes, frusta, insidiosa e consumptiva, denunciada apenas pela polidez da pele até anemiada, flácida e ressequida; pela magreza depressiva, ou depauperamento tóxico e caquético; e, por fim, tão objetivamente apresentável, há o encovado dos principais relêvos anatómicos exteriores. A expressão melancólica da face escavada; o olhar tristonho de eterno sofredor, completam a fisionomia, o semblante angustioso de um enfermo permanentemente cruciado.

Tornara-se neste caso, a doença incurável.

O infeliz, já, como que resignado à própria situação, a fatal condenação, objetivando, de tal forma, a gravidade de seu mal irremediável, que lhe rompia o estômago, ou as tunicas entéricas, ou vesicais, eliminando-o lenta e progressivamente.

Demandavam naqueles tempos a Noroeste, indivíduos quase invalidados e mal conseguiam viajar. Buscando manter-se pelo trabalho rude a subsistência de uma vida prestes fenecida, de uma energia funcional muito abaixo das necessidades exigidas pelos afazeres procurados, transportavam-se da primitiva habitação para São Paulo.

Pretendiam ainda trabalhar aqueles homens, cujos tratos digestivos, segmentos urinários e, às vezes, os canais das vias respiratórias, apresentavam órgãos tomados de células proliferativas em que se reconheciam anatomicamente a degenerência biológica de formação patológica — o cancer.

No entretanto, a região virgem, inculta e brava, jamais penetrada por mãos e idéias civilizadoras; num latifúndio remoto e escuro, habitado, até então, somente por indígenas selvagens, feras más e, de longe em longe, por

solitários e rústicos agricultores; visitada apenas, uma ou outra vez, por tímidos exploradores, que não buscavam o ouro nem a prata de seus vales e de outras paragens; detendo no invisível das entranhas, outros não menos tímidos moradores; estava se abrindo agora, na amplidão de suas matas, totalmente cerradas à marcha do progresso e da ciência.

Sob as cortinas de suas frondes exuberantes, cuja penumbra se embalsamava de perfume de flores e folhagem clorofilada, obrigavam e, uma vez, descerradas, faziam exhibir uma fauna variadíssima do intertrópico.

E aí viviam, no silêncio da mesma tranquilidade, mamíferos de alto porte, aves de rara plumagem e germens nocivos em letárgica e perigosa hibernação.

De terras úmidas e sebes orvalhadas da manhã, era despertado pelo mesmo homem, que entrava na mata, conduzindo a bandeira da civilização e, abrindo e devastando, enxotava de furnas profundas o hospedeiro inoculado para propagar o mal — o transmissor da doença, que se disfarçava cá fóra no traiçoeiro encantamento de uma mosca azul zumbindo.

Estava assim, preparado o surto da epidemia. A propagação da mesma enfermidade, que se disseminava ao longe na região, onde o germen, o hospedeiro e o vetor do mal, habitavam, por igual, os últimos recantos da terra, cujos seios, povoados de florestas silenciosas, distendidas sobre vales ignotos e amplos vargeis, apenas desabrochados para as maravilhas do progresso e da vida social, reconhecidos agora, na sedução de sua exuberância e na mácula da inhospitalidade.

Prestes descoberta para os homens de empreendimentos grandes e prestes resurgida para o mundo das correlações animadas, estava nesse estado a região.

Nascera já fadada a execração universal. Notícias opostas corriam terras, andando longe a seu respeito e che-

gavam juntas, onde quer que chegassem a fama de sua grandeza e o éco de suas misérias.

Ubérrima — se enaltecia:; insalubre — ao contrário, se aviltava e se desolava. . .

E mais veemente que as campanhas abonadoras, calavam-se mais fundos e altos no espírito dos povos o clangor e a fama, que a desabonavam.

Aparecendo juntamente com o assolamento e o fantasma da peste, nascera e vivera os primeiros dias de sua infância com o estigma patológico destruidor, por tôda parte em que puderam também chegar o seu nome e a sua existência.

Ainda no berço de primeira e tenra idade, se poderia assemelhar a certas criaturinhas humanas portadoras de qualquer mal congênito irremediável.

Apenas resurgira para a luz e a sociedade, se achava ela condenada, desde logo, ao fadário do esquecimento, tal como recém-nato doentinho, que desfalece.

E se alastrava impiedosamente na região a úlcera de Baurú.

Contínuas incidências e vítimas subsequêntes da epidemica enfermidade, sofriam por tôda parte o contagioso ataque. Cumulando-se de intensidade e se variando constantemente as suas formas clínicas, tanto mais grave e devastadora se tornara a irrupção de leishmaniose na Noroeste.

Mas o traçado ferroviário avançava, penetrando fundamentalmente a região. E com êle, também, entravam alí preceitos de civilização, higiêne e saneamento.

Alguns anos se passaram assim as cousas na terra nova. Quase dois decênios talvez. . . Depois, à proporção que se iam arrefecendo os sinais e as características da epidemia, as próprias formas clínicas restantes e significativas de inoculação recente, tornavam-se, (também, mais raras e benígnas.

Foi quando se desenvolvera o povoamento da zona. Populações novas aí chegavam constantemente e, a pouco e pouco, no lugar das derrubadas e clareiras florestais se faziam crescer os belos cafezais de agora, assim como os famosos caleiros da região.

Então, o virus terrível da moléstia temerosa, trazida pela própria irradiação civilizadora, que penetrava a céus abertos, por recantos e recantos, se ia afugentando ante o benefício do banho solar, até que, um dia, se normalizasse aí o clima natural da zona.

* * *

O manto florestal, sombreando a terra, fôra o princípio da propagação do mal. Apesar de tudo, porém, a existência de floresta é um índice da civilização de um povo. Na palpitação latente de uma inculta e sossegada mata; na multidão vegetativa do arvoredos e no sólo úmido em baixo, se retratam a esperança, o porvir e princípios naturais de previdência. Como bem humano, é uma reserva acumulada e uma riqueza permanente.

Fonte de recursos e manifestações de potencialidade econômica, onde, por vezes, não entraram ainda empreendimentos de indústria, de labor e artes. Mas uma floresta tronculente encerra a energia, que beneficia e transforma tôdas as matérias essenciais ao trabalho. Já se vêm fazendo sentir a existência verde das matas em importantes regiões do Estado. O reflorestamento aí se apresenta já como uma necessidade de condição premente e não mais adiável. Medidas, que os dirigentes de um país não devem descuidar.

Na Noroeste, hibernado e falso como a própria existência, estava ainda o próprio clima. Dormitavam à sombra de suas árvores gigantescas a fauna, a flora, que aí viviam, da mesma sorte que a própria luta desconhecida. Aí, igualmente demonstradas se achavam, então, o desprestígio do

presente e as riquezas beneficiárias do futuro, ao iniciarem os incursões as suas primeiras explorações.

Anunciada aos meios cultos e científicos do país, tal como em sua primitiva rusticidade fôra surpreendida no deserto, a Noroeste se apresentava com a fama demolidora de caríssimas aspirações locais. Já amavam-na os seus humildes e poucos habitantes, fixados no seio de uma pátria nova, assim considerada e tardiamente reconhecida.

Ela era uma porção exuberante do Brasil.

Tudo existente aí, os seus proprietários conduziam até centros distantes, pela propaganda.

Todavia, a sua execranda fama dificultava tudo... Temiam-na os povos de outras terras. E não se afastava muita dessa época duríssima de inicial povoamento, o porvir de seu esplendor.

Tão estimada fôra pela fertilidade, a terra, onde se haveria de operar o milagre de construir cidades magníficas no simples transcorrer de um decênio.

Seduzindo pela beleza e a qualidade de grês de cultura, tudo atraía para ela com divinas e magníficas promessas.

E quando nos dias atuais se encontra no cume do progresso e desenvolvimento, quem demanda-a, ainda longe, pelos seus caminhos, vem contemplando maravilhas da natureza, que deslumbram e extasiam desde além, ou acolá, onde à beira do largo roteiro sobrenadam cristais de prata nas águas do Tietê.

E alcançando-a, se encontrará depois o viandante sob as últimas e seculares matas, onde gigantes da vegetação antiga, coevos de suas florestas primitivas, demonstram a magnitude vegetal de outrora e a exuberância da terra.

Ainda se lhe inscrevem nos grossos troncos e frondas negras a história mais pungente dos épicos tempos da conquista.

A terra, só conhecida dantes, por longos anos, através da imprensa e comentada nas tribunas do congresso nacional e letras médicas do país, trouxera, ligada ao nome, a epidemia leischmaniótica, como martírio dos seus habitantes e terror de outros povos.

Resoaram durante anos além, a palavra e as frases deletérias, que a difamavam...

Todavia, já se tornavam raros por lá, incidências recentes da enfermidade nova. E seria esta circunstância a primeira prova de que se iam moderando as inoculações do vetor parasitário. Debelou-se, pois, gradativamente o surto da moléstia regional, até que, dentro de pouco tempo, era excepcional um caso agudo da síndrome.

E nos dias correntes, só existem enfermos portadores de "ferida brava" falsa, erradamente diagnosticada, porque a verdadeira significação diagnóstica, devê-la-ia tratar com a terapêutica da úlcera fadegêmica tropical. Os casos crônicos raramente entrevistados, estão há mais de trinta anos inoculados. A sua forma clínica, porém, apresenta a gravidade, a complicação remota e quase sempre fatal, de um epitelioma, de um sarcoma, a ceifar de quando em quando, uma vida longa, ou, ocasionando uma mutilação incorrigível, que invalida o homem.

Tragicamente recordada, a terra que surgira tão auspiciosamente entre os centros econômicos e financeiros da Nação, fôra, depois, execrada e banida desses meios, para se ir projetar, em textos de patologia e medicina tropical.

A Noroeste não encerra agora os característicos de uma enfermidade determinadamente própria e regional. E nem figura o seu nome num planisfério universal, onde a mancha negra de sua superfície, assinalada, entre muitas outras regiões, se inscreva a legenda de exótica nosologia.

Extinta, pois, a doença nova da zona já não existe aí. Generalizar-se na região um clima sanatório de salubridade.

Não se lhe assiste jamais, por analogia, a fama tristemente celebrada da Gamboa de África, com o sono mortífero, epidêmico da tripanosomíase. E se rememoramos fatos capitais de endemias célebres, figuradas na história médica, vamos até Suez e voltamos aos velhos subterrâneos de São Gothargo, já, também, quase esquecidos do mundo, vendo, numa, como noutra região, a antiga malária da primeira e a anquilostomiase da última.

Comparativamente, também, olvidada está na Noroeste, a úlcera de Baurú. E praticamente extinta se encontra a mancha que desabonava a terra. Há mais de dois decênios passados se acha ela saneada do mal.

E prestabelecida no sexto gráu de latitude oriental e 21° de longitude meridional, a terra se apruma numa elevação superior e variável de quatrocentos metros de altitude, caracterizando-se por colinas e declives suaves, donde vertem torrentes para a grande bacia fluviar plaina.

Quanto ao clima, temperado e sêco, se desvia por pequenas oscilações termométricas.

De resto, horizontes largos se descortinam na região, a partir de uns dez quilômetros além de Baurú. Horizontes distantes se desatam até as azuladas fímbrias dos infinitos quadrantes geográficos, donde ventos suaves de variadas orientações bafejam-lhe os campos de esmeralda, os bosques perfumados e os rios torrenciais, renovando-lhe o oxigênio da vida e as energias do trabalho.

ÚLTIMO ESTÁGIO DO SERTÃO BRAVIO

OS BUGREIROS

(Memórias)

"Capitão" Honório
José Maximiniano da Costa
José Celestino Dias
Francisco Rodrigues de Campos
Adão Bonifácio Dias
Antônio Adão
Luiz Wolff
João Carreiro
Antônio Pedro
Antônio Caetano

OS BUGREIROS

Os primeiros incursores e maies antigos residentes no vasto sertão paulista da Noroeste não conheceram diretamente os bugreiros. Ou, se os conheceram e presenciaram a ação, as proezas e feitos dêsses valorosos caçadores de índio, não teriam precisado do seu auxílio para as entradas e conquistas territoriais.

Cêrca de um decênio anteriormente transcorrido até o ano de 1865, aqueles primeiros sertanejos que penetraram a região e se fixaram, começaram a aportar à zona e, por longo tempo aí viveram e trabalharam pacificamente. A rude prática desportista profissional, às vezes, de agitar guerrilhas nas matas contra os indígenas delas, só aparecera na terra, durante os últimos dias do último quartel do século passado.

Velhos maneirosos e experimentados sertanejos, aqueles primeiros desbravadores de sertões sabiam o segrêdo diplomático da boa e tranquila visinhança, no trato e até no convívio amistoso com os selvícolas.

Bravos e rudes civilizadores, heróicos e intrépidos aventureiros originários especialmente de Minas Gerais e outras regiões distantes de São Paulo, êles ingressaram nas entranhas dos desertos, levando no íntimo, o anseio deslumbrador de conquistar posses latifundiárias. Homens de paz e de trabalho mais honesto e bruto, empunhavam o símbolo de uma confraternização, já tardia, entre povos pertencentes a uma pátria só. Agremiados numa geração moderna de incursores, desejavam outras cousas da terra. Não vieram

aí como o bandeirante estéril, alucinado de ambição, à busca de jazidas ouríferas e lavras de esmeralda e prata.

Os seus objetivos eram as florestas magníficas e o úber da terra suculenta, o seu humus enfim, pacificamente procurados.

Conquistavam-nos, aposeavam-se dêles, mas não varreriam daquelas matas e práias fluviais os seus habitantes naturais e senhores primitivos. Ao contrário, até, os indígenas lhes poderiam ser úteis na qualidade de guias e auxiliares preciosos, quando da abertura de glebas, nas próprias garantias e manutenção de posse.

O instinto de um conhecimento antecipado e adquirido pela experiência e o hábito de variadas cousas de selvas e selvícolas, os conduzia, ao atingir a zona, através de roteiros livres de infestações de indígenas ferozes, que lhes cortassem a marcha de penetração. Não ignoravam certamente, que as tribus selvagens mais intolerantes e agressivas da região habitavam as cordilheiras de espigões vertentes e marginais dos rios Feio e Aguapeí.

E não se aventurariam por aqueles desertos perigosos os velhos sertanejos.

Segundo normas de penetração adotadas, não andavam passivamente ao longo de caminhos paralelos a alguns cursos e vales fluviais.

Seriam suspeitos e temerários êstes diferentes roteiros de penetração na terra.

Se viajassem despreocupados e indistintamente, através de certas florestas povoadas de hordas selvagens armadas, êles haveriam de deparar pelos caminhos, êsses bugres, a qualquer hora do dia, entregues a seus habituais serviços de caça e pesca, ou iriam esbarrar às suas aldeias e outros centros indígenas ribeirinhos.

O plano dos sertanejos e a técnica de movimentos no coração da terra eram concebidos de uma forma diferente.

Seriam outras as orientações dos seus destinos. Variariam florestas através de toscos picadões recém-abertos cautelosamente à proporção que iriam entrando em terrenos dantes sondados pelas vanguardas da incursão, de vertente a vertente e riacho a riacho, incidindo no alto, perpendicularmente ao cimo dos divisores e em baixo, no fundo dos vales, às margens das torrentes, cruzando-as e avançando em seguida numa direção constante até outro cimo e outro vale mais próximo. Daí buscavam novo rumo, evitando sempre e sistematicamente as práias dos rios mais caudalosos, cujas travessias, além de arriscadas, perigosas e apresentar dificuldades, por vezes, invencíveis, demandavam tempo, que os exporiam facilmente ao alcance da perseguição indígena. A sua marcha descrevia no terreno a configuração natural.

Os seus veículos de transporte, apenas constituídos por morosos e pesados carros de bois, iam rodando, quase silenciosos sôbre os avançamentos sucessivos dos caminhos improvisados.

E quantos cumes, bombeando o relêvo dos paineis, quantas planícies e brejais profundos, contrastando o perfil da via penetradora regional, iam ficando à retaguarda dos rudes caminheiros; iam se desatando à sua passagem, sulcadas pelas ferragens dos lerdos carroções e os cascos da boiada paciente, ubmissa e sequiosa, que arrastava uum mesmo bojo a rústica bagagem, só e exclusivamente indispensável às necessidades e costumes semi-selvagens dos sertões. Esteiras, panos de algodão grosso e colchões de aninhagem; encarotes, panelas, víveres, cabaças e cuités, sob um tôlido de caruá, onde, também, se abrigava tôda a família do sertanejo.

Assim marchavam os comboios de mudança. Os caminheiros e tudo mais sôbre os mesmos carros da viagem, se iam chocando num balancear constante de atritos e solavancos, pelas estradas abruptas dos desertos. E entravam desta

forma quase sorrateira, os antigos povoados da Noroeste, exibindo, em lugar de armas defensivas contra os bárbaros naturais da terra, o gesto, a atitude e as boas intenções de paz.

Tôdos os propósitos dêstes sertanejos primitivos eram, na região, intentos de harmonia e fraternidade com os índios, que forçosamente iriam deparar por lá. Eram as mesmas intenções, das quais, dependem uma vida serena e proveitosa, inteiramente devotada ao trabalho mais duro, mais penoso e árduo.

Entravam êles naquele belo rincão como uma espécie de catequizadores voluntários, casuais, despercebidos até desta sua função e disfarçados em modestos e pacatos lavradores, que viriam a morar na terra, entre os nativos das suas matas. Não representavam porém, catequizadores de bugre.

Aquele pretexto heróico, que os seduzira para a terra, pela conquista de um espaço mais largo e onde pudessem ampliar a ação de seus labores profissionais, não falseava a realidade.

Camponêses de velha estirpe e autêntica linhagem de agricultores, que outro mistér não conheciam, senão o dever de proletários de roças, a sua ventura, a sua fortuna e riquezas, só emanavam da seiva da terra e da amplidão dos campos.

E era somente isto, que os aventureiros daqueles tempos ambicionavam na região...

Penetravam-na até o centro de seu deserto; escolhiam por aí, um lugar propício e construíam nêste uma choupana de páu roliço e achas de palmito à beira d'água. Batendo em seguida os cursos de ribeirões circunvisinhos, procediam o reconhecimento de uma determinada zona, apossando-se afinal, de um vale fluvial inteiro.

Tudo isto seria executado com uma prudência matematicamente observada.

O mais leve incidente que pudesse descontentar os indígenas distantes e invisíveis, ou surpreendidos pelas visinhanças dos caminhos, seria considerado desastre inevitável.

A sondagem latifundiária era prudente como prudente haveriam de ser também os novos hábitos dos novos moradores na terra.

Seria tôda cautela ainda pouca. Nem o grito de uma voz mais elevada seria permitido entre os forasteiros, da mesma forma que se não desfecharia um tiro de caçadeira contra um dos inúmeros animais silvestres deparados de pouco em pouco, ao longo da travessia. À boa ordem e tranquilidade, durante os primeiros tempos aí vividos, se impunha um regimen de silêncio e de passividade até.

À volta do casebre humilde faziam os lavradores as suas roças e cercados para abrigar a criação iniciada de animais domésticos. Assim, o tempo se passava sem que nenhuma surpresa desagradável viesse a incomodá-los.

Colhiam e armazenavam os primeiros frutos das searas e, com isto, descia sôbre o lar relativa serenidade.

Deixavam-nos em paz os nativos habitantes e dominadores da região, que não eram conhecidos de vista, mas que já conheciam demais os seus vizinhos novos...

Nunca se deixa ver o índio esquivo e subtil. Corre imperceptivelmente dentro da água, ou no solo duro, com a mesma delicadeza que atravessa uma moita de tabocas e um cipoal; pisa silenciosamente sôbre galhos sêcos e folhas soltas e percebe à distância considerável a presença de um animal indesejável, ou de uma caça procurada no estendal das matas.

E vivia assim, em tais condições de tranquilidade o recém-formado lar no âmago sertanejo, quando, por vezes, ao raiar de uma bela manhã, surpreendia-se tôdo ao receber a primeira e estranha visita da tribo selvagem mais avisinhada. Era um dia de festa e contentamento geral aquele. Uma

manhã feliz e mais risonha para os sertanejos do que mesmo para os selvagens, porque, no deserto, tôdo sossêgo daqueles se achava dependente da simpatia dêstes.

Longe ainda, no limiar da clareira e à vista da residência solitária, o bando selvícola se estacionava e permanecia aí. E, um índio apenas marchava em direção à casa da qual se aproximava. Humilde, tronculento, atencioso a tudo e natural, aí chegando a passos medidos, o valente capitão da tribo. Fora, à certa distância da habitação, parava. E com um gesto significativo, pedia licença e entrava no terreiro. Dirigia-se à pessoa que se lhe parecesse o chefe da casa e falava mansamente. Por meio de algumas frases e sinais conhecidos de tôdos os presentes, êle se fazia compreender.

A uma ordem prévia do chefe sertanejo e transmitida pelo capitão selvagem à sua gente ainda distante, esta se movimentava e acabava de chegar, enchendo, literalmente tôda a frente do pequeno rancho. E mais de cem, ou duzentos índios chegavam. . .

E' correta a disciplina.

Observando um outro signal de seu capitão, acócora-se, ou assenta-se no solo a tribo, silenciosamente. Nem um estálido artrítico dos joelhos se ouve.

Bebem e comem a bem comer, de tudo que se lhes ofereça. Dansam, cantam e brincam, enquanto o capitão somente, conversa com as pessoas da fazenda. Outras ordens do cacique fazem pôr fim à brincadeira. Despede-se amistosamente, cada índio a sua vez e tôda a tribo parte, da mesma forma e guardando a mesma disciplina da chegada. O último bugre a se despedir do rancho é o capitão selvícola.

Esta primeira e inesperada visita prenuncia nos sertões, uma amizade eternamente indestrutível entre o solar das matas e os desertos. Dora avante, ela se repetiria por ocasiões frequentes e periódicas. . .

Assim entravam e assim viviam os primeiros residentes na Noroeste. Reinava paz entre o bugre selvagem e o homem de trabalho. Consequentemente, até por essas épocas teriam sido desnecessárias na terra, a ação e os feitos dos bugreiros. A concórdia estabelecida no meio de velhos e modernos habitantes, dispensava aí, a existência dêles.

Ocorreram anos e fôra crescendo a população da zona. Havia chegado aí, constantes e sucessivas levas de forasteiros. E nestas penetrações posteriores entravam, por tôdas as bandas, diferentes castas de aventureiros acompanhados, quase sempre, de elementos máus, desordeiros e turbulentos, que não reconheciam no indígena do sertão, um nacional autêntico, compatriota, oriundo dêstes vales e matas, filho legítimo destas plagas brasileiras.

Natural das torrentes e as fluviais cascatas, embalados às cantigas das cachoeiras e falando a mesma linguagem delas, com o direito de morar onde nascera.

Para esta nova espécie de incursões, violentos, ou desavisados, o índio não era mais que o espécimen de um animal nocivo, ou de uma fera perigosa.

Pensando assim e procedendo com opinião igual, não demorava muito que se iniciasse por tôda a região uma campanha vandálica de perseguição ao bugre.

Muitas vezes preferiam alvejar, ferir, ou matar um índio com a carabina, desde tempos carregada à espera de um jaguar, ou de um sucurí. Abatiam, castigavam e perseguiam bugres, êles, que ignoravam, que a mais leve hostilidade praticada contra um único selvícola, se reverteria em vindita certa e pavorosa de uma tribo tôda.

E esta não se fizera esperar muito.

Explodiu com notável violência e mais variadas formas. Casas incendiadas, plantações devastadas, animais domésticos trucidados e, de quando em quando, agonizava um

ou outro sertanejo, transfixado e abatido por uma flecha, ou esmagado a golpes de tacape!

Era o signal de vingança. E da parte dos brancos recrudescia ainda mais o ódio e o massacre dos índios. Então, cada vez mais se agravava a situação. Por fim, a ferocidade indígena ascendera a exacerbações terríveis.

E os bugres vingativos já não distinguiam mais entre os bons, os caboclos malfeitores. Dirigiam largamente e por tôda parte a sua guerra quase sistemática.

Era rara a propriedade que êles respeitavam, levando tudo a razo, como uma avalanche furiosa.

Castigavam os justos, e castigavam os máus. Muitos e muitos sertanejas dequeles já radicados na zona tiveram que abandonar os seus haveres e fugir, acossados pelos índios de uma noite para o dia.

E foi desta casta de sertanejos malfeitores, dessa situação e ordem de cousas, que surgiram na terra os bugreiros.

Grandes posseadores de terras aí, já consideravam a ação dêsses mateiros lutadores, única providência de valor para defender as suas propriedades e as manter na posse de ricas zonas, tão custosamente adquiridas.

Formavam-se destemidas tropas sertanejas, destinadas ao combate aos índios.

Legiões de caboclos se organizavam armados e decididos, em cujas fileiras, muitos daqueles proprietários se ingressavam.

E essas fileiras cresciam e se avolumavam à medida que a mortífera coluna se infiltrava nos desertos maiores, atacando as aldeias selvagens e outros centros de aglomeração indígena.

Nessa arrancada indômita através da terra distinguiam-se em lutas de mortes, valentes sertanejos, dotados de uma coragem impressionante e um valor de estremecer. E êsses dominadores de sertões encheram de bravura a sua época.

Criaram fama e souberam honrar as suas armas e a confiança de que foram depositários.

Já, quando apareceram na região os primeiros expedicionários cientistas de reconhecimento, estavam definitivamente acreditados o valor dêsses homens e os seus feitos. Já corriam terra os seus nomes.

Estendia-se longe a sua fama. E desde os estudos preliminares, a campanha de construção e penetração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, até a conclusão final da via férrea, necessitaram os seus técnicos dos bugreiros e fôra através do curso de avançamento ferroviário, que mais se distinguiram e se fizeram admirar na região, êsses homens valorosos.

A linha cortou os sertões entre rumores de picaretas, estampidos de carabinas e estertores de agonizantes.

Fôra uma campanha desenvolvida no dominador aranco de muito heroísmo, de muita bravura e destemerdade, impossivelmente superados.

Homens rústicos, humildes, sem nenhuma técnica e nenhum conhecimento bélico, mas experimentadamente adestrados em lutas de emboscada contra o inimigo mágico e invisível; audacioso e iminentemente ofensivo nas batalhas em que se lhe aparecia, frente a frente, o adversário.

E sem essas figuras características dos sertões; figuras quase desprezíveis pelo aspéto, os movimentos tardos e as aparências, dominando as vanguardas penetrantes, ou flanqueado as colunas operárias nas florestas, a construção da Noroeste do Brasil teria sido impossível durante as incursões realizadas naqueles tempos.

Nem as endemias assoladoras na terra, representadas pela leishmaniose, a úlcera tropical e a palustre maligna; nem o perigo sorrateiro da canguçú voraz, que infestava as florestas noroestinas — a fera tantas vezes encontrada no

fim de uma trilha, até onde arrastara um cadáver humano; constituíram barreiras sérias à construção da obra.

O triunfo da empresa dependia sobretudo de uma organização sanitária adjunta à direção da campanha, como não prescindia de armas defensoras contra o gentio. O corpo de saúde se constituia de gente técnica. E a expulsão e domínio do selvagem estavam a cargo e sob responsabilidades dos bugreiros.

Pudera a comissão sanitária ter sido inhábil, ou impotente no cumprimento de seu dever; poderiam ter faltado em vários lances da construção avançadora normas capitais de saneamento, das quais, dependesse o êxito da campanha; mas no terreno da luta armada sertaneja e nos instantes mais dramáticos das trágicas pelejas, aí, onde se poria à dura prova, uma demonstração feroz de bravura, de coragem e de energias, os bugreiros souberam cumprir o seu dever.

* * *

Foram capitães principais de heróicos lutadores durante o evolver dessa campanha de notável e patética memória, os nomes sertanejos como Antônio Caetano, José Celestino Dias, Luiz Wolff, Adão Bonifácio Dias, Antônio Pedro, João Carreira, David Lopes, "capitão" Honório — índio guaraní e tantas outras figuras sertanejas, igualmente valorosas.

E relatemos ao leitor, em breves e sucintas notícias, alguma coisa que, ainda hoje, se recorda a cerca da existência e da passagem pela Noroeste, destes homens estupendos de bravura e intrepidez.

Para alguns deles esta publicação é póstuma. Para muitos, privados dos sentidos de visão e audição, que os anos levaram, elas serão como uma voz muda, adelgada e perdida no espaço. E para outros, já também, muitos avançados na idade dos tempos, que ainda rememoram friamente as próprias e vibrantes proezas, — os ecos destas páginas vão reviver e agitar evocações saudosas.

E não de sentirem êstes, ao ouvir estas lendas e narrações de trágicos e antigos episódios em suas vidas progressas, um estremecimento de pavor e uma recordação de orgulhosos feitos.

Apresentemos pois, em breves capítulos seguintes algumas daquelas figuras tomadas em formas ligeiras de biografias, onde rememoram os episódios mais culminantes da vida, ainda, quando em diferentes e trágicas circunstâncias, êstes e outros episódios lhes trouxeram o apagar da existência.

“CAPITÃO” HONÓRIO

Esta bela figura selvagem de nação Guaraní, conhecida na Noroeste com a sua tribo, num sítio ainda hoje denominado Água de Aldeia, a três quilômetros distante da florescente vila de Pongai, viera do seu antigo aldeamento existente em terras de Salvador Pires, nos arredores de Novo Horizonte, a chamado de José Lopes de Moraes, um dos condôminos latifundiários das vertentes do ribeirão Sucurí.

Igualmente estimado e querido, tanto da família dos Pires, quanto de Antônio Sabino, residente em Serrinha, o “capitão” Honório, à frente dos seus musculosos homens, prestava-lhes serviços agrícolas valiosos. Perito na derrubada de matas, trabalhara durante vários anos consecutivos naquelas localidades e, se transferindo dos Pires para as bandas situadas na margem esquerda do Tietê, passara a servir, pelo mesmo ofício, e com igual habilidade, ao novo patrão José Lopes, que, por vezes, o cedia a seu visinho e digníssimo amigo José Cândido Carneiro.

E por morte daquele velho agricultor, ocorrida no ano de 1893, somente José Cândido ficara a receber os trabalhos da tribo, bem como a gozar de maior confiança e de mais leal estima por parte do “capitão”.

Vivera longo anos com êle pacificamente.

O fazendeiro era seu patrão e conselheiro de amizade. Tôdas as desfeitas e chalaças partidas de um, ou de outro serviçal menos cortez, ou indisciplinado, pertencente, ou não, à mesma fazenda e dirigidas a alguém de sua tribo,

originaria uma queixa que seria levada diretamente pelo capitão ao velho patrão, contra algum indivíduo indiscreto, irrefletido e até criminoso pela leviana tentativa de desrespeitar uma bugra, ou pelo simples fato de se rir à passagem dela...

O resultado era, que, não muitos dias se passariam e, no fundo da mata e nos terreiros das taperas selvagens, gargalhadas estridentes se estalavam de contentamento, ao saberem os indígenas, que o indiscreto e malicioso roceiro, apanhara pelas próprias mãos do fazendeiro, ou de algum dos seus empregados fieis, uma sova de couro cru até ume-decer as calças...

Era a vida, nessa fazenda, de tal sorte, interessante...

Ao fim de quase quatro anos de convívio aí, por insistência do velho sertanejo Adão Bonifácio Dias, o chefe indígena, deixando Sucurí, rumara-se para as margens da Água da Lontra, afluente do rio Feio, onde reiniciou os seus trabalhos de derrubadas para êste outro agricultor.

A derrubação é o serviço de roça predileto e quase exclusivo do índio adaptado à faina da lavoura. Não suportando normalmente o rigor do sol, o indígena, deshabitado à disciplina, comporta-se melhor nesta espécie de trabalho, onde o local de ação, ainda, se mantém às horas mais quentes do dia, numa temperatura moderada.

E o índio trabalhou aí, para o novo patrão, durante algum tempo também, empreitando talhões de roça à razão de 50 cruzeiros por alqueire, dinheiro êste, que, nas mãos dos trabalhadores, se desfazia apenas perdulariamente, em compras de quinquilharias inúteis, enfeites, fumo de corda para pito e muita cachaça.

Trabalhava pois, segundo costume habitual, em boa harmonia, quando, certo dia, um tal Juvenço Silva, arrostando à sua qualidade de administrador da fazenda da Faca, chegou à Água da Lontra, com mais de duzentos homens arma-

dos e o expulsou dali, com tôda a sua gente, inclusive o patrão Adão Bonifácio.

Fugindo tudo escaramuçado e espavorido, se fôra ter a tribu às cercanias de Avaí, onde o "capitão" reconstruira novo aldeamento e reiniciara ainda, o mesmo trabalho de agricultura rudimentar. Andava satisfeito e combinando bem com Bonifácio Dias e as terras, mas não se demorou muito também aí. Pouco tempo depois de sua chegada, recebera um dia na aldeia uma expedição de catequês. Identificado nesta pelo "Padre Monsenhor", como era apelidado o Monsenhor Claro Monteiro, chefe de missão pacificadora, por tôdas as gentes da tribu e dêstes sertões, um velho religioso, destemido e bom, o "capitão" fôra imediatamente convidado para o acompanhar também até o seu longínquo e temerário destino.

Em troca de seu abnegado trabalho lhe "confirmaria" o Padre os seus galões de capitão...

E seguindo o missionário, levava em companhia três bugres, dentre os quais estava um filho próprio. E orientados todos na delicada empresa pelo Monsenhor católico, que arrastara também consigo Manoel Fernandes, Pedrinho Sapateiro, Salvador Pintado, Ignácio e, entre outros, uma bugra, conhecida pela alcunha de Ana Galinha.

Atingiram, viajando sertão a dentro, as margens do rio Feio. Lotaram duas grandes canoas e desceram o curso até chegar a um remanso do rio, acima de uma cachoeira.

Abeiraram-se da margem, desembarcaram, armando, afinal, as suas barracas para estada de longa permanência.

E entrou na mata o padre catequista.

Iniciou obra de confraternização e paz, desenvolvida e representada por longo e fatigante trabalho de tolerância, de renúncia e beatitude...

O seu plano era simples. Conseguir captar a simpatia e confiança do gentío, despertando-lhe primeiro, o interesse e a curiosidade pelo conhecimento dos visitantes por meio

de distribuição de presentes vistosos e, depois aproximar-se de suas habitações.

Distribuiu pela mata adjacente, em dois ou mais lugares habitualmente frequentados pelos índios, rosários dourados, espelhos, pentes de alumínio, joias falsas e muitos outros objetos atraentes.

Isto feito, esperou durante alguns dias. Findos êstes, penetrou de novo as matas afim de observar o efeito de sua técnica em relação à maneira como se houvessem portado os selvícolas à vista de tôda aquela bateria de sedução. Por duas vezes, que revistara as cousas no interior do mato, encontrara tudo em ordem, intacto, no mesmo lugar em que deixara.

E o missionário ia à floresta e regressava ao pouso da margem, apreensivo, mas ainda consolado. Apreensivo, porque surpreendia sempre por lá, entre os objetos, sinais evidentes deixados pelos bugres depois de suas revistas. Restava-lhe, entretanto, esperança de sucesso, ainda que tardio e se bem que já houvesse sido insistentemente avisado de que aqueles índios repeliriam tôda espécie de relações com outras gentes e outras tribus estranhas.

Entrou pela terceira vez na floresta com igual propósito de auscultar as cousas, buscar suas impressões e a mesma esperança de poder surpreender lá dentro qualquer vestígio capaz de desviar a tormentosa dúvida e voltou, desta vez, desolado e apressadamente.

A situação lá no centro da floresta havia afinal se definido. E a tendência da atitude indígena se manifestara mesmo para o lado máu. Tôda a ilusão do missionário religioso se desvanecera, quando deparara com os fragmentos dos objetos dispersos. Não ficara nada perfeito no seu lugar. Quebrada, reduzida a cacos por pauladas e ponta-pés, jazia tôda quinquilharia espalhada pelos matos. Deante de tanta insânia e intolerância, o "Padre Monsenhor" deliberara sem

perca de tempo, fugir das visinhanças de tão duros e rancorosos inimigos.

Não esperou mais nada e a expedição organizou apressadamente a fuga, lançando as suas canoas contra as torrentes do rio acima.

Começara a partida. Mas os fugitivos não haviam remado cinquenta braças de percurso e foram severamente atacados por uma centena de flechas impiedosas.

Os astuciosos selvagens depois de perceberem, que se aprestavam os catequistas para a retirada, tomaram-lhes a deanteira e obstruíram o canal do rio por onde deveriam êles passar, atravessando aí grandes árvores de margem a margem, arreadas alguns dias antes.

Fôra deante dêsses troncos o ataque. Seria impossível qualquer tentativa de resistência.

Como única arma de fogo, possuíam os expedicionários religiosos, uma chumbeira fina, apenas destinada a abater alguma caça rasteira de pena, surpreendida nos arredores. Seria intenção irrevogável do padre, atingir o próprio centro indígena sem uma arma agressiva que, deante do índio, talvez, destruísse o mérito de concórdia e pacificação, levado entre se e os habitantes daquelas selvas. Antes de partir de Avaí tivera mesmo o cuidado de proibir porte de armas aos seus companheiros, revistando-os cuidadosamente, um por um.

Todavia, no momento em que se viram agredidos dentro de seus barcos, com tôda ferocidade indígena, não deixaram de desfechar alguns tiros de espingarda frágil e de pouco alcance contra os atacantes, quase inutilmente e, ainda assim, em desobediência à atitude do chefe expedicionário.

Monsenhor Claro alí mesmo no bojo da canoa, fôra transfixado por várias flechas.

Os demais fugitivos saltaram na torrente e muitos dêles, já feridos mortalmente. Alguns dos quais rodaram na caudal, tingindo de sangue as águas. Outros, mais felizes, conseguiram atingir a margem oposta aos índios para escapar à furiosa agressão. Contava-se entre estes últimos o "capitão" Honório.

Mas já se achava selada a sua sorte.

Ao alcançar a beira da corrente, sangrando-se por vários ferimentos graves, ainda teve fôrça para rastejar na areia da práia e ir até a primeira linha de árvores da mata ribeirinha, ocultar-se, deitado, por traz de um tronco e balbuciar com a voz sufocada de um pré-agônico, avisando os companheiros sobreviventes: — "Fujam antes que morram tôdos... Não esperem por mim... Eu já estou liquidado".

E morreu alí mesmo dentro em pouco.

Sem olhar para os seus despojos, os restantes fugitivos, Manoel Fernandes, Pedrinho Sapateiro, Salvador Teodoro, Manoelzinho e a bugra, afundaram no mato.

Vagaram, perdidos, na floresta imensa até depararem casualmente, ao fim de três dias e três noites de correrias quase contínuas, com o velho aldeamento abandonado na Água da Lontra. Aí, em prolongado jejum, ousaram parar e passar por ligeiro repouso e breve sono.

E na madrugada seguinte reencetaram a marcha indecisa e frouxa para Avaí.

JOSÉ MAXIMINIANO DA COSTA

Esta simpática figura sertaneja oriunda de importante família mineira, entrou nesta região, alí por meados do ano de 1905.

Recebera dantes parte de herança que lhe coubera do legado materno e, não combinando com irmãos mais velhos, abandonara a casa paterna a busca de aventuras. Partira para São Paulo. Atravessara quase de extremo a extremo, o Estado, indo fixar residência no município de São José do Rio Preto. Trabalhara aí, de vaqueiro, como desde a infância já havia servido nos campos da fazenda natal.

Era cavalheiro dextro, seguro e até domador de animais chucros. A montaria sob as espendas de sua sela se dobrava em arrancadas ardentes, que ao longo de campinas e ruas de povoações, levava admiração aos espectadores.

Leal aos amigos e patrões, honesto ao cumprimento de deveres, nunca lhe faltava trabalho, ou lhe negavam abrigo os solares, onde, desde logo, se tornara conhecido. Rapaz solteiro, bem apessoado, era abstêmio de inconveniências fúteis; alegre, atraente e insinuante, não malbaratava o pequeno pecúlio que trouxera.

Confiando êste, revertido a dinheiro, a uma pessoa de crédito e confiança, ia vivendo humildemente de seu rústico trabalho. Possuidor de regular importância, dinheiro mais que suficiente para um bom princípio de atividades econômicas, tornou-se, após, estritamente "liso" e paupérrimo.

Ocorrera-lhe uma infelicidade vulgar. Manifestara-se-lhe uma irrupção terrível de eczema úmido, esfoleáceo, num dos lados da face e abrangendo orelha e pescoço. Tornara-se, em consequência, e à presença do leigo, um indivíduo repelente. Percebendo esta situação, êle, espontaneamente, e até em meio de formal oposição de pessoas afeiçoadas, se retirara daquela sociedade conhecida.

Desaparecera. E ninguém mais dera notícias do seu paradeiro e existência. Arrendara numa localidade distante um casebre de arrabalde, enquanto se tratava. Consta-se que em Juiz de Fora ou Barbacena.

Sem poder contratar-se a trabalho algum, visto que, tudo que a outra face conseguia à frente de patrões procurados, se destruía logo à apresentação do lado facial eczematoso, as suas economias herdadas foram os únicos recursos de subsistência durante longo tempo de reclusão social.

Curado enfim, voltara aos mesmos meios conhecidos do município de Rio Preto e reiniciara árdua luta e atividades novas pela vida.

Continuara aí, geralmente estimado. Já por essa ocasião, assolava a zona e outras terras adjacentes, perigosa e vasta quadrilha de ladrões de cavalos. Não havia mais na região quem não tivesse perdido misteriosamente de uma noite para o dia, ou de um para outro instante, o seu animal de utilidade e estimação.

Certa noite, conforme habitualmente procedia, conversava entre uma roda ordeira de camaradas, à volta de uma mesa de bar, quando três ou quatro indivíduos estranhos ao meio, entraram precipitadamente na sala e o apontaram como elemento desocupado e a pessoa surpreendida uma vez à noite, de passagem por caminhos próximos a local, donde havia, naquela mesma semana, desaparecido um animal de estimação. José Maximiniano tinha patrão, era

estabilizado ao emprêgo e assíduo ao trabalho, onde ganhara toda confiança do empregador e não precisava de roubar cavalo para viver ou praticar esporte. Insultado, certamente inocente, protestou, exculpou-se e rebateu violento o insulto.

Não satisfeito ainda, salta ao largo da rua e quer lavar a dignidade ofendida. Agredido aí por três daqueles intrusos, abate dois dêles a tiros de garrucha, deita estendido em terra o terceiro, com tremenda bordoadada na cabeça, porque não tem outra bala a sua arma de fogo e, quando ouve os passos marciais da polícia, que se aproxima, lembra das pernas, escapa-se e "cai na malva"...

E vagou perdido dias e noites. Atravessou a fronteira matogrossense e se internou no Estado.

Deparou aí patrão amigo e, dentro de pouco tempo, as gerais de baixo-serra e Quintauna eram infinitas extensões suas íntimas conhecidas.

Fôra nesta localidade cuiabana, vaqueiro e chegara ao pôsto de capataz proeminente e estimado.

E aquí está a circunstância causadora do terceiro episódio de sua infelicidade. Educado, insinuante e agradável, como já ficou esclarecido em linhas acima, não tardou que uma das filhas do patrão milionário se enamorasse dêle. E germina aí uma paixão novelesca, um amor ardente. O patrão e tôdos de casa já não ignoravam e, ao contrário de se oporem, até facilitavam-lhe momentos de colóquio. Estavam neste pé as cousas, quando, certo dia fôra apressadamente aconselhado no campo onde trabalhava, que fugisse dali mesmo para muito longe! Intrigas, falsidades de invejosos e vilões, tinham levado ao conhecimento do fazendeiro a infâmia que o capataz de piões e já considerado futuro genro, havia maculado a honra da filha enamorada, desvirtuando a dignidade e o pundonor da família. Abusara. Não merecia nenhuma confiança mais e, áquela hora, já havia o patrão aliciado jagunços para o eliminar.

Ao que tudo indica parece ter havido alarmante exagero e fantásticas desproporções neste aviso. Pois o fazendeiro após se inteirar de sua fuga, enviou emissários para diferentes localidades a sua procura, mas, como portadores de amizade e não incumbidos de o assassinar.

Já diante de tão negra advertência, José Maximiniano não se demorou muito. Apeou-se do cavalo, que lhe não pertencia, confiou o animal de campo ao falso protetor e "trovejou no mundo"... E' esta a frase. Inocente como se achava fugiu, levado mais pela sugestão e o susto da primeira e intempestiva impressão.

Em Mato Grosso, por aquela ocasião imperava nos foros sertanejos uma Justiça severa e retilínea — a "justiça de caboclo". E o rapaz não tinha ainda perfeito conhecimento das tradições dessa Justiça e não confiava nela.

Ignorava por certo, que a Justiça do caboclo não falha. Não dirime culpas, nem condena inocentes.

Fugiu realmente apavorado, à primeira notícia do incidente. Cruzou de novo, em sentido contrário, a linha divisória do Estado, penetrando desta vez no Estado natal. Attingiu imediações de Uberaba, depois a área de Barretos, em São Paulo e, seguidamente, a cidade de Baurú, atraído já pelos trabalhos da construção ferroviária.

Fizera a pé ou a viaturas de favor alcançadas pelas estradas, toda a extensão desse percurso. E para não morrer de fome vendera durante os caminhos tudo que possuía à hora em que fôra surpreendido nos campos de trabalho pela novidade aterradorante. A míngues dinheiros trocara o paletó, o chapéu e as botas de montaria. E só não fizera o mesmo com o cinto, a camisa, as calças e a garrucha, que trazia entre dobras das vestes restantes e a pele.

Fôra assim que entrara em Baurú. Faminto, descalço, cabeça nua, barbado, sujo, rôto, maltrapilho, quase nú, procurara e conseguira serviço entre os obreiros da constru-

ção noroestina. A princípio, lhe correria naturalmente penoso o serviço. Deshabitado e descalejado, a picareta, o enxadão e a foice eram instrumentos torturantes. No entanto, o desejo de se restabelecer na sociedade e o subsistir honesto na existência, resignavam-no. Quando, porém, se tornara séria a oposição aborígene, a pedido, ingressou êle às fileiras de lutadores e se tornou carabineiro.

Dextro, valente, desassombrado e corajoso, muita vez, decidiu, com poucos outros, lances espetaculares da companhia, conquistando o elogio e admiração dos mais famosos condutores da luta sertaneja. Muita vez fôra citado em "ordem do dia".

Concluída aua missão, também a mesma de valorosos companheiros, acumulou pecúlio e adquiriu terras de cultura fora da região. Tempos depois, já adaptado e afeito aos trabalhos agrícolas, possuía desenvolvida lavoura. Progredira...

* * *

Vive agora sossegado, do seu e no que é seu. E' pacífico, continua honesto e leal, mais ensinado e experiente da vida. Mantendo certa ogeriza das sociedades, quer viver só. Dedicado a suas culturas, durante os dias e horas de folga, procura as brenhas da mata a caçar onças. Constrói aqui e alí, estaleiros apoiados aos troncos do arvoredo e sob as frondes escuras, coloca próxima a isca e se põe em cima de um giráu, bem armado, à tocaia de uma fera. Consegue em pouco tempo lindas e fascinantes peles mosqueadas, vermelhas e negras de "gatos" ferozes abatidos. Penetra florestas. E nestas suas digressões pela mata, admira-se, no entanto, uma vez ou outra, deante de um de seus estaleiros destruídos. Observa curioso o fenômeno já que áquelas redondezas a ninguém deveria interessar propósitos semelhantes, procurando reconhecer no destruidor, misterioso desafeto. Um dia, investigando, surpreende um flagrante

extraordinário — dois índios executando o trabalho demolidor. Atira, mata um dêles e o outro foge. Dora avante nunca mais uma armadilha é demolida.

E continua as suas caçadas, de dia e de noite, a horas propícias. Já se achava esquecido dos índios, quando, de uma feita, invés da fera descuidada, é acercado dêles o seu pôsto de alcatéia. Sitiado e assaltado, abate de sua torre de comando, tantos selvícolas, quantas balas e cargas de chumbo possúe.

Sem munição de arma de mais longo alcance, salta em baixo no meio dos inimigos doidos de raiva, resiste de foice em punho um ataque de mais de cinquenta indígenas e rompe o cêrco e foge.

Reagrupam-se os bugres e, na proporção de um para quarenta, o combate prossegue.

Mas não se rende e nem baquea na luta, com um braço partido, um dos pés luxado e sangrando de uma estocada na coxa, antes que o corpo crivado de flechas, não se proste banhado em sangue, quase desfalecido!

Daí, os vencedores orgulhosamente satisfeitos pela insânia com que iriam ainda vingar o sacrifício de inúmeras vítimas companheiras, tombadas ante as armas contendoras. Ataram-no distendido ao longo de um grande tacape, ergueram-no aos ombros de dois possantes selvícolas e marcharam, cantando e gritando o côro de uma algazarra estrepitosa, sinistra e infernal. Adeante, lá no fundo do vale, à beira da primeira água deparada, onde já havia tições, lume e brazeiro, depuzeram no chão o corpo, encostaram-no ainda vivo e quente à caieira, assaram uma parte dêle e comeram. Uma vez acabada a porção de carne devorada viva, enquanto alguns selvagens retomavam a vítima ainda outra vez às costas, já outros captavam tôdo o monte de brasas ardentes dentro de um côcho de madeira verde, para recon-

duzirem tudo além, até a um riacho mais próximo, onde arrearam a carga o solo e repetiram o assado de outra parte. Devoraram esta, beberam água e dansaram alegremente...

Nesta hora, antes de terminar o banquete em volta ao corpo meio devorado, inda ofegante, entrava, o prisioneiro, em ligeiros espasmos e ténues estertores, e falecia...

José Maximiniano foi comido vivo!

JOSÉ CELESTINO DIAS

Descendente de não mui conhecida família jauense chegara às novas e bravias terras noroestinas, ainda imberbe, acompanhando alguns parentes. Morava nas imediações da vila de Novo Destino, município de Pirajuí, num sítio denominado Água da Palmeira, em companhia de uma irmã casada e o cunhado, ainda hoje residente na mesma localidade. Demonstrando sempre pouco interesse pelas lides agrícolas, mais inclinado à vida agitada de viajar, correr terras e conhecer cidades e praças, onde lhe não faltavam ocasiões para se compartilhar de uma roda alegre, brejeira e, por vezes, briguenta e foliona, dificilmente suportava a reclusão e o recanto em que vivia. E dizia: "De matar cobra e ouvir sapos estou cansado!".

Contudo, empregava-se aí como jornaleiro em diferentes trabalhos de roça.

Rapaz franzino, quase raquítico, mas extraordinariamente disposto e esperto, era dotado de uma agilidade admirável, revelando tendências audaciosas de aventureiro. Por vezes, a qualquer hora, montava um cavalo, escapava-se à ascendência e autoridade dos parentes com quem vivia, punha pé na estrada e somente regressava à alta madrugada. Dias após estas fugas começavam a chegar à fazenda notícias de suas proezas. Tôda espécie e variedade de ações indisciplinares praticava, durante horas, ou dias passados em povoados circunjacentes, onde o atraíam patuscadas na

companhia alegre de mulheres, enquanto o cavalo mascava os freios. . .

E' assim, que certo dia desaparecera de casa. E somente tempos depois, conheceram os parentes o seu destino. Desta vez saíra para trabalhar. Havia contratado com a diretoria da empresa ferroviária e seguira a construção da linha. Diferentes serviços aí executara. A princípio, admitido como simples operário de roçada, escavação e remoção de terras para aterros. Depois, a seu próprio pedido, se alistara nas fileiras dos carabineiros para levar caça aos índios.

Tornara-se então, bugreiro destro, dos mais arrojados e valorosos.

Trabalhara durante quase cinco anos na estrada ferroviária, fazendo toda a campanha da construção. Distinguir-se em vários feitos de verdadeiro herói, com extraordinária bravura e capacidade.

Valente e turbulento, disseminava-lhe por toda a pele mais de vinte cicatrizes de bala, faca e flechas indígenas. Atirador exímio, maneja habilmente qualquer arma de fogo. Dotado de uma destreza e uma coragem impressionante, varou entre mais valentes sertanejos, na vanguarda da penetração ferroviária, o sertão todo até o Estado de Mato Grosso, em cumprimento de sua missão.

E concluída esta, desenvolvida do princípio ao fim com a mesma ardência e disposição, despedira-se da empresa já do outro lado do rio Paraná e regressara à casa. Já voltava pela linha nova à sua terra, quando, ao desembarcar em Presidente Alves, ocorrera-lhe desastroso incidente. Desastroso, se em seu lugar, outra pessoa estivesse. Para Celestino, porém, fora um incidente natural, uma distração apenas. . .

Reconhecido naquela Estação, fora, no dia imediato à chegada, agredido de surpresa e inopinadamente, por dois de seus antigos desafetos.

Com um salto admirável se desvencilhou dos agressores, também valentes e bem armados. Sacou de sua arma,

abateu com certa bala na cabeça um deles e, áto contínuo, lembrando-se de que, se outra vez, usasse a mesma arma, ficaria desprovido de munição, num mergulho de magistral dextreza sobre o outro cabra, varou-lhe a punhal o coração.

Fôra assim, que entre duas frações de um minuto apenas, se viu agredido de perto por homens terríveis e dispostos, abateu num relance os agressores e fugiu com o punhal ensanguentado na mão e cinco balas no revolver.

Chegou pela madrugada, a pé, à Água da Palmeira. Três dias após, sentindo-se perseguido, abandonou o lar do parente, levando, desta vez, consigo, uma menor raptada, lá para as bandas de Avandava.

Esta moça era filha do seu cunhado.

Fixou residência no fundo daquele sertão, em um lugar denominado Água do Bugre. E trabalhou aí, de novo, na agricultura.

Um anos após àquela fuga amorosa e precipitada, sucedeu um fato original, muito estranho e interessante: José Celestino mandou recado aos pais da moça, rogando-lhes consentimento para se casar com ela. . .

Feitas as pazes com os dois sogros, de um lado, o cunhado e de outro, a própria irmã, retornou à Água da Palmeira, desta vez, porém, com a mulher e um filho de três meses.

Esse valente nunca soubera quantos homens matara, e aí, morreu assassinado com uma carga de chumbo encravada no peito e nas costelas. Abateu-o um homem pacato, humilde, afeito apenas ao trabalho sossegado da lavoura, cuja disposição de ânimo e temperamento, se apresentava de maneira oposta a quantos e tantos contendores já havia Celestino enfrentado e vencido temerariamente.

Celestino Dias requesrava uma mulher casada. Passava a cavalo todos os dias pela casa de sua amada e, toda

vez que podia, galanteava-a, a furto e às ocultas jeitosamente.

A dama, guardando um propósito sensato de evitar escândalo, ou qualquer outro incidente capaz de lhe manchar a reputação, fechava em mais íntimo segredo tudo que se passava e, às vezes que não fôsse surpreendida por outrem, procurava com tôda franqueza e habilidade, dissuadir, em rápidas entrevistas, de suas intenções o sedento apaixonado dela.

Mas Celestino não se desiludia nunca.

Nutria com sua paixão amorosa, esperança, que não morria. . .

Certa vez, conforme hábitos, desde tempos vinha sucedendo, ela, desta feita, sosinha em casa, recebera novos e insistentes galanteios. O viajor, ao passar e percebendo-a a sós, apeou-se do cavalo e entrou.

A mulher cautelosa e decidida saiu da cozinha, onde se achava áquela hora e veiu-lhe ao encontro, exigindo dêle que se retirasse da casa imediatamente. O intruso, invasor do lar, enraivecido, tentou agarrá-la à força, arrebatando-a ao encontro do seu corpo. Houve da parte da agredida violenta reação defensiva, acabando por escapar-se correndo, dos lascivos e nervosos braços.

Fôra então, que Celestino, reconsiderando a situação e, mais prudente do que nunca, tomou a montaria e prosseguiu a viagem.

Mas à tarde daquele mesmo dia passaria êle de volta, pelo terreiro da roceira.

À hora em que tudo isto acontecia na pequena e quase solitária casa de Helena Maria, o marido dela, José Floriano Marques trabalhava no campo, distante da choupana.

E a mulher refeita do susto, voltou para a casa, concluiu os seus deveres domésticos interrompidos e foi levar ao marido o almoço.

Deante deste, quando almoçava, Helena relatou-lhe tôdo o ocorrido, pedindo-lhe que fosse prudente e tivesse calma ao solucionar tão melindroso caso.

José Floriano, enquanto almoçava ia escutando tudo silencioso e frio.

Terminara a refeição, bateu o isqueiro, acendeu o cigarro, falou brandamente à companheira, de assuntos muito diferentes daquele que lhe ressoava ainda alto ao ouvido e retornou ao seu trabalho.

Esperou a mulher regressar ao lar e seguiu-a. Chegou lá por outros caminhos sem que ela o percebesse e, aproveitando-se de sua estada na fonte, em baixo no vale, entrou ocultamente em casa, engraxou, escorvou e pôs em boa forma a tremenda chumbeira, que possuía.

E soturno, e terrível, mas calmo e decidido, sai de casa, sobraçando a arma e vai direito se encostar, de espreita, ao moeirão grosso da porteira, à orla da mata, na estrada.

Celestino Dias deveria passar por ali. . .

Guardando os caminhos e auscultando os rumores sussurrantes do arvoredo e os passos na rodovia, o homem se posta à espera do atrevido até o descer da tarde. Não deveria esperar muito. . .

E a mulher, em casa, supondo-o, ainda, no trabalho, já o aguardava com o jantar pronto.

Mas Floriano está firme na tocáia. . . Está firme na tocáia!

Estruge afinal um estampido. . .

E Celestino cai do cavalo, sabendo por que morria, e sem saber quem o matava! . . .

FRANCISCO RODRIGUES DE CAMPOS

Procedente de Minas Gerais, entrou Chico Rodrigues nestes sertões lá por volta do ano de 1868. Aí viveu em diferentes sítios marginais ao rio Batalha, em cujas vertentes, conquistou inúmeras pequenas posses territoriais, que, depois, vendia, cada uma delas separadamente, a trôco de valores irrisórios e desprezíveis.

Muitas vezes, negociava lotes e glebas de cinquenta, ou mais alqueires pelo valor em espécie de uma garrucha velha, de um tacho, ou um machado e outras cousas semelhantes.

Verdade é que as suas conquistas eram relativamente fáceis. Tôda dificuldade de as conseguir, talvez, dependesse de algum arrôjo e só subsistisse na penetração das matas. Realizada esta entrada, o velho incursos ambicioso e quase solitário, delimitava, mais ou menos, a gleba e passava-a adiante, daquela forma, a outro sertanejo.

Um pouco diferente de seu contemporâneo de "entradas" através do magnífico sertão, Chico Rodrigues adotava um hábito singularmente estranho na terra, costume que fizera recaír sôbre si, muita ira dos selvagens. Nas suas curtas e frequentes investidas ao longo de vales até cabeceiras de altos córregos, buscando novas terras devolutas, ao deparar no deserto com os aldeamentos indígenas, cujos habitantes se achassem ausentes no momento, invadia e vareja-

va as taperas, pilhando tudo e mesmo até viveres, dentro delas encontrados.

E tantas vezes procedera assim, que os bugres conseguiram identificá-lo. . .

Mas se isto não bastasse para acirrar tanta odiosidade indígena, ainda, pela experiência que tinha de romper matas e pelo conhecimento da terra, tomou parte na campanha da Noroeste do Brasil, onde "matára índio para fazer graça", conforme expressão de um velho conhecido seu, quando ainda relembra episódios de sua vida.

Abandonando a penetração ferroviária, se transferira êle para a cidade de Lençóis.

Mas, saudoso da antiga vida sertaneja, pouco tempo se demorou aí. Regressou à Noroeste.

Voltou à região afim de cuidar de suas diversas posses ainda restantes às margens dos rios Batalha e Tietê. Para isto, logo ao chegar, construiu um rancho à beira do último daqueles cursos, onde se tornou agricultor rudimentar.

Plantou cereais, criava e engordava porcos em notável proporção. E dêste modo viveu algum tempo no sertão, até quando, aí mesmo, encontrasse morte pavorosa e trágica, em consequência ainda da vindíça indígena.

O velho possedor sertanejo era caçador apaixonado. Poucos seriam os dias em que não enchia de munição o seu picuá de pele de onça pintada, para tomar da espingarda, atrelar a matilha e penetrar o mato. Andava tôda a jornada e regressava comumente à tarde, trazendo para casa uma paca, um caitetú, ou uma bela jacutinga e qualquer outra espécie de aves silvestres.

Era feliz no seu esporte de se distrair e passar o tempo.

Há porém, um conhecido rifão: um dia é da caça e outro é do caçador. O conceito popular é certo. E Chico Rodrigues, na qualidade de caçador, tivera o seu mau dia também. . .

Uma vez, ao sair para a caçada habitual, preferira tomar o rumo de matos mais altos ribeirinhos do Tietê. Já havia trilhado mais de quinhentas braças de caminhos tortuosos sob a mata, quando, fatigado e sequioso, esbarrou pela frente com uma bela jaboticabeira tôda arreada de frutos negros, mais apetitosos do que, quantos outros, em outras circunstâncias pudesse, talvez, saborear. O mateiro se esqueceu da caça, dantes acuada numa furna, esqueceu-se de seus cães, que desapareceram e da própria condição de caçador. Esqueceu-se de tudo áquela hora. Arreou dos ombros a sacola junto com a espingarda, descalçou as botinas, colocou tudo isto amontoado no chão, ao pé do tranco e trepou na árvore.

E lá se achava bem alto apreciando as deliciosas frutas, sem encontrar nunca dentre estas, a última para arrebentar na bôca, muito embora, estivesse desconfiado, que não deveria permanecer alí por mais dilatado tempo.

No entanto, continuava comendo e ia ficando lá em cima para comer mais, a despeito de certo temor consequente a qualquer anormalidade surpreendida no fundo das matas que percorrera. Os cães, ao contrário do que habitualmente sucedia, haviam abandonado a pista da caça e emudeceram, para, depois, se amoitar, ou fugir do mato, para casa. Notara, além disto, durante o percurso da floresta, um odor acre tresandante, que muito bem reconhecia, e noutros tempos, prenunciava o desenrolar de lutas e tragédias pavorosas no recesso das matas, porque significava a aproximação de bugres sorrateiros. Tudo isto lhe deixara a certeza da existência de índios mal intencionados naquelas plagas.

E quem sabe até, se estivessem êles na sua perseguição? Desconfiava seriamente disto, mas, por outro lado, se tranquilizava, ao mesmo tempo, ante a lembrança confortadora de que havia mais de vinte anos não pisavam indígenas alí.

Chico Rodrigues, apesar de um tanto apreensivo, tão absorto se achava com os seus negros pomos silvestres, a

ponto de não dar pela aproximação dos índios, que marcharam ao seu encalço e se acercaram da árvore, em grande legião.

E quando o incauto comedor de jaboticabas, olhou para baixo já não viu a relva do sólo.

Era tudo bugre. . . Abrangendo tódo círculo sombreado da fruteira e se estendendo além, havia um exército de selvagens atacantes.

E o homem viu bem e compreendeu melhor tudo o que havia, quando dois ou três selvícolas se apossaram de sua arma e tudo o mais que deixara junto à árvore.

Estremeceu de horror! Passou-lhe pela imaginação tudo quanto poderia acontecer consigo a partir daquele instante.

Era a vingança do gentío. Tardía, mas infalível!

De fato, havia já alguns dias que os índios o seguiam e o rondavam. . . E êle não se enganara, quando, desde várias semanas passadas, viera de perceber rumores estranhos introduzidos, aquí e alí, ao vozerio natural da floresta.

Colhido agora de surpresa, desarmado e indefêso, compreende tardiamente tudo. . .

Chico Rodrigues, vendo centenas de flechas apontadas para si, começa a descer lentamente, pisando de forquilha em forquilha, os galhos, cada vez mais grossos da árvore. Desce. E vem andando ao encontro do castigo inevitável, mais cruel e deshumano. Vem resignado e como que atraído pelo abismo do sacrifício para enfrentar o sofrimento. Resignado, porque qualquer pedido de clemência, o menor apêlo de misericórdia, poderiam enfurecer ainda mais a turba!

Alcança o solo já cercado de inimigos.

Sabe que está irremediavelmente condenado à morte e não tenta e nem pode tentar reação alguma!

Torna-se passivo deante de tódo aquele aparato de ódio, de arma e de vingança.

Somente uma esperança há que o consola: é que lhe não venham tão prolongados os flagelos do suplício. . .

Alcança o solo. Manietado vigorosamente, caminha empurrado para o lugar da pena capital.

Amarrado enfim, por meio de uma série de laçadas de cipós grossos e resistentes, atados desde o pescoço até o meio das canelas, colocado em pé, unido ao tronco de uma jatobá, somente compreende a natureza da pena a que se vai submeter e a que se acha condenado, quando os índios começam a empilhar lenha sêca em torno dêle e da árvore que o detém.

E' terminada a pilha de toros, de achas e gravêtos, com um metro de altura e os indígenas ateiam fôgo ao lenheiro!

Sobem chamas, sobe fumo aos rôlos e o solo se calcina em brasa!

Duas horas depois ainda os selvagens dansam no festim de carne humana chamuscada, e arde a caieira, crestando a mata circunsjacente, até numa irradiação circular de trinta braças. E tudo se acaba. . .

Chico Rodrigues foi assado vivo!

ADÃO BONIFÁCIO DIAS

Vulgarmente conhecido por Adãosinho Bugreiro, chegou Adão Bonifácio a estas paragens no ano de 1876, procedente de Bom Jardim — cidade da Sorocabana, situada entre Agudos e Lençóis.

Este caboclo palmilhou o sertão de extremo a extremo, quase em tôdas as direções. Quando de sua chegada alí, se dirigiu para Bôa Vista da Água Parada.

Instalou-se nesta localidade numa cafúia e deu expansão à cultura dos campos.

Dois anos morou em Bôa Vista. Ao fim dos quais, transferiu-se pra Batalha, onde continuou a sua faína agrícola. Também neste local não durou muito a sua estada.

Três anos após deixou êle o povoado, que ajudara fundar, atualmente distrito de Reginópolis, e se mudou para o Polmital. Estacionando-se aí por tempo mais dilatado, organizou na zona, grande fazenda, de cultura e pecuária. E tornou-se mesmo um sertanejo de notáveis recursos econômicos.

Espírito volúvel e irrequieto, ambicioso sempre das terras marginais do rio Durado, partiu para elas e abriu grandes posses nas cabeceiras dessas águas.

Já bem situado se achava, quando lhe apareceram compradores para a fazenda.

Adãosinho vendeu a estância e, seduzido também pela fertilidade das regiões do rio Feio, partiu para o alto curvo dessa corrente e se apossou de grande área circunvizinha da cidade de Presidente Alves.

Instalou-se na terra. Mas não se demorando muito aí, passou essa gleba ao suíço Luiz Wolff.

Desembaraçado da propriedade, resolveu seguir o curso daquele rio e desceu até a embocadura do riacho da Faca, estendendo ainda essa nova posse além de outros vales, também vertentes do Feio, onde encetou uma obra de desbravamento, colonização e cultura agrária.

Era uma região tôda povoada de selvícolas.

E Adãosinho travou em suas matas, renhidos combates com êles.

Fôra nestas terras, alí por volta do ano de 1888, quando, entre os bugres mais ferozes de tôda a Noroeste, que Adão Bonifácio Dias, homem de estatura abaixo do normal, grangeando fama de lutador, recebera o apelido e o cognome de Adãosinho Bugreiro.

Sustentou por tôdas as matas da zona sangrentos recontros com a tribo dos Caingangues. Tanto mais por habilidade do que, propriamente, por bravura e intrepidez, muitas vezes, saíra vencedor dessas rudes e árduas pelejas, tal era a desigualdade da campanha: dispunha de poucos homens e armas.

Afinal, do rio Feio voltou atraz, quase até ao ponto de partida. Atingiu uma localidade próxima áquela, onde se ergue atualmente a cidade de Pirajuí e bateu o curso do rio Dourado para atingir Congonhas. E nesta zona mais tranquila do que as margens do rio Feio, reestabilizou-se em antigos trabalhos agrícolas.

Fora dalí recrudescia, no entanto, a guerra indígena. Corriam os dias mais agitados de ódio e lutas mais cruéis. Massacres, incêndios e destruições contra habitantes e suas propriedades no sertão, eram a forma vandálica praticada pelas mais temíveis tribus Caingangues da terra. Provocados da parte dos brancos, ou sem nenhuma provocação tam-

bém, êsses aborígenes, violentamente agressivos, devastavam os solitários núcleos populares, que se iam edificando aí.

E êsses tempos de sangue e lutas encontram-no entregue aos cuidados de suas lavouras de Congonhas.

Bugreiro afamado, não demorou que Adãosinho fosse convocado para comandar uma leva de combatentes dirigidos contra os índios nas suas aldeias e, pelo sertão adentro, ao longo dos cursos do Tietê e do Paranapanema.

E partiu para o deserto imenso. A sua atuação nessa emprêsa foi extraordinariamente valiosa. Muito prático de mato e de hábitos dos selvagens a campanha encontrou nêle um guia de resolução e firmeza.

Antes, porém, da conclusão da "entrada", recebeu outro convite, e desta vez, da parte de João de Castilho, afim de seguir para o salto de Avanhandava.

Atendendo ao apêlo do latifundiário, zarpou para aquelas paragens, em companhia da mulher, um genro e duas filhas. À sua fama popularíssima de bugreiro se devera êsse convite do grande, remoto e audacioso latifundiário.

Salto de Avanhandava já contava em tempos anteriores a êsses dias, notavel população. Depois, submetida a localidade a constantes e vigorosos castigos dos selvagens, fôra a pouco e pouco, se despovoando até que se tornara outra vez deserta. E João de Castilho, importante agricultor na zona, abandonara as benfeitorias quase devastadas já, e nunca mais tivera notícias de seus prepostos administradores da fazenda, e até por êsses dias, dezoito anos volvidos daqueles primitivos tempos, ninguém ousara ter a imprudência, ou a coragem de lá entrar.

Tivera-a porém, Adãosinho Bugreiro. . .

Entrara nas longínquas terras e deu início aos trabalhos. Levou, de armas, seis carabinas, destinadas a enfrentar os bugres. Auxiliado pelo genro Victor Manoel Ferreira, administrador de grandes turmas de operários agrícolas.

Mas não fôra muito longe com o seu trabalho. E desta vez, não se mudara nem fugira de Avanhandava, espavorido pelo índio. Desta vez morrera.

Três meses após a sua chegada ao deserto, sucumbira vitimado por impaludismo grave, no ano de 1901.

Nada mais tendo que fazer por lá, o genro virou-se para atraz com a família. Carregou dois carros de bois e empreendeu a retirada.

E essa marcha atribulada de retôrno aos pagos, através de sertões em fora, apresentou lances épicos de verdadeira odisséia. Qual Mahomet, conduzindo o êxodo de seu povo batido pela fome, a peste, estendido sobre terras inhóspitas e se infestando nas águas dos caminhos pelas larvas da serpente de fogo, um homem só, restado no fundo daquele deserto e acompanhado de três mulheres, a varar intérminas distâncias de um sertão brutal, em extensão superior a 200 léguas, rompendo, sem estradas, charcos e campos alagadiços, cheios de serpentes; abrindo passagem para romper florestas virgens povoadas de indígenas e feras, ou cruzando rios caudalosos sem portos, ou pontes de travessia. E, se ocorreram, inevitavelmente, durante essa louca viagem de retrocessão aos lares mais antigos, indescritíveis revezes e sofrimentos, também não se lhes faltaram para observadores fortuitos e distantes daquele teatro, episódios de uma comicidade encantadora. . . Victor Ferreira conduzia um dos carros de mudança e as três mulheres, ou sejam, a esposa, uma cunhada e a sogra, dirigiam o outro carroção com a boiada.

E chegaram!

No deserto de Avanhandava foi dada sepultura ao cadáver de Adãosinho Bugreiro.

E êste sepulcro, beatificado por uma pequena cruz, se encontra ainda lá, à pouca distância da linha férrea.

ANTÔNIO ADÃO

Filho de Adão Bonifácio Dias, andou seca-e-meca acompanhando o pai em longas digressões sertanejas, prestando-lhe inestimáveis serviços no combate aos índios do rio Feio.

Quando Adãosinho Bugreiro partiu de Congonhas afim de ingressar na campanha da Noroeste do Brasil, deixou o filho naquele sítio entregue aos trabalhadores da roça.

Votavam-lhe aqueles índios, da mesma forma que ao pai, o mais acérrimo ódio. Andavam êles, desde as matas da mencionada zona até Congonhas, procurando como feras, o pai e o filho.

Já estava selada no tribunal selvagem a sorte dêles. O caboclo, ante os conselhos do velho bugreiro, além da experiência duramente adquirida nas refregas das batalhas participadas contra os índios não se esquecera nunca dessa trágica e agoureira advertência.

O filho de Adãosinho não desconhecia a gravidade de suas culpas perante a justiça indígena. Entretanto, se arriscava demais.

E houve o dia em que se desencadeara a ira das florestas contra êle.

Trabalhando certa manhã num grande milharal de sua cultura, quando notou Antonio Adão, que partia das bandas contornantes à roça, uma revoada de flechas a sibilar no espaço sôbre sua cabeça e próximo dêle. Isolado como se achava, sacou de uma arma que trazia no momento — um trabuco de cano curto — e disparou alguns tiros a esmo, na di-

reção do bosque. Compreendendo melhor a situação, achou prudente correr para a casa e se prevenir imediatamente.

Mal teve tempo de atingir o rancho. Entrou apressadamente nêste e fechou-lhe as portas. Reunindo tôda a família a um canto da sala — mulher e filhos pequeninos — já armado de carabina e faca, decidiu-se alí resistir ao assalto indígena.

E se preparou para atirar. Mas, observando através de uma fresta na parede a intenção dos agressores de incendiar a casa, escancarou uma das portas externas e saltou resolutamente para fora na frente de uma centena de selvagens.

Com a coragem impressionante de um louco investiu contra a turba! Cercado de bárbaros, mas com uma pontaria admirável, estendeu ao solo, pelo primeiro tiro, não o bugre que aproximava da palhoça o facho de labaredas, e sim o capitão da tribo.

E áto contínuo, com a mesma rapidez de um mágico, derrubou, com outra bala certa o índio incendiário.

Confusa e desorientada ante a perda do comandante e um de seus valentes companheiros, a tropa selvagem debandou, espavorida, arrebatando os mortos.

Então, o destemido e bravo sertanejo entrou na casa, tomou em cada braço um filho e, pondo à frente a esposa com outro filho ao colo, saiu.

A bugrada havia desaparecido. . .

Cêrca de uns cinco quilômetros dalí, morava João Justino, o exímio violeiro da região, seu amigo e visinho mais próximo.

Chegou lá Antônio Adão. Confiou sua família às gentes de Justino, aliciou os cabras mais decididos das circunvizinhanças e voltou à residência. Só encontrou aí os vestígios da passagem dos bugres: duas de suas vacas estavam flechadas a vagar, espantadiças pelos campos adjacentes; sangue das vítimas e alguns arcos e tacapes abandonados.

O sertanejo, na mesma hora seguiu com seus camaradas os rastros dos fugitivos, encaminhados para os lados do rio Feio. Na trilha dos inimigos, os caboclos alcançaram as margens do rio e cruzaram-na em doida perseguição.

Bateram as matas do outro lado. Passaram o resto daquele dia e tôda a noite no centro da floresta. E pela madrugada alta reiniciaram a busca entre as matas seculares, subindo seixos, descendo valados e desfiladeiros.

Ao intervalo da noite os homens se perderam, desviando-se da pista dos selvagens.

Varejando e prescrutando as furnas e o solo dos silvestrais desertos, sem nenhum vestígio e nenhuma prova que denunciasse a passagem dos fugitivos por tôdos os trilhos percorridos, as armas dos caçadores procuravam o inimigo.

E pela madrugada, depois de palmilhar a região suspeita, entraram os sertanejos numa clareira existente em plena mata, onde encontraram o que tanto procuravam.

Havia alí sinais patentes de um estágio prolongado dos selvagens. Os capinais das relvas, acamados, acolchoaram durante a noite a cama, onde dormiram os bugres. Vestígios de uma pequena fogueira rodeada de óssos e lambugem de caças devoradas à beira do fogo, lá estavam a denunciar os indígenas procurados. E pesquisando minuciosamente o campo circular, descobriram a pista por onde haviam saído os índios.

Seguiram-na. Acompanharam-na até as margens do rio e chegaram a um ponto pouco abaixo daquele em que realizaram no dia anterior a travessia dêste.

Os sertanejos cruzaram outra vez as águas e se orientaram pelos trilhos e segmentos do lado oposto. E trilhando sempre a sem perder nunca a senda indígena, ingressaram noutras matas, pisando os rastros frescos daqueles que por alí passaram.

Subiram o morro. Galgaram a encosta até o cume. Daí, de cima, andando sôbre os mesmos vestígios recentes, os ser-

tanejos viram se desatar num espraído largo, que desvendava ao longe a silhueta da mesma choupana, onde, na véspera, Antônio Adão matara o capitão da tribo e seu soldado, conseguindo se salvar miraculosamente com a família.

No alto que alcançaram já pressentiram a presença dos bugres. O mesmo grupo de arvoredos abrigava as duas hordas inimigas. E as armas sedentas de vingança aprumaram os canos. Os selvagens se emboscaram ali. Haviam planejado no fundo de seu deserto um novo assalto à casa sertaneja, afim de vingar o chefe e o companheiro mortos.

Tinham pois, voltado para executar o plano combinado sob as ordens de outro comandante. Mas, reconhecendo que traziam pela retaguarda uma leva de perseguidores, deliberaram aguardar ali mesmo, com tôdas as vantagens de uma emboscada, os encaçantes.

Nisto Antônio Adão e seus camaradas foram surpreendidos pelo ataque de flanco ao sair da mata. Houve cerrado e vivo tiroteio de flechas e carabinas.

Acolados ao chão e rasteiros entre a hervagem protetora os cabras resistiram os bugres. E êstes, supondo-se, talvez, dominadores da batalha, se desabrigaram das matas e saltaram, descobertos no campo largo, à frente dos homens que julgaram aniquilados.

Fôra a desgraça dêles e o fim da luta. Estrugiram nos ares quinze ou vinte bocas de fogo num momento só. E cada uma das balas estendem por terra um bugre.

Os restantes indígenas, que não se aventuraram à temeridade de semelhante ataque frente à frente, afundaram no matagal e, quando, ao campo aberto retrocederam para levantar os combatentes mortos, não nos puderam atingir: caíram da mesma forma ao lado dêles.

Passada a façanha permaneceram os bugreiros no chão ainda imóveis por mais de meia hora. Seria imprudência não procederem assim...

Passara o perigo... Ergueram-se afinal do solo, prescrutando tudo cautelosamente. Tinham fugido antes da conclusão da luta os índios sobreviventes...

Fôra então, que os sertanejas se movimentaram na direção da casa de Antônio Adão.

E êste, ferido no pé em ação de luta, sentia a farpa de um osso encravado no calcanhar. Havia recebido uma estocada ao início do combate, no momento em que pisara um montículo de areia preparado pelo índio.

E Luiz Wolff, presente à luta, sangrava no braço, de um ferimento por flecha de arendiúva. O próprio ferido, partindo a aste num ponto junto às bordas da ferida, arrancou-a de suas carnes.

Antônio Adão, fizera o mesmo curativo no seu calcanhar: extirpou ali mesmo a lâmina ósea.

Nem sôro antitetânico, nem um agente bactericida; nem infecção também...

E descendo a encosta nua da colina, rumaram tranquilamente para a casa.

Antônio Adão, d'ora avante declarou guerra aos selvagens. Partiu para a linha Noroeste, entrou para o exercito de bugreiros e aí, rememorou as proesas do pai, enquanto a emprêsa necessitou de um valente, êle se distinguiu nos combates mais duros e renhidos.

Caboclo ágil dextro na luta e intimerato na arremetida, muitas vezes, devido aos seus lances de audácia e de coragem, fizera pender a vitória para os feitos das armas companheiras.

E com a mesma bravura seguira a campanha durante mais de três anos consecutivos. Concluíra esta. E Antônio Adão, restituindo-se à família, trabalhou por muito tempo ainda na sua roça.

Depois, ocasionou êle próprio, o desmoronamento do lar. Começara a cortejar e a se morrer de amores por uma

linda e viva sertaneja recentemente chegada áquelas paragens Sua mulher enciumada e ofendida em seus melindres de cônjuge traída, relatou, em carta dirigida ao pai, também velho sertanejo, morador nas bandas do salto do Paranapanema, tôdo o sucedido. A atendendo imediatamente às lamentações da filha, veio o caboclo a visitá-la e, na ausência do genro, levou-a para a casa paterna, separando, assim, o casal.

Tornando, à noite, de volta à choupana e dando por falta da mulher, o homem foi arrebatá-la ao pai, com o propósito de reconduzí-la ao lar.

Chegando a Paranapanema e ao fazer conhecidas as suas intenções, saltou-lhe o sogro em cima. E deu-se o pugilato. Tiveram grande altercação e violenta luta corporal, armados de faca.

O velho sogro, muito dextro também, e sabendo quem lhe vinha pela frente, mobilizou tôdas as armas e energias necessitadas. E rolaram os dois.

Mas a interferência de visinhos evitara a consecussão dos fatos.

Deixando o pai de sua mulher com duas facadas no peito, estendido por terra e quase agonizante, Antônio Adão partiu dali, também ferido estensamente no abdômen, mas levando em companhia a esposa.

Não no atemorizara demais a gravidade do ferimento. Havia longos anos passados, de uma feita, quando fazia roça, derrubando o mato, recebera no mesmo lugar em que se sangrava agora, enorme golpe de machado e nada lhe acontecera.

No entretanto, alguns anos depois reatou relações com o sogro, indo, com a família até morar nas vizinhanças dêle.

Adoecendo afinal, em Salto de Paranapanema, não resistiu, ao cabo de três dias, a moléstia. Vitimou-o uma infecção gravíssima de malária.

E assim se estinguiu a existência de um bravo.

LUIZ WOLFF

Antigo morador em Banharão, êste sertanista estrangeiro se vulgarizara nas terras da Noroeste pelo apelido de Luizinho Alemão. O apelido lhe caia bem.

Caracterizava um indivíduo louro, claro, de olhos azues, mas era falso.

Luiz Wolff não podia ser alemão porque era suiço.

Conhecido êle e o pai — velho agricultor, quando aí por volta do ano de 1889 morava nas cabeceiras do rio Feio, tornara-se um lavourista produtivo e inteligente. Adquirira nesta localidade as posses territoriais de Adão Bonifácio Dias, onde plantara extensa lavoura cafeeira.

Havia na sua fazenda relativo confôrto. Boas casas de habitação, máquina de beneficiamento de café e outras benfeitorias.

Tornando-se o velho pai vítima de uma doença mental grave, a administração da estância ficou sob a atividade do filho, que lutava com enormes impecilhos interpostos à marcha e ao desenvolvimento das cousas.

A fazenda de Luizinho Alemão era objetivo visado frequentemente pelo ataque dos selvícolas. E cada uma das sortidas indígenas, êle revidava com “entradas” profundas através de florestas distantes, numa intérmina perseguição ao aborígene. Convocando levas de sertanejos muito bem armado e se prolongando durante semanas inteiras em casa vigorosa ao inimigo, Luizinho Alemão mantinha um hábito de seu gôsto e inherente ao meio em que vivia, mas, que, se

outras fossem as circunstâncias, só isto fa-lo-ia passar por homem originalmente excêntrico. Preferia viver sempre em companhia de gente dotada de sentimentos baixos, desordeira e turbulenta.

A sua fazenda era um centro operário de aglomeração notável. Não havia semana em que lá não fossem ter grupos de forasteiros à procura de trabalho. E o administrador agrícola escolhia dentre êsses grupos, tão somente os elementos que bem lhe conviessem e agradassem.

Convinham-lhe os homens fortes; agradavam-no os desordeiros. Os gestos, atitudes, as próprias frases e temas de sua sconcertações eram o seu ponto de partida no decidir a escolha e a seleção de seus homens.

Tôdo aquele candidato a emprêgo que se revelasse prudente, sossegado e abstêmio na ação e propósitos, não lhe serviria. Era dispensado. Apartando pois, de cada uma daquelas levas de perdidos caminhantes somente as figuras, que se lhe assemelhassem façanhudas e desordeiras, êle próprio se lhe trazia a vida em perpétuo sobressalto. Andava dêste modo, sem o querer, envolvido num drama eterno de rixas sanguinárias.

Luizinho Alemão mantinha uma concepção errônea dessas cousas. Supunha que tôdo indivíduo, antes de se tornar valente e se fazer destemido, haveria de ser arengueiro, provocador e turbulento. E no verdadeiro sentido do seu frágilimo conceito, tôda a arrelia e tôdas as agitações contrárias à paz e exibidos por outros, significavam valentia.

As suas guerras constantes, sustentadas contra os índios, obrigavam-no a manter entre os seus caboclos de trabalho, homens aos quais, não faltassem coragem igual a sua e disposições para o seguir através das matas sem fim, em perigosas arremetidas além.

Preferia, assim, viver com os briguentos e os agitadores. Contudo, êle próprio, não era tal.

operários mal inclinados, tendo, muitas vezes, que se interferir em acesas discussões e até em cenas de pugilato, afim de interromper sérios distúrbios, ou diminuir as proporções dêles.

e numa ocasião, em circunstâncias idênticas, fôra rudemente esfaqueado.

Ofendido gravemente, se recolhera a casa, onde se entregara a tratamento inadequado à extensão do seu mal. Aconselhado porém, a procurar recursos médicos, cavalgou numa égua branca que possuía e seguiu para o centro mais próximo a busca de remédios. Mas êsses recursos ficavam cêrca de vinte léguas distantes, além de picadões desertos, por onde, também, vagavam os índios inimigos.

Viajava à cavalo exposto a tôdas as intempéries. E o seu estado de saude era **muito bom** . . . Um braço fraturado e oito punhaladas no pulmão direito!

O doente, pelos caminhos cuspi e expectorava sangue. Seu hemitorax, crivado de feridas, ensanguentava tôda a veste. Golfádas de sangue arejado e de ar sanguinolento escapavam estrepitosamente das feridas puntivas. A cada tempo da função respiratória se estridulava uma chuva de ruidos disseminados por tôdos os campos hemitorácicos. E quanto mais rude fosse esse rumor, tanto mais tranquilo se tornava o doente, que supunha fosse tôdo aquele barulho esterrososo, resultante do resfolgar do animal cansado que montava.

E no entanto, marchava êste devagar em obediência à vontade e ao estado do cavaleiro enfermo.

Desde casa, o fenômeno já impressionara a quantos amigos e curiosos fossem visitar o doente . . .

Êle fazia dêste modo a viagem com a maior calma e sofrimento. Andou mais de um dia inteiro impassível e absolutamente desinteressado e submisso ante a condição duvidosa de morrer ou de viver. Um camarada de viagem parecia sofrer mais do que êle.

E quando somente lhe faltava a metade dos caminhos a percorrer, para chegar à localidade a que se recorria, virou de rédeas a cavalguadura para traz e voltou na direção contrária ao seu destino.

Resistiu a oposição mais enérgica da parte do companheiro, que o tentara demover desta última resolução, certamente de funestas consequências.

Teimou com o enfermeiro e regressou à casa. E no meio de generalizado espanto aí chegou, dizendo que tanto morreria num, como em qualquer outro lugar, estando, talvez, melhor na sua casa, que noutra parte.

Indivíduo de uma resistência física extraordinária, organismo de uma vitalidade invulgar, existiu, durante mais de sessenta dias, entre vida e morte. Sofreu muito. E sequer, nem o lamento de um gemido deixara escapar em transe de semiagônico. Ainda não permitira a vigília de ninguém ao redor de si, ou outro sacrifício, de alguém, por sua causa.

Afinal salvou-se.

E uma vez restabelecido, reiniciou o seu trabalho agrícola, interrompido quase sempre, pela antiga campanha de devastação indígena.

Muito admirável é que, vivendo tanto tempo acercado de criminosos foragidos e tanta gente celerada, só praticasse um único assassinato.

Luizinho Alemão, quando empenhado ativamente na pelêja de uma batalha, possuía uma ardência ofensiva poucas vezes igualada. Mas, fora disso, e na camaradagem de suas rodas mal afamadas, se fazia surdo a provocações antigas.

Era prudente e tolerante. Nem discutia e nem fomentava arengas.

Uma vez, certamente única em sua vida, quando trabalhava no eito, dirigindo ao mesmo tempo, uma grande turma operária, fôra, no momento em que corrigia o serviço de um companheiro, publicamente maltratado por êste. Sem revidar uma palavra áspera e sem nenhuma conversa desne-

cessária sacou de sua arma e abateu, alí, mortalmente ferido o contendor.

Êste crime ficou impune.

Nisto partiu para a linha férrea em construção. E fôra tão somente para matar índios, do que mesmo, intencionado a fugir a alguma ação policial, que acudira ao apêlo da empresa, onde se ingressara na qualidade de bugreiro experiente e valoroso.

Ao fim desta campanha regressou à fazenda, em Presidente Alves, residindo, ainda, aí, por longos anos.

Já se havia povoado a sua zona. E mais tarde, saudoso de uma vida sertaneja mais deserta e rude, permutou a propriedade, por terras solitárias em Caingangues, nas adjacências de Biriguí.

E partiu para lá.

Luizinho Alemão, no meio sertanejo, era alegre, expansivo e folgazão. As suas pilherias autênticas e a graça com que as contava, rememorando fatos sucedidos consigo próprio, faziam irradiar de si muita simpatia a quem o ouvisse, tornando sempre alegre a sua presença em qualquer lugar.

Falava, já áquele tempo, sem nenhum sotaque da lingua original, o nosso idioma. E era precisamente essa circunstância, que o tornava mais atraente.

Vira-se envolvido em diferentes e inúmeras lutas e contendas armadas.

Combatera sempre os índios regionais, que lhe votavam horroroso ódio, onde quer que estivessem.

A sua pele, tôda assinalada de flechas, de balas e facas, exhibia em cada cicatriz, uma medalha condecorativa das suas proezas sertanejas.

Ao que consta êste homem extraordinário, identificado com as mais desertas regiões brasileiras e a nossa gente camponesa, ainda vive em avançada idade de quase noventa anos, nas visinhanças daquele centro da Noroeste.

Lendo estas páginas, que nos perdõe indiscreções...

JOÃO CARREIRO

Não conseguimos apurar o verdadeiro nome dêste rapaz. João Carreira é apelido.

Caboclo autêntico de sertanejo patricio, lograra o sobrenome da denominação homônima do ofício que exercera.

Fôra carreiro na fazenda da Faca, grande estância agrícola encravada entre os municípios de Pirajuí e Garça. Exercera as profissões de carreiro e domador de animais chucros.

Nêste exemplar estupendo de brasileiro, entranhado no seio da terra, não se saberia melhor o que admirar e querer, tantas virtudes juntas e tão magníficos dotes possuia. Não se saberia bem o que melhor se ponderar entre merecimentos de coragem e valentia, iniciativa de trabalho e honestidade, nesta figura, distintíssima de nativo semicivilizado de ermas plagas nacionais. Quem necessitasse de um amigo leal até ilimitados extremos de dedicação; desde uma incumbência secreta e melindrosa até a ação mais rude e temerária a ser desempenhada em terreno difícil e perigoso, encontraria, nêste moço, um auxiliar fiel e decidido, um companheiro forte, destemeroso e digno.

Tôdo entregue aos misteres, de sua humilde e rústica profissão, exercida apenas dentro de um âmbito estreito, num centro acanhado e distante de tudo que se passasse no seio da região e no mundo, só depois que ia em curso adiantado a campanha penetradora de viação, soubera que esta empresa necessitava de homens dotados de capacidade igual a sua; bons atiradores, resistentes e valorosos.

Apresentando-se à vista do patrão, certa manhã, João Carreiro rogou-lhe consentimento para sair da fazenda, com a maior franqueza e obediência, como se fôra um filho diante do pai sisudo. Levou-lhe substituto digno, capaz de desempenhar o seu serviço e partiu naquele mesmo dia para os lados da Estrada Noroeste.

Chegou lá e à frente da administração ferroviária estava afim de se empregar em qualquer trabalho modesto, ou cumprir qualquer missão, por temerária e rude que se apresentasse.

Entrou para o serviço de escavações. Trabalhava aí por mais de dois homens comuns.

Passou para o trabalho de picadas. Houve descontentamento entre os companheiros de foice e machado, que não no poderiam acompanhar através da derrubada.

Mandaram-no para os trabalhos de mensuração. A sua corrente métrica se estendia além dos picadores.

Transferiu-se daí para as obras de madeira. Ao fim de uma semana não se encontrava em tôda a empresa melhor servidor, ou machadeiro do que êle.

Era homem para tudo. Mandado enfim, para as bandas do Tietê com o ofício de recolher areia e pedruglho dos fundos d'água, aí, enquanto dois mergulhadores, somente podiam encher uma canoa de material, o antigo carreiro e domador, transbordava duas e ainda lhe sobrava tempo para caçar nas matas próximas. E tôdas as tardes buscava uma paca, ou meia dúzia de aves deliciosas para o jantar dos patrões e camaradas de barraca.

E o operoso moço continuou por mais algumas semanas com a mesma incumbência e obrigações.

E que foi que aconteceu? João Carreiro ao chegar um dia ao acampamento central da empresa, segundo costume habitual, com o presente dos engenheiros, trouxera a mesma caça e mais um bugre amarrado!

Capturara o índio na varjão do rio. Para isto êle se lançara em doida carreira pelos campos marginaes, ao encalço do selvícola, conseguindo apanhá-lo. Subjugara-o por meio de algemas e peias. E, aplicando-lhe depois uns encontrões violentos, acabara submetendo o bugre à sua vontade, que outra não seria, senão a de reconduzí-lo ao acampamento. Foi então, que ao surgir aí com o prêso provocou indescritível espanto e admiração. E esta original e inédita proeza lhe valera promoção à categoria de bugreiro da campanha.

Foi recebido neste meio de valentes, onde lidavam antigos camaradas, destemidos companheiros seus, com verdadeiras manifestações de regosijô e confiança.

Prestou neste posto de lutas da campanha, serviços de arrôjo, audácia e destemor, jamais superados e senão iguallados por qualquer valente, até o final da conquista sertaneja.

Concluidas as obras de viação, voltou João Carreiro a trabalhar na fazenda de Luiz Wolff. Êste encontrou no valoroso sertanejo um companheiro como jamais imaginara, talhadamente à altura dos seus desejos e plasmado à própria feição dos seus caprichos.

Alegre, expansivo e zombeteiro como êle próprio; docil, maneiroso, educado e respeitador como poucos.

E os dois apaixonados de caçadas batiam os campos adjacentes e até mais remotas plagas a busca de animais selvagens de maior porte. Entraram certa vez nas matas do rio Feio para matar anta. Boa matilha e boas carabinas os acompanhavam sempre.

Os cães soltos na campina, penetraram as furnas das florestas e assinalaram após muitas horas de batida, a caça em montaria. E se encaminharam na direção do rio, despenhando-se tudo embolado e trovejante pela encosta da serra abaixo. A anta pesada, furiosa e espantadiça veio cair no poço.

De longe e já impacientes ante a demora do levante, os caçadores percebiam tudo o que se ia passando no labirintico

inferno das florestas. Desiludidos até, já se achavam de matar naquele dia a caça, andaram, antes, pelos campos, atirando a esmo e esbanjando a munição das armas, enquanto a matilha rastreava o bicho. Assim, quando êles deram que a anta já se achava acuada pelos cães na barranca do rio, seria excusado descerem até lá; não possuíam munição alguma para arma de fogo.

No entretanto, mesmo assim desarmados não abandonaram o intento. Desceram, chegaram ao barreiro e se abeiraram dêle, instigando e encorajando a algazarra canina, mas inteiramente inofensivas se pretendessem atacar e abater a fera.

Somente possuíam uma faca cada um dos caçadores. E a anta não é bicho que se ataque à arma branca. E as últimas armas de que dispunham os homens eram dessa natureza.

Contemplaram a fera, que sacudia ameaçadoramente a tromba possante. Contemplaram-na impotentes de qualquer ação.

Mas aqueles dois homens juntos, companheiros de tôdas as façanhas, valiam por muita gente reunida, e não eram homens, que se tornassem indecisos ante o maior perigo e o mais temível adversário.

Debatia-se alí a fera, às suas vistas, acuada, e nada mais os detinha. Haviam de atacá-la.

Logo, estava lavrada a condenação da anta. E o monstro condenado não se escaparia.

Pensando assim, Luizinho Alemão alcança pouco adiante a beira do poço e, de cima do barranco aplica violenta estocada ao animal por meio de uma vara longa e pontuda, preparada dantes para isto.

Nêste momento João Carreiro, já postado à margem d'água, espera a arremetida do bicho, de arma em punho.

la atacá-la mesmo com a faca!

Está, de tal sorte, o ataque preparado.

Fere-se a estocada. E a anta, levada mais pelo susto do que pela ofensa contundora recebida, se arroja de encontro a cachorrada e, no momento certo, aprasado e decisivo, salta-lhe sôbre o dorso lusidio o antigo domador, cavalgando-a e encravando-lhe, ao mesmo tempo, entre os membros anteriores e o peito, tremenda e funda punhalada!

E o paquiderme com o seu cavaleiro se precipita nas águas da torrente.

Luizinho mergulha atraz em socorro do amigo e companheiro.

Afundou-se. E violento e dextro chegou, porém, tarde...

A anta rodou, morta na caudal...

E João Carreiro, arrebatado aos pélagos das águas pelo camarada mergulhador, sôbre a areia da práia agonizou!

ANTÔNIO PEDRO

Componente da grande e abastada família dos "Pedrinhos" da cidade de Espírito Santo do Pinhal, tivera Antônio Pedro ocasião de vir para a Noroeste em virtude de um episódio criminoso e revestido de verdadeira selvageria, ou, melhor, em razão de conseqüente ação policial, movimentada contra si e seus parentes.

Encabeçando uma horda de desordeiros, constituída em parte, de elementos influentes na política da cidade natal, além de grande capangagem, Antônio Pedro sustentava púgnas constantes contra outras hordas igualmente politiqueiras e não menos celeradas.

Corriam os tempos e se arquitetavam perseguições, reacendiam lutas e permaneciam discórdias e intrigas.

Vinditas e revanches se eternizavam, até que, do grupo dos "Pedrinhos", gerou-se o recurso de um plano extremo de vingança, caracterizando deshumanidade e barbaria.

Grande número de seus impenitentes contendores residiam, entre outras gentes pacatas, que absolutamente nada tinham a ver com aquelas contendidas, ao longo de estenso vale fluvial, em cujas cabeceiras existia grande reprêsa destinada a fornecer energia às indústrias da cidade.

Os "Pedrinhos", intencionados a eliminar de vez para sempre, ao menos uma boa porção de desafetos e adversários políticos, conceberam um plano odioso e tético. Dirigiram-se alta noite para a reprêsa e arrasaram a sua barragem a dinamites.

Apanhada silenciosamente, tôda a população moradora vale abaixo do rio, e áquela hora, recolhida ao leito, o resultado da descarga foi completo e pavoroso. A voragem das águas em borbotões, a rolar pelo vertente declive, arrebatou tudo, além de culpados e inocentes. . .

No dia imediato a cidade de Espírito Santo do Pinhal acordou sob a lutuosa impressão da hecatombe.

A ação policial não se desfalecera no campo de investigações. Mas os principais responsáveis pelo trágico delito se haviam desaparecido durante a noite.

Fugiram. E Antônio Pedro em companhia de um irmão — Manoel Pedro, varando sertões se fôra ter às cabeceiras do rio Dourado, onde se ergue atualmente a cidade de Pirajuí.

Havia aí as primeiras choupanas de uma povoação iniciada.

Permutando as suas propriedades em Pinhal pelas terras de Manoel Ribeiro, Antônio Pedro se estabelecera aí. E residiu nesta localidade algum tempo, até, quando se transferiu para Barreiro, nas circunvisinhanças de Corredeira.

E mal iniciava naquela zona a sua lavoura e fôra chamado a cooperar na defêsa da penetração ferroviária.

Trabalhou muito por lá.

Bugreiro destemeroso da campanha Noroeste, igual a quantos valentes existiram naquele sertão.

As suas armas de fogo não negavam.

O seu tiro não errava o alvo. E deante do ardente sertanejo rôlaram tantos bugres quantas balas partissem da sua carabina. . . Chegava a ser turbulento e, por vezes, demonstrava instinto de perversidade.

Concluída a sua missão na estrada de ferro, voltou ao córrego de Barreiro.

Homem, dantes desordeiro e provocador, vivia agora, sossegado na grande estância que fundara. Essa tregua, porém, não se prolongara muito. Reiniciara também aí, a sua vida antiga de contendias.

Residia consigo, uma sobrinha sua, moça, casada, mas leviana e facil, por cujos desgostos do marido, Antônio Pedro, de quando em quando, tomava as dores da desdita e traição conjugal. Esta moça, pelo seu temperamento irrequieto, se tornara cortejada por um dos rapazes da visinhança. Queixando-se o marido ao tio, êste, só desta feita, praticou três homicídios, Assassinou o admirador da sobrinha, o pai dêste, Joaquim Modesto — estimado violeiro da zona e um outro filho, que, também, viera em socorro do irmão.

Então, mudara-se o marido ultrajado do córrego do Barreiro para o arraial de São Sebastião do Pouzo Alegre, hoje Pirajú, mas levando em companhia a mulher.

E não se demorou muito no povoado sem que encontrasse a dodivana novo apaixonado. Caira-lhe, desta vez, nas graças, um baiano — homem de trabalho rude — violeiro e igualmente brigador.

Vivendo e morando só, êle tomara para lavadeira de suas roupas, a própria sobrinha de Antônio Pedro. E o marido desta, já desconfiado das relações da mulher com o freguez, proibiu-lhe que continuasse a lavagem das tais roupas.

Fôra porém, inútil semelhante precaução.

Chegando certo dia do trabalho, deparou, o rapaz, com as mesmas peças estendidas no coradouro.

Interpelara a mulher à cêrca do fato, acabando esta por confessar que aquelas peças de vestuário pertenciam ao baiano.

Nervoso, pocco e desatinado o homem as perfurou de balas várias vezes, e aplicou, em seguida, uma alentada sova à esposa. E não se contentando com isto, na madrugada de 15 de junho de 1909, fôra a Barreiro e relatara o ocorrido ao tio.

Antônio Pedro não se fez rogado. Partiu imediatamente para Pouza Alegre — agora Pirajuí, afim de se avistar com o baiano, até certo ponto desculpável em relação às cousas.

Mas o pretense sedutor já avisado reiteradamente das pretensões do sertanejo de Barreiro, ao defrontar-se com êste na mesma hora de sua chegada ao povoado, não esperou entendimento algum. Foi sacando de sua arma e lhe desfechando dois tiros, quase à queima roupa, que passaram de raspão.

O agressor era bom atirador, mas Antônio Pedro sabia se desviar de bala.

Atirou êste por sua vez contra o baiano, que procedeu também do mesmo modo. Saltou de lado e não foi atingido.

Ambos, assim dextros e ligeiros na briga, não foram de forma alguma alcançados por repetidas detonações de parte a parte. Eram adversários que se equilibravam.

E no impasse dêsse duelo de artilharia a pouca distância de alvos opostos, os contendores descarregaram as suas armas até esgotar as munições, sem nenhum resultado decisivo.

Peito a peito, os inimigos, dignos um do outro pelo destemor e valentia, não pararam aí. Desembainharam as facas e se empenharam em duríssimo cambate, corpo a corpo. E no desenrolar da luta que durou mais de meia hora, conseguiu Antônio Pedro vencer o baiano com violentíssima estocada no coração.

Esta luta se dera à frente do próprio inspetor de quartirão no distrito de Pirajuí.

Prêso pela autoridade, que se chamava Vitalino, fôra reconduzido para Baurú, onde se tratara dos ferimentos recebidos durante o combate, entre os quais dois ou três de certa gravidade e inúmeros outros, disseminados, desde a cabeça até os calcanhares. Uma vez restabelecido fôra reconduzido para Agudos, a longínqua comarca da região.

Quatro meses ficara detido na cadeia daquela cidade. Julgado enfim e absolvido, ao regressar à casa, iria ter recepção festiva. Antônio Pedro era chefe político de influência. . . E os seus correligionários, amigos, parentes e camaradas, tendo acompanhado os trâmites do processo e julga-

mento final, souberam da vitoriosa e decisiva absolvição, prepararam-lhe ao passar pela estação de Jacutinga — hoje Avaí, almoço e estrondosa manifestação.

Quanto aos seus adversários eleitorais, porém, e, especialmente, os amigos de Joaquim Modesto — uma de suas vítimas — ao terem ciência dessas festividades, planejaram, contra o homenageado, uma cilada de vindita e morte.

Fingindo-se neste dia seus amigos também, e participantes entusiastas do banquete, iriam assassiná-lo traiçoeiramente à hora do venturoso instante, assentados com êle em volta à mesa de convivas.

Antônio Pedro desembarcou na Estação repleta, onde o aguardavam os promotores da recepção, circundados de grande massa popular. O viajante desceu de um vagão que parou na extremidade da plataforma, a considerável distância do grupo recepcionário.

De pé e sem se aperceber do agrupamento popular manifestante, colocou no chão, junta, a sua bagagem constituída de uma maleta e uma capa de lã e retirou do bolso o lenço para enxugar a face, que suava. O valente sertanejo, quando assim procedia, tinha um costume próprio, e particularmente seu: tomava o lenço, prêso por duas de suas pontas, entre os dedos polegares e indicadores de cada uma das mãos, desfraldava-o ao ar, à maneira de uma bandeirola ante o rosto para, em seguida, empalmá-lo jeitosamente com a mão direita, e passá-lo, afinal, e meio aberto ainda, pela face e o pescoço suarentos.

O recém-chegado, repetindo aí o áto que praticava sempre e invariavelmente do mesmo modo, enxuga distraidamente o rosto.

Já se encaminhava para êle, neste momento, os companheiros e, entre êstes, também os amigos falsos, ou traidores, que fazem precipitar os acontecimentos. Encontrando áquelle instante melhor e mais propícia ocasião, dois dêstes trai-

dores se dispõem, ali mesmo, à consecussão do crime. E adeantando-se terríveis e traiçoeiros, armados de facas ocultas dos demais componentes do grupo manifestante, saltam ligeiramente nas costas de Antônio Pedro, alcançam-no os dois salteadores e, num só momento, encravam na região supra-clarivicular do sertanejo os seus punhais.

Gravemente ferido e angustiado pela dupla opressão dos braços fortes, dá um salto rapidíssimo para o largo, conseguindo se escapar das tenazes constrictivas. Salta nas pontas dos pés a cinco metros de distância com a sua arma na mão a vomitar fogo, e estende, a tiros de manlicher, os dois traidores, antes de cair morto na plataforma!

ANTÔNIO CAETANO

Natural e procedente de Lençóis, chegou Antônio Caetano a estas paragens no ano de 1882, indo para Boa Vista da Água Parada trabalhar nos campos em companhia de Adão Bonifácio Dias, casando-se, aí, com uma das filhas dêste. Residiu três anos em Boa Vista, transferindo-se, ao fim dos quais, para Batalha, onde cooperou com o sogro e outros antigos sertanejos para a abertura e fundação do patrimônio do mesmo nome.

Acompanhando sempre Adão Bonifácio, rumou dali ao fim de alguns anos, para o sertão do alto rio Feio, seguindo pouco tempo depois para a zona do rio Dourado — outro curso subsidiário do Tietê.

Viera para aí na qualidade de empreiteiro de Joaquim Viana, grande latifundiário regional. Trabalhou muito tempo em Dourado. Derrubou grandes e extensas matas e cultivou importante lavoura cafeeira.

Bugreiro experiente e destemido, desde anos passados vinha sustentando violentas e quase permanentes lutas contra os selvagens ao longo de suas vastas travessias e particularmente desenroladas nas margens do rio Batalha, ou nas florestas do rio Feio.

Adquiriu nessas púgnas fama excepcional. Grangeou renome de homem valente e corajoso, de lutador enérgico e muito ofensivo, especialmente nos choques de arma branca. Empreendeu inúmeras e difíceis entradas através de extensas e perigosas florestas.

Chegando a Dourado, já se achava dedicando aos antigos e pacíficos trabalhos agrícolas, quando dois netos de José Pires, velho amigo seu e não muito próximo visinho morador às margens do rio Feio, haviam sido trucidados pelos índios daquelas paragens.

Chefiando dezoito sertanejos dos melhores companheiros de luta, dirigiu-se Antônio Caetano para aquelas brenhas, levando bom armamento com a intenção irrevogável de conduzir aos índios a vingança e a morte.

Não conseguiu alcançar os índios matadores, mas não perdeu de todo o seu tempo.

Depois de longa marcha, de arriscadas e profundas entradas através de vastíssimas florestas, chegou, afinal, com seus bugreiros a uma distância de uma duzentas braças de um aldeamento selvagem, no instante mais propício para desencadear um ataque em massa contra os inimigos reunidos e descuidados.

Um incidente original e inesperado, ocorrido ali, onde se achavam os mateiros, a poucos passos do centro indígena, veio, porém, impedir o assalto planejado à aldeia.

Já pisavam os caçadores o solo de uma zona perigosa e começavam a se acautelar contra possíveis ciladas, ou armadilhas preparadas entre a ramagem das selvas, ao mesmo tempo que procuravam tomar posição defensiva em vista da possibilidade, jamais olvidada pelos homens, de um contra-ataque a qualquer momento no recesso da floresta. Ali, como em tantas outras circunstâncias semelhantes, eles não desprezavam nunca todos os princípios de precaução e previdência.

E ressurgiu o incidente. Quando marchavam os homens, apalpando o solo antes de adeantar o passo, vendo e prescutando tudo com todas as funções e sentidos em plena atividade; silenciosos pelos trilhos da mata e com as armas prontas para atirar a qualquer instante, defronta-se-lhes a causa de um alarma e tudo se perde.

Sai da mata inesperadamente, a curtos passos, cerca de umas cinco braças adiante deles, uma índia, arrastando um porco silvestre morto, pelo laço de um cipó. Surge ela dos matos laterais, caindo na mesma trilha por onde seguiam os bugreiros e, estremecida de pavor e susto, abandona ali mesmo a presa que trazia e se arranca em carreira solta na direção do alojamento.

Saltam-lhe em cima os homens, aos pulos, intencionados a acompanhá-la e sem desfechar um tiro alarmante, que anularia toda a técnica de silêncio e precaução, até ali cuidadosamente observados. Avançam contra a índia ligeiríssima, volatilizada entre as folhagens, e não na pegam.

Chega a selvagem, resfolegante e espavorida e dá o alarme assustador no acampamento.

E se alastra aí a novidade aterradora!

Correm, saltam e se entrechocam, numa confusão de loucos, os grupos de índios reunidos lá.

Há um alarido infernal. E do seu posto, à distância, presenciavam os bugreiros todo o efeito ocasionado pelo aviso.

Supondo que os selvagens vinham dali ao seu encontro, eles se estendem ao chão decididos a enfrentar o baque inevitável das hordas furiosas; e esperam...

Permanecem por alguns instantes nesta atitude e tudo afinal se retorna ao mais profundo silêncio. Então, passado que fora o perigo, os bugreiros se erguem do solo e vão andando, pé ante pé, na direção da praça assediada. Chegam muito próximo dela e só encontram vestígios dos bugres, que fugiram.

Entram calmamente no terreiro da rústica tapera. E um espetáculo inédito das selvas se lhes depara. Os índios fugitivos estavam preparando o seu almoço... Em cima de tripés, grandes panelas de barro se equilibravam a ferver cozinhando ao fogo, cangica e feijão.

Era o rancho para um exército. E em volta aos recém-chegados, papagaios, araras e macacos, anunciando gente estranha no acampamento, fazem uma gritaria e uma algazarra enorme.

Varejando as cafúas cercadas de achas de palmito e recobertas de folhas e sapé, os assaltantes examinam tudo e, depois, se aproximando da mísera bicharada, desatam-lhes ainda, as cordas do cativeiro.

Não tencionavam encaçar os bugres, alongados já, no seio de uma infinita mata.

Regressaram então, sem nada mais conseguir.

* * *

Poucos dias se haviam passado depois desta infrutífera aventura e os selvagens, impunes, vieram a perpetrar atrocidades contra a família sertaneja.

Lá nas margens do curso médio do rio Dourado foram assassinados em mais trágico e funesto assalto, um empregado e um genro do coronel José Veríssimo da Silva, em Santa Rita.

À frente de 36 bugreiros, partiu para lá Antônio Caetano, disposto à perseguir e castigar severamente os índios malfeitores.

Cometido o assalto e praticado o massacre na propriedade daquele fazendeiro, depois de trucidar a tacapes, as vítimas e as criações ao alcance, os indígenas tripudiaram sobre os cadáveres, arrancando-lhes a cabeça e os membros.

Praticaram o ataque e fugiram para as florestas do rio Feio.

Partiram os homens bugreiros de Santa Rita, no segmento dos trilhos dos fugitivos, demandando-lhes o esconderijo.

E na madrugada do terceiro dia de marcha, os selvagens foram atacados na própria moradia. Resistiram com todo valor e veemência, a intensíssima chuva de flechas.

Os sertanejos ali presentes — Antônio Pedro, Luizinho Alemão, João Carreiro, Pedrinho Sapateiro, Rufino, Justino, Salvadorzinho, Maximiliano da Costa, Bonifácio de Miranda e tantos valentes e mateiros, concentraram o assalto.

Prolongara-se por muitas horas a luta. E os bugreiros já mal municiados, se encontravam então, na contingência de uma alternativa horrível. Abandonar o combate, desde muito cedo começando, abandoná-lo no momento mais ardente do seu evolver, para fugir, ou, persistir no acêso da pelêja e irromperem à arma branca, contra as linhas inimigas.

Tôda a munição de armas de fogo já se achava esgotada e as flechas dos selvagens não cessavam.

Estabelecia-se, pois, a dura alternativa: retirar desordenadamente, ou arremeter em lances audaciosos, corpo a corpo.

Mas importaria a fuga num massacre inevitável... E o ataque, daquela forma, teria a aparência de um ato de suicídio...

Os índios deram uma pequena trégua de disparos. E os bugreiros atacantes se conferenciaram, consultaram-se rapidamente, estudando, às pressas, a situação.

Avançar, irromper pelas defêsas adversárias, constituídas de espinheiros alinhados à volta da praça de guerra indígena, fôra o plano combinado e a determinação dos assaltantes.

Investir a punhal e espadas para morrer, ou para vencer!

E avançaram. Deixando as armas de fogo sob a guarda daqueles companheiros menos experientes dessa nova tática de luta, os camaradas menos afeitos a recontros mais rudes com os selvagens, avançaram de faca e espadas desembainhadas.

Marcharam, primeiro, recurvados, quase rastejando pelo chão, e protegidos adiante por densa capoeira formada de ararubas e crindiúvas verdejantes. Atingiram a borda da cla-

reira, onde, pouco além, se agrupavam as desérticas choupanas heroicamente defendidas pela selvagem coorte.

Entre a orla da campina aberta e os casebres da praça forte esplanava-se uma área de umas cinquenta braças cruzadas, circundada por um muro de espinheiros com mais de um metro de altura.

Era o sistema defensivo extremo da fortaleza indígena. Os bugres, premeditando o ataque, haviam organizado tudo isto cuidadosamente. E dentro daquela superfície blindada de espinhos, os guerreiros resistiam.

Os assaltantes, compostos agora, somente de 28 sertanejos decididos, com grande dificuldade conseguiram chegar aí. Avançando sorratamente e pondo a prova tódá a habilidade e atenção, atingiram as paredes externas da selvática muralha.

Ocultos sob a macega espessa puderam avaliar daí, através das frestas de espinheirais, o poderio adversário e o terreno que teriam de galgar para enfrentar, em luta corpo a corpo, o inimigo. Deante dos assaltantes, lá se achavam mais de 120 bugres de pé firme.

E combinaram tudo como haveriam de proceder antes e durante o fragor da luta. Deliberaram um essalto direto, em massa, contra a cidadela do deserto.

Tinham que saltar primeiro aquele obstáculo que se lhes antepunha.

Agruparam-se afinal, preparando-se para o desenvolver da arrancada de um salto gigantesco lançado do ponto onde se achavam ao outro lado da defêsa, e daí, até o meio dos guerreiros.

E partiram doidos, velozes, ardentes numa impulsão horrível. Incrivelmente rápidos, caíram os sertanejos ao centro do terreiro repleto de lutadores.

João Carreiro, presente a tódos estes lances de destreza e heroismo, um dos primeiros a transpor a muralha defen-

siva, ia perdendo a vida antes mesmo de atingir e pisar o solo do lado oposto. Precisamente no lugar em que deveria êle, após o salto, alcançar e tomar pé dentro da praça inimiga, se havia postado de cócoras, um velho índio centenário, de zagaia em punho e apontada para cima.

O sertanejo ia ficando espetado na arma tremenda. Teve porém, suficiente golpe de vista e destreza para perceber o índio e se desviar da arma, já no último instante de sua arremetida. Do alto da amurada que transpunha, sentindo o perigo ainda ao pisar as ponteagudas superfícies do obstáculo, desviou a orientação do salto e acelerou o impulso, passando por cima da ponta da lança, e indo cair sôbre o indígena terrível.

E tão perto dêle se achou, que o cano de seu revolver se introduziu tódó até a garganta do velho selvícola e, a explosão de uma bala lhe queimara a boca e esfacelara as mandíbulas.

Êste incidente não arrefecera a marcha e a arremetida do valente lutador. João Carreiro chegou, ombro a ombro, ao destino que levava com os companheiros.

Avançaram pois, os homens como uma avalanche. E dentro de dois instantes — um para saltar o muro de espinhos e outro para lutar, não ficou na arena da pelêja um só índio em pé, sem um ferimento cruento no peito, ou sem um rasgão no abdómen eviscerado!

E tão rápido, tão brutal e violento fôra o assalto; tão grande o pasmo e o terror dos bugres, que poucos dêles tiveram inciativa de usar as suas armas e muito menos conseguiram escapar à sanha.

O grosso de sua fôrça ficou no solo estendido.

E concluída a batalha nêste choque memorável de sangue a jorrar e de carnificina a estremecer, os vencedores, salpicados de rubro da cabeça aos pés, finalizaram o ataque à praça de choupanas, varejando-a de casa em casa.

Entram nelas e depararam dentro com as pernas decepadas do genro de José Veríssimo, calçando ainda as botas...

Encontraram mais o cinto, as roupas das vítimas e vários chifres arrancados aos bois carreiros, igualmente sacrificados nos campos de Santa Rita.

Antes, porém, dêste macabro achado, Luizinho Alemão, ao acariciar um pequenino indígena distinguido pela encantadora beleza infantil dentre uma multidão de 150 criaturinhas da mesma idade, surpreendidas, ocultas no interior de balaios de taquara tecida pelo selvagem, fôra ferozmente mordido na mão pela criança.

Os dentes do pequenino selvagem, como mordentes de alicate, lhe apararam dois dedos.

E tôdos êsses inocentes selvícolas foram impiedosamente, passados a fio de espadas... O ódio havia petrificado o coração dos aventureiros...

* * *

Regressando à casa, alguns anos depois desta perigosa entrada e épicos feitos de bravura, Antônio Caetano, chamado para dirigir uma coluna de bugreiros a serviço da penetração da Estrada Noroeste, embrenhou, de novo, nas florestas.

E portou-se durante tôda essa campanha de soberbas jornadas como um pelejador enérgico e destemeroso. Na luta, quando se lhes escasseassem munições para trabuco e carabina, desembainhava a espada e, com seis ou dez companheiros, transformava o campo de combate num cemitério de sangue.

A sua perícia e destreza no manejar desta arma de agressão eram magníficas e excepcionais. Só se escaparia dela o adversário visado, que abandonasse a luta e fugisse a tempo.

Fôra esgrimista notável. Aos golpes decisivos desencadeados pela sua técnica não se prolongava muito o duelo

em que se empenhava e não falhavam os lances culminantes do combate.

Seguiu até longe o roteiro da Estrada e entrou fundo por tôdas as florestas da região.

Voltando da histórica campanha, reinstalou-se na propriedade de Joaquim Viana, que se abria às margens da água do Monjolinho, hoje ampliada e grande estância agrícola, pertencente a um dos elementos da distinta família Meireles, em Pirajuí, surgida com o arraial solitário de Pouso Alegre, e cujas lavouras recobrem de um manto verde os seixos adjacentes da cidade, onde as ruas coloniais se estendem como rústicos prolongamentos de belas avenidas urbanas.

Antônio Caetano se recolhera aí, tôdo entregue e afeito a um trabalho de paz e de tranquilidade.

Já era tempo que se lhe amainasse a vida num interregno de serenidade, alheio a púgnas muito longe de arremetidas temerárias contra o centro das florestas. Os habitantes selvagens da terra, que o odeavam, viviam, a êsse tempo, alongados, foragidos, batidos pela bravura dos sertanejos precursores das "entradas" civilizadoras e da penetração ferroviária.

Mas as tribus selvícolas dos Caingangues, dos Chavantes, Botucudos e as famílias de Caiapós, mesmo distantes, não no esqueceram certamente, como não haveriam olvidado ainda os seus outros inimigos dos sertões.

Vencidos e dominados em tôdas as batalhas, os aborígenes se dispunham à vindita.

Já havia começado a revanche no deserto...

Antônio Caetano, fruindo agora as doçuras de uma existência sossegada, esquecida e apartada do passado, apenas dedicada às maravilhas sereníssimas do trabalho, constituiria naturalmente uma das futuras vítimas.

As suas proezas nos sertões, tôdas as suas arremetidas efetuadas na terra, quando abatera, à frente de valerosos camaradas, tribus e nações selvagens inteiras, levando o ódio, o incêndio e a morte aos aldeamentos delas, haveriam de merecer resposta de vingança rancorosa, até remotas gerações gentílicas.

O sertanejo não se transferira para outras terras mui diversas e distantes da região. . .

Seria pois, efêmera e duvidosa a sua confortadora tranquilidade.

Estava limitada a sua existência. . .

Já se abateram sob o mesmo terror do tacape e da vindita indígena, muitos daqueles antigos seus companheiros, cujas mortes o impressionavam ainda. . .

E êle, consoante a experiência de velho e previdente sertanejo tinha as suas apreensões e conservava em boa forma as suas armas.

Contava-se, certo, entre as próximas vítimas e aguardava, para mais ou menos breves dias, o ataque do gentío, quando sairia triunfante ou vencido.

Afinal, chegara também o seu dia!

Caia a tarde. O valente agricultor assentado num banco junto à porta de sua casa, com a família, fumava tranquilamente na vespertina paz do lar.

Divertia-se com a vinda dos animais de criação, apascentando pelos caminhos do terreiro, onde passavam habitualmente à noite.

Uma ou outra ave doméstica já se empoleirava nas árvores de derredor. No arvoredor, também, pousavam, em revoadas sonoras, os passaros que buscavam o ninho. Havia pois, em tudo, completa e propícia doçura.

E em baixo, cêrca de duzentos metros distantes da venda, colocadado a beira da mesma colina, ficava o chiqueiro de porcos.

Era um grande curral construído ao longo do vale, que abrangia as duas margens do riacho e cuja cêrca do lado oposto, se estendia junto à orla do matagal.

Antônio Caetano se entrega, de espírito tranquilo, e alma serena, ao eterno silêncio daquela hora e daquela mansão.

De repente, desperta-lhe a atenção uma ocorrência estranha ao meio e áquele instante. Partem de lá do fundo do riacho, à beira do mato, onde o chiqueiro estava, gritos altos, estridentes de porcos que estivessem sendo contidos e subjugados por alguém estranho ao sítio.

Imaginando tratar-se da ação de alguma onça faminta, que descesse do mato e estivesse na mangueira devastando a criação, o sertanejo toma da espingarda de dois canos mete a garrucha na guaiaca, deixa a mulher e filhos, seus companheiros de sesta e desce lá.

Vai descendo, mas, ao lembrar-se de uma espada de aço especial e copos firmes que possúe, volta, ainda a tempo de levá-la também, consigo. Coloca mais essa arma no cinturão e retoma o caminho do mangueirão. Chega lá, junto ao lance mais próximo da cêrca, sobe nesta, observa tudo no interior do cercado e nada vê, que possa confirmar suas suspeitas. Depara tudo em ordem. Apenas alguns suínos parecem ligeiramente assustadiços. Desce tranquilo da cêrca e, ao tocar o pé no chão, mal tem tempo para firmar a pontaria e já descarregar os dois canos da espingarda. Saltam-lhe pela frente, tentando capturá-lo vivo, quatro ou seis indígenas colossais!

E o sertanejo compreende tudo. Havia caído numa cilada. . .

Antes, arremedando os animais, como se êstes debatessem gritando, nas garras de uma fera, atraíram-no aí em baixo, os índios astuciosos. . .

O sertanejo é atacado. Com dois tiros no peito derruba dois bugres. Dá um salto de escapada para cima, puxa da garrucha e abate outros dois assaltantes, com um par de balas que lhe restam.

Os índios tinham ordem de apanhá-lo vivo. E êle já percebera esta intenção do aborígene. Sentindo-se porém, perdido, porque lhe aparece ao mesmo instante uma legião tumultuária de cem outros bugres, que fazem escurecer a margem do riacho, o sertanejo larga as armas de fogo, inúteis áquela hora, por falta de munição, desembainha a espada, e, sem poder resistir á massa de inimigos, corre.

Seguem-no a pouca distância os atacantes.

E não há tempo possível para alcançar abrigo em casa. Então, ladeia, rápido para a direita e, correndo sempre pelo campo da encosta, depara adiante com uma árvore colossal, em cujo tronco existe uma grande cavidade. Alcança-a e se entoca aí dentro para a defesa.

A parte superior do cerne pendia-se para baixo e se lhe recurvava por cima da cabeça, facilitando-lhe assim, se abrigar das bordoadas que lhe viessem do alto.

O sertanejo vai resistir a multidão!

Encastelado na furna de madeira tosca e com o punho firme nos copos da espada, o antigo bugreiro da No-roeste não espera muito.

Arremetem-se-lhe pela frente — única via de acesso para o desencadear do assalto, os indígenas, em ondas sucessivas de quatro ou seis. Antônio Caetano, acuado pela turba furiosa, que acabara de ver tombar mais quatro camaradas, maneja o sabre.

O sertanejo nervoso e dextro, exhibe aí, numa demonstração brilhante em que se brande a arma afinadíssima, a sua habilidade de combatente.

E a cada golpe de sabre, que descreve uma trajetória semicircular baixa, dois, três ou cinco índios se debruçam

estrepados a seus pés. E a espada retine e se desdobra em movimentos vários. . . Tôdas as vezes que outros bugres se recurvam para levantar do chão os companheiros abatidos e com os intestinos pendurados, recebem de cima na nuca, ou através das costelas, profunda e certa estocada.

E a espada não cessa o seu movimento oscilatório, ordenado alternativamente da direita para a esquerda e vice-versa. Cada vez que passa, riscando o espaço, em diferentes sentidos, deixa, no traço evolutivo de sua lâmina quatro, cinco, ou seis índios abatidos. E quando volta para a direção oposta, cortando e lacerando, outros tantos agressores se tombam sobre os cadáveres dos primeiros corpos. E a cada ferimento mortal dois lutadores se afastam obrigatoriamente da pelêja, porque um guerreiro válido se retira da luta conduzindo nas costas um selvagem morto.

Enquanto existem índios para atacar, o heróico sertanejo repete as mesmas manobras com a sua arma, variando apenas a direção da lâmina tremenda para brandir outros golpes e estocadas.

Mas o capitão da tribo continúa ordenando o assalto. Oculto por traz de um tronco de árvore, êle dirige a luta e anima o avanço da fôrça, repetindo insistentemente a voz do seu comando: — upa, upa, upa!

Os índios entram para apanhar vivo o sertanejo. E êste, bravo, destemido e furioso, entocado na cova da rústica madeira, retalha os selvícolas pelo meio.

Por vêzes avançam dois ou três assaltantes e tomam na mão a lâmina fina da espada. E o esgrimista executa uma tração brusca e vigorosa nos copos do rijo sabre e os dedos de tôdas as mãos juntas que se dobram potentes, apertando-lhe o fio, debulham-se no chão.

Não cessa a voz do comandante!

E obedecendo ao mando do dirigente, prossegue o atrito entre os índios e o caboclo. Enquanto o capitão ordenar a luta, índios cairão mortos à frente do sertanejo. . .

A esta altura do combate, quando se estagia a púgna em renhida fase de lances invariáveis, sente-se o lutador prêso por um dos ombros entre as tenazes de dois punhos fortes. Um índio troculento, mais audacioso que os demais, talvez, confiante na sua força muscular extraordinária e muitas vezes posta à prova em diferentes ocasiões, avança sorrateiro pelas costas do sertanejo, tentando arrebatá-lo do seu posto.

Mas êste, atento aos ínfimos episódios da pelêja, maneja rapidamente a arma, em golpe elevado, aferra-lhe na órbita violenta estocada, atravessando-lhe o ôlho e transfixando-lhe o cérebro. Sente o atrito e ouve o ranger do aço contra os ossos ao retirar a lâmina da cabeça do índio fulminado.

E' êste o capitão da tropa.

E conclue-se a pelêja. Abatido o comandante, silencia-se afinal a voz de comando e os selvagens abandonam a luta.

Poucos foram, no entanto, os sobreviventes do combate para relatar adeante, o fato.

E os índios vencidos correram... Entrando no mato para fugir à sanha de um inimigo destruidor e invencível, iam êles lamentando e chorando em voz alta os ferimentos e as profundas mutilações que levaram após a luta. Varios dêles haviam perdido a maior parte dos dedos e outros tiveram decepadas as duas mãos.

Mais de uma centena de bugres fragorosamente derrotados por um só homem!

Antônio Caetano dominara a turba!

Vencido porém, pela fadiga, pela tensão nervosa e empastado de sangue da cabeça aos pés, sustem na mão a lâmina tremenda da espada...

E perpassa-lhe pela imaginação desvairada, rapidamente, em influxos contínuos de alucinação, os rasgos tenebrosos da proeza.

E' incrível que esteja vivo. Não acredita no entretanto, em nada que fizera e duvida até que os agressores se tenham retirado. O suor lhe corre pela face e cai em bicas; as vestes sujas lhe pendem em trapos. E êle se mantém quieto na tóca por alguns instantes mais, olhando de perto, a seus pés, os troféus da vitória: montes e montes de escremento, de mistura com retalhos de vísceras cruentas e disseminadas pela grama encharcada, sanguinolenta e comprimida.

Cambaleante, agitado e a tremer sai. Antônio Caetano do seu ninho de rústica madeira e segue desorientado sem saber do destino.

Perdera tudo na carnificina: o chapéu, o paletó e a camisa, levando, semi-nú os restos das vestes em tiras. Uma cousa somente não perdera e não deixara até depois da rudíssima pelêja, e trazia-a prêsa e apertada entre os dedos tetanizados da mão — é a sua espada!

* * *

Correra a notícia da façanha e, no dia imediato, 26 de Novembro de 1906, os seus velhos companheiros de épicas jornadas marcharam nas trilhas dos fugitivos. Passaram por cima de trinta e oito catacumbas, onde os selvagens, em retirada, sepultaram pelos caminhos os mortos. E somente muito longe, lá nas proximidades da fóz do Aguapeí, os alcançaram para desfechar contra êles novo e cerrado tiroteio. Houve aí muitos mortos e feridos ainda...

Antônio Caetano, tendo sofrido durante o original e impressionante conflito, violento abalo e tensão nervosa, ficara, em consequência, e a partir daquele dia, semi-confuso mental.

A instâncias da família, transferiu-se para local ignorado, longe de Monjolinho, de onde, pouco depois, abandonava definitivamente a Noroeste, para ir morar em Lençóis. E dentro de pouco tempo viera a falecer nesta cidade.

* * *

E assim findou a existência de um bravo. Um bravo, como tantos outros companheiros de armas sertanejas. muitas vezes heróis. Os restos de seus dias, padecidos, se deveriam passar amparados pela gratidão da terra.

Findou a vida daquele que formara em fileiras de lutadores invencíveis para romper à frente da expedição técnica, os desertos perigosos.

Com armas na mão, entre outros valores desconhecidos da pátria, que abriram caminhos através das grandes florestas infestadas pelo selvícola mais cruel, mais bravo e astucioso, lutando, morrendo, ou vencendo, atravessou o sertão de ponta a ponta.

Carregando aos ombros a responsabilidade da defesa civilizadora, a temerária e rude incumbência de trilhar e cruzar em diferentes rumos o itinerário penetrante da engenharia, ele, com seus camaradas heróis de anônimos feitos, inscreveu páginas de glória e bravura na história das conquistas e expansões.

E a Noroeste do Brasil, um dia há de lhe tributar e a seus pares uma homenagem inesquecível, de gratidão eterna, duramente conquistada, pelos heróis, nos seus desertos.

VISÃO RETROSPECTIVA

Nos dias atuais a Noroeste é um centro de civilização, cultura e economia social, onde se desenvolvem com a atividade das idéias e da criação humana, as oficinas de trabalho. As grandes cidades de lá, fundadas ao longo do segmento ferroviário, se encadeiam como os elos de uma corrente imensa, unidas num sistema de relações comuns, a irradiar através de suas largas vias de comunicações, a riqueza de suas fontes.

A trepidação da vida metropolitana se apresenta inteiramente associada à existência de seus fecundos campos.

Cada cidade é um núcleo de lavouras circunjacentes, que se expandem por toda a região, apenas interrompidas, ali e acolá, pelos campinais larguíssimos, em cujas pastagens, se nutrem os rebanhos da pecuária.

E' policrômico e vasto o manancial de seus recursos econômicos. Além da importância agro-pecuária regional, sucintamente referida, ainda aí está a fauna das matas, das lagoas e rios caudalosos; o cerne precioso e as essências das reservas florestais seculares, representam agora, ao alcance da mão que transporta e industrializa pela geradora motriz na potencial descarga de suas próprias catadupas, outras tantas origens de iniciativas e riquezas.

O trânsito de sua viação já se equipara, em volume e tonelagem, quase ao movimento das grandes vias férreas do país. Os parques ferroviários e industriais da Noroeste do

Brasil, em diferentes praças regionais, ostentam a capacidade de um povo e a opulência de uma terra.

* * *

E evoluiu celeremente êsse progresso.

Celeremente, em contraste com a dificuldade da conquista regional, quase tôda feita à custa de muita luta, muita energia e tenacidade dos sertanejos.

Os valorosos bugreiros, dentre os quais havia antigos ingressores alí, ao tempo em que o sertão existia como terras habitadas por selvagens e, de longe em longe, somente os ousados posseadores de pequenos vales esparsos, se acordassem hoje, aqueles que fecharam os olhos para a eternidade, depois de banir, em sangrentas batalhas e na vanguarda da conquista, o índio ferocíssimo dominador, haveriam de se orgulhar da obra que ajudara a realizar. A larga terra que êles vararam a canos de trabucos e carabinas, a ponta de espadas e lanças.

Naquele tempo terçaram armas com os selvícolas bravios, êsses sertanejos também amassaram espinhais e repizaram macegas altas, trilhando as florestas da terra e levando ao rumo do itinerário preteterminado pela técnica, a engenharia que buscava infinitos horizontes. E cooperaram de tal modo com as turmas expedicionárias cientistas.

A sua ciência era a arte da guerra, era a luta mais rude e temerária através da terra. O seu raciocínio era a bravura, a destreza e o destemor à frente dos perigos.

Antepunham-se ao caminhar das direções, as aldeias, as tabas, a alcatéia sorrateira dos selvagens e o bacamarte, o manlicher e o facão, haveriam de ser seus instrumentos de trabalho extenuante dia e noite.

Adeante dêles se levantava a resistência gentílica de flechas e tacapes, desde velhos tempos acirrados e rancorosos.

Mas os sertanejos venceram. Dominaram e conduziram até ao ponto final dos desertos a linha férrea de penetração.

* * *

Antes da vitória, porém, houve um outro impedimento sério à travessia. Lutaram os ingressores também contra doenças impiedosas. Turmas inteiras de operários se extinguiram pela malária, a úlcera tropical, a ferida lordosa e a anemia, que baqueava a capacidade produtiva da heróica expedição.

No entanto, marchavam os trabalhos.

Não havia a "entrada" atingido e tocado ainda o íntimo do deserto e já se confundiam muitas vezes, os rumores do instrumental rústico a fazer o leito ferroviário, com os estampidos das lutas e o doce aroma da folhagem florestal se contaminava de fumo e sangue, após o tirotear das armas combinadas. E a luta pela estabilidade da técnica expedição e a posse do deserto se acendera ao auge.

Raras escaramuças a princípio, simples avisos a toque de corneta indígena, soando constantemente no fundo dos desertos, se haviam transmutado logo em batalhas renhidas ao largo de campos descobertos.

A construção marchava a passo demorado, porque o índio lhe não cedia o domínio do sertão. E êste, à semelhança de uma pátria invadida, pisada, devastada, era defendida a palmo e palmo, pelo tacape, a flecha e tôdos os outros recursos do filho do deserto.

A sua bandeira verde-branco como são as côres naturais das matas e a areia fina das práias fluviais em Tietê, Feio, Aguapeí, Paraná e Peixe, fôra ultrajada e haveria de ser vingada a sangue e morte, no pesar de tanta mágua, de tristeza e ódio. E fôra enxovalhada. E fôra, porque muitos heróis civilizados tombaram varados pela arma de distância, ou esmagados a golpes de tacape. Mas o desfalecimento de companheiros valentes, antes de arrefecer a luta, in-

centivou-a. De um lado, entre os guerreiros, se equilibrava a destemerosa bravura e, de campo a campo, de pelejas, por vezes, havia lutadores equivalentes.

* * *

Desde uma era mais remota dêsse tempos, aqueles sertanejos, que lutaram e se expuzeram às ciladas dos inimigos noroestinos, já sabiam e testemunharam alguns dêles, a terríveis chacinas praticadas por essas mesmas hordas indígenas rancorosas, rememoradas através de lendas macabras correntes, de bôca em bôca, nos sertões. E a história delas relatava, no mais simples incidente originado de quaisquer relações entre brancos e selvagens, se daí saíssem êstes últimos, supostamente ofendidos, poderia ocasionar na terra, o episódio mais vandálico de assassinio.

A ofensa erroneamente interpretada, passasse o tempo que passasse, nunca se tornaria esquecida, se outra gente, e não o índio, estivesse interessada na questão, e a vítima condenada pela vingança cruel não se escaparia.

Era a raiva do bugre a se desencadear após a jura fatal.

* * *

A construção ferroviária teria de irromper através de uma terra quase tôda povoada pelo gentio inconciliável. Os técnicos, instruídos já por sertanejos experientes investiram para ela, sabendo que não seria facil a travessia e muito risco de vida iam correr. Ainda a princípio, a penetração morosamente andando, ia evitando tudo, até o mais leve incidente capaz de despertar sentimentos de desconfiança, tão recôndito se achava o instinto de luta na alma selvícola. Adotava a turma ao decorrer dos trabalhos, desde ínfimos preceitos de prudência, como elemento fundamental de tolerância e diplomacia afim de atrair a si durante o transcurso da região, a máxima simpatia do índio para a conveniência util dos dois povos.

* * *

Restava apenas se estabelecer êsse princípio de concórdia com o selvícola.

Se fosse isto conseguido nenhuma apreensão lhes fugitaria mais o espírito de responsabilidade profissional. E haveria de ser superado e vencido tudo que restava além dessa oposição.

Os habitantes da grande terra, a partir das próximas localidades, como Baurú, a pequena vila deparada ainda no umbral do sertão, eram amigos valiosos pela sua experiência e eram camaradas dedicados, tanto quanto é boa a alma sertaneja.

Não guardavam tradições de relíquias antiquadas, absoletas. A sua aspiração eram, na terra, os elementos de progresso.

Auxílios inestimáveis haviam êles postos ao alcance dos expedicionários. Penetravam com êstes as matas e os vales, na qualidade natural de íntimos conhecedores da terra, fosse orientando passagens, ou sugerindo outros estudos em detalhes do traçado geral.

E forneciam instruções práticas aproveitáveis, adotadas pelos técnicos com notável utilidade.

* * *

Estava o itinerário da linha dependente de uma exploração dos maiores cursos fluviais da Noroeste, especialmente o Tietê, o rio Feio-Aguapei, cujos contrafortes divisores se limitam, às vezes, em seus médios e últimos declives. Seria uma providência, também, imposta, como elemento preliminar do traçado ferroviário. O conhecimento científico de um trecho do Paraná, onde compreendesse o rebojo de Jupiá, até que pudessem os estudos da estrada cruzar a terra, sob condições técnicas especiais.

Diferentes turmas de engenheiros já haviam rasgado em direções várias, as florestas marginais daqueles rios e faziam deslizar os seus barcos à superfície das torrentes,

levantando os cursos. E mais perfeito talvez, do que se pretendesse, quizesse e necessitasse, porquanto ao tempo em que se efetuaram estudos tão notáveis, carecia de tudo a região e muita cousa util faltou às expedições. Meios de transporte, saneamento, boas disposições de espírito e tranquilidade durante os estudos, que foram sempre interrompidos pela agressão indígena, sem contar a deficiência do instrumental técnico imprescindível aos trabalhos. Conseguiu-se dificilmente condução destinada ao acesso à região, superando-se tôdos os perigos e intranquilidades; a carência de instrumentos fôra substituída pela habilidade profissional e o grande empreendimento ficou definitivamente concluído. Uma pleiade de engenheiros valorosos rasgava os cursos, apossava-se do deserto, estudando minuciosamente a flora, a fauna e os padrões da terra regional, para, ao cabo de ciclópica empresa, entregar o latifúndio do extremo oeste paulista a outros profissionais e estudiosos cultores de outras especialidades.

E a técnica ferroviária ia entrar e abrir uma senda sertaneja.

* * *

Em dias pregressos a êsse empreendimento, bem como a outros trabalhos preliminares correlatos, o governo nacional, ansioso por ver traçar-se a ferrovia no sertão, elaborava planos, alienava direitos e concessões a empresas particulares, sindicatos, ou companhias construtoras, que se propuzessem à efetuação da grande obra.

A ligação do sul matogrossense aos portos marítimos do país, constituía um dos mágnos problemas de solução inadiável, a preocupar a administração nacional. O primeiro plano estabelecido no terreno prático das iniciativas concretas, determinava que partisse de Curitiba e entrasse pelo vale do rio Ivinhêima em território do grande Estado central, até a cidade de Miranda. Outro projeto ideava lançar

a linha da cidade paulista de Rio Claro, avançar através da região, para atingir Mato Grosso. Ainda um terceiro plano concebia uma obra de grande desenvolvimento, como fosse um curso ferroviário, partindo do Rio de Janeiro via Uberaba, um Uberlândia, em Minas Gerais, e correndo pelo Triângulo, atravessaria o canal do Parnaíba, a serra de Baús, ao rumo de Cuiabá.

Finalmente, após uma representação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, tecnicamente arrazoada e dirigida ao Clube de Engenharia, na Capital Federal, e aí, judiciosamente estudada, merecera dêsse Instituto Científico, o mais brilhante parecer favorável, fundamentando-se o governo nessa opinião, que expunha claramente as inconveniências decorrentes do deslocamento da viação matogrossense para um centro distante, cuja desvantagem estava definida naquele relatório da Companhia Paulista.

E o governo, bem orientado, deliberou que o projeto da linha deveria se desenvolver de Baurú, ou de suas imediações, entre as quais citavam-se São Paulo dos Agudos como estação na linha Sorocabana e Pederneiras, na Paulista. De qualquer um dêstes pontos, o traçado avançaria ao longo do sertão em demanda de Itapura e Cuiabá. Dentro dêsse plano, mais tarde modificado na diretriz do seu segundo lance Itapura-Cuiabá, iniciar-se-iam as obras da Estrada de Ferro Noroeste, na direção Itapura-Codumbá. E Baurú, em consequência de sua política, dirigida na época, e ajudada ainda por conveniências técnicas, tivera a primazia da estação, donde se partiria a linha estratégica ferroviária.

* * *

A idéia do lançamento dessa obra, conforme vimos assinalada anteriormente, era antiga.

Já havia ela nascido desde dias do século passado, como providência de caráter necessário de primeira grandeza em

matéria de viação. O Congresso Nacional agitara a questão no ano de 1852. E após a guerra do Paraguai, o segundo Imperador do Brasil, que se vira assoberbado durante a campanha tôda, quando necessitara de enviar sucessivas expedições armadas em defêsa do extremo território invadido, concebera o projeto e entrara em campo de iniciativas.

Estas, porém, como primeiras adotadas no assunto, não lograram sucesso. Se possuísse a Nação apenas homens de valor e envergadura moral comparáveis áqueles heróis que lutaram em Tuiutí, Itororó, Riachuelo e estiveram à altura de suportar estoicamente a peste, a inanição e os acoissamentos do inimigo em Laguna e Dourado, não seriam chamados a êsses trabalhos, mimosos rapazes da cidade, supostamente técnicos, alheios a noções de patriotismo, dever e responsabilidades profissionais, desejosos, antes, da futilidade de possuir títulos nobiliárquicos. E futuros barões e marquêses apenas, se propuzeram a arcar com os trabalhos de levantamento do sertão.

Tôda a obra dessa providência inicial se perdera então, em festividades, devaneios românticos de mistura com gráficos e relatórios eivados de erros.

Fracassada a primeria tentativa, a idéia do plano, que, no entanto, não fenecera no espírito do monarca, recaira no olvido até os primeiros tempos do regimen republicano constitucional, se bem que, desde o governo provisório, mesmo em fase tensa de agitações revolucionárias intestinas, já recommençara o projeto a surgir entre os atos das determinações administrativas. Por fim, até o ano de 1904, quando dissensões partidárias esmaeciam a pouco e pouco, em tôdos os períodos governamentais do país, estudou-se o mesmo plano, os mesmos delineamentos da obra.

Aquela época, já inteiramente sossegada a marcha geral da administração, iniciaram os homens de alta visão pa-

triótica as verdadeiras bases da construção para a abertura da Noroeste.

* * *

No decorrer daquele ano se efetuou a exploração da terra e, no ano imediato, 1905, começou a penetração da Estrada.

Através do lendário e vasto sertão ia penetrando a linha ferroviária, fadada dentro em pouco, a se equiparar às mais notáveis obras de comunicações do país. Avançava para o recesso de uma região deshabitada e rude, que os orientadores do empreendimento já conheciam.

Precederam por lá, às próprias obras da construção, geógrafos, agrônomos e botânicos. Quando êsses técnicos estudaram na zona os cursos de seus rios, a força hidráulica geratriz de suas cachoeiras, as essências e padrões vegetais da terra, estasiaram-se ante as riquezas e possibilidades vislumbradas. Era a tronculenta mata, a larga e magestosa vegetação formada de mais variadas espécies úteis a diferentes indústrias e construções.

E esta grande floresta, se estendendo das práias de caudalosas águas, que, em vários trechos se precipitam em quedas e descargas imensas, levantando-se daí para espigões e colinas altas e alargando-se por tôda a zona, onde ocultava ao longo da vastidão territorial, o solo vermelho, cuja fertilidade se pudera avaliar pelo vigor e a exuberância daquelas frondes.

Assim fôra, então, que aqueles exploradores cientistas souberam estimar a terra com as mais belas previsões. Os relatórios de seus trabalhos afirmavam a sua grandeza, desde as primeiras observações e estudos procedidos lá.

Era isto que atraia à Noroeste o elemento fundamental do progresso e iria concorrer rapidamente para o seu povoamento e a exploração dos seus magníficos recursos.

A Estrada penetrava a soberana terra, varando-a de ponta a ponta, a busca de possibilidades futuras antevistas e demandando fronteiras de nações sul-americanas, para levar transporte e comunicações aos amigos povos continentais.

Antes, porém, que os seus trilhos atingissem o limite do grande desenvolvimento, árduo trabalho, rudes padecimentos, doenças e até sangue a correr, haveriam de marcar, no deserto, o heroísmo dos construtores.

* * *

O belo e remoto sertão, que se iria dividir ao meio pelo eixo ferroviário, alargava-se em tôda a sua amplidão, recoberto de florestas virgens, povoadas de índios e feras, contando, já aqui e além, as primeiras propriedades agrícolas dos mais ousados aventureiros ingressores.

As suas lavouras renascentes ostentavam as frondes de uma vegetação soberba.

O solo era fecundo. Os seus velhos habitantes, em harmonia, em concórdia e bem viver com os selvícolas, graças às virtudes dos seus preceitos e maneiras adquiridas em longa experiência e duríssimos trabalhos.

O índio bravo da região era para êles quase manso e útil.

Mas ia crescendo a população em virtude de sucessivas entradas na terra. E entre as pequenas, mas constantes levas de aventureiros penetrantes, apareciam por lá, elementos turbulentos, desordeiros, a perturbar a paz da vida sertaneja.

Não viam êsses forasteiros, no índio, senão o espécime de uma fera perniciosa e má. E é a partir dêsse conceito errôneo e, por vezes, até deshumano, que se tornara a zona mal afamada.

O seu bugre, salvando-se raras exceções de algumas tribus apenas, de manso, ou quase manso que era, se fizera

cruel e rancoroso, andando, desde tempos distantes, a procurar o desafeto para a morte.

Todavia, a despeito de tudo, estava determinada e prevista a travessia da terra.

Iria acender-se lá dentro uma campanha atroz.

E fôra assim, que a arma sertaneja, ombreada com o instrumental da técnica, abriria caminhos nela além de fronteiras internacionais remotas.

E agora, a região aí está, civilizada e portentosa. A região aí está, cuja grandeza de recursos, muito além do tempo dispendido para a sua conquista e inclusão ao expansionismo econômico do Brasil, e só se lhe poderão equiparar o valor e a fama, ao esforço, à luta tôda cheia de arrôjo e sacrifícios, tôda cheia de temeridade, e sangue, e morte, em prol da civilização.

F I M

ÍNDICE

Prefácio	7
Apreciação	17
Introdução	21
O Sertão	27
PRIMEIRA CONCEPÇÃO DA ENTRADA TRANSERTANEJA	
Preâmbulos de um Plano	39
Outros Preâmbulos	49
EXPLORAÇÃO DA NOROESTE	
Os Engenheiros	71
Entrada no grande sertão com o levantamento dos seus rios; estudo dos seus maravilhosos saltos e visita às suas antigas Colônias Militares de Avanhandava e Itapura.	
Rio Feio-Aguapeí	75
Rio do Peixe ou Tigre	87
Rio Tietê	95
Rio Paraná	101
PENETRAÇÃO DA ESTRADA	
Um Sertanejo de Baurú	117
A Construção	145
Indole do Aborígene Regional	
Rancor e Gratidão de Bugre	157
O Massacre de Santa Rita	161
"Mãe Velha"	169
Reconhecimento Indígena	181
A Epopéia da Construção	185
Doença Nova	249
ÚLTIMO ESTÁGIO DO SERTÃO BRAVIO	
Os Bugreiros	261
(Memórias)	
"Capitão" Honório	273
José Maximiliano da Costa	279
José Celestino Dias	287
Francisco Rodrigues de Campos	293
Adão Bonifácio Dias	299
Antônio Adão	303
Luiz Wolff	309
João Carreiro	315
Antônio Pedro	321
Antônio Caetano	327
Visão Retrospectiva	343

